

BRITTAINY C. CHE

AUTORA BESTSELLER #1 DA AMAZON



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BRITTAINY C. CHERRY

AUTORA BESTSELLER #1 DA AMAZON

O
SILÊNCIO
DAS
ÁGUAS

 EDITORIAL PRESENÇA

BRITTAINY C. CHERRY

AUTORA BESTSELLER #1 DA AMAZON

O
SILÊNCIO
DAS
ÁGUAS

 EDITORIAL PRESENÇA

BRITTAINY C. CHERRY

O
S I L Ê N C I O
D A S
Á G U A S

TRADUÇÃO DE
MARIA JOÃO FREIRE DE ANDRADE

 EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Silent Waters*

Autora: *Brittainy C. Cherry*

Copyright © 2016 by Brittainy C. Cherry

Edição portuguesa publicada por acordo com Bookcase Literary
Agency Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2019

Tradução: *Maria João Freire de Andrade*

Revisão: *Florbela Barreto/Editorial Presença* Design da capa: *Quirky Bird*

Modelo da capa: *Luke DiTella*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição em papel, Lisboa, abril, 2019

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730 -132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Dedicatória

Para os errantes como eu

que deambulam para longe.

Para as âncoras que nos trazem

sempre de regresso a casa.

Momentos.

Os seres humanos lembram-se sempre dos momentos.

Lembramo-nos dos passos que nos conduziram até onde devíamos estar. Das palavras que nos inspiraram, ou nos esmagaram. Dos incidentes que nos marcaram, e nos devoraram. Tive muitos

momentos na minha vida, momentos que me alteraram, que me desafiaram, momentos que me assustaram e subjugarão. No entanto, os mais importantes — os mais comoventes e arrebatadores — incluíram-no sempre a ele.

*Tudo começou com uma luz noturna com a forma
de um foguetão, e um rapaz que não me conhecia.*

PRÓLOGO

MAGGIE

8 de julho de 2004 — seis anos

— Desta vez vai ser diferente, Maggie, juro. Desta vez é para sempre — prometeu o meu pai, ao estacionar junto da casa de tijolo amarelo na esquina da Rua Jacobson.

Katie, a futura mulher do meu pai, estava parada no alpendre da frente a olhar para a nossa velha carrinha, quando estacionámos no caminho de acesso à casa.

Magia.

Parecia magia, chegarmos à casa. Eu mudara de um lugar pequeno para um palácio. O meu pai e eu vivêramos num pequeno apartamento de dois quartos durante toda a vida, e agora íamos mudar-nos para uma casa de dois pisos com cinco quartos, uma sala de estar, uma cozinha do tamanho da Florida, duas casas de banho e uma verdadeira sala de jantar — não uma sala de estar onde, às cinco da tarde, o meu pai colocava tabuleiros com o jantar.

O meu pai disse-me que eles até tinham uma piscina no pátio. Uma *piscina!* No *pátio!*

Eu deixei de viver só com uma pessoa, para me tornar parte de uma família.

No entanto, a parte da família não era algo de novo. Desde que me lembrava, eu fizera parte de muitas famílias com o meu pai. Não tinha verdadeiramente conhecido a primeira, já que a minha mãe deixara o meu pai ainda antes de eu ter balbuciado a minha primeira palavra. Ela encontrara alguém que a fazia sentir-se mais amada do que o meu pai, o que para mim era difícil de acreditar. O meu pai entregava-se completamente ao amor, por mais que isso lhe custasse. Depois de ela

o ter abandonado, o meu pai deu-me uma caixa de fotografias da minha mãe para que eu pudesse lembrar-me

dela, mas achei aquilo uma coisa estranha. Como podia eu lembrar-me de uma mulher que nunca lá estivera? Depois dela, o meu pai tornara-se exímio a apaixonar-se por mulheres e, muitas vezes, elas também se apaixonavam por ele. Mudavam-se para o nosso pequeno mundo com todos os seus bens, e o meu pai dizia-me que era para sempre, mas o «para sempre» durava muito menos tempo do que ele esperava.

Desta vez, era diferente.

Desta vez, ele conhecera o amor da sua vida num *chat room* do AOL. Depois de a minha mãe nos ter deixado, o meu pai teve a sua quota-parte de maus relacionamentos, por isso achou que seria melhor tentar encontrar alguém *online*, e aquilo resultara. A Katie perdera o marido há alguns anos, e não se relacionara com ninguém até entrar *online* e conhecer o meu pai.

Ao contrário de todas as vezes anteriores, desta vez o meu pai e eu íamos morar com a Katie e os seus filhos, e não o contrário.

— Desta vez é para sempre — sussurrei, em resposta, ao meu pai.

A Katie era bela, como as mulheres que apareciam na televisão.

O meu pai e eu víamos televisão enquanto comíamos o nosso jantar, e eu reparava sempre como as pessoas eram bonitas. A Katie era exatamente igual a elas. Tinha cabelo loiro comprido e olhos azuis cristalinos, como eu. As suas unhas estavam pintadas num tom vermelho-vivo, que combinava com o batom, e as suas pestanas eram grossas, escuras e longas. Quando o meu pai e eu entrámos no seu — *nosso* — caminho de acesso à casa, ela estava ali à nossa espera, usando um belíssimo vestido branco e sapatos amarelos de salto alto.

— Oh, Maggie! — exclamou, correndo para mim e abrindo a porta para me abraçar. — Que bom poder finalmente conhecer-te.

Ergui uma sobrancelha, um pouco circunspecta por abraçar a Katie, apesar de ela cheirar a coco e morangos. Eu nunca imaginara que coco e morangos combinavam bem, até ter conhecido a Katie.

Olhei para o meu pai, que sorria para mim, e ele assentiu uma única vez, autorizando-me a retribuir o abraço da mulher.

Ela abraçou-me com muita força, e tirou-me da carrinha, arrancando-

me o ar dos pulmões, mas não me queixei. Já há muito tempo que ninguém me abraçava com tanta força. Provavelmente, a última vez em que isso aconteceu foi quando o meu avô veio visitar-me e me envolveu nos seus braços.

— Vem. Deixa-me apresentar-te aos meus filhos. Primeiro, vamos passar pelo quarto do Calvin. Vocês são da mesma idade, por isso irão para a escola juntos. Ele está lá dentro com um amigo.

A Katie não se deu ao trabalho de me pôr no chão e, em vez disso, levou-me até às escadas, enquanto o meu pai tratava da nossa bagagem. Ao entrarmos pela porta da frente, os meus olhos arregalaram-se. Uau! Era lindo, algo saído do palácio da Cinderela, eu tinha a certeza disso. Ela levou-me até ao piso de cima, até ao último quarto à esquerda, e abriu a porta. Os meus olhos caíram sobre dois miúdos que jogavam *Nintendo* e discutiam um com o outro. A Katie pôs-me no chão.

— Rapazes, intervalo — disse a Katie.

Eles não a ouviram.

Continuaram a discutir.

— *Rapazes* — repetiu a Katie, num tom mais severo —, *intervalo*.

Nada.

Ela resmungou, e pôs as mãos nas ancas.

Eu resmunguei, e copieei a sua postura.

— RAPAZES! — gritou ela, desligando o jogo.

— MÃE!

— SENHORA FRANKS!

Ri-me. Os rapazes viraram-se para olhar para nós, com uma expressão absolutamente chocada, e a Katie sorriu.

— Agora que tenho a vossa atenção, quero que cumprimentem a Maggie. Ela vai ficar connosco, Calvin, tal como o seu pai. Lembra-te de que te disse que ias ter uma irmã, Calvin?

Os rapazes olhavam-me fixamente. Era óbvio que o Calvin era o rapaz loiro, muito parecido com a Katie. O rapaz sentado ao seu lado tinha

cabelo escuro despenteado e olhos castanhos, bem como um buraco na *T-shirt* amarelo-clara que vestia e migalhas de batatas fritas nas calças de ganga.

— Não sabia que tinhas outra irmã, Cal — disse o rapaz, olhando para mim.

Quanto mais ele me olhava, mais o estômago me doía. Pus-me atrás das pernas da Katie, a minha cara ruborescia.

— Nem eu — respondeu o Calvin.

— Olha, Maggie, este é o Brooks. Ele mora do outro lado da rua, mas esta noite vai dormir cá em casa.

Espreitei por entre os joelhos da Katie para o Brooks, que me lançou um pequeno sorriso, antes de comer as migalhas que tinha nas calças.

— Podemos continuar a jogar? — perguntou o Brooks, voltando a pegar no comando, e olhando para o ecrã branco do televisor.

A Katie riu-se baixinho, abanando a cabeça.

— Os rapazes serão sempre rapazes — sussurrou-me, enquanto voltava a ligar o jogo.

Abanei a cabeça e também me ri, tal como a Katie.

— Sim. Os rapazes serão sempre rapazes.

Em seguida, entrámos noutra quarto. Era o quarto mais cor-de-rosa que eu alguma vez vira, e uma menina estava sentada no chão, a desenhar, usando orelhas de coelho e um vestido de princesa, enquanto comia *Doritos* de uma tigela de plástico cor-de-rosa.

— Cheryl — disse a Katie, entrando no quarto. Escondi-me atrás da sua perna. — Esta é a Maggie. Ela vai ficar connosco, tal como o seu pai. Lembras-te de que te falei disto?

A Cheryl levantou os olhos, sorriu e enfiou mais *Doritos* na boca.

— OK, mãe. — Recomeçou a desenhar, e o seu cabelo ruivo encaracolado dançou para a frente e para trás, enquanto

cantarolava uma canção em voz baixa. Depois, interrompeu o que estava a fazer, e voltou a erguer os olhos. — Ei, quantos anos tens?

— Seis — respondi.

Ela sorriu.

— Eu tenho cinco! Gostas de brincar com bonecas?

Assenti.

Ela voltou a sorrir e recomeçou a desenhar.

— OK. Tchau!

A Katie riu-se e levou-me para fora do quarto, sussurrando:

— Acho que vocês as duas vão ser grandes amigas.

A seguir, mostrou-me o meu quarto, onde o meu pai estava a pôr as minhas coisas. Os meus olhos arregalaram-se com o tamanho do quarto — e era todo só para mim.

— Uau... — Respirei fundo. — Isto é meu?

— Sim, é teu.

Uau!

— Sei que vocês os dois devem estar cansados da longa viagem, por isso vou deixar que deites a Maggie.

A Katie sorriu ao meu pai e beijou-o na face.

Quando o meu pai tirou o meu pijama da mala, perguntei:

— Achas que a Katie me pode deitar?

Ela não comentou.

Quando me deitou, eu sorri-lhe e ela retribuiu-me o sorriso.

Depois houve mais sorrisos, e também muita conversa.

— Sabes, sempre quis ter outra filha — disse, escovando-me o cabelo.

Não respondi, mas eu também sempre quis ter uma mãe.

— Vamos divertir-nos muito, Maggie. Tu, a Cheryl e eu. Podemos pintar as unhas e sentar-nos junto à piscina, beber limonada e folhear revistas. Podemos fazer tudo aquilo que os rapazes odeiam.

Deu-me um abraço de boa-noite, depois saiu e apagou a luz.

Não dormi nada.

Virei-me, revirei-me e choraminguei durante muito tempo, mas o meu pai não podia ouvir-me porque estava no piso de baixo, a

dormir no seu quarto com a Katie. Mesmo que quisesse encontrá-lo, não conseguiria fazê-lo, porque o corredor estava escuro e eu odiava lugares escuros, mais do que qualquer outra coisa. Funguei um pouco, esforçando-me por contar ovelhas, mas nada estava a resultar.

— O que se passa contigo? — disse uma figura escura, parada na soleira da porta.

Engoli em seco e endireitei-me, abraçando a almofada.

A sombra aproximou-se, e soltei um pequeno suspiro de alívio quando vi que era o Brooks. Tinha o cabelo todo despenteado e espetado, e o queixo enrugado do sono.

— Tens de parar de chorar. Estás sempre a acordar-me.

Funguei.

— Desculpa.

— Afinal, o que se passa? Tens saudades de casa, ou qualquer coisa assim?

— Não.

— Então, o que se passa?

Baixei a cabeça, envergonhada.

— Tenho medo do escuro.

— Oh!

Antes de sair do quarto, ele semicerrou os olhos durante um segundo. Continuei a abraçar a almofada, e fiquei ainda mais surpreendida quando o Brooks voltou. Tinha qualquer coisa na mão, e dirigiu-se à parede para a ligar a uma tomada.

— O Calvin não precisa de uma luz noturna. A mãe dele colocou uma há pouco no quarto dele. — Ele arqueou uma sobrancelha. —

Assim é melhor?

Assenti. *Melhor.*

Ele bocejou.

— OK, bem, boa noite... humm... como é que te chamas outra vez?

— Maggie.

— Boa noite, Maggie. Aqui na nossa cidade, também não tens de te preocupar com nada. É um lugar muito seguro. Aqui, estás em segurança. E se isto não for melhor, tenho a certeza de que podes dormir no chão do quarto do Calvin. Ele não se importa.

Saiu, coçando o cabelo despenteado, ainda a bocejar.

Pouco antes de começarem a fechar-se, os meus olhos pousaram na luz noturna em forma de foguetão. Sentia-me cansada. Sentia-me segura. Sentia-me protegida por um foguetão que me tinha sido dado por um rapaz que eu acabara de conhecer.

Antes, eu não tinha a certeza, mas daquela vez tinha. O meu pai estava certo.

— Para sempre — sussurrei para mim mesma, caindo cada vez mais fundo nos meus sonhos. — Desta vez é para sempre.

PARTE UM

1

MAGGIE

25 de julho de 2008 — dez anos

Recado para o rapaz que está apaixonado por mim De: Maggie May Riley

Caro Brooks Tyler,

No outro dia, passei muito tempo chateada contigo, depois de me teres chamado um nome e me teres empurrado para uma poça. Estragaste o meu vestido favorito, e as minhas sandálias cor-de-rosa e amarelas. Fiquei muito zangada contigo por me teres empurrado.

O teu irmão Jamie disse-me que és mau para mim porque me amas.

Chamas-me nomes porque é isso que os rapazes fazem quando estão apaixonados. Só me empurraste porque querias estar perto de mim. Acho isso uma estupidez, mas também sei que a minha mãe diz que todos os homens são idiotas, portanto a culpa não é tua. Faz parte do teu ADN.

Por isso, aceito o teu amor, Brooks. Vou deixar que me ames para sempre.

Comecei a planear o casamento.

É daqui a alguns dias, no bosque, onde vocês, rapazes, costumam ir pescar. Sempre quis casar-me junto da água, como a mãe e o pai.

É melhor usares uma gravata, mas não aquela horrível, cor de barro, que usaste na igreja no domingo passado. Põe também um pouco do perfume do teu pai. Sei que és um rapaz, mas não tens de cheirar como um.

Amo-te, Brooks Tyler Griffin.

Para toda a eternidade.



A tua futura mulher,

Maggie May

P.S. Aceito as desculpas que nunca me pediste. O Jamie disse-me que estavas muito arrependido, por isso não tens de te preocupar por eu estar zangada.

Recado para a rapariga que é doida

De: Brooks Tyler Griffin

Maggie May,

Eu. Não. Gosto. De. Ti! Desaparece para toda a eternidade.

Daquele que NÃO vai ser o teu futuro marido,

Brooks Tyler

Recado para o rapaz que é engraçado

De: Maggie May Riley

Meu Brooks Tyler,

Fazes-me rir. O Jamie disse-me que ias responder assim.

O que achas das cores roxa e rosa para a cerimónia?

Provavelmente devíamos viver juntos, mas sou demasiado nova para ter uma hipoteca de casa. Talvez possamos ficar em casa dos teus pais, até conseguires um emprego estável para me sustentares e aos nossos animais de estimação.

Vamos ter um cão chamado *Skippy*, e um gato chamado *Jam*.

A tua Maggie May

Recado para a rapariga que continua doida

De: Brooks Tyler Griffin

[REDACTED]

[REDACTED]

Maggie,

Nós não vamos casar-nos. Não vamos ter animais de estimação. Nem sequer somos amigos. Odeio-te, Maggie May!

Se o teu irmão não fosse o meu melhor amigo, nunca mais voltava a falar contigo! Acho que és doida.

Skippy e *Jam*? Isso é estúpido. É a coisa mais estúpida que já ouvi. Além disso, todos sabem que *Jif*¹ é a melhor marca de manteiga de amendoim.

NÃO SOU TEU,

Brooks

Recado para o rapaz que tem mau gosto

De: Maggie May Riley

Brooks Tyler,

A mãe diz sempre que um bom relacionamento tem que ver com duas coisas: amar as semelhanças, simelhanças aquilo que se tem em comum e também o respeito por coisas diferentes.

Adoro saber que gostamos ambos de manteiga de amendoim, e respeito a tua opinião acerca da *Jif*.

Apesar de a tua opinião estar errada.

Sempre,

Maggie May

P.S. Encontraste uma gravata?

Recado para a rapariga que CONTINUA doida De: Brooks Tyler Griffin

Maggie May,

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

Não preciso de nenhuma gravata, porque nunca vamos casar-nos. E escreve-se «semelhanças», sua idiota.

Brooks

Recado para o rapaz que me fez chorar

De: Maggie May Riley

Brooks,

Isso foi uma maldade.

Maggie

Recado para a rapariga que CONTINUA a ser doida, mas que nunca devia chorar

De: Brooks Tyler Griffin

Maggie May,

Desculpa. Às vezes sou um verdadeiro idiota.

Brooks

Recado para o rapaz que me fez sorrir

De: Maggie May Riley

Brooks Tyler Griffin,

Perdoo-te.

Se quiseses, leva a gravata cor de lama. Não interessa se te vestes mal, ainda vou adorar ser tua mulher.

Encontramo-nos às cinco, no próximo fim de semana, entre as duas árvores retorcidas.

Para sempre e sempre e sempre,

Maggie May Riley

1 Referência a duas populares marcas americanas de manteiga de amendoim, *Skippy* e *Jif*. (NT)

2

BROOKS

Eu odiava a Maggie May.

Gostaria que houvesse uma palavra melhor para descrever os meus sentimentos por aquela miúda chata e barulhenta, que nos últimos tempos me andava a seguir, mas ódio parecia ser a única coisa de que me lembrava sempre que ela estava perto de mim.

Nunca lhe devia ter dado aquela luz noturna há todos aqueles anos.

Devia ter-me limitado a fingir que ela não existia.

— Porque é que ela vem connosco? — resmunguei, guardando linha,

boias, chumbadas e anzóis na minha caixa de equipamento de pesca.

Durante os últimos dois anos, eu ia muitas vezes pescar com o meu pai, com o Jamie, o meu irmão mais velho, o Calvin e o Eric, o seu novo pai — ou Sr. Riley, como eu o chamava. Íamos até Harper Creek, uns quinze minutos a pé, e sentávamo-nos no barco do Sr.

Riley, a rir e a brincar uns com os outros. O lago era tão grande que, se olhássemos para o outro lado, mal conseguíamos ver a outra margem onde ficavam as lojas da cidade. O Calvin e eu tentávamos muitas vezes distinguir os edifícios como a biblioteca, a mercearia e o centro comercial. Em seguida, esforçávamo-nos para apanhar alguns peixes. Era um dia só para homens, em que comíamos demasiada comida de plástico, e não nos importávamos se os nossos intestinos estivessem prestes a explodir. Era um ritual nosso, e estava a ser arruinado por uma miúda estúpida de dez anos, que andava sempre a cantar e que nunca parava de dançar em círculos.

Maggie May era a definição de chata. Isso também era verdade.

Uma vez, procurei o nome dela no dicionário, e o significado era «a meia-irmã irritante do Calvin».

Eu podia ter acrescentado essa definição, e ter a minha mãe a gritar comigo por ter escrito num livro, mas, apesar disso, era verdade.

— Os meus pais disseram que ela tinha de vir — explicou o Calvin, levantando a sua cana de pesca. — A minha mãe tem de levar a Cheryl ao médico, por isso durante as próximas horas não há ninguém que tome conta dela.

— Não podem fechá-la em casa? Os teus pais podem deixar-lhe uma sanduíche de manteiga de amendoim e geleia, e um pacote de sumo ou qualquer coisa do género.

O Calvin sorriu.

— Quem me dera. É tão parva.

— Ela é tão estúpida! — exclamei. — Tem a mania de que vai casar-se comigo, no bosque. É doida.

O Jamie riu-se.

— Só estás a dizer isso porque a amas secretamente.

— Nem pensar! — gritei. — Isso é ridículo. A Maggie May deixa-me doente. Só de pensar nela tenho pesadelos.

— Dizes isso porque a amas — troçou o Jamie.

— É melhor calares-te antes que te obrigue a fazê-lo, idiota. Ela disse que foste tu que espalhaste o rumor de que eu gostava dela! É

por tua causa que acha que vamos casar-nos.

Ele riu-se.

— Sim, eu sei.

— Porque é que fizeste uma coisa dessas?

O Jamie deu-me um murro no ombro.

— Porque sou o teu irmão mais velho, e os irmãos mais velhos têm de tornar a vida dos irmãos mais novos um inferno. Faz parte do contrato de irmãos.

— Eu não assinei nenhum contrato.

— Eras menor, por isso a mãe assinou-o por ti, dah.

Revirei os olhos.

— Como queiras. Só sei é que, hoje, a Maggie vai estragar tudo.

Ela tem uma maneira especial de dar cabo das coisas. Além disso, *nem sequer sabe pescar!*

— Sei, sim! — gritou a Maggie, saindo de casa, usando um vestido, sandálias amarelas, e segurando uma cana de pesca da *Barbie*.

Ugh! Quem é que vai à pesca de vestido e com uma cana da Barbie ?

Ela passou os dedos pelo cabelo loiro e abriu as suas narinas gigantescas.

— Aposto que vou apanhar mais peixes do que o Calvin e o Brooks juntos! Tu não, Jamie. Aposto que és bom a pescar.

Ela lançou-lhe um sorriso que me deixou engasgado. Tinha um sorriso horrível.

O Jamie retribuiu-lhe o sorriso.

— Aposto que também não és assim tão má, Maggie.

Introduzir aqui um revirar de olhos. O Jamie fazia sempre aquilo

— tornava-se superamistoso com a Maggie porque sabia que isso me incomodava. Eu sabia que era impossível ele gostar dela, porque ela era demasiado irritante.

— Bem, crianças, vão passar todo o dia aqui sentados ou vamos até ao lago? — perguntou o Sr. Riley, saindo de casa com a sua caixa e a sua cana de pesca. — Vamos.

Começámos todos a descer a estrada — bem, pelo menos os homens começaram.

A Maggie pulava, rodopiava e cantava mais músicas *pop* do que qualquer pessoa conseguiria ouvir. Juro que, se tivesse de a ver a dançar a *Macarena* mais uma vez, ficaria doido. Quando chegámos ao bosque, imaginei-nos a entrar no barco do Sr. Riley e, de algum modo, a Maggie a ficar para trás.

Que devaneio perfeito.

— Vamos precisar de isco — disse o Sr. Riley, tirando uma pequena pá e o seu balde metálico. — É a vez de quem?

— Do Brooks — disse o Calvin, apontando para mim.

Cada vez que íamos pescar, um de nós ficava encarregado de cavar a terra do bosque e apanhar algumas minhocas. Peguei no

balde e na pá, e não reclamei. A verdade era que procurar minhocas era uma das minhas partes favoritas da pesca.

— Acho que a Maggie devia ir com ele.

O Jamie sorriu, piscando um olho à Maggie. O seu rosto iluminou -se esperançoso, e estive a segundos de esmurrar o meu irmão na cabeça.

— Não. Tudo bem. Consigo fazê-lo sozinho.

— Eu também posso ir. — A Maggie esboçou um sorriso de orelha a orelha.

Que sorriso tão feio!

— Pai, posso ir com o Brooks?

Olhei para o Sr. Riley e percebi que estava condenado, porque o Sr. Riley sofria muito com a síndrome SF — síndrome da filha.

Nunca o vira a recusar nada à Maggie, e duvidava que começasse a fazê-lo naquela tarde.

— Claro, querida. Divirtam-se. — Sorriu. — Vamos preparar o barco e, assim que vocês voltarem, partimos.

Antes de nos afastarmos para o bosque, certifiquei-me de que esmurrava o Jamie com toda a força no braço. Ele esmurrou-me ainda com mais força, fazendo a Maggie rir. Quando ela e eu nos dirigimos para o bosque, enfiei os auscultadores do meu MP3 nos ouvidos e apressei o passo, na esperança de a perder de vista, mas os seus saltos e reviravoltas eram surpreendentemente rápidos.

— Então, já encontraste uma gravata? — perguntou ela.

Revirei os olhos. Mesmo com a música a tocar, ainda conseguia ouvir a sua voz estridente.

— Não vou casar-me contigo.

Ela riu-se.

— Vamos casar-nos dentro de dois dias, Brooks. Não sejas parvo. O Calvin vai ser o teu padrinho, não vai? Ou vai ser o Jamie?

A Cheryl vai ser a minha dama de honor. Ei, achas que posso ouvir algumas das tuas músicas? O Calvin disse que tens algumas das melhores músicas de sempre e, como vamos casar-nos, acho que devia saber que tipo de música é que ouves.

— Não vamos casar-nos, e tu nunca vais ouvir nada no meu MP3.

Ela riu-se, como se eu tivesse dito algo engraçado.

Comecei a escavar a terra, enquanto ela baloiçava nos ramos das árvores.

— Vais ajudar-me a cavar ou não?

— Não vou tocar em minhocas.

— Então porque é que vieste?

— Para podermos acabar de planejar o casamento, dah. Além disso, estava à espera que pudéssemos ir dar uma vista de olhos àquela cabana; não fica muito longe daqui. Se quisesse, podia ser a nossa casa. Podíamos arranjá-la só para nós, para o *Skippy* e o *Jam*. De qualquer maneira, ninguém mora lá. É suficientemente grande para a nossa família.

Aquela miúda era lunática.

Enquanto eu continuava a escavar, ela continuava a falar. Quanto mais depressa eu cavava, mais depressa ela falava acerca de tretas de rapariga que não me interessavam nada — sapatos, maquilhagem, primeiras danças, bolos de casamento, decorações.

Até falou da cabana abandonada, e como podia ser usada para pôr ali a comida para o copo de água. A lista continuava e continuava.

Pensei abandonar a pá e o balde e fugir — era mais do que óbvio que a Maggie queria matar-me. Quando ela mencionou o nome do nosso primeiro filho, percebi que as coisas tinham ido demasiado longe.

— Ouve! — gritei, deixando cair o balde com as poucas minhocas que tinha encontrado. Elas remexeram-se, tentando regressar à terra, e nem me importei. Inchei o peito e avancei na sua direção.

Os meus punhos empurraram o ar, e gritei-lhe na cara. — Não vamos casar-nos! Nem hoje, nem amanhã, nem nunca! Metes-me nojo, e só fui simpático contigo na última carta porque o Jamie disse que, se eu voltasse a dizer-te alguma coisa má, ele ia contar aos nossos pais e eu ia meter-me em sarilhos. Percebeste? Portanto, cala-te com toda essa história do casamento.

Os nossos rostos estavam a centímetros de distância. Ela tinha os dedos apertados atrás das costas, e vi o seu lábio inferior tremer ligeiramente. A Maggie semicerrou os olhos, estudando-me, como se estivesse a tentar decifrar as palavras que eu acabara de lhe dizer. Durante um segundo franziu a testa, mas depois voltou a esboçar aquele seu sorriso horrível. Antes de eu ter tempo para revirar os olhos, ela inclinou-se na minha direção, agarrou-me nas faces com as mãos e puxou-me para mais perto dela.

— O que é que estás a fazer? — perguntei, com as faces apertadas.

— Vou beijar-te, Brooks, porque temos de praticar o nosso primeiro beijo, antes de nos beijarmos em frente da nossa família e amigos.

— Tu não vais beijar-me... — Fui interrompido, e o coração martelou-me no peito. A Maggie pousou os lábios sobre os meus, e puxou-me para mais perto dela. Sem hesitar, afastei-me dela.

Queria dizer qualquer coisa, mas falar parecia-me difícil, por isso limitei-me a olhar para ela, sentindo-me desajeitado e pouco à vontade.

— Devíamos tentar outra vez — disse ela, assentindo.

— Não! Não me beijes...

Ela voltou a beijar-me. Senti todo o meu corpo a aquecer de...

fúria? Ou talvez confusão? Não, fúria. Definitivamente fúria. *Ou talvez...*

— Podes parar com isso? — gritei, afastando-me outra vez e recuando.
— Não podes andar por aí a beijar pessoas que não querem ser beijadas!

Os seus olhos tornaram-se pesados, e as suas faces ficaram-vermelhas.

— Não queres beijar-me?

— Não! Eu não. Não quero nada contigo, Maggie May Riley! Não quero continuar a ser teu vizinho. Não quero ser teu amigo. Não quero casar-me contigo, e certamente que não quero beijar-te... —

Fui interrompido novamente, mas desta vez por mim próprio. De

algum modo, durante o meu discurso, tinha-me aproximado cada vez mais dela, e os meus lábios roubaram-lhe a palavra seguinte.

Pousei as mãos nas suas faces e apertei-as, beijando-a com força durante dez segundos. Também contei cada segundo. Quando nos afastámos, ficámos ambos parados.

— Tu beijaste-me — sussurrou ela.

— Foi um erro — respondi.

— Um erro bom?

— Um erro grave.

— Oh.

— Sim.

— Brooks?

— Maggie?

— Podes errar só mais uma vez?

Dei um pontapé na relva e esfreguei a parte de trás do pescoço.

— Não significa que vou casar-me contigo.

— OK.

Ergui uma sobrancelha.

— Quero dizer, vão ser só dez segundos, e chega. Nunca mais vamos voltar a beijar-nos. *Mesmo nunca mais.*

— OK — respondeu ela, assentindo.

Aproximei-me mais, e apertámos a cara um do outro.

Quando nos beijámos, fechei os olhos e contei até dez.

Contei devagar, tão devagar quanto o movimento das minhocas.

1...

1,3...

1,5...

2...

— Brooks? — murmurou a Maggie, contra a minha boca; os meus olhos abriram-se, e vi que ela estava a olhar para mim.

— Sim? — perguntei, as nossas mãos ainda a apertar as faces um do outro.

— Agora já podemos parar de nos beijar. Já contei dez vezes, cinco vezes.

Recuei, envergonhado.

— Tanto faz. De qualquer maneira, temos de voltar para o barco.

Apresei-me a tentar apanhar as minhocas, fracassando miseravelmente, e pelo canto do olho vi a Maggie a abanar o vestido, cantarolando.

— Ei, Brooks. Sei que disse que podias usar a gravata cor de lama para o casamento, mas acho que ficarias melhor com uma verde. Amanhã, traz uma gravata para o ensaio. Vem ter aqui comigo às sete. — Os seus lábios curvaram-se, e perguntei-me o que é que se alterara nela naquele momento.

O seu sorriso já não me parecia assim tão horrível.

Quando ela começou a andar, levantei-me rapidamente, deixando as minhocas outra vez.

— Ei, Maggie?

Ela virou-se.

— Sim?

— Podemos tentar beijar-nos mais uma vez?

Ela corou e sorriu, e foi lindo.

— Durante quanto tempo?

— Não sei... — Enfie as mãos nos bolsos e encolhi os ombros, olhando para a relva enquanto uma minhoca avançava sobre o meu sapato. — Talvez apenas durante mais dez segundos.

3

MAGGIE

Eu amava o Brooks Tyler.

Gostava que houvesse uma palavra melhor para descrever os meus sentimentos por aquele rapaz bonito e rude, que me beijara nos últimos tempos, mas amor parecia ser a única coisa de que me lembrava sempre que ele estava perto de mim.

Enquanto estava deitada na minha cama, a relembrar e a pensar no nosso último beijo de dez segundos, ouvi um ruidoso «Deves estar a gozar comigo!», vindo da Cheryl.

Não tive a certeza do que é que uivava com mais força, o vento no

exterior da casa ou a Cheryl.

— Não sei como ser dama de honor! — choramingou ela, quando se sentou ao meu lado.

O seu cabelo vermelho ondulado baloiçava para cima e para baixo, quando ela começou a saltar em cima do meu colchão.

Desde que eu começara a viver com a família dela, a Cheryl tornara-se a minha melhor amiga, além de ser minha meia-irmã.

Portanto, ela tinha de ser a minha dama de honor.

— Na verdade, não tens de fazer nada, exceto tudo o que não quero fazer, e quando eu estiver enervada a planear o casamento, vais ser a miúda com quem vou começar a gritar sem parar. Ah, e tens de segurar a cauda do meu vestido quando eu avançar pela igreja.

— Porque é que tenho de segurar o teu vestido?

Encolhi os ombros.

— Não sei, mas a dama de honor da minha tia segurou o dela, por isso acho que isso faz parte do casamento.

Eu colocara no chão do meu quarto as minhas bonecas *Barbie*, os meus animais de peluche e os meus *My Little Pony*, na mesma

posição da cerimónia de casamento. O *Ken* estava colocado na posição do noivo, a mesma posição em que o Brooks estaria, e a *Barbie* estava na minha posição.

— Mas, afinal, como é que conseguiste arranjar um namorado?

— perguntou a Cheryl, ainda a saltar.

— *Noivo* — corrigi. — Na verdade, é bem fácil. Tenho a certeza de que também podes arranjar um. Só tens de abanar o cabelo e escreveres uma carta a dizer que ele vai casar-se contigo.

— A sério? — A voz da Cheryl tornou-se mais alta. — É só isso que é preciso?

Assenti.

— Só isso.

— Uau. — Ela suspirou, parecendo um pouco surpreendida. No entanto, não percebi porquê. Era muito fácil conseguir rapazes. A mãe dizia que difícil era vermo-nos livres deles. — Como é que sabes tudo isso?

— Foi a mãe que me disse.

Ela fez beicinho.

— Porque é que ela não me contou nada? Também sou filha dela. Além disso, ela foi *minha* mãe primeiro.

— Provavelmente porque és muito nova. Se calhar, vai dizer-te para o ano, ou qualquer coisa assim.

— Não quero esperar um ano. — A Cheryl parou de saltar e começou a girar o cabelo. — Preciso de uma caneta e de um papel.

Ou, bem... Tens a certeza de que o Brooks também não gostaria de se casar comigo?

Pus as mãos nas ancas e levantei uma sobrancelha.

— O que é que queres dizer com isso?

Ela continuou a girar o cabelo.

— Só estou a dizer. Ele sorri-me muito.

Oh. Meu. Deus.

A minha irmã era uma leviana. A mãe disse que eu não tinha autorização para dizer aquela palavra, mas uma vez ao telefone eu ouvira-a chamar aquilo à sua irmã por andar atrás de um homem

casado, e a tia Mary não ficara satisfeita. A Cheryl estava quase a fazer a mesma coisa.

— Ele é simpático. Está sempre a sorrir. Vi-o uma vez a sorrir a um esquilo.

— Estás a comparar os sorrisos que ele me lança com os sorrisos que lança aos esquilos? — perguntou ela, a sua voz a subir de tom.

Hesitei durante um instante, a pensar naquilo. A Cheryl e os esquilos tinham algumas coisas em comum. Por exemplo, os esquilos eram doidos por nozes, e a Cheryl estava completamente doida se achava,

por um segundo, que o Brooks gostava mais dela do que de mim.

A Cheryl levantou-se e resmungou, ainda a girar o cabelo.

— Demoraste demasiado tempo a responder! Espera só até eu contar à mãe o que é que disseste! Posso conseguir qualquer namorado que queira, Maggie May, e não és tu que vais dizer-me que não posso!

— Isso não me interessa. Só não podes ficar com o meu noivo.

— Posso, sim!

— Não podes!

— Posso!

— Cala a boca, e para de revirar o teu cabelo estúpido! — gritei.

Ela ofegou, os seus olhos enchendo-se de lágrimas, começou a choramingar e saiu disparada do quarto.

— Não vou ao teu casamento!

— Nem sequer foste convidada! — gritei em resposta, na sua direção.

A minha mãe demorou apenas alguns minutos a entrar no meu quarto, de olhos semicerrados.

— Meninas, voltaram a discutir, hein?

Encolhi os ombros.

— Ela só está outra vez a fazer um drama.

— Para duas miúdas tão amigas, vocês passam a vida a zangar-se uma com a outra.

— Sim, bem, é isso que as miúdas fazem.

Ela sorriu, e assentiu.

— Bom, lembra-te de que ela é mais nova do que tu, Maggie, e as coisas não são assim tão fáceis para a Cheryl. Ela é um pouco solitária e excêntrica, e não se encaixa bem. Tu és a sua única amiga verdadeira, e a sua irmã. Ela é da família, e o que é que a família faz?

— As pessoas tomam conta umas das outras?

A minha mãe voltou a assentir, e beijou-me na testa.

— Exato. Tomamos conta uns dos outros, mesmo nos momentos difíceis.

Sempre que a Cheryl e eu discutíamos, a minha mãe dizia-me aquilo. *Nas famílias, as pessoas tomam conta umas das outras.* Em especial nos momentos difíceis, quando até é difícil olharmos uns para os outros.

Também me lembro da primeira vez em que ela disse aquilo. Ela e o meu pai tinham-nos pedido para nos sentarmos — a mim, ao Calvin e à Cheryl — na sala de estar, e disseram-nos que se quiséssemos podíamos chamar-lhes mãe e pai. Fora na noite em que se tinham casado, e agora éramos oficialmente uma família.

Enquanto estávamos ali sentados, a mãe e o pai disseram-nos para pormos as nossas mãos em cima umas das outras e prometeram que iriam sempre tomar conta de nós. *Porque é isso que as famílias fazem.*

— Peço desculpa — sussurrei em voz baixa, referindo-me à Cheryl. Afinal, ela era a minha melhor amiga.

Passei o resto da tarde a planear o casamento. Eu sonhava com o meu casamento desde que tinha sete anos, por isso há muito tempo. Perguntei-me de que tipo de música é que o Brooks gostava.

Como ele não me deixava ouvir aquilo de que gostava, eu tinha de adivinhar sozinha. Todas as noites, ele e o Calvin tocavam um pouco com as guitarras do meu pai, e diziam que um dia seriam músicos famosos. De início, não acreditei muito neles, mas quanto mais praticavam, melhor ficavam. Talvez pudessem tocar no

[REDACTED]

[REDACTED]

casamento. Além disso, talvez eu escolhesse a sua música favorita para avançar pela igreja. No entanto, durante toda a semana anterior, ele e o meu irmão tinham andado a cantar o «Sexy back»

do Justin Timberlake, e aquela não me parecia uma música suficientemente boa para um casamento.

No entanto, talvez fosse boa para a nossa primeira dança.

Durante toda a noite, depois de a mãe e o pai nos deitarem, eu ouvia música a tocar na sala de estar, no piso térreo. Era sempre a mesma música, «You send me», do Sam Cooke — a primeira música que tinham dançado juntos. Saí do meu quarto nas pontas dos pés, fui até ao cimo das escadas e olhei para baixo. Só algumas luzes é que estavam acesas, o pai tinha pegado na mão da mãe e perguntara-lhe: «Danças comigo?» Ele perguntava-lhe a mesma coisa todas as noites, antes de começarem a dançar. O pai fazia a mãe girar em círculos, os dois a rirem-se como se fossem crianças.

A mãe tinha um copo de vinho na mão e, quando o pai a fez girar, o vinho voou do copo para o tapete branco. Eles riram-se ainda mais com aquilo que tinham feito, e aproximaram-se mais. A cabeça da mãe pousou no peito do pai, e ele sussurrou-lhe qualquer coisa ao ouvido, e começaram a dançar mais devagar.

Era aquilo que o verdadeiro amor significava para mim.

O verdadeiro amor significava que podíamos rir-nos dos erros.

O verdadeiro amor significava que podíamos sussurrar segredos.

O verdadeiro amor significava que nunca tínhamos de dançar sozinhos.

Na manhã seguinte, acordei preparada para o dia que tinha pela frente.

— Hoje é o ensaio do dia do meu casamento! — gritei, estendendo os braços e saltando em cima da cama. — É o meu ensaio! É o dia do meu ensaio!

O Calvin entrou cambaleante no meu quarto, a esfregar os olhos.

— Céus, Maggie, podes calar-te? São três da manhã — murmurou ele, bocejando.

Eu sorri.

— Não interessa, porque é o dia do meu ensaio, Calvin!

Ele resmungou mais um pouco e chamou-me um nome, mas não me importei. O meu pai também entrou no quarto a cambalear, quase da mesma maneira como o meu irmão o fizera, a esfregar os olhos e a bocejar. Dirigiu-se à minha cama, e eu envolvi-lhe o pescoço com os

braços, forçando-o a levantar-me no ar.

— Pai, adivinha o que vai acontecer. Adivinhas? — gritei, entusiasmada.

— Deixa-me adivinhar, é hoje que vais fazer o ensaio do teu casamento?

Assenti rapidamente e ri-me quando ele, cansado, me fez girar num círculo.

— Como é que sabias?

Ele sorriu.

— Foi um palpite.

— Podes parar com isso, para podermos voltar para a cama? — gemeu o Calvin. — Nem sequer é um casamento verdadeiro!

Ofeguei e preparei-me para falar das suas mentiras, mas o meu pai impediu-me, sussurrando:

— Há alguém que não é lá muito matinal. Que tal se voltarmos a deitar-nos durante algumas horas, e depois fizermos um pequeno-almoço especial, do dia anterior ao casamento?

— *Waffles* com morangos e *chantilly*?

— E pepitas de chocolate! — Ele sorriu.

O Calvin regressou rabugento para o seu quarto, e o meu pai deitou-me na cama, beijando-me à esquimó.

— Tenta dormir mais algumas horas, está bem, querida? Tens um grande dia pela frente.

Deitou-me da mesma maneira que fazia todas as noites.

— OK.



— E, Maggie May?

— Sim?

— O mundo continua a girar porque o teu coração continua a bater.

Desde que me lembrava que ele me dizia aquelas palavras todas as noites. Quando saiu do quarto, apagou a luz, e eu deitei-me, olhando para as estrelas autocolantes que brilhavam na escuridão do meu teto, sorrindo com as mãos em cima do peito, onde sentia cada um dos batimentos cardíacos que faziam que o mundo continuasse a girar.

Eu sabia que devia dormir, mas não conseguia, porque era o dia anterior ao dia do meu casamento, e estava prestes a casar-me com um rapaz que ainda não o sabia, mas que seria o meu melhor amigo assim que celebrássemos o nosso décimo aniversário de casados.

Provavelmente, iria precisar desses dez anos para perceber que queria mesmo ser meu marido.

E, era óbvio, viveríamos felizes para sempre.

Quando a manhã chegou, fui a primeira a levantar-me, e esperei no piso térreo pelos meus *waffles*. Quando entrei no quarto deles, os meus pais ainda estavam a dormir.

— Ei, estão acordados? — sussurrei. Nada. Espetando um dedo na face do meu pai, repeti: — Ei, estás acordado, paizinho?

— Maggie May, ainda não são horas de te levatares —

murmurou ele.

— Mas tu disseste que ias fazer *waffles*! — queixei-me.

— De manhã.

— Já é de manhã — gemi e, dirigindo-me às janelas, abri os cortinados. — Estás a ver? O Sol já nasceu.

— O Sol é mentiroso, por isso é que Deus criou os cortinados —

bocejou a minha mãe, rolando para o outro lado. Abriu os olhos e olhou para o relógio na mesa de cabeceira. — Cinco e meia da

manhã num sábado não é manhã, Maggie May. Agora, volta para a cama que depois acordamos-te.

Só

me

acordaram

às

oito

da

manhã

—

mas,

surpreendentemente, eu já estava levantada. O dia foi mais lento do que eu queria, e os meus pais fizeram-me assistir ao recital de dança da Cheryl, que demorou mais tempo do que devia. Porém, quando chegámos a casa, eu estava pronta para ir ter com o Brooks.

A minha mãe disse-me que eu só podia sair para brincar se levasse a Cheryl comigo, mas mesmo depois de lhe pedir desculpa, ela continuava a não querer ser minha dama de honor, por isso tive de fugir sozinha para me encontrar com o Brooks no bosque. Corri pelas ruas do bairro, observando os relvados perfeitamente aparados e as flores perfeitamente plantadas. Harper County era uma cidade pequena onde todos nos conhecíamos, por isso não demoraria muito tempo até a minha mãe receber um telefonema de alguém a dizer que me tinham visto a descer a rua sozinha.

Portanto, tinha de ser rápida.

Mas não *demasiado* rápida, pois eu tinha de parar sempre na esquina do meu quarteirão, olhar para os dois lados da estrada, e depois atravessar a rua até à casa da Sr.^a Boone. O relvado da Sr.^a

Boone era completamente diferente de todos os outros. Ela tinha flores a crescer por todo o lado, sem qualquer tipo de ordem. Rosas amarelas, lavanda, papoilas — bastava dizer o nome de uma flor e, provavelmente, ela crescia no jardim da Sr.^a Boone.

Ninguém se dava ao trabalho de passar pela casa da velha senhora. Todos a achavam mal-educada, mal-humorada e distante.

Na maior parte das vezes, ela sentava-se sozinha no alpendre da frente, baloiçando para a frente e para trás na sua cadeira de baloiço, murmurando para si mesma enquanto *Muffins*, a sua gata, brincava no

jardim.

A minha hora favorita do dia era quando a Sr.^a Boone entrava em casa, para beber chá. Ela bebia mais chá do que qualquer outra pessoa que eu conhecia. Um dia, a Cheryl e eu observámo-la do

outro lado da rua e ficámos impressionadas com o número de vezes que a Sr.^a Boone deixava a cadeira de baloiço e voltava com uma chávena de chá.

Sempre que ela desaparecia dentro de casa, eu esgueirava-me pelo jardim da frente, cercado por uma vedação branca. Cheirava todas as flores que conseguia e depois brincava na relva alta com a *Muffins*.

Naquela tarde, corri até ao seu jardim, porque não tinha muito tempo antes de me encontrar com o Brooks.

— Ei! Filha do Eric! Sai do meu relvado! — assobiou a Sr.^a

Boone, empurrando a porta de tela com uma chávena de chá.

Já lhe tinha dito o meu nome uma centena de vezes, mas ela recusava-se a reconhecer-me.

— Maggie — respondi, levantando-me e segurando nas mãos uma *Muffins* a ronronar. — Chamo-me Maggie, senhora Boone.

Maggie — disse, devagar e bem alto, pela segunda vez, para ter a certeza de que me ouvia.

— Oh, eu sei quem tu és, sua patife! Agora, mantém-te longe das minhas flores, e da minha gata!

Ignorei-a.

— Céus, senhora B., a senhora tem as flores mais bonitas que eu já vi num jardim. Sabia disso? Chamo-me Maggie, caso se tenha esquecido. Mas, se quiser, pode chamar-me Maggie May. É assim que me chamam muitas pessoas da minha família. Por falar em família e flores, pensei pedir-lhe... Acha que, amanhã, posso levar emprestadas algumas das suas flores para o meu casamento?

— Casamento? — Ela bufou, semicerrando os olhos, que estavam cobertos de muita maquilhagem. A minha mãe dizia sempre que menos era mais. A Sr.^a Boone obviamente achava o contrário. — Não és demasiado nova para te casares?

— O amor não conhece idades, senhora B.

Arranquei uma papoila, e coloquei-a atrás da orelha, enquanto a *Muffins* me saltava dos braços.

— Arranca mais uma flor e nunca mais serás capaz de arrancar outra coisa na vida — avisou-me ela, fazendo uma careta.

— Até vou ajudá-la um pouco com as flores, senhora B.! Posso apanhá-las todas agora, assim a senhora não terá de se preocupar...

— *Vai-te embora!* — gritou ela, a sua voz fazendo a minha espinha arrepiar-se.

Endireitei-me, os meus olhos arregalados de pânico, e recuei.

— OK. Bem, se mudar de ideias, também vou passar por aqui no dia do casamento. Se quiser, pode vir. Vai ser amanhã às cinco da tarde, no bosque, entre as duas árvores retorcidas. A minha mãe vai fazer um bolo, e o meu pai vai fazer *punch*. Também pode trazer a *Muffins*! Tchau, senhora B.! Vemo-nos amanhã!

Ela resmungou um pouco mais, enquanto eu saía a correr do seu jardim, arrancando duas rosas amarelas para levar comigo. Saltei e acenei adeus à mulher rabugenta, que, provavelmente, não era mal-humorada, mas apenas gostava de se mostrar à altura da imagem que os rumores dos seus vizinhos tinham criado.

Quanto mais me aproximava das árvores retorcidas, mais os meus batimentos cardíacos aumentavam. Cada inalação enchia-se de uma urgência maior, uma emoção que não parava de aumentar.

Cada passo que dava era um passo que me aproximava mais do Brooks. *Estava a acontecer*. Finalmente, estava a tornar-se realidade. Eu ia conseguir aquilo que os meus pais tinham. Eu ia ser dele, e ele seria meu.

Desta vez é para sempre.

Ele estava atrasado.

Eu sabia que ele tinha relógios em casa, e sabia que ele sabia ver as horas, mas apesar disso o Brooks estava atrasado.

Como é que poderíamos viver felizes para sempre se ele não aparecia à hora certa?

Os meus olhos olharam para o meu relógio da *Barbie*, e o meu peito apertou-se.

19:16.

Ele estava atrasado. Eu dissera-lhe às sete, e ele estava dezasseis minutos atrasado.

Onde é que ele estava? Não ia aparecer? *Não, ele não faria isso.*

Será que não me amava como eu o amava? *Não, ele amava-me.*

O coração doía-me enquanto andava pelo bosque, procurando um rapaz burro de olhos lindos.

— Ele só foi ter às duas árvores erradas — assegurei-me, ouvindo as folhas a serem pisadas debaixo dos meus pés. — Ele vem a caminho — jurei, observando o céu brilhante ficar cada vez mais escuro.

Não me era permitido estar fora de casa depois de as luzes da rua se acenderem, mas eu sabia que ia ficar tudo bem, porque ia casar-me no dia seguinte, e já não estaria sozinha no escuro, porque o Brooks se juntaria a mim.

19:32.

De que direção é que eu viera? E onde é que estavam as duas árvores retorcidas? O meu coração começou a bater mais depressa, e as palmas das minhas mãos estavam suadas enquanto avançava pelo bosque.

— Brooks — gritei, mais nervosa porque me tinha perdido.

No entanto, ele ia encontrar-me. *Ele vem a caminho.* Continuei a andar. Será que estava a embrenhar-me no bosque? Estaria a afastar-me das árvores? Como é que poderia saber? Não conseguia encontrar o meu caminho. Onde é que estavam as árvores?

19:59.

A água.

Eu ia encontrar a água onde os rapazes costumavam pescar.

Talvez o Brooks estivesse ali. Mas qual era o caminho para a água?

Comecei a correr. Corri e corri, à espera de ver a água a baloiçar para a frente e para trás, lembrando-me de onde estava e de como chegaria a casa, ou de como iria encontrar o Brooks. Talvez ele

também se tivesse perdido. Talvez estivesse sozinho, assustado e transpirado. Talvez também estivesse à minha procura. Eu tinha de o encontrar, porque sabia que ia ficar tudo bem quando estivéssemos perto um do outro.

20:13.

A água.

Encontrara-a.

Encontrei as ondas, as pedras e os sons calmos.

Encontrei a água, e encontrei-o.

— Por favor, não te vás embora, Julia. Ouve-me.

Brooks?

Não.

Não era ele.

Era outra pessoa, que não estava sozinha. Estava ali um homem com alguém. Uma mulher. Ela continuava a dizer-lhe que não, dizia que não podia voltar a estar com ele, e ele não estava a gostar daquilo.

— Nós temos uma vida juntos, Julia. Temos uma família.

— Vais ouvir-me? Não quero continuar contigo.

— É por causa daquele teu colega do trabalho?

A mulher revirou os olhos.

— Não comeces. É disto que estou a falar. Tens todos estes problemas de raiva. Não posso manter o nosso filho perto de ti. Não podemos continuar a fazer isto.

Ele passou as mãos pelo cabelo.

— Tens um caso com ele, não tens? Andas metida com o teu colega.

Antes que ela pudesse responder, ele ficou mais zangado, o seu peito a subir e a descer.

O homem tornava as minhas inalações mais difíceis de engolir, e fiquei mais assustada. Tivera menos medo quando estava sozinha junto das árvores retorcidas erradas. Eu devia ter ficado junto das árvores erradas.

Ele gritou-lhe, a voz a falhar-lhe.



— Puta! — gritou ele, batendo-lhe com força na cara. Ela tropeçou para trás e choramingou, a mão voando para a face. —

Dei-te tudo. Tivemos uma vida juntos. Acabei de tomar conta do negócio. Estávamos a começar a aguentar-nos. E o nosso filho? E a nossa família? — Ele voltou a bater-lhe, uma e outra vez. — Nós tínhamos uma vida!

Empurrou-a para o chão, e os olhos pareceram saltar-lhe da cabeça, como se ele fosse louco — perturbado.

A minha garganta apertou-se quando os meus olhos olharam para o sítio onde eles se encontravam, e onde o homem que me recordava o céu escuro estava a apertar o pescoço da mulher.

— Não podes deixar-me — disse ele, quase implorante, enquanto a estrangulava e abanava.

Ela gritou, arranhando-lhe as mãos. Ele abanou-a. Ela gritou, tentando respirar. Ele abanou-a. Ela gritou, e eu senti as suas mãos.

Parecia que as mãos dele estavam à volta do meu pescoço. A sufocarem-me. A abanarem-me. A arrastarem-me.

Levei as mãos ao pescoço e implorei por ar, sabendo que, se eu não conseguia respirar, a mulher estaria a sofrer ainda mais.

Então, o homem malvado começou a arrastar o seu corpo para a água.

Naquele momento, eu soube quem ele era. O diabo.

O diabo puxou o corpo da mulher para a água e enfiou-lhe a cabeça

dentro de água.

E eu parei de respirar.

Ele afogou-a.

Ele afogou-a.

O diabo tinha afogado uma mulher, na margem de Harper Creek.

Eu sabia que ela estava morta. Ela lutara enquanto o diabo lhe mantivera a cabeça debaixo de água. O diabo arrastara-a até à beira do lago e mantivera a sua cabeça debaixo de água.

De início, a mulher lutara, arranhando-o, esforçando-se para atacar o diabo. O corpo da mulher apertou-se contra o dele, mas cada vez que o diabo lhe voltava a levantar a cabeça do lago, a sua boca inalava e exalava, sufocando com a água, esforçando-se por respirar. O diabo empurrou-a mais profundamente dentro de água, fazendo-a saltar. A água chegava ao pescoço do diabo, e eu já não conseguia ver a mulher.

— Não me deixes — implorou ele, suplicante. — Não me deixes, Julia.

Eu devia ter desviado os olhos.

Eu não conseguia desviar os olhos.

Ela estava totalmente submersa, e tudo o que vi foi a escuridão do diabo.

Ele puxou a mulher flácida para fora da água, de volta para a margem, e não parava de falar com ela.

— Como é que pudeste fazer-me uma coisa destas? Como é que pudeste fazer-nos isto?

Ele pegou na mão esquerda da mulher e tirou-lhe a aliança do dedo. Depois, enfiou-a no seu dedo.

Ele matou a mulher.

Ele matou-a.

Também o vi a aperceber-se das suas ações, a aperceber-se daquilo que fizera. Começou a abanar a mulher, o seu corpo flácido.

— Julia — choramingou ele. — Julia, acorda. — O homem caiu no chão ao lado dela e abanou-a, tentando fazê-la regressar, mas não conseguiu. Começou a soluçar sobre o corpo dela. — Por favor, volta.

Recuei, e parti um ramo. Ele levantou a cabeça.

Ele matara aquela mulher, e agora estava a olhar para mim.

Não olhe para mim.

As minhas mãos fecharam-se, a minha mente girou. Tropecei para trás, partindo todos os ramos que as minhas sandálias pisavam. As minhas costas bateram contra o tronco da árvore mais próxima, enquanto os olhos castanho-chocolate do diabo dançavam

sobre o meu corpo. Uma expressão dura surgiu-lhe nos olhos, e ele soltou a mulher.

— Ei! — gritou ele, olhando para mim. — Ei, o que é que estás a fazer? — Aproximou-se de mim.

Os seus pés arrastaram-se na minha direção, a sua roupa a pingar.

Não saias sozinha, Maggie May. Percebeste? Não podes sair sem a tua irmã.

As palavras da minha mãe continuavam a revirar-se na minha cabeça. Ele aproximava-se cada vez mais, e eu gritei, afastando-me dele. Comecei a correr o mais depressa que consegui, voando por entre os ramos, sentindo o coração a martelar-me o peito.

Os seus passos tornaram-se mais altos, mas não consegui olhar para trás. Ele estava a correr atrás de mim. Mais perto, mais perto, mais perto. *Corre, Maggie.* Mais depressa, mais depressa, mais depressa. *Corre!*

Um puxão no meu vestido fez-me cair para trás, a papoila no meu cabelo voando para o solo. Os seus dedos apertaram-me o vestido, e ele atirou-me ao chão. A minha respiração entrava e saía, e gritei quando ele se lançou para cima de mim, colocando todo o seu peso em cima do meu corpo, as suas mãos sujas a taparem-me a boca, silenciando os meus gritos.

Dei-lhe pontapés e gritei, gritei e dei-lhe pontapés. Ele ia matar-me.

Ele ia matar-me.

Por favor, não.

Lágrimas corriam-me pelo rosto enquanto eu lutava.

— Não devias estar aqui — sussurrou ele, começando a soluçar.

— Não devias ter visto o que se passou. Foi um erro. Eu não-queria...

Não!

Ele pôs a mão à volta do meu pescoço, sufocando-me, tornando quase impossível eu respirar. Ele estava a chorar. Chorava muito.

Estava a chorar, e desculpou-se. Pediu desculpa por me magoar,

pediu desculpa por colocar alguns dedos num dos lados do meu pescoço, dificultando a minha capacidade de respirar. Disse que a amava, disse que fora o amor que lhe fizera aquilo a ele, a ela.

Jurou que nunca a magoaria. Jurou que nunca magoaria a mulher que já matara.

— Não devias estar aqui, mas agora estás — disse ele, baixando o rosto até junto do meu. — Lamento. Lamento imenso. — Cheirava a tabaco e a alcaçuz, e o seu antebraço tinha uma tatuagem enorme, com duas mãos em oração e o nome de uma pessoa por baixo. — Como é que chegaste aqui? — perguntou.

A sua boca estava a centímetros da minha, e ele abanou a cabeça enquanto eu abria a boca para gritar pelo Brooks, rezando para que ele me ouvisse, para que me encontrasse. Ele pôs um dedo em cima da minha boca, depois pressionou os lábios contra os seus dedos, e emitiu um som baixo.

— Shh — sussurrou. Os meus olhos estavam arregalados de medo. — Por favor, não grites. Foi um acidente. — Ele moveu os lábios até à minha testa, e pressionou a boca contra a minha pele.

— Shh — repetiu. Os seus lábios viajaram até ao lóbulo da minha orelha, e senti a sua boca tocar-me antes de ele sussurrar pela última vez. — Shh...

Perdi-me.

Naquele momento, ele roubou-me a minha própria pessoa. Sentime suja.

Senti-me usada.

Senti-me presa.

— Maggie May! Onde é que estás? — gritou o Brooks, a sua voz afastando o diabo dos seus pensamentos.

Ele afastou-se de mim e desatou a correr.

Levantei-me cambaleante e não me dei ao trabalho de sacudir a terra, as folhas e os ramos presos na minha roupa. Estava molhada.

As suas roupas molhadas tinham-me ensopado e eu também estava molhada. Com muito esforço, comecei a correr. Corri. Corri o mais

depressa que consegui, em direção ao som da voz do Brooks.

Quanto mais a sua voz aumentava, mais o meu coração disparava.

— Céus, Maggie! Trouxe a estúpida da gravata roxa porque eras contra a gravata cor de lama, e deixaste-me pendurado! Mal consigo acreditar nisto!

Quando os meus olhos viram as suas costas, ele estava a dar pontapés na relva e a murmurar para si mesmo.

Brooks.

Quando se virou para mim, qualquer irritação que ele pudesse ter sentido desapareceu, e foi substituída por uma preocupação intensa. Enquanto corria na sua direção, tropecei nos meus próprios pés, e os seus braços estenderam-se, apanhando-me.

— Calma, Maggie, o que é que aconteceu?

Abri a boca para falar, mas a única coisa que ouvi na minha cabeça foi o som do diabo a mandar-me calar, pressionando a sua pele contra a minha, pressionando o seu dedo contra os meus lábios. Contra a minha testa. Contra o lóbulo da minha orelha.

Contra mim. *Ele ia matar-me.*

Ouvi um farfalhar atrás de nós e saltei, os meus olhos arregalados enquanto me apertava com toda a força contra o Brooks, em busca de proteção.

— Maggie, tudo bem. Foi só um esquilo. O que é que te assustou? O

que é que te aconteceu? — Não consegui proferir nenhuma palavra. Os meus dedos agarraram a *T-shirt* do Brooks, puxando-o para mais perto de mim. Ele não fez nenhuma pergunta, mas apertou-me com força. — Está tudo bem, Maggie. Tu estás bem.

Solucei contra a sua *T-shirt*, e ele apertou-me com mais força.

4

MAGGIE

Pestanejei.

As luzes já eram suficientemente brilhantes, e a enfermeira continuava a apontar-me uma lanterna aos olhos. Ao meu nariz. Aos meus ouvidos. À minha boca.

Pestanejei.

O meu pai tinha lágrimas nos olhos, mas elas não caíam. Estava encostado à parede, a mão fechada num punho, o punho apoiado na boca, a boca sem proferir palavras.

Pestanejei.

A minha mãe chorou quando a enfermeira mencionou um teste de violação. Eu não sabia o que era aquilo, mas fez a minha mãe soluçar.

Pestanejei.

A enfermeira passou um cotonete por todo o lado. Os meus lábios, as minhas faces, as minhas coxas, as minhas...

Pestanejei.

Ela revolveu-me o cabelo. Folhas caíram. Encontrou sangue.

O meu pai começou a chorar baixinho.

Pestanejei.

Ela cortou-me o vestido e sacudiu-o. Terra caiu. O vestido estava sujo. Eu estava suja. Por todo o lado. A minha papoila tinha desaparecido. Onde é que a minha flor tinha desaparecido? Ela começou a tirar a sujidade das minhas unhas. O meu verniz estava arruinado. As minhas unhas estavam arruinadas. Eu estava arruinada.

Pestanejei.

Levaram-me para o carro. Enrolei-me numa bola. As luzes da rua brilhavam, vermelhas e verdes. As amarelas estavam desfocadas.

Vi o rosto dele em pensamento.

Pestanejei.

Quando chegámos a casa, o Calvin e a Cheryl estavam no alpendre. Não disseram nada. Eu também não.

Pestanejei.

Os meus pais levaram-me para o quarto deles e eu chorei nos seus lençóis, tremendo, sentindo-me suja, partida, usada.

Assustada. Tão assustada.

Shh...

Shh...

Tinha a enfermeira conseguido senti-lo? Teria ela sentido o sabor dele nos meus lábios? O sabor da sua pele na minha? Teria ela...?

Pestanejei.

Fechei os olhos. Eu não queria sentir. Não queria existir. Não queria voltar a pestanejar. Mantive os olhos fechados. Não queria ver, mas continuava a ver. Via-o a ele. Sentia-o a ele. Sentia o seu sabor.

Ficou tudo mais escuro.

Transformou-se tudo em sombras.

Ficou tudo preto.

5

MAGGIE

A minha mãe calcorreava o quarto dela e do meu pai, retorcendo as mãos. Sentei-me na borda da cama, ouvindo os seus saltos altos a baterem no soalho de madeira. Parecia-me estar sentada num monte de penas, e era quase impossível não me afundar naquela maciez. Também me sentia cansada, por isso aquilo era uma má combinação.

Os meus olhos esforçavam-se por se manterem abertos, embora nos últimos tempos sonhar me parecesse melhor do que ficar acordada. O único problema com os sonhos é que às vezes se transformavam em pesadelos e, nos últimos tempos, estava a afogar-me em pesadelos.

— Há dias que não falas, Maggie May — repreendeu-me a minha mãe.
— Nem uma única palavra. O teu pai e eu estamos aterrorizados.

O seu cabelo cor de caramelo caía-lhe abaixo dos ombros, e ela enfiava-o constantemente atrás das orelhas. Quando não estava a mexer no cabelo, as unhas bem tratadas dançavam nos seus antebraços, cravando-se na pele. Mostrava-se sempre preocupada, enquanto continuava a calcorrear o quarto. Eu queria que o meu pai estivesse em casa, e não a trabalhar. Normalmente, ele conseguia evitar que a minha mãe entrasse em pânico.

— O que é que aconteceu, Maggie? — perguntou ela. — O que é que estavas a fazer naquele bosque? O teu pai e eu dissemos-te...

pedimos-te para não te afastares.

Os meus dedos cavaram um dos lados do colchão, e baixei a cabeça.

— Já passava da hora a que devias ter voltado — sussurrou ela, um tremor na voz. — Eu implorei-te para estares em casa quando as luzes da rua se acendessem, não implorei? — Começou a

gaguejar, o que era estranho, porque ela mostrava-se sempre muito composta e falava muito bem. — Disse-te que não podias estar fora de casa à noite, Maggie May.

Os meus lábios voltaram a separar-se para falar, mas não saiu nenhuma palavra. A minha mãe virou-se e mordeu o lábio inferior.

Cruzou os braços e enfiou as mãos debaixo das axilas antes de avançar na minha direção. Desviei os olhos dela.

— Olha para mim, Maggie — ordenou ela.

Abanei a cabeça.

Algumas lágrimas escorreram-me pelo rosto, e tremi.

— Maggie May, quando eu disser para olhares para mim, tens de me ouvir! — A sua voz estava tensa pelo pânico, quase como se estivesse com medo de que a sua menina tivesse partido e nunca mais voltasse.

Talvez não o faça. Talvez tivesse caído tão profundamente dentro da minha própria mente que nunca mais teria de me lembrar como era sentir, magoar-me, ir-me abaixo, respirar. Os olhos doíam-me por estar acordada há tanto tempo, mas aquela dor nem sequer se aproximava da dor que me apertava o peito. Nos ouvidos, ainda conseguia ouvir os gritos da mulher a ser atacada. Na cabeça, ainda conseguia vê-la a lutar pela vida; e no coração, ainda conseguia sentir o monstro contra a minha alma.

Algumas lágrimas caíram-me pelo rosto, e o meu corpo tremeu.

— Oh, querida — exclamou a mãe. Os seus dedos deslizaram sob o meu queixo, e ela inclinou a minha cabeça para cima. —

Palavra a palavra, conta-me o que aconteceu. O que é que te aconteceu naquele bosque?

Pelo canto do olho, vi o Calvin e o Brooks no corredor, a escutar a nossa conversa. Estavam encostados à parede, a olhar para nós.

Os olhos do Brooks pareciam muito tristes, mais tristes do que eu pensava ser possível. Os dedos do Calvin estavam firmemente apertados em punhos, com os quais ele batia repetidas vezes na parede atrás dele. A mãe seguiu o meu olhar e, quando viu os rapazes, eles afastaram-se. No entanto, eu tinha a certeza de que

não se tinham afastado muito. Naqueles últimos dias, aqueles dois não tinham saído do meu lado.

No entanto, com a Cheryl passava-se o contrário. Ela parecia ter medo de se aproximar de mim. Agia como se eu tivesse algum tipo de doença que ela podia apanhar se olhasse na minha direção. Eu ouvira-a a chorar na outra noite porque tivera de perder o seu recital de dança. A culpa era minha, porque os nossos pais não me queriam deixar sozinha.

— Maggie May — sussurrou a mãe.

Virei a cabeça para longe dela, e ela voltou a suspirar.

— Por favor, Maggie. Fala. Não sei como te ajudar se não me contares o que se passou. — Continuou a implorar-me para eu lhe dizer alguma coisa, mas eu não podia fazê-lo. A minha garganta estava seca. Talvez precisasse de água gelada. Precisava de algo que me soltasse, algo que fizesse as palavras voarem por entre os meus lábios, mas não conseguia mexer-me. — Não compreendo!

Não percebo porque é que não falas comigo. Tens de me dizer, querida, porque estou a pensar em coisas muito más. Alguém te magoou? Alguém... — Não conseguia proferir as palavras, mas eu sabia o que estava a perguntar-me. — Conta-me o que se passou, mesmo que alguém te tenha magoado, querida. Juro que não vou zangar-me. Só quero saber se alguém te magoou. — Engoliu em seco. — Se alguém te magoou, podes limitar-te a acenar com a cabeça, querida. Podes dizer-me — sussurrou ela. — Lembras-te de quando falámos acerca de segurança? E de como as pessoas não podiam tocar-te, e, se o fizessem, terias de contar tudo ao teu pai e a mim? Foi isso que aconteceu? Quero dizer, eu sei que os médicos verificaram, mas os testes... demoram tempo. Alguém... — A voz voltou a falhar-lhe.

Baixei a cabeça. O desconhecido não me tinha violado fisicamente, e eu sabia que era isso que ela me estava a perguntar.

Apesar disso, verdade seja dita, ele tinha-me violado de todas as outras maneiras possíveis. Tinha violado a minha inocência.

A minha juventude.

A minha voz.

Quando testemunhei o seu ato de horror, e quando ele tentou matar-me, o homem roubara tanto da minha pessoa. Ele roubara tanto da minha alma.

No entanto, abanei a cabeça à minha mãe. Ele não me tinha violado fisicamente.

A mãe soltou um suspiro de alívio, antes de irromper em soluços incontroláveis. Tapou o rosto com as mãos enquanto tremia violentamente, e as suas palavras eram difíceis de entender.

— Porque é que não falas? — perguntou ela.

Porque não me resta mais nada para dizer.

— Acho que, por agora, já chega, Katie — disse uma voz.

Levantei os olhos e vi o meu pai parado na soleira da porta, a olhar para a minha mãe e para mim. Ele devia ter chegado a casa mais cedo, para tratar dela. A mãe ficava sempre melhor quando ele estava por perto.

Ela aproximou-se dele, e em segundos os braços do meu pai tinham

envolvido a sua pequena estrutura. Ele sussurrou-lhe algo ao ouvido, e pareciam ser as palavras certas, porque ela parou de chorar e assentiu, concordando com a voz suave do meu pai.

Passados alguns minutos, disse que precisava de ar e saiu do quarto.

O meu pai aproximou-se de mim, ajoelhou-se e lançou-me o seu melhor sorriso retorcido.

— Maggie May?

Sim, paizinho?

— O mundo continua a girar porque o teu coração continua a bater — prometeu ele. O seu nariz roçou no meu, dando-me um dos seus beijos à esquimó. — E vai ficar tudo bem. Sabes porquê?

Abanei a cabeça, e ele continuou.

— Porque nenhum de nós está sozinho. Tens uma família que te ama, e que estará sempre aqui para ti. Percebeste, querida?

Percebi, paizinho.

Ele sorriu, como se tivesse ouvido as palavras que eu não proferira.

— Que tal se, mais tarde, formos comer um gelado de iogurte?

Acho que será bom sairmos. O que achas?

Sim.

O seu sorriso abriu-se mais, como se ele me tivesse voltado a compreender.

Talvez os pais soubessem sempre as coisas que os seus filhos estavam a pensar. Talvez fosse alguma espécie de sexto sentido.

Senti-me grata pelos superpoderes do meu pai.

Ele foi ver como é que a minha mãe estava e eu fiquei no seu quarto, sentada no colchão de penas, e deixei-me afundar na sua maciez. Deitei-me, as minhas pernas penduradas na borda da cama, e fechei os olhos. Ultimamente, os meus ouvidos estavam mais conscientes de cada ruído que se aproximava de mim, do vento que batia contra as macieiras no jardim, até da mosca que zumbia na casa de banho na extremidade do corredor.

Os meus olhos abriram-se antes de as palavras saírem da boca do Brooks. Ouvi os seus passos suaves a aproximarem-se do quarto. Os passos do Calvin eram sempre pesados, como se ele colocasse todo o seu peso em cada passo, mas os do Brooks eram muito mais suaves, quase como se ele andasse na ponta dos pés.

Perguntei-me se os seus passos seriam sempre assim, ou se ele adotara aqueles movimentos suaves nos últimos dias. Estaria a mentir se dissesse que, anteriormente, já me tinha apercebido do som dos seus passos. Perguntei-me quantas coisas as pessoas perdiam quando estavam ocupadas a falar demais.

— Estás bem, Maggie? — perguntou, parado na soleira da porta.

Não me sentei, mas a minha cabeça virou-se na sua direção.

Quando os nossos olhos se encontraram, o seu peito desabou e os seus ombros descaíram. Ele tinha as mãos firmemente enfiadas nos bolsos das calças de ganga.

— O Calvin e o teu pai estão lá fora, a ver como está a tua mãe.

Ela pediu-me para eu ir para casa e eu disse-lhe que ia, mas não



consegui ir sem te ver, para saber se há alguma coisa que eu possa fazer.

Encolhi os ombros. Ele franziu a testa.

— Posso entrar? — perguntou.

Assenti. Ele franziu um pouco mais a testa.

O Brooks sentou-se na cama, antes de se inclinar e se deitar ao meu lado. A minha cabeça ainda estava virada para ele, e a dele estava agora virada para mim.

— A tua mãe disse que não falas. Disse que não tens nada para dizer, mas acho que é mentira. Acho que tens muita coisa a dizer, mas não sabes como o fazer.

Uma lágrima solitária caiu-me pelo rosto, e desviei a cara para o outro lado para evitar que ele me visse chorar. Apesar disso, ele testemunhou aquela lágrima solitária. Deixei as restantes lágrimas

correrem, com o rosto desviado dele e afundado na almofada da minha mãe.

Ele falou em voz baixa.

— A culpa é minha, sabias? Eu devia ter-me encontrado contigo no bosque para o nosso ensaio, mas perdi demasiado tempo a escolher uma gravata de que fosses gostar. Sei que provavelmente pensaste que eu te tinha deixado pendurada, mas não deixei, Maggie May. Juro que ia encontrar-me contigo, e quando lá cheguei, não te encontrei em lado nenhum. Lamento imenso.

Mais lágrimas caíram-me dos olhos, enquanto ouvia o Brooks a fungar.

Ele continuou a falar.

— Lamento mesmo muito. Desculpa, desculpa...

Ficámos assim durante mais alguns minutos. Lágrimas continuavam a cair-me dos olhos, e ele não tentou convencer-me a parar de chorar. Pode ter sido imaginação minha, mas durante um bocado pensei ter ouvido o Brooks a chorar ao meu lado.

— Quem quer gelado? — perguntou o meu pai, entrando no seu quarto, o quarto do qual o Brooks e eu ainda não tínhamos saído.

Eu não sabia quando é que isso acontecera, mas, nalgum momento, o Brooks e eu tínhamos dado as mãos, e eu ainda não tinha encontrado forças para me afastar da sua mão. Sentámo-nos ambos, e o Brooks afastou rapidamente a mão da minha.

— Eu adoraria gelado! — gritou ele.

A minha mãe entrou, e franziu a testa atrás do meu pai.

— Brooks, já não vais a casa há algum tempo. Talvez devesse voltar. Acho que precisamos de um pouco de tempo sozinhos em família, se não te importares.

A minha mãe não queria ser desagradável, mas percebi pela maneira como o Brooks sorriu que ela lhe ferira ligeiramente os sentimentos.

Era possível que a maior parte das pessoas achasse que era um sorriso normal, mas eu sabia que era o sorriso que ele esboçava quando estava um pouco envergonhado.

— Claro, senhora Riley. Desculpe. Então vou indo. — Virou-se para

mim e lançou-me um sorriso de lado. — Hoje vais ficar bem, Maggie May?

Desde o incidente que ele me perguntava aquilo todos os dias.

Assenti, devagar.

Estou bem, Brooks.

Ele levantou-se da cama e preparou-se para sair do quarto, mas o meu pai pigarreou.

— Acho que pode ser bom se o Brooks se juntar a nós para comer gelado.

— Eric! — protestou a minha mãe, mas o meu pai colocou uma mão reconfortante no seu ombro.

— Quero dizer, só se a Maggie achar que está tudo bem —
terminou ele, olhando para mim.

Os olhos do Brooks dispararam na minha direção, cheios de esperança, e era-me impossível dizer que não. Afinal, ele ouvira o

meu silêncio. Depois de eu ter concordado, calçámo-nos e dirigimo-nos à parte da frente da casa. Quando todos saíram, parei na porta.

A minha mente entrou em pânico e o meu peito apertou-se. E se ele ainda estivesse lá fora? E se estivesse à minha espera? E se estivesse à espera para me magoar? Ou estivesse a magoar outra-pessoa, ou...?

— Maggie — disse a minha mãe, olhando para mim. Ela ergueu uma sobrancelha. — Vamos, querida.

Esforcei-me ao máximo para sair de casa. Dei o meu melhor para continuar a avançar, mas o pânico era esmagador. Cada vez que a minha mente me dizia para avançar, de algum modo eu recuava.

— O que é que estás a fazer? — perguntou o Calvin, olhando para mim como se eu tivesse perdido a cabeça.

Estavam todos a olhar para mim da mesma maneira.

Será que sim?

Será que perdera a cabeça?

Consigno ouvi-lo a fazer-me calar, pensei. Ele consegue ver-me.

Ele pode magoar-me.

Recuei cada vez mais, e embati contra uma parede, o que me fez saltar de susto. Eu não podia sair. Não estava em segurança lá fora.

Eu sabia que não estava, e aquilo que mais queria era sentir-me em segurança.

O mundo era assustador e, nos últimos tempos, eu tinha mais medo do que força.

— Vamos lá, Maggie — gemeu a Cheryl. — Estás a dar cabo de tudo.

A mãe beliscou o braço da Cheryl.

— Para com isso, Cheryl Rae!

No entanto, ela tinha razão. Eu estava a dar cabo de tudo.

Lamento. Lamento. Recuei mais um passo e, antes de me aperceber, os meus pés tinham partido, correndo de volta para o quarto dos meus pais. Era o lugar mais seguro que eu conhecia, e eu não sabia como sair dali. Rastejei sob os cobertores, o meu corpo a tremer violentamente. Não conseguia respirar. Não

conseguia afastar todos os barulhos da minha cabeça. Não conseguia desligar o meu cérebro.

Quando os cobertores se moveram, agarrei as pontas, lutando para o manter afastado de mim. *Ele encontrou-me, ele encontrou-me.*

Senti-me aliviada quando encontrei os olhos do meu pai. Os meus olhos estavam arregalados de pânico, e quase consegui sentir a preocupação a dançar-lhe na pele. Ele enfiou-se debaixo dos cobertores e sentou-se ao meu lado. Eu não conseguia parar de tremer.

Shh...

Shhh...

Os sons do diabo tinham envenenado as minhas memórias. Cada pensamento que tinha era seguido pela recordação dos sons que ele emitira quando me mandara calar. Eu não podia sair de casa. Se o fizesse, ele iria ver-me. Não conseguia falar. Se o fizesse, ele ouvir-me-ia.

— Vamos encontrar uma solução, Maggie — disse o meu pai, abraçando-me. — Não importa como, vamos encontrar uma solução.

Era a primeira vez que o meu pai me mentia.

Quando ele se levantou para ir falar com a minha mãe no corredor, apertei melhor os cobertores à minha volta. Não conseguia parar de tremer enquanto ouvia a minha mãe a exprimir os seus receios mais profundos.

— E se ela nunca mais recuperar? E se nunca mais for ela mesma? O que é que as pessoas vão pensar? O que é que as pessoas vão dizer?

— Desde quando é que nos importamos com aquilo que as-pessoas dizem?

— Sempre, Eric. Importamo-nos sempre com aquilo que as pessoas pensam a nosso respeito.

Era a primeira vez que eu sentia uma fenda nos alicerces do amor dos meus pais.

E era tudo por minha causa.

6

BROOKS

— Estúpida gravata cor de lama. Estúpida gravata roxa. Estúpida, estúpida, idiota! — murmurei, atirando todas as gravatas para dentro da gaveta de cima da minha cómoda.

Eu odiava as gravatas porque elas me tinham atrasado. Odiava-as por serem o motivo pelo qual a Maggie ficara sozinha no bosque.

Quando empurrei a gaveta para a fechar, fiquei ainda mais irritado quando não se fechou por estar demasiado cheia.

— Arrgg! — gritei, batendo com o punho contra a gaveta. —

Odeio-te! Odeio-te!

Pontapeei a cómoda com toda a força, o que só me magoou, e tive de esfregar o dedo do pé.

— Está tudo bem, Brooks? — perguntou a minha mãe, entrando com uma expressão preocupada.

Já estava vestida com o seu uniforme para ir trabalhar no hospital, onde era enfermeira, e a maneira como olhava para o relógio dizia-me que estava atrasada.

— Estou bem — resmunguei, coxeando até à cama, onde me sentei a esfregar os dedos do pé.

Ela aproximou-se de mim e pousou as costas da mão na minha testa.

— O que é que se passa, querido?

— Nada — murmurei. — Vais atrasar-te.

Ela tirou o relógio e colocou-o atrás das costas. Em seguida, lançou-me um sorriso.

— Não te preocupes. Vamos conversar antes de ir. Sei que passaste por muito, depois do que aconteceu à Maggie.

— Não. Não é isso. Eu simplesmente não conseguia fechar a gaveta. — O meu rosto estava a aquecer, e as minhas mãos

estavam apertadas. — E a culpa é das estúpidas das gravatas — sussurrei, por entre dentes cerrados.

— As gravatas?

— Sim! Tirei todas as estúpidas das gravatas da gaveta, e agora não consigo voltar a arrumá-las, por isso dei-lhe um pontapé e magoei-me.

— Para começar, porque é que precisavas das gravatas?

— Porque... — hesitei, e ergui uma sobrancelha para a minha mãe. — Vais chegar superatrasada.

— Não te preocupes. — Ela sorriu, e passou os dedos pelo meu cabelo. — Eu fico bem. Diz-me o que realmente te incomoda.

— Bem... eu devia ter-me encontrado com a Maggie no bosque, para o nosso ensaio.

— Ensaio?

— Para o nosso casamento.

— Vocês iam casar-se?

Corei ainda mais, e olhei para o chão. Como é que eu não contara à minha mãe que ia casar-me? A Maggie contara a toda a gente, e eu? A ninguém.

— Sim, bem, não sei. Foi uma ideia estúpida da Maggie. Eu só alinhei na história porque o Jamie me obrigou a fazê-lo. De qualquer maneira, a Maggie disse-me para escolher uma gravata e ir ter com ela ao bosque, o que devia ter sido fácil, mas passei demasiado tempo a escolher uma gravata. Portanto, ela estava no bosque sozinha, e o que quer que lhe tenha acontecido enquanto lá estava foi por minha causa. Eu fui o motivo por ela se ter assustado, porque eu estava atrasado para me encontrar com ela junto das árvores retorcidas.

— Oh, querido. — A minha mãe suspirou e começou a esfregar-me as costas. — A culpa não foi tua.

— Foi, sim. A culpa foi minha por não estar lá para a proteger, e agora ela não fala nem sai de casa, porque houve alguma coisa que a assustou, e eu devia ter lá estado para o evitar, para a salvar.



— Brooks... — A minha mãe baixou a voz, e juntou as mãos. — O

que aconteceu à Maggie foi trágico, mas a culpa não foi tua. Se aprendi alguma coisa na vida é que não ajuda sentarmo-nos e repassarmos uma situação repetidas vezes na nossa cabeça. Não podes mudar o passado, mas podes moldar o futuro com o presente. Sabes como podes ajudar a Maggie com o presente?

— Como? — perguntei ansioso, endireitando-me. Eu faria qualquer coisa para a ajudar.

— Sê seu amigo. Provavelmente, ela agora está muito assustada e confusa. Se calhar, até mesmo sozinha. Ela não precisa que tenhas pena dela, querido. Só precisa de um amigo. Alguém que, de vez em quando, passe pela sua casa e veja como ela está. Alguém que lhe pergunte se está bem. Alguém que lhe diga que não está sozinha.

Sim. Um amigo.

— Eu posso fazer isso. Acho que posso ser um bom amigo.

Ela riu-se um pouco e inclinou-se para a frente, beijando-me na testa.

— Eu sei que podes. Espera um pouco, deixa-me ir buscar-te uma

coisa. — Saiu do quarto a correr e, quando voltou, a sua mão esquerda estava apertada num punho. Sentou-se ao meu lado e abriu a mão, para revelar um pendente com uma âncora pendurado num fio. — O teu pai deu-mo quando éramos jovens, depois de o meu pai morrer, e prometeu estar presente sempre que eu precisasse dele. Ele disse que seria a minha âncora quando eu sentisse que estava a afastar-me. Sempre foi um amigo incrível, e continua a sê-lo. Talvez possas dá-lo à Maggie, para a fazer sorrir.

Peguei no colar da minha mãe e agradeci-lhe. Ela ajudara-me mais do que imaginava, e se aquela âncora fizesse a Maggie sorrir, então era dela. Eu faria qualquer coisa para que os seus belos sorrisos feios regressassem ao mundo.

— Hoje estás bem, Maggie May? — perguntei, a segurar o meu MP3, parado no exterior do quarto da Maggie.

Quando cheguei, ela estava parada junto da janela, a olhar para a rua. Virou-se lentamente na minha direção, e envolveu o corpo com os braços. Os seus olhos pareciam tristes, o que também me deixou triste, mas não o mostrei. Só esbocei um pequeno sorriso.

— Hoje estás bem? — repeti.

Ela assentiu devagar, e percebi que era mentira, mas tudo bem.

Ela podia ter todo o tempo de que precisava para ficar bem, eu não me importava. Eu não ia a lugar nenhum.

— Posso entrar?

Ela voltou a assentir.

Quando entrei, endireitei a gravata — a verde, que ela adorava.

As minhas mãos estavam transpiradas contra o MP3, e funguei quando nos sentámos na sua cama. Não sabia o que dizer. Quero dizer, na maior parte das vezes, quando as pessoas são amigas, ambos os lados conversam. Quanto maior era o silêncio, mais nervoso eu ficava. Os meus pés começaram a bater no chão, e observei as mãos da Maggie apertadas e pousadas no seu colo. A sua pele estava extremamente pálida, os seus olhos muito pesados e, naquele momento, senti falta dela. Senti falta da única coisa que me incomodara durante tanto tempo.

Senti falta da sua voz.

— Posso voltar a pegar-te na mão? — perguntei.

Ela fez deslizar a mão esquerda para a minha direita, e eu suspirei. Os seus dedos pareciam feitos de gelo.

— Aperta a minha mão uma vez se a resposta for não, e duas vezes se for sim, OK?

Ela concordou, e fechou os olhos.

— Estás assustada?

Dois apertos.

— Estás triste?

Dois apertos.

— Queres ficar sozinha?

Um aperto.

— Achas que talvez... achas que eu podia ser teu amigo? —

sussurrei.

Os seus olhos abriram-se e focaram-se nos meus. Perguntei-me se os seus batimentos cardíacos combinavam com os meus —

selvagens, enlouquecidos, em pânico.

Ela olhou para as nossas mãos, e apertou uma vez. Depois, voltou a apertar e o meu coração explodiu.

Soltei a inalação que estava a conter.

Enfiei a mão livre no bolso e tirei o colar da minha mãe.

— Isto é para ti. É um colar de amizade. Uma âncora. Prometo ser teu amigo, e também ser um bom amigo. Quero dizer, vou tentar o meu melhor. Serei a tua âncora. Vou ajudar-te a manteres-te concentrada quando sentires que estás a afastar-te. Eu só... —

suspirei, olhando para o pendente na minha mão. — Quero que voltes a sorrir. Quero que tenhas as coisas que sempre quiseste ter, e também vou esforçar-me muito para ter a certeza de que vais consegui-las, mesmo que seja um cão chamado *Skippy* e um gato chamado *Jam*.

Quero que saibas... — Voltei a suspirar, porque sempre que os seus olhos lacrimejavam o meu peito doía-me muito.

— Preciso que saibas que, mesmo que decidas nunca mais falar, irás ter sempre alguém por perto para te ouvir, Maggie. Está bem?

Eu estarei sempre aqui para ouvir o teu silêncio. Então, queres isto?

Queres o colar?

Ela apertou-me a mão duas vezes, e um sorriso ligeiro, quase inexistente, iluminou-lhe o rosto.

— Se quiseses, podemos ouvir a minha música juntos. Sei que disse que nunca te deixaria ouvi-la, mas quero dizer que podes fazê-lo, se quiseses. Ontem à noite, o Jamie criou uma nova lista de músicas no seu computador, e eu passei-as para o meu MP3. Não sei o que ele escolheu, mas podemos ouvir as músicas juntos.

Ela voltou a apertar-me a mão duas vezes. Dei-lhe um dos lados dos auscultadores e peguei no outro. Deitámo-nos de costas na sua cama, com os pés pendurados na borda. Pressionei o *play* no MP3,

e a música que começou a tocar foi a «Low» dos Flo Rida ft. T-Pain.

Céus, Jamie. Não era a música perfeita para o momento. Mudei-a, mas a Maggie apertou-me a mão uma vez, detendo-me. Tinha os olhos fechados e algumas lágrimas caíram-lhe pelas faces, mas posso jurar que vi um ligeiro sorriso. Era tão ligeiro que algumas pessoas provavelmente pensariam que não passava de um esgar, mas eu sabia que não o era.

O peito doeu-me ao ver aquele ligeiro sorriso nos seus lábios.

Fechei os olhos e algumas lágrimas também me caíram dos olhos, enquanto ouvíamos os Flo Rida. Não sabia porquê, mas sempre que ela chorava eu também o fazia.

Naquele momento, percebi que ela sempre tivera razão.

Ela estivera certa a meu respeito, a seu respeito, a nosso respeito.

Ela iria ser a rapariga que eu amaria para sempre.

Por mais que a vida tentasse mudar-nos.

PARTE DOIS

MAGGIE

15 de maio de 2016 — dezoito anos

A minha mãe e o meu pai tinham deixado de dançar.

Nos últimos dez anos, eu reparara em muitas alterações entre ambos, mas aquela era a mais triste. Ainda se abraçavam todas as manhãs e, todos os dias antes de ir trabalhar na universidade, o meu pai beijava-lhe sempre a testa. Ao sair pela porta da frente, ele dizia sempre, «Amo...», e a minha mãe terminava a frase por ele,

«... -te».

Ainda se amavam, mas já não dançavam.

Normalmente, à noite, a minha mãe passava o tempo ao telefone, conversando a meu respeito com as suas melhores amigas da faculdade, com diferentes terapeutas, a ler artigos *online* ou a pagar contas. O meu pai sentava-se na sala de estar a avaliar uma pilha de trabalhos dos seus alunos de pós-graduação, ou a ver *A Teoria do Big Bang*.

No passado, o meu pai costumava pôr a música do casamento, mas agora a minha mãe estava demasiado cansada para dançar com ele.

— Danças comigo? — perguntava ele.

— Esta noite, não. Dói-me a cabeça, Eric — respondia ela.

Ela nunca o soube, mas eu via como o meu pai franzia sempre a testa quando ela se afastava.

— Amo... — dizia ele, olhando para as costas dela.

— ... -te — murmurava ela, por força de hábito.

Quando olhava para o cimo das escadas, e me via, ela franzia a testa. Franzia-me sempre a testa, como se eu fosse a imperfeição no retrato da família.



— Cama, Maggie May. Amanhã tens de te levantar cedo para a escola.

Às vezes, ficava a olhar para mim, à espera de algum tipo de resposta. Depois, quando não obtinha nenhuma, suspirava e afastava-se, mais cansada do que estivera um momento antes.

Era difícil saber o quanto eu a esgotava.

Era ainda mais difícil saber o quanto eu me esgotava.

— Estás bem, querida? — perguntou o meu pai, enfiando a cabeça no meu quarto.

Sorri.

— Ótimo. — Ele esfregou a barba, agora salpicada de cinzento, com a mão. — Hora da anedota? — perguntou.

O meu pai era um *nerd*, mas da melhor maneira. Era professor de Inglês na Harper Lane University e sabia mais acerca de literatura do que a maior parte das pessoas, mas o seu verdadeiro talento era conhecer as piores anedotas do mundo. Todas as noites contava-me uma horrível.

— O meu professor olhou na minha direção e pediu que lhe dissesse dois pronomes... — deu uma palmada nas pernas, a simular o rolar de um tambor, e depois gritou —, e eu perguntei-lhe

«Quem, eu?».

Revirei os olhos, embora fosse a coisa mais engraçada que já ouvira.

Aproximando-se de mim, beijou-me na testa.

— Boa noite, Maggie. O mundo continua a girar porque o teu coração continua a bater.

Todas as noites, enquanto permanecia deitada na minha cama, ouvia o Calvin a tocar música no fundo do corredor. Ele ficava sempre acordado até tarde, ouvindo música, enquanto fazia os trabalhos de casa, ou passava algum tempo com a Stacey, a sua namorada. Eu sabia sempre quando ela estava com ele, porque se ria como uma rapariga que estava loucamente apaixonada por um

rapaz. Estavam juntos há tanto tempo que cada um deles usava anéis de noivado, que prometiam que ficariam juntos para sempre.

Por volta das onze da noite, eu acordava ao ouvir a Cheryl sair de casa em bicos dos pés, para ir visitar o namorado, Jordan. O Jordan era o

tipo clássico de mau rapaz, acerca do qual eu lera em tantos livros, e a Cheryl estava muito melhor sem ele, mas eu não podia dizer-lho. Mesmo que pudesse fazê-lo, ela não me ouviria.

Nos últimos dez anos, cada um dos membros da minha família encontrara uma maneira de lidar comigo, e com o meu silêncio. O

Calvin tornara-se um dos meus melhores amigos. Passava muito tempo comigo, juntamente com o Brooks, a jogar jogos de vídeo, a ver filmes que não devíamos ver, e a descobrir a melhor música, antes que o resto do mundo a descobrisse.

Depois de ter percebido que eu não ia voltar a falar, a minha mãe quase me cortou da sua vida. Deixou o emprego para me ensinar em casa, mas quase não falava comigo a respeito do que quer que fosse que não estivesse relacionado com a escola. A verdade é que eu achava que ela se sentia culpada pelo que me acontecera. Ver-me todos os dias parecia ser-lhe um pouco difícil, por isso construiu um muro. Não sabia exatamente o que me dizer, e, passado algum tempo, a minha expressão vazia tornou-se demasiado para ela. Às vezes, quando eu entrava numa divisão, ela ia para outro lado. No entanto, eu não a culpava. Ver-me recordava-lhe que ela não reparara que eu saíra de casa para me encontrar com o Brooks, há tantos anos. Ver-me magoava-a.

O meu pai mantinha-se o mesmo, talvez até mais idiota e amoroso que antes. Sentia-me grata por isso. Ele era a minha única constante. Nunca olhava para mim como se eu estivesse quebrada.

Aos seus olhos, eu mantinha-me intacta.

Por outro lado, a Cheryl odiava-me. O ódio podia parecer uma palavra forte, mas era a única que me vinha à mente. Tinha muitos e bons motivos para não gostar de mim. Ao crescer, quase fora colocada em segundo plano por causa dos meus problemas. Houve viagens em família que não puderam ser realizadas; concursos de



talentos a que teve de faltar devido às minhas consultas com terapeutas, em casa; dinheiro que não estava disponível, por causa do dinheiro que os meus pais gastavam comigo. Além disso, como a minha mãe não conseguia olhar para mim, ela estava sempre a olhar para a Cheryl, gritando por pequenas coisas, culpando-a por tudo. Ao chegar à adolescência, não foi uma surpresa para ninguém que a

Cheryl tivesse começado a revoltar-se contra o mundo. O

Jordan era a sua maior rebelião, o seu erro perfeito.

Eu voltava a adormecer ao som da música do Calvin, e depois acordava por volta das três da manhã, quando a Cheryl regressava.

Às vezes, ouvia-a chorar, mas não podia ir ver como ela estava, porque ela gostava mais de mim quando eu me tornava invisível.

— Podes despachar-te?! — gritou o Calvin, parado no corredor e batendo na porta da casa de banho, na manhã seguinte. Tinha o cabelo em pé e as calças do pijama estavam enrugadas, uma perna puxada para cima enquanto a outra se arrastava pelo chão. Tinha uma toalha em cima do ombro, enquanto voltava a bater na porta.

— Cheryl! Vá lá! O Brooks vai chegar a qualquer momento e vou atrasar-me. Sai imediatamente daí. Não há rimel suficiente no mundo que te torne bonita.

Ela abriu a porta e revirou os olhos.

— E não água suficiente no mundo que possa alterar o teu cheiro.

— Oh, boa. Gostaria de saber qual a opinião da mãe a esse respeito, bem como a respeito de te teres escapado ontem à noite.

A Cheryl semicerrou os olhos e passou por ele.

— És a pessoa mais irritante do mundo.

— Também te adoro, mana.

Ela olhou-o com uma expressão desdenhosa.

— Usei a água quente toda. — Ao entrar no seu quarto, olhou para mim, já que a porta do meu quarto estava aberta. — Para onde é que estás a olhar, aberração?

De seguida, entrou no seu quarto e bateu com a porta.

O Calvin olhou para mim e riu-se.

— Mas que raio de sol que ela é. Bom dia, Maggie.

Acenei-lhe.

A minha rotina para me preparar para a escola era bem simples.

Acordava, lia um pouco do meu livro favorito, escovava os dentes, penteava o cabelo, e descia até à sala de jantar para as minhas aulas.

A minha parte favorita do dia era quando o Brooks passava por casa, para me visitar. Todos os dias, quando iam para a escola, ele dava boleia ao Calvin, e como de manhã a Cheryl demorava sempre muito tempo na casa de banho, o Calvin estava sempre atrasado.

O Brooks era uma daquelas pessoas que todos amavam instantaneamente. Apesar de ser um pouco *hipster*, continuava a ser um dos rapazes mais populares da escola. Não era de admirar; ele era esse tipo de rapaz. As pessoas eram viciadas no seu encanto, e por isso tinha sempre uma namorada. A Lacey Palmer era a felizarda do momento, mas havia uma lista de raparigas aguardando ansiosamente a sua vez. Isso também não era surpreendente, já que, além de ser encantador, também era lindo. A sua pele tinha uma tonalidade bronzeada perfeita, braços muscudos, e o seu cabelo ondulado tinha o corte perfeito.

O seu sorriso também era perfeito. Sorria sempre com o lado esquerdo da boca, e ria-se com o lado direito. A sua roupa consistia em *T-shirts* de bandas *indie rock*, que ele colecionava dos concertos para os quais viajava com o Calvin e os seus dois amigos, Oliver e Owen. As suas calças de ganga estavam sempre rasgadas, e presas com um cinto de cabedal que exibia pequenos *pins* com as letras das suas músicas favoritas. No bolso da frente andava sempre com algumas palhetas de guitarra, que, ao longo do dia, fazia passar aleatoriamente por entre os dedos, e os seus *Chuck Taylor* brancos estavam sempre desatados e pintados com marcadores.

Além disso, tinha uma queda por meias que não combinavam. Se usava um par de meias iguais, isso significava que se tinha vestido no escuro.

— Hoje estás bem, Magnete? — perguntou-me ele.

Assenti. Ele fazia aquela pergunta todos os dias, sempre que vinha visitar-me. Depois do incidente que ocorrera há anos, o Brooks prometera tratar de mim e mantivera a sua promessa. Nos últimos tempos começara a chamar-me magnete, porque dizia que se sentia atraído pela nossa amizade. «Há este impulso magnético de amizade entre nós os dois, Maggie May. És o meu íman.» Claro que a alcunha surgira depois de uma noite de festa com o meu irmão, em que voltara

bêbedo, e depois vomitara no meu quarto, mas apesar disso o nome ficara.

— Posso entrar? — perguntou ele.

Pedia sempre autorização, o que era estranho. A resposta era sempre sim.

Saltou para dentro do meu quarto — mesmo às sete da manhã, parecia um coelho a pilhas.

— Tenho uma coisa que quero que oiças — disse ele, aproximando-se de mim e enfiando a mão no bolso de trás para tirar o iPod.

Deitámo-nos ambos na minha cama, as nossas pernas penduradas na borda, os nossos pés a tocarem no chão. Enfiou um lado dos auscultadores no ouvido, eu peguei no outro, e depois ele premiu o botão *play*.

A música era leve e fresca, mas havia um som baixo e sólido que percorria toda a música. Parecia romântico e livre — selvagem.

— «All around and away we go», dos Mr. Twin Sister — disse ele, batendo com o dedo no colchão ao meu lado.

O Brooks era a minha *jukebox* humana. Ele dissera-me para nunca ligar o rádio para encontrar músicas, porque aquelas que eles punham não passavam de um monte de lavagens cerebrais vindas de Hollywood. Assim, todos os dias, de manhã e à noite, ele fazia-me ouvir aquilo que considerava ser os tesouros da música.

Ficámos deitados na minha cama, a olhar para o teto e a ouvir música, até o Calvin entrar a correr no meu quarto com o cabelo molhado, e um bolo enfiado na boca.

— Pronto! — gritou ele, enchendo o meu tapete de migalhas.

O Brooks e eu sentámo-nos, e ele voltou a pegar nos auscultadores, enrolando-os à volta do iPod.

— Então, pronto, depois das aulas, volto com mais algumas músicas, Magnete — disse ele, sorrindo-me. — Lembra-te, diz não às drogas, a menos que sejam boas, e não desistas das aulas, a não ser que queiras fazê-lo.

E lá foram eles.

Os meus olhos dispararam para o meu relógio de parede.

Suspiro.

Só onze, ou mais, horas até a música regressar.

8

MAGGIE

Todos os dias, às cinco da tarde, eu tomava um banho de uma hora. Ficava sentada dentro da banheira com um livro nas mãos, e lia durante quarenta e cinco minutos. De seguida, punha o livro de lado e lavava-me durante dez minutos. Os meus dedos ficavam enrugados como passas enquanto fechava os olhos e passava o sabonete de lavanda para cima e para baixo ao longo dos meus braços. Eu adorava o cheiro a lavanda, quase tanto quanto adorava gardénias. As gardénias eram as minhas flores favoritas. Todas as quartas-feiras, o meu pai ia ao mercado da quinta e comprava-me um ramo novo, para eu colocar no parapeito da janela do meu quarto.

A primeira vez que trouxera as gardénias ele percebeu que eu gostava mais delas do que qualquer outra flor, talvez pela maneira como sorria, talvez pelo número de vezes que assentia, enquanto inalava o seu cheiro, ou talvez apenas porque aprendera a ler o meu silêncio.

O meu pai sabia quase tudo a meu respeito, baseado nos meus pequenos gestos e movimentos. O que ele não sabia era que todos os dias, no fim do meu banho, quando a água escaldante ficava gelada, eu enfiava a cabeça debaixo de água e sustinha a respiração durante os últimos cinco minutos.

Durante esses cinco minutos, lembrava-me do que me tinha acontecido. Para mim, era importante fazer aquilo — lembrar-me do diabo, da sua aparência. Como é que o sentira. Se não me lembrasse, havia dias em que me culpava pelo que tinha acontecido, esquecendo que naquela noite eu fora uma vítima.

Quando me lembrava, não era tão difícil respirar. Pensava melhor quando estava debaixo de água. Perdoava-me por qualquer sentimento de culpa quando estava submersa.

Ela não conseguira respirar.

A minha garganta apertou-se, como se os dedos do diabo estivessem à volta

do meu pescoço, em vez do pescoço da mulher.

O diabo.

Pelo menos, ele era o diabo aos meus olhos.

Foge! Foge, Maggie!, gritava continuamente a minha mente, mas eu mantinha-me parada, incapaz de desviar os olhos do horror à minha frente.

— Maggie!

Saí da água ao ouvir o meu nome, e soltei um suspiro profundo antes de inspirar profundamente.

— Maggie, a senhora Boone está aqui para te ver — gritou o meu pai, do piso de baixo.

Saí da banheira e desbloqueei o ralo, deixando que a água girasse no sentido horário pelos canos. O meu cabelo comprido, loiro e denso, chegava-me às nádegas, e a minha pele permanecia fantasmagórica e pálida.

Os meus olhos olharam para o relógio de parede.

18:01.

A Sr.^a Boone estava atrasada. Muito atrasada.

Anos antes, quando ouvira falar do meu trauma, ela perguntara se podia encontrar-se comigo uma vez por dia, para que eu pudesse interagir com alguém. Secretamente, eu achava que ela se encontrava comigo todos os dias para esconder a sua própria solidão, mas não me importava. Quando duas almas solitárias se encontravam, elas mantinham-se firmes, independentemente do que acontecesse. Eu ainda não tinha a certeza se isso era bom ou mau.

Alguém poderia pensar que, quando duas pessoas solitárias se reuniam, os dois negativos se cancelavam e se tornavam positivos, mas não era esse o caso. Os dois pareciam transformar-se num nível ainda mais profundo de solidão, no qual adoravam afundar-se.

Era frequente a Sr.^a Boone trazer a sua gata, *Muffins*, para me entreter à hora de almoço. Aparecia sempre ao meio-dia, e sentávamo-nos na sala de jantar a comer sanduíches e a beber chá.

Eu odiava chá, e a Sr.^a Boone sabia que eu odiava chá, mas todos os

dias ela achava que era necessário trazer-mo da padaria local, a Sweetest Addictions.

«És nova, o que significa que és estúpida, e por isso não percebes como o chá é maravilhoso para ti. Vais acabar por gostar», prometera-me ela, uma promessa que nunca se concretizara. Eu continuava a não gostar de chá. Se alguma coisa, gostava cada vez menos.

Ela vivera na Grã-Bretanha quando era nova, e eu presumira que fora daí que viera o seu amor por aquela bebida suja. Desde a morte do marido, ela sonhara sempre voltar para a Inglaterra. Ele era o motivo pelo qual ela tinha vindo para a América, mas depois de ele ter morrido, calculei que, à medida que os anos passavam, ela perdera a coragem de regressar.

«O Stanley era o meu lar», dizia ela, sempre que falava acerca do seu falecido marido. «Não interessava onde vivíamos, porque enquanto ele lá estava, aquele era o meu lar.» Depois de ele ter morrido, era quase como se a Sr.^a Boone se tivesse tornado uma sem-abrigo. Quando o Stanley fez as malas e partiu para a vida após a morte, ele levou o porto seguro da Sr.^a Boone com ele — o batimento do seu coração. Perguntei-me muitas vezes se ela fechava os olhos durante alguns minutos e se se lembrava do batimento do seu coração.

Eu sabia que eu me lembraria.

— Maggie! — gritou o meu pai, arrancando-me aos meus pensamentos.

Estendi a mão para a enorme toalha branca, pendurada no toalheiro, e envolvi-a à volta do corpo. Saindo da banheira, parei em frente do espelho e peguei na escova. Enquanto começava a desembaraçar o cabelo, olhei para os meus olhos azuis, iguais aos olhos do meu pai, e as maçãs do rosto altas que também recebera

dele. As pequenas sardas no meu nariz tinham sido herança da minha avó, e as pestanas compridas, um legado do meu avô. Muito da minha ancestralidade podia ser vista todos os dias, bastando olhar-me ao espelho. Eu sabia que era impossível, mas às vezes até era capaz de jurar que tinha o sorriso da minha mãe e a sua expressão.

— Maggie — gritou o meu pai pela segunda vez. — Ouviste-me?

Pensei não responder, pois estava demasiado irritada com a Sr.^a

Boone por ela achar que não fazia mal passar por casa tão tarde, como

se eu não tivesse mais nada para fazer. Ela devia vir ao meio-dia. Tínhamos uma rotina, um cronograma planeado, e naquela tarde ela fora contra todos os planos. Eu nem sequer percebia porque é que ela se dava ao trabalho de passar por ali todos os dias, ou porque é que eu deixava que ela fosse ali almoçar. Em grande parte do tempo, ela era extremamente mal-educada, dizendo-me o quão estúpida eu era, e como era ridículo eu não proferir uma palavra.

Infantil, dizia ela.

Até imatura.

Eu achava que continuava a dar-me com ela todas as tardes porque ela era uma das minhas poucas amigas. Às vezes, os seus comentários grosseiros eram tão duros que me provocavam uma reação — um pequeno sorriso, gargalhadinhas silenciosas que só eu ouvia. Aquela velha de setenta anos era uma das melhores amigas que eu já tivera. Também era a minha inimiga favorita. A nossa relação era complicada, por isso a melhor palavra para nos descrever era aminimigas — inimigas amigáveis. Além disso, eu continuava a adorar a sua gata, tal como quando era criança, e ela ainda me seguia pela casa, esfregando o pelo macio contra as minhas pernas.

— Maggie May? — gritou novamente o meu pai, daquela vez batendo na porta da casa de banho. — Ouviste-me?

Bati na porta duas vezes. Uma pancada significava não, duas significavam sim.

— Bem, não vamos deixar a senhora Boone à espera, OK?

Despacha-te a descer — disse ele.

Quase bati uma vez na porta para mostrar a minha irritação, mas contive-me. Fiz uma trança enorme no meu cabelo ainda encharcado, que me pendia sobre o ombro esquerdo. Vesti as cuecas, depois enfiei o meu vestido amarelo-claro pela cabeça. Tirei o meu livro do lado da banheira antes de abrir a porta da casa de banho, depois corri escadas abaixo em direção à sala de jantar para ver a minha inimiga favorita. A Sr.^a Boone vestia-se sempre como se estivesse prestes a encontrar-se com a Rainha Isabel. Usava joias e pedras preciosas em volta do pescoço e nos dedos, que cintilavam muito contra o pelo falso que usava em volta dos ombros. Ela mentia sempre e dizia que eram peles verdadeiras, mas eu sabia que não eram.

Já lera livros suficientes passados nos anos quarenta para saber a

diferença entre peles verdadeiras e falsas.

Ela usava sempre vestidos e *collants* com camisolas de malha e saltos baixos, e colocava uma coleira cintilante no pescoço da *Muffins* para combinar com a sua roupa.

— É má educação deixar os idosos à espera, Maggie May —

disse a Sr.^a Boone, batendo com os dedos na mesa de cerejeira.

Também é má educação deixar os jovens à espera, Sr.^a Boone.

Lancei-lhe um sorriso tenso, e ela ergueu uma sobrancelha, descontente. Sentei-me ao seu lado, e ela empurrou uma chávena de chá na minha direção.

— É chá preto, Earl Grey. Desta vez, vais gostar — disse ela.

Bebi uma golada, e engasguei-me.

Mais uma vez, estava errada. Ela sorriu, satisfeita com o meu desagrado.

— O teu cabelo está horrível. Não devias deixá-lo secar dessa maneira. Vais apanhar uma constipação.

Não, não vou.

— Sim — resmungou ela. — Vais, sim.

Ela sabia sempre as palavras que eu não dissera. Nos últimos tempos, começara a perguntar-me se ela era uma bruxa ou algo parecido. Se calhar, quando era criança, uma coruja aparecera no peitoril da sua janela e deixara-lhe um convite para frequentar uma escola de bruxos e bruxas, mas nalgum momento ela apaixonara-se por um *muggle* e regressara para o Wisconsin, escolhendo o amor em vez da aventura.

Se fosse eu, nunca teria trocado a aventura por amor. Eu teria aceitado o convite da coruja.

Aquela ideia era irónica, já que as únicas aventuras que eu vivera tinham sido nas páginas dos livros.

— O que tens andado a ler? — perguntou ela, pegando na sua mala enorme e tirando duas sanduíches de peru.

Eu não conseguia ver as sanduíches, porque elas ainda estavam

embrulhadas no papel pardo da Sweetest Addictions, em que ela embrulhava toda a comida, mas sabia que eram de peru. As-sanduíches que a Sr.^a Boone nos fazia eram sempre iguais: peru, tomate, alface e maionese em pão de centeio. Sempre o mesmo.

Mesmo nos dias em que me apetecia atum, eu tinha de fingir que o meu peru era peixe.

Ela colocou uma das sanduíches à minha frente e desembulhou a outra, dando-lhe uma dentada enorme. Para uma mulher pequena, ela sabia dar grandes dentadas na comida.

Pus o livro à sua frente, e ela suspirou.

— Outra vez?

Sim, outra vez.

No mês anterior, eu começara a reler a série do Harry Potter, o que podia ter algo que ver com o facto de acreditar que a Sr.^a Boone era uma bruxa. Para ser sincera, ela também tinha a verruga clássica das bruxas de um dos lados do nariz.

— Existem tantos livros no mundo e encontras sempre uma maneira de leres os mesmos várias vezes. É impossível que as histórias ainda te surpreendam passado todo este tempo.

Era óbvio que ela nunca lera, ou relera, o Harry Potter. Era diferente em todas as vezes.

Quando li os livros pela primeira vez, vi a excitação da história.

Ao relê-los, vi muito mais da dor.

Uma pessoa nunca lê um livro excepcional duas vezes e fica com a mesma opinião. Um livro excepcional surpreende-nos sempre e desperta-nos novas ideias, novas maneiras de ver o mundo, por mais vezes que as palavras tenham sido lidas.

— Vou começar a acreditar que estás numa de bruxaria — disse ela, comendo a sua sanduíche e bebendo o seu chá.

Uma coisa peculiar para uma bruxa dizer a uma *muggle*, se querem a minha opinião.

A *Muffins* enfiou-se debaixo da mesa e esfregou-se na minha perna para me cumprimentar. Baixei-me para a acariciar. *Olá, amiga.* A

Muffins miou, antes de se virar de lado para eu lhe acariciar a barriga. Quando não a acariciei da maneira que ela queria, posso jurar que me lançou uma maldição em língua de gato, e depois afastou-se, provavelmente à procura da mãe, que era uma profissional a acariciar a *Muffins*.

— O que se passa de errado com a tua cara? — perguntou a Sr.^a

Boone, semicerrando os olhos ao olhar para mim.

Ergui uma sobrancelha, confusa.

Ela abanou a cabeça.

— Os teus olhos estão terríveis, parece que não dormes há dias.

Devias mesmo pedir à Katie para te comprar maquilhagem. Estás com uma aparência horrível.

Toquei na pele por baixo dos olhos. Era sempre preocupante quando alguém nos dizia que parecíamos cansados mas não nos sentíamos assim.

— Ouve, Maggie. Temos de conversar. — A Sr.^a Boone endireitou-se na cadeira, e pigarreou. — O que quero dizer é que tens de me ouvir enquanto eu falo.

Também me endireitei. Eu sabia que devia ser algo sério, porque sempre que ela se tornava grave as suas narinas abriam-se, algo que estava a fazer naquele momento.

— Tens de sair de casa — disse ela.

Quase me ri.

Sair de casa?

Que ideia ridícula. Ela conhecia a minha situação — bem, ela não conhecia a minha situação, mas sabia o que se passava. Nos últimos dez anos, eu não saíra de casa. Anos antes, a minha mãe e o meu pai tinham-me inscrito para ter aulas em casa, e sempre que eu precisava de um médico ou de um dentista, os meus pais arranjavam forma de eles virem a nossa casa. A Sr.^a Boone conhecia esses factos; era por isso que nunca bebíamos aquele chá nojento na sua casa.

Ela franziu as sobrancelhas.

— Não estou a brincar, Maggie May. Tens de sair. O que vais fazer? Ficar aqui para sempre? Estás prestes a acabar o secundário. Não estás interessada em ir para a faculdade?

Eu não tinha resposta para aquilo.

A Sr.^a Boone franziu a testa.

— Como esperas viver a tua vida? Como é que vais apaixonar-te? Ou subir uma montanha? Ou ver a Torre Eiffel à noite? Jessica, não podemos continuar a apoiar-te — disse ela.

Detive-me e ergui uma sobrancelha. *Jessica?*

— O teu pai e eu levámos as coisas até ao limite, e não há muito mais que possamos fazer. Não queres ser alguma coisa? Fazer alguma coisa?

A sala encheu-se de silêncio, e as sobrancelhas da Sr.^a Boone baixaram, como se ela tivesse mergulhado nos seus pensamentos.

Uma nuvem de confusão pareceu atravessá-la, enquanto ela pressionava os olhos com as palmas das mãos. Abanou ligeiramente a cabeça, antes de pegar no chá e beber uma golada.

Os seus olhos estavam cheios de uma expressão de perplexidade quando olhou para mim.

— O que é que estávamos a dizer? — Para onde é que ela tinha acabado de ir? — Oh, certo. Tens de sair, Maggie May.

» E os teus pais? Achas que eles devem passar o resto dos seus dias enfiados nesta casa contigo? Será que nunca terão a oportunidade de serem um casal sem terem filhos em casa? Não é isso que eles querem.

Virei-lhe as costas, irritada e magoada, mas sobretudo envergonhada, porque ela tinha razão. Pelo canto do olho, ainda a vi franzir a testa. Quanto mais ela a franzia, mais irritada eu ficava.

Vai-te embora.

— Oh. Agora estás mal-humorada e a fazer birra — murmurou ela.

Bati na mesa uma vez. *Não.*

Ela bateu duas vezes.

— Sim. Uma adolescente emotiva a fazer uma birra, que original.

Acaba a tua sanduíche, sua maldisposta. Volto amanhã.

Como queiras, velha chata. Não voltes a atrasar-te. Revirei os olhos e bati o pé com toda a força no chão. Céus, eu estava mesmo a fazer uma birra. *Que original.*

— Estás furiosa comigo, o que é bom — disse ela, enrolando o invólucro castanho numa bola.

Levantou-se da cadeira, pôs a mala ao ombro e pegou no livro.

Aproximou-se de mim, e ergueu-me o queixo com um dedo.

— Mas só estás zangada porque sabes que tenho razão. — Pôs o livro no meu colo. — Não podes continuar a ler estes livros e a achar que isso significa que estás a viver. É a história deles, não a tua, e é triste ver alguém tão jovem a deitar fora a sua oportunidade de escrever a sua própria história.

9

MAGGIE

— Estás mesmo a começar a irritar-me, Cheryl.

A Cheryl estava a discutir com o namorado, Jordan, do outro lado do corredor, enquanto eu estava sentada na minha cama a ler.

Correção: a Cheryl estava a discutir com o seu ex-namorado Jordan, do outro lado do corredor, enquanto eu estava sentada na minha cama a ler.

— Só estou a dizer — gemeu a Cheryl, batendo com o salto do sapato contra a parede. Tinha os braços cruzados, e continuava a mastigar com toda a força a sua pastilha elástica. — Não sou eu, és tu. Já não gosto de ti como gostava.

— Deves estar a gozar comigo — bufou o Jordan, calcorreando o corredor. — Acabei com a minha ex por tua causa! Paguei mais de cem dólares pelos nossos bilhetes para o baile de finalistas, uma treta de baile ao qual nem queria ir, e fi-lo por ti. Fiz tudo o que pude para te tratar bem. Não fui a festas para ver filmes de raparigas contigo.

A Cheryl enrolou uma madeixa de cabelo no dedo e encolheu os ombros.

— Ninguém te pediu para fazeres todas essas coisas.

O Jordan riu-se, espantado.

— Pediste, sim! Até fumavas a minha erva todas as noites.

— Isso era eu a ser amável contigo — explicou ela. — Se fumares sozinho, isso só fará de ti um drogado. Fumares comigo fez-te mais sociável.

— Isso é uma parvoíce — retorquiu ele, passando as mãos pelo cabelo.

— O baile é amanhã. Que raio é que faço agora?

— Vai sozinho.

A Cheryl era linda, isso era mais do que certo. Com o passar dos anos, o seu corpo transformara-se — peito grande, ancas largas, cintura fina — muito mais depressa do que o meu. Na minha cabeça, ela tinha o corpo perfeito e, passados anos de aparelhos, também tinha o sorriso perfeito para o acompanhar. Depois de anos a sentir-se uma estranha na sua própria família, ela criara aquela *persona*, uma pessoa determinada a encaixar-se — mesmo que isso significasse medidas extremas, como perder peso por um pouco de atenção.

Outro facto acerca da minha irmã é que ela sabia que era bela, e usava isso em quase todas as situações para conseguir o que queria do mundo — não importava quem pudesse magoar. Depois ia até ao meu quarto e falava-me da quantidade de rapazes que tinha usado e de quem tinha abusado, apenas para conseguir coisas deles. Encontros, dinheiro, presentes, sexo — tudo e mais alguma coisa.

Às vezes, eu achava que ela me dizia aquilo tudo porque continuava ressentida comigo por eu tê-la feito perder tantas coisas quando era criança. Outras vezes, achava que ela se sentia culpada por aquilo que fazia, e que o meu silêncio lhe dava um pouco de confiança, como se lhe indicasse que tudo aquilo não tinha qualquer importância.

Ela era uma amante falsa e profissional do amor. Levava os rapazes a acreditarem também no amor, o que não era fácil para os rapazes da nossa idade — em especial para um rapaz mau que se tornara bom, como o Jordan. Ele, literalmente, deixara de ser o maior idiota de sempre e passara a parecer-se com um cachorrinho, sempre que estava ao pé da Cheryl. Parecia estar sempre a implorar-lhe que ela o amasse — exceto quando ela o irritava.

Quando ela o irritava, a sua verdadeira personalidade surgia. As

pessoas podem esconder a sua verdadeira personalidade durante um bocado, mas com o passar do tempo as máscaras acabam sempre por cair.

— Não. Que se lixe. Tu disseste que me amavas — disse o Jordan, quase à beira das lágrimas.

— Sim, amava. *Passado*.

Espreitei por cima do meu livro e olhei para eles. O rosto do Jordan estava vermelho, e a Cheryl parecia muito divertida com o facto de ele estar chateado.

— Não — sussurrou o Jordan, agarrando-a com força pelo braço.

Pus o livro no chão.

— Não. Não podes fazer isto. Não sem um motivo verdadeiro.

— Queres um motivo verdadeiro? Está bem. — A Cheryl puxou o braço e levantou-se, olhando-o nos olhos. — Dormi com o Hank.

Os olhos do Jordan arregalaram-se.

— O quê? Não, não dormiste nada.

— Dormi, sim. — Os olhos da Cheryl também se arregalaram, e os seus lábios esboçaram um sorriso maldoso.

Oh, não. Ela estava prestes a esmagá-lo da mesma maneira que esmagara muitos outros rapazes no nosso corredor.

— Dormi com ele na festa do Tim, quando estavas doente; e em casa dele, quando te disse que ia ao cabeleireiro, e ontem, no meu quarto, quando...

O Jordan fechou os olhos e apertou as mãos em punhos.

— O Hank é o meu melhor amigo.

Ela riu-se e empurrou-o ligeiramente no peito, forçando-o a afastar-se dela.

— Devias escolher os teus amigos com mais cuidado.

Quando a mão do Jordan lhe deu uma bofetada com toda a força, a sua cabeça voou para o lado, fazendo com que a sua gargalhada se

tornasse hesitante. As suas costas embateram na parede, e o seu corpo deslizou para o chão.

Não sei como é que tudo aconteceu, mas a seguir só me lembro de me encontrar no corredor, com o meu livro na mão, pronta a atirá-lo ao Jordan se ele se aproximasse mais um centímetro da minha irmã. O rosto da Cheryl estava vermelho devido à bofetada, e ela tinha a mão na face.

— Não passas de uma puta — disse o Jordan, cuspendo-lhe, as suas palavras atingindo-me, as suas ações atingindo-me ainda com mais força.

Ele gritou-lhe, a voz a falhar-lhe.

— Puta! — gritou ele, batendo-lhe com força na cara. Ela tropeçou para trás e choringou, a mão voando para a face. —

Dei-te tudo. Tivemos uma vida juntos. Acabei de tomar conta do negócio. Estávamos a começar a aguentar-nos. E o nosso filho? E a nossa família?
— *Ele voltou a bater-lhe, uma e outra vez. — Nós tínhamos uma vida!*

Empurrou-a para o chão, e os olhos pareceram saltar-lhe da cabeça, como se ele fosse louco — perturbado.

— Vais cair em ti, confia no que te digo — disse o Jordan à minha irmã. — E vou estar à espera quando voltares a correr para mim.

Levantei os braços bem alto, a segundos de o atingir. Bati os pés, a minha mente a viajar do passado para o presente, a cada pestanejar. Continuei a bater com os pés até o Jordan se virar e olhar na minha direção. Quando os nossos olhos se encontraram, recuei.

O lado negro do Jordan começara a surgir. Todos temos um lado negro, os nossos demónios pessoais que mantemos acorrentados na maior parte dos dias. O diabo sussurra mentiras aos ouvidos das pessoas, enchendo-as de medo e dúvida, obrigando-as a fazer coisas sombrias. O nosso objetivo principal é controlar os sons do diabo, só permitir que ele espreite do armário onde está acorrentado. O diabo só pode mesmo dominar a mente da pessoa se esta o libertar e permitir que ele saia.

Naquela noite, o diabo do Jordan libertou-se das suas correntes.

A sua escuridão assustou-me.

Shh...

Pisquei os olhos devagar e, quando os reabri, o Jordan tinha um sorriso maldoso no rosto.

— Que raio é que vais fazer-me, maluca? Vais espancar-me silenciosamente até à morte com um livro?

Dirigiu-se a mim e lançou-se para a frente como se fosse bater-me.

Um puxão no meu vestido fez-me cair para trás, a papoila no meu cabelo voando para o solo. Os seus dedos apertaram-me o vestido, e ele atirou-me ao chão. A minha respiração entrava e saía, e gritei quando ele se lançou para cima de mim, colocando todo o seu peso em cima do meu corpo, as suas mãos sujas a taparem-me a boca, silenciando os meus gritos.

Dei-lhe pontapés e gritei, gritei e dei-lhe pontapés. Ele ia matar-me.

Quando abri os olhos, estava caída no chão, a cobrir o rosto com o livro nas mãos, a tremer de medo, a tremer das recordações. Eu odiava aquela parte da minha pessoa — aquela que, às vezes, deslizava até ao passado. Odiava como aquilo me perturbava, como às vezes ainda me dominava, mas odiava, sobretudo, quando os outros reparavam nisso. Eu conseguia manter escondida a maior parte dos meus ataques de pânico. A maior parte desses ataques eram um segredo meu.

Ele riu-se da minha reação.

— Maldita maluca. Vou-me embora.

Desceu as escadas apressadamente e bateu a porta da frente ao sair.

Levantei-me depressa e corri até junto da Cheryl. Baixei-me, estendendo a mão para a ajudar. Ela afastou-se.

— Céus, Maggie. Porque é que não arranjias uma vida e te afastas da minha? — resmungou ela, levantando-se e esfregando a face. — És tão embaraçosa.

Correu para o quarto e fechou a porta.

Dirigi-me rapidamente ao meu quarto, peguei no meu caderno e num marcador e voltei a correr para o quarto da Cheryl, batendo à porta.

Ela abriu-a e revirou os olhos.

— O que é que queres?

Rabisquei no papel. *Tu não dormiste com o Hank.*

Ela passou os dedos pelo cabelo e remexeu-se.

— Vai-te embora, Maggie.

Ontem foste às compras com a mãe. Não dormiste com o Hank.

— Não tens nada que ver com isso.

O Jordan bateu-te.

— Fui eu que o provoquei.

Ele magoou-te.

— Eu empurrei-o, Maggie. Empurrei-o.

Tenho de contar à mãe e ao pai que ele te bateu.

— Podes calar-te, Maggie? — sussurrou ela, ao mesmo tempo que arrancava a folha do meu caderno e a amassava, atirando-a ao chão.

— Não sabes nada acerca de relações ou rapazes, mesmo nada. O Jordan fica assim às vezes. Eu empurro-o, e ele empurra-me de volta. Para de dar tanta importância às coisas. Nem todos estão tão traumatizados e danificados como tu, OK? Lá por seres uma aberração e não teres vida própria isso não significa que possas meter-te na minha.

Recuei.

Au.

O lábio superior da Cheryl contraiu-se durante um segundo, e os seus olhos arregalaram-se; talvez estivesse arrependida de me ter magoado? Ela abanou a cabeça, afastando a emoção.

— Não vou pedir-te desculpa, OK? Tu provocaste-me, Maggie, e eu respondi. De qualquer maneira, o Jordan e eu já não estamos juntos, por isso não interessa. Agora estou metida em coisas maiores e melhores. Por isso, se não te importas... — Ela levantou a mão e acenou. — Adeus.

Suspirei e fui para o meu quarto, de regresso ao meu canto tranquilo do mundo, e voltei a pegar no meu livro.

Às vezes perguntava-me como seria sair de casa, mas se havia pessoas como o Jordan do lado de fora daquelas portas, era bem melhor ficar por ali.

Não conseguia concentrar-me.

Estava sentada na cama, com o meu livro aberto na página duzentos e nove já há alguns minutos, mas não conseguia ler. A minha mente continuava a repassar a imagem do Jordan a bater na minha irmã. A expressão chocada no rosto da Cheryl, quando a sua mão lhe embateu na face. O suspiro alto que lhe saiu dos lábios.

Fechei os olhos.

Shh...

— Hoje estás bem, Magnete? — perguntou o Brooks, parado na soleira da porta do meu quarto, mais tarde naquela noite, com uma mochila pendurada ao ombro.

Os meus olhos abriram-se e respirei aliviada. Ele nunca soubera o quão perfeito era o seu sentido de oportunidade, mas aparecia sempre quando eu precisava dele.

Fechei o livro que tinha nas mãos e sentei-me de pernas cruzadas na cama, a olhar para ele. O seu cabelo castanho desgrehado estava a ficar comprido — o seu estilo estrela de *rock*

— e chegava-lhe à parte inferior das sobranceiras. De vez em quando, abanava ligeiramente a cabeça para trás para afastar o cabelo dos olhos. Às vezes, franzia os lábios e soprava com força para mover as madeixas, mas nunca — mesmo nunca — usava os dedos para as afastar. Sorria sempre tanto quando olhava para mim, o que por sua vez me levava também a sorrir. Nem sempre sentia vontade de sorrir, mas com o Brooks? Ele fazia-me sentir como se sorrir fosse a única coisa que eu queria fazer.

— Posso entrar? — perguntou ele.

A resposta foi sim. A resposta era sempre sim.

Sentou-se na minha cama. Peguei no caderno e na caneta que estavam na minha mesa de cabeceira e abri o caderno na primeira folha vazia.

Ao lado da minha cama havia um cesto de papéis cheio de pedaços de papel das noites anteriores quando o Brooks viera visitar-me. Era a melhor maneira de comunicarmos. De manhã, apenas ouvíamos música, mas à tarde ele falava e eu escrevia.

Tentara a mesma forma de comunicação com a Sr.^a Boone, mas ela limitara-se a dizer que não ia ajudar-me a matar árvores. Além disso, disse que eu tinha voz e que devia ser capaz de a usar.

— Ouvi dizer que tu e a senhora Boone discutiram — disse ele.

Revirei os olhos, e ele riu-se. — Ela não te quer mal, sabes disso, não sabes? Fui até à casa dela para deixar a *Muffins*, e ela contou-me tudo o que te disse. Não estou a dizer que ela tem razão, mas o seu coração está no lugar certo... — As suas palavras desvaneceram-se quando viu a minha expressão irritada. — Ela tinha razão. — Ele riu-se. — Estás maldisposta.

Comecei a escrever no papel. *Ela chamou-me Jessica.*

Ele franziu a testa.

— Sim. — Ele moveu ligeiramente o corpo e olhou para cima.

Ergui uma sobrancelha.

Ele fingiu não reparar e olhou ainda mais para cima. Os meus dedos bateram-lhe no ombro.

— Eu não devia dizer nada, Maggie.

Voltei a bater-lhe.

Ele suspirou.

— OK, mas tens de prometer que não contas a ninguém, está bem?

Franzi o nariz. *A quem é que o contaria?*

Ele riu-se e bateu no meu nariz duas vezes.

— Esqueci-me de que estou a falar com a rapariga perfeita para guardar um segredo. A minha mãe disse-me que a senhora Boone tem andado a debater-se com a sua memória. No fim de semana passado, a minha mãe encontrou-a a deambular pela rua, e a senhora Boone estava confusa acerca do sítio onde se encontrava.

A minha mãe acha que ela talvez esteja na fase inicial de Alzheimer, e quer que a senhora Boone seja vista por um médico, só por precaução.

E já o fez?

Ele franziu a testa.

— Tu conheces a senhora B., que é um pouco teimosa, para dizer o mínimo. Ela disse que estava bem e que não precisava de

ninguém a meter-se na sua vida.

Uma sensação de preocupação aumentou no meu interior, enquanto eu imaginava algo de verdadeiramente grave com a Sr.^a

Boone. Apesar de a odiar, também a amava muito. A ideia de que podia acontecer-lhe alguma coisa deixava-me doente.

Quando ia escrever mais algumas palavras ao Brooks, ele travou a minha mão no papel.

— Espera, tenho uma coisa para ti. Para nós. — Tirou a mochila, abriu o fecho e tirou um enorme quadro branco, com uma nova embalagem de marcadores. — Achei que esta era uma maneira mais fácil de escrever e não desperdiçar tanto papel. Além disso, se algum dia tivermos de contar segredos, não tenho de falar em voz alta e podemos apagar as provas.

Sorri.

Ele sorriu.

Peguei num marcador e comecei a escrever, mas antes de poder escrever alguma coisa, ele disse:

— Hoje acabei com a Lacey. — O meu marcador arrastou-se pelo quadro, enquanto a minha boca se escancarava. Ele riu-se nervoso, e encolheu os ombros. — Sim, eu sei.

A Lacey e o Brooks namoravam há cerca de nove meses — nove meses, duas semanas e quatro dias, para ser exata, não que eu estivesse a contar.

Porquê?

— Bem, acho que foi ela que acabou comigo. Ela disse que não conseguia aguentar ser a terceira prioridade da minha vida.

Terceira?

— Música... e, bem... — Ele esboçou um sorriso que se assemelhava mais a uma careta. — Tu.

O meu peito apertou-se, e endireitei-me. Ele continuou a falar.

— Ela acha que passo demasiado tempo contigo, já que venho ver-te todos os dias. Está um pouco ciumenta, e tem uma ideia maluca de que tu e eu temos um caso.

Tínhamos? Passava-se alguma coisa entre nós?

Ele revirou os olhos.

— O que, é claro, não temos. Disse-lhe que tu e eu somos apenas amigos, porque o somos.

Certo. Claro. Não havia nada entre nós. Apertei ligeiramente o colar com a âncora, que nunca tirava do pescoço.

O Brooks e eu éramos apenas amigos. Porque é que aquilo me atingira como um soco no estômago?

— De qualquer maneira, achei que devia dizer-te antes que outra pessoa o fizesse. É uma chatice, porque gastei imenso dinheiro com o meu *smoking* para o baile de finalistas de amanhã. Não interessa, não é nada de especial.

Eu sabia que para ele era especial, porque sempre que o Brooks estava magoado ele mordida o polegar direito.

Lamento imenso, Brooks. Lamento imenso que estejas a sofrer.

— Sim, eu também. Eu gostava dela, sabias? A Lacey era ótima, mas...

— Ele franziu a testa ao ler as palavras no quadro branco, depois com a palma da mão apagou-as. — Estás a ver? Com um golpe da mão a dor desapareceu.

Ele levantou-se e começou a calcorrear o meu quarto, passando os dedos pelas lombadas de todos os meus livros. Eu sabia que a dor não tinha desaparecido porque a outra coisa que o Brooks fazia quando estava triste era andar de um lado para o outro e passar o polegar pelos meus livros.

A estante minúscula que eu tinha desde criança estava agora cheia de livros, e aqueles que não cabiam nas prateleiras estavam pousados no chão, à volta do meu quarto.

Ao contrário da maior parte das pessoas, os meus livros não estavam agrupados por género ou nome de autor. Os meus livros-estavam agrupados pela cor da lombada. Todos os vermelhos estavam ao lado uns dos outros, enquanto todos os roxos estavam juntos. Assim, quando alguém entrava no meu quarto, podia ver um arco-íris a envolver o espaço.

— O que é isto? — perguntou ele, pegando num pequeno caderno com uma capa de pele.

Levantei-me da cama e corri para ele.

Ele sorriu maliciosamente.

— Oh, céus... será que este é o diário da Magnete?

Saltei, e ele levantou o caderno acima da cabeça. Voltei a saltar, e ele mudou-o para trás das costas. Os meus braços moviam-se selvaticamente, tentando arrancar-lhe o caderno das mãos.

— Que tipo de coisas é que escreves aqui? Os teus segredos mais profundos? Não posso deixar de me perguntar... — O seu sorriso abriu-se, o que me deixou feliz, enlouquecida, animada e, simultaneamente, assustada. Quanto mais ele saltava para evitar que eu lhe tirasse o caderno das mãos, mais eu saltava para tentar agarrá-lo. Sempre que a nossa pele roçava, eu queria aproximar-me. Sempre que ele me tocava, eu queria mais. Ele continuava a rir-se. — Lamento imenso, Maggie. Sei que nunca vais perdoar-me, mas tenho de o fazer. Só tenho de ler uma folha, para ver o tipo de pensamentos que passam pela tua...

Ele abriu a primeira página.

Ele parou de se mexer.

Ele parou de falar.

Ele também parou de se rir.

— Lista de coisas a fazer da Maggie? — perguntou.

As minhas faces ficaram quentes, o meu estômago revirou-se.

Voltei para a minha cama e sentei-me.

Ele seguiu-me, sentou-se e entregou-me o caderno.

A culpa era dos livros.

Para mim, ler era simultaneamente uma dádiva e uma maldição.

Aqueles livros permitiam-me escapar para um mundo que eu não conhecia mas, ao mesmo tempo, recordavam-me todas as coisas que eu estava a perder.

Portanto, eu fizera uma lista.

Uma lista para que se — de alguma forma, de alguma maneira —

eu conseguisse sair pela porta da frente, tivesse coisas para fazer,

para ver, para explorar. Talvez não passassem de desejos, mas se os livros me ensinaram alguma coisa, foi que sonhar era sempre uma boa causa.

A minha lista também aumentava todos os dias. Sempre que acontecia algo de excitante num dos meus livros, eu acrescentava-a à lista no caderno, juntamente com o nome do livro de onde tirara a ideia.

Andar a cavalo, graças ao *National Velvet*. Ir a um baile e fugir drasticamente, por causa da *Cinderela*. Estar em dois lugares ao mesmo tempo, devido a *Um Momento Inesquecível*.

Havia centenas de coisas na minha lista de coisas a fazer, e havia dias em que eu me perguntava se alguma vez conseguiria riscar alguma delas.

— É uma lista de coisas que queres fazer? — perguntou ele, num tom conhecedor.

Assenti.

— Podias fazer todas estas coisas, sabias?

Talvez.

Em seguida, apaguei a palavra.

Ele escreveu: ***Definitivamente.***

Depois, ele apagou a sua palavra, mas aquela ficou-me na mente.

Ficámos sentados em silêncio durante um momento, ambos a olhar para o quadro em branco.

— O que é que queres ser quando cresceres, Maggie?

Eu pensava muito naquela pergunta. O que é que eu queria ser?

O que é que eu poderia ser? Talvez uma escritora. Podia publicar livros na Internet e nunca teria de sair de casa. Ou talvez uma artista, e o meu pai podia levar as minhas obras a feiras para as vender. Ou talvez...

Peguei no marcador e escrevi exatamente o que queria ser.

Feliz.

O Brooks pegou noutro marcador e também escreveu o que queria ser.

Feliz.

Limpou as nossas palavras com os dedos e saltou da minha cama; depois, foi à secretária e começou a remexer nas minhas canetas e lápis. Quando encontrou o que queria, voltou para junto de mim e começou a escrever no quadro.

Um dia vais acordar e sair de casa, Magnete, e descobrirás o mundo. Um dia verás todo o mundo, Maggie May, e, nesse dia, quando saíres e respirares pela primeira vez, quero que vás à minha procura. Aconteça o que acontecer, vai à minha procura, porque vou ser eu a mostrar-te tudo isso. Vou ajudar-te a riscar as coisas da tua lista de coisas a fazer. Vou mostrar-te o mundo inteiro.

E assim, sem mais, eu era dele, e ele nunca saberia disso.

Prometes? , escrevi.

Prometo, respondeu ele.

Comecei a apagar as palavras, e quando a minha mão deslizou sobre elas, apenas a minha promessa desapareceu. Ele sorriu e mostrou-me o marcador que fora buscar, e que não podia apagar-se com a mão.

— Não vai sair. Quero que mantinhas o quadro assim. Mantém-no assim, com a promessa que te fiz. Amanhã vou dar-te um quadro novo para conversas banais.

Os meus lábios separaram-se como se eu fosse falar, mas não saiu palavra alguma.

Ele sorriu, satisfeito.

— De nada. Agora, música?

Assenti, e deitámo-nos, enquanto ele pegava no seu iPod.

«Waterfall», dos The Fresh & Onlys.

— A maneira como a guitarra elétrica sobe nesta música é incrível. Parece que estás, simultaneamente, no meio de nada e no meio de tudo. Se escutares com atenção, também podes ouvir como o baixista é perfeito. A maneira como escalam pelo braço da guitarra é... — Ele suspirou, batendo no peito com a mão. — Ouro.

Eu quase nunca sabia de que é que ele estava a falar quando falava de música, mas gostava da maneira como isso o deixava animado.

— Brooks. — O Calvin enfiou a cabeça no meu quarto e ergueu uma sobranceira na direção do seu melhor amigo. — Vamos começar a ensaiar dentro de cinco minutos. Vem. Temos de rever a letra que vamos enviar com as demos — disse o Calvin.

O Brooks e o Calvin eram famosos... bem, *meio* famosos — o tipo de famosos que só eu sabia que existia. Eram os vocalistas da sua banda, e estavam extremamente bem ensaiados, por tanto tocarem na nossa garagem. Apesar de ainda não terem sido descobertos, eu sabia que um dia seriam grandes.

Eram bons demais para ninguém reparar neles.

— Vens gravar-nos, não vens, Magnete? — perguntou o Brooks, levantando-se da minha cama, aparentemente mais animado do que nunca.

Claro que ia. Peguei na minha câmara de vídeo e levantei-me.

Com a outra mão, peguei no meu livro. Eu nunca perdia um ensaio da banda; era o momento alto do meu dia. Também me sentava na cozinha a gravá-los. A mãe e o pai tinham-me dado uma câmara há alguns anos, porque um terapeuta dissera que eu era capaz de me abrir e falar com a câmara, ou algo parecido. Acabaram por ser horas de gravações com a minha cara a olhar para mim mesma, a piscar os olhos, portanto em vez de desperdiçar a câmara, eu usava-a para gravar a banda do meu irmão.

Antes de descer as escadas, fui até à janela do meu quarto, que dava para a rua e para o alpendre da casa da Sr.^a Boone, onde ela se baloiçava para trás e para a frente na sua cadeira de baloiço, enquanto a *Muffins* dormia ao seu lado.

Os seus lábios moviam-se como se estivesse a conversar com um homem invisível sentado na cadeira de baloiço, imóvel ao seu lado. *O seu Stanley*.

Os meus dedos tocaram no vidro gelado, e os seus lábios curvaram -se num sorriso. Ela riu-se de algo que acabara de dizer, e, em seguida, tocou na cadeira vazia ao seu lado, e levou a que ela se movesse ao mesmo tempo que a sua.

A vida da Sr.^a Boone estava a abrandar, e havia muitos dias em que ela vivia das suas memórias. Quando não estava a viver das suas memórias, estava a dizer-me como eu devia estar a preparar as minhas. Podia parecer triste para muitos o modo como ela vivia mas, aos meus olhos, a Sr.^a Boone era uma felizarda. Podia ser solitária, mas na sua mente nunca estava verdadeiramente sozinha.

As minhas recordações eram poucas, e eu tinha a certeza de que algumas delas — talvez a maior parte — tinham sido roubadas de livros de histórias. Uma parte de mim ficava furiosa pelo modo como ela me espicaçava, mas outra parte sabia que eu precisava de ser espicaçada. Ela era parte do motivo pelo qual eu tinha uma lista de coisas a fazer. Mesmo quando era rude, ainda acreditava que eu podia ter um futuro.

Aqueles que acreditam em nós, quando nem mesmo nós acreditamos, são os únicos que devemos manter por perto.

10

MAGGIE

— Um, dois, um, dois, três, vamos! — cantava o Calvin na garagem, antes de tocar o seu baixo com o Brooks e a sua banda.

Sentei-me no chão da cozinha, a gravá-los da porta da garagem, e sempre que eles paravam para conversar eu voltava a ler o meu livro.

Quando era mais nova, ler não era o meu ponto forte, mas com o passar dos anos a leitura tornou-se a voz que eu perdera. Era quase como se as personagens vivessem dentro da minha cabeça, e partilhassem os seus pensamentos comigo, e vice-versa.

Nos últimos dez anos, lera mais de oitocentos livros. Vivi mais de oitocentos «Era uma vez». Apaixonei-me seiscentas e noventa vezes, caí em luxúria talvez vinte vezes, e em ódio dez mil milhões de vezes. Através daquelas páginas, eu fumava erva, lançava-me de para-quedas e mergulhava nua. Fui apunhalada nas costas por amigos — tanto física como emocionalmente — e lamentei a perda de entes queridos.

Vivi a vida de cada personagem dentro das paredes do meu quarto.

O meu pai trazia-me um livro novo — ou cinco —, de duas em duas semanas, nos dias em que recebia. Presumi que ele passava vinte por cento da sua vida em livrarias, à procura dos meus novos livros.

Todos os dias, o meu momento favorito era quando os rapazes voltavam da escola e tocavam a sua música na garagem, enquanto eu ficava a ler e a ouvi-los da cozinha. Parava sempre de ler quando eles começavam a discutir por causa de letras ou acordes, ou acerca do modo como o Owen tocava bateria.

— Só estou a dizer, Rudolph, que estás a tocar fora de ritmo — disse o Oliver, o teclista, com um gemido.

O Oliver era um rapaz grande, que suava mais do que respirava.

Todas as camisas que usava estavam cheias de manchas de suor.

Quando se levantava do seu banco, as manchas de suor eram imensas, e os rapazes gozavam com aquilo. Além disso, o Oliver estava sempre

com fome. Quando não estava a comer, falava em comida. Era um fanático por carne, mais do que qualquer outra pessoa que eu já conhecera. Além da sua transpiração excessiva e do seu amor por bifes, o Oliver também era o maior urso de peluche do grupo, e nunca discutia com ninguém, exceto quando se tratava do Owen, também conhecido como Rudolph. Todos os dias, os dois discutiam por tudo e por nada. Naquele dia, a discussão começou porque o Rudolph estava a tocar fora de ritmo; ele estava sempre a tocar fora de ritmo.

— Nem sabes de que raio estás a falar, Oli. Tu é que estás a tocar demasiado depressa. Tens de abrandar.

O Rudolph era exatamente o oposto do Oliver — vegetariano, magro, e sempre com camadas de roupa, porque qualquer que fosse a temperatura, estava sempre gelado. Tinha sempre o nariz vermelho, daí a alcunha.

— Meu, estás a gozar comigo? Tu não sabes nada de nada. Tens de...
— começou o Oliver.

O Rudolph interrompeu-o.

— Não, tu é que tens de...

— LIMPAR OS OUVIDOS! — gritaram o Oliver e o Rudolph, em uníssonos.

Passaram-se apenas alguns segundos antes de se encontrarem frente a frente, empurrando-se e acotovelando-se um ao outro, enquanto gritavam. O Oliver passou o braço em volta do pescoço do Rudolph e prendeu-lhe a cabeça debaixo da axila.

— Argh! Bruto. Vá lá, Oli! Ninguém merece isto! — gritou o Rudolph, com o rosto da mesma cor do nariz. — Larga-me!

— Diz! Diz! — ordenou o Oliver. — Diz que tenho mais ritmo do que tu!

— Tem mais ritmo do que eu, OK, idiota?

— E diz que a mãe me ama mais porque nasci primeiro! — gozou o Oliver.

— Vai-te lixar, Oli... — O Oliver empurrou ainda mais a cabeça do Rudolph por baixo do seu braço, fazendo o Rudolph choramingar como um cachorro triste. — OK! A mãe ama-te mais! Ela ama-te mais,

sua maldita almôndega.

O Oliver largou o irmão mais novo — mais novo por dezassete minutos — e bateu palmas com um sorriso enorme. Os dois eram gémeos fraternos, e também lutavam como se o fossem. Era sempre divertido vê-los.

Enquanto eu os observava a lutar, o Brooks e o Calvin mantinham-se a um canto, a olharem para um caderno onde rabiscavam as letras e as ideias que tinham para a banda. Na maior parte das vezes, o Brooks e o meu irmão eram idiotas absolutos como os gémeos, exceto quando estavam a ensaiar. Eram motivados, focados e estavam determinados a ser os diamantes em bruto de Harper County, Wisconsin, que chegariam a Hollywood.

A minha mãe entrou na cozinha com quatro pizzas na mão e gritou:

— Rapazes! Comida!

Aquilo foi o suficiente para os fazer entrar a todos dentro de casa.

A única coisa melhor do que Hollywood era piza de *pepperoni*.

Sentei-me à mesa com os rapazes enquanto eles reviam os seus planos para comprar mansões enormes, *Ferraris*, iates e macacos, assim que fossem famosos.

— Não acham que devemos pensar num nome para a banda se queremos ser famosos? — perguntou o Rudolph, enchendo-se com a sua piza de queijo sem glúten.

— Espera, então Parrots Without Parents não é um nome bom?

— perguntou o Brooks, limpando a cara cheia de molho com as costas da mão.

— Eu acho que é incrível — disse o Oliver.

— Eu acho-o ridículo! — discordou o Rudolph. — Devíamos ter um nome que envolvesse ninjas!

— Não, piratas!

— Piratas Ninja! — gritou o Calvin.

Começaram todos a falar ao mesmo tempo, e eu mantive-me sentada em silêncio, a morder a minha piza e a absorver o que eles faziam.

Na maior parte das vezes sentia-me como uma mosca na parede sempre que estava perto de pessoas, escutando de algum modo as suas vidas, porque na maior parte das vezes elas esqueciam-se de que eu existia por causa do meu silêncio.

Mas, de vez em quando...

— O que é que achas, Magnete?

O Brooks deu-me uma pequena cotovelada de lado e, com aquele pequeno toque, todo o meu interior aqueceu. Os seus olhos sorriram na minha direção, e o meu coração começou a bater mais depressa. Eu adorava aquilo nele. Adorava como ele conseguia verme quando o resto do mundo se tinha esquecido de que eu existia.

Lancei-lhe um pequeno sorriso, e encolhi os ombros.

— Vá lá — disse ele, abrindo o seu caderno numa folha em branco, e estendendo-me a sua caneta.

Quando lhe tirei a caneta, deixei que os meus dedos se demorassem contra a sua mão. Ele observava cada um dos meus movimentos, e eu fiz questão de que todos os meus movimentos valessem a pena.

Ele sentia aquilo? O meu calor? O meu desejo? A minha-necessidade?

Quando comecei a escrever, ele sorriu, estudando a curva da minha mão enquanto corria pelo papel. Quando terminei, empurrei o caderno na sua direção.

— Crooks — disse ele em voz alta, levantando o caderno.

— Crooks? — berrou o Rudolph, perplexo.

— Crooks? — ecoou o Oliver, um tom mais alto do que o Owen.

— C para o Calvin, O para o Owen, o outro O pelo Oliver e, bem, Brooks é o resto — explicou ele. — Certo, Maggie?

Assenti.

Sim. Sim.

O facto de ele ter percebido o significado do nome, sem eu ter de o explicar, fez o meu coração explodir. Como é que ele podia ler os meus pensamentos sem eu os expressar? Como é que ele conseguia ler-me com tanta facilidade?

— Bandidos²! — gritou o Calvin, batendo com a mão na mesa. —

Adoro. Adoro — aplaudiu o meu irmão. — Já estou a ver-nos em palco, a dizer: «Olá, somos os Crooks e esta noite estamos aqui para vos roubar os ouvidos.»

Ri-me para mim mesma, enquanto eles falavam.

— Somos os Crooks e esta noite estamos aqui para vos roubar o vosso dinheiro! — brincou o Oliver.

— Somos os Crooks e esta noite estamos aqui para vos roubar o coração! — riu-se o Brooks.

— Sim! Sim! Ou que tal: somos os Crooks e... e... e... — O

Rudolph franziu a testa. — Bem, raios, vocês já usaram as melhores deixas.

— Atrasas-te, perdes, irmãozinho. Talvez se adicionasses mais proteína à tua dieta o teu cérebro não fosse tão lento — riu-se o Oliver.

— Sim, Oli, porque o facto de comeres o Bambi é o que te torna inteligente. É mesmo isso. Provavelmente por isso é que tiveste um A em cálculo, certo? — respondeu o Rudolph, num tom sarcástico.

— Oh, espera, tiveste um D menos.

Os gémeos recomeçaram a discutir, e eu sabia que não havia nenhuma maneira de os parar até ela aparecer. *A Cheryl*. Ela parecia ter ultrapassado completamente a sua discussão com o ex-namorado, e regressara aos seus modos namoriscadores.

— Ei, rapazes — cantarolou a Cheryl, abanando as ancas e torcendo o cabelo em volta do dedo.

Ensinei-te isso quando éramos miúdas!

— Não sabia que iam estar aqui todos esta noite.

A Cheryl fazia sempre aquilo quando falava com os rapazes.

Tentava parecer sedutora, mas, aos meus ouvidos, soava como alguém que fumava quinze maços de tabaco por dia. Ridículo. E é claro que ela sabia que eles iam estar a ensaiar — eles estavam sempre em nossa casa.

— Oh, ei, Cheryl! — Os gémeos animaram-se, e os seus olhos pousaram no peito da Cheryl.

— Estás muito bonita — ladrou o Rudolph.

— Não, estás lindíssima! — gritou o Oliver.

— Brilhante!

— Impressionante!

— Sexy! — gritaram os gémeos, em unísono.

A Cheryl pestanejou e ignorou-os completamente, olhando para o Brooks, que não lhe ligava nenhuma. As cabeças do Calvin e do Brooks estavam outra vez viradas para o caderno, olhando para os seus planos futuros. O Brooks nunca parecia muito interessado na minha irmã, provavelmente porque a conhecia desde que ela usava fraldas. Porém, eu podia ver que aquilo incomodava a Cheryl —

todas as raparigas queriam que o Brooks reparasse nelas...

incluindo eu.

— Ei, Brooks — disse ela. — Como estás?

Continuou a revirar o cabelo, e eu continuei a revirar os olhos. O

Brooks olhou para ela e sorriu, antes de voltar a concentrar-se no seu caderno.

— Estou bem, Cheryl. E tu?

Ela saltou para a mesa da sala de jantar, em seguida, apertou o peito, pressionando os cotovelos contra ele.

— Estou bem. O Jordan acabou hoje comigo.

A sério? Acabou contigo? Não foi isso que ouvi...

— Ah, sim? — respondeu ele, num tom educado, e muito pouco interessado. — Lamento.

— Sim, e há rumores de que tu acabaste com a Lacey. — Ela franziu a testa, com uma expressão dramática, é claro. — Ou, bem,

ela acabou contigo. Grande treta.

O Brooks encolheu os ombros.

— Acontece.

— Sim, é só uma chatice porque eu devia ir ao baile de finalistas com ele, já que ele é finalista. Até já comprei o meu vestido.

— Eu não tenho ninguém com quem ir! — gritou o Rudolph.

— Eu também não! — interveio o Oliver.

— Mas vocês os dois não têm um *smoking*. Eu sei que o Calvin foi com o Brooks comprar os deles... Oh! Tive uma ideia! — gritou a Cheryl, batendo palmas.

Oh, não.

— E se fôssemos juntos, Brooks? Podíamos ir como amigos, sabia? Não faz qualquer sentido perdermos ambos o baile, não achas?

O Brooks hesitou, porque era gentil. Não queria envergonhar a Cheryl na frente de todos, e a Cheryl também sabia isso. Fora provavelmente por esse motivo que ela fizera a pergunta em frente do grupo.

— Não achas que é uma ótima ideia, Maggie? — disse a Cheryl, lançando-me um olhar de advertência, antes de continuar a falar com o Brooks, com uma voz doce e melada. — Hoje, depois de o Jordan ter acabado comigo, a Maggie estava lá para me apoiar. Ela também sabe como o baile de finalistas é tão importante para mim.

Há semanas que andamos a falar disso.

Não, não andamos. Eu nem sequer sabia que ela ia ao baile, antes de o seu ex-namorado lhe ter batido.

Fechei os olhos durante um momento.

Shh...

— Bem... — A voz do Brooks hesitou, e eu abri os olhos.

Ele esfregou a nuca e olhou para mim, os seus olhos implorando ajuda, mas o que é que eu podia dizer?

Nada.

— Acho que é capaz de ser boa ideia, mas apenas como amigos.

Espantou-me como um coração podia partir-se numa sala cheia e o som não ser ouvido por uma única pessoa.

2 *Crooks* em inglês também pode significar bandido. (NT)

11

MAGGIE

Eu odiava tudo acerca do baile de finalistas — os vestidos, as danças lentas, as flores. Odiava o quão artificial e clichê tudo aquilo parecia, como era tudo tão falso, mas odiava sobretudo saber que nunca poderia ir a um baile daqueles, porque era educada em casa.

Também odiava saber que, este ano, a Cheryl, apesar de não passar de uma caloiira, ia ao seu segundo baile de finalistas.

— Quero dizer, de qualquer maneira, não é como se pudesses ir com ele, e não faz sentido ele ir sozinho, não achas?

A Cheryl fazia estalar continuamente a sua pastilha elástica, enquanto estava sentada em frente do meu toucador, a aplicar a sua décima quinta camada de batom vermelho-maçã. Eu estava sentada na minha cama com um livro apertado contra o peito, a ouvir a minha irmã falar sem parar.

Ela limpou o batom vermelho, e depois aplicou outro com uma tonalidade roxo-escuro. Quando acabou, sorriu para si mesma, como se estivesse muitíssimo orgulhosa da sua beleza — como se fosse apenas ela que se tornara assim, e não a genética. O seu vestido dourado comprido brilhava sempre que abanava as ancas, o que ela fazia com frequência.

— E mais — sorriu maliciosamente —, acho que ele tem um fraco por mim.

Ri-me para mim mesma.

Não, não tem.

Ela virou-se de frente para mim, e apertou os lábios.

— O que achas? Esta cor? Ou o vermelho? — Franziu a testa. —

Nem sei porque te pergunto. Não sabes nada acerca de maquilhagem. Talvez soubesses mais se não estivesses sempre com a cara enfiada num livro.

Correu até junto de mim e sentou-se na cama. Apertei o livro com mais força contra o peito, mas ela arrancou-mo e atirou-o para o chão.

Oh, céus. Aquilo devia ser algum tipo de abuso, não? Ela devia ter literalmente magoado e agredido dezenas de personagens —

dezenas dos meus amigos. Arrancar-me o livro das mãos era rude, mas atirá-lo ao chão era motivo suficiente para cortar os nossos laços de família.

— A sério, Maggie. Já és suficientemente esquisita com essa história de não falares e não saíres de casa. Queres mesmo ser conhecida como a rapariga que só lê? É um pouco assustador.

A tua cara é um pouco assustadora.

Limitei-me a sorrir e encolhi os ombros.

Ela atirou o cabelo para trás.

— Bem, regressando às coisas importantes. Quero dizer, tenho a certeza de que ele ainda está triste porque a Lacey acabou com ele antes do baile. Além disso, sei o quanto te preocupas com ele, por isso me ofereci para ser o seu par, porque sabia que não ias querer que ele perdesse a única coisa que estava ansioso por fazer. Só vou com ele por tua causa, Maggie.

Que nobre.

Precisei de todas as minhas forças para não revirar os olhos, ao olhar para a minha irmã. Irmã — naquele dia, usava aquela palavra de um modo muito vago.

— De qualquer maneira, disse ao Brooks que apoiavas a ideia de eu ir com ele, por isso obrigada pelo teu apoio. — Lançou-me um sorriso exuberante e voltou a lançar o cabelo encaracolado por cima do ombro. — Acho que o Calvin e a Stacey vão encontrar-se comigo e com o Brooks no nosso pátio, para tirar fotografias e coisas dessas, dentro de dez minutos. Então, que batom é que uso?

Apontei para o roxo, porque queria que ela parecesse horrível.

Ela escolheu o vermelho, o que a tornou lindíssima.

— Perfeito! — Levantou-se da minha cama, alisou o vestido deslumbrante e deslizou em frente do meu espelho uma última vez.

— É melhor ir. O Brooks deve estar à minha espera.

Abanou as ancas para a esquerda e para a direita, enquanto saía do meu quarto.

No momento em que ela desapareceu, corri para o meu livro, peguei nele e esfreguei a capa. *Desculpem, amigos*. O livro estava firmemente apertado nos meus braços quando corri para as janelas que davam para o pátio, e olhei para o meu irmão e para a sua namorada a rirem-se e a abraçarem-se, nas suas extravagantes roupas de baile. O Calvin tinha uma maneira de fazer a Stacey rir-se tanto que as suas gargalhadas disparavam pelo ar. As mãos dela estavam sempre pousadas no seu peito, e os olhos dele estavam sempre pousados nela. Eu perguntava-me como é que aquilo seria: ser-se visto através de um par de olhos cheios de amor.

Movi os olhos para a Cheryl, que estava a tirar *selfies*, enquanto esperava impacientemente que o Brooks aparecesse e fosse o seu troféu. Ele nunca costumava atrasar-se, por isso senti-me um pouco surpreendida por ele ainda não ter chegado. O meu estômago revirou-se, enquanto corria para a minha outra janela, para ver se ele ainda estava em sua casa, do outro lado da rua. Não me lembrava da última vez em que vira o Brooks de *smoking*, e estaria a mentir se dissesse que não estava interessada em vê-lo vestido daquela maneira. Ele parecia sempre tão bonito — tão feliz.

O coração começou-me a bater com mais força no peito, à espera de que ele saísse de casa, à espera de que ele atravessasse a rua até ao meu pátio, à espera de que ele caísse na luxúria com a Cheryl.

Fechei os olhos e respirei fundo. Uma pequena oração passou-me pela cabeça.

Não faças isso, Brooks.

Ele merecia mais do que isso. Ele merecia mais do que os joguinhos da Cheryl.

Ele merecia ser amado por alguém que sabia quão bonitos eram os seus sorrisos, quão brilhante era a sua mente, e quão bom ele era a comunicar sem palavras a saírem-lhe dos lábios.

— Hoje estás bem, Magnete?

Era a minha frase favorita. Os meus olhos escancararam-se, e virei-me para ver o Brooks parado na soleira da porta, vestindo um *smoking*

azul-marinho, uma gravata preta e branca às bolinhas, e meias a combinar com as bolinhas. O seu cabelo castanho-escuro estava penteado para trás, e os seus olhos castanho-escuros sorriam sozinhos, como era habitual. Tinha na mão uma caixa transparente, com um raminho para pôr no pulso, um belo raminho de flores amarelas e fitas cor-de-rosa.

Uau, Brooks.

Estava mais bonito do que a minha mente poderia imaginar, e borboletas voaram-me pelo estômago, enquanto passava os dedos pelo meu cabelo despenteado. Sorri. Ele retribuiu o sorriso, sempre com o lado esquerdo da boca. Perguntei-me se ele saberia... Se saberia como aquele sorriso me deixava tão atordoada.

— Posso entrar? — perguntou ele, enfiando as mãos nos bolsos das calças.

Assenti. Sempre.

Ele entrou no meu quarto e dirigiu-se à janela para olhar para o pátio, onde a Cheryl enviava mensagens a alguém, os seus polegares a pressionarem as teclas. Passados segundos, o telemóvel do Brooks tocou.

— Já está chateada comigo por eu estar atrasado — explicou ele, baloiçando-se ligeiramente para a frente e para trás. O seu telemóvel tocou mais duas vezes. — É a sua décima sétima mensagem.

Olhei para a minha irmã, que ia sair com o Brooks só para me irritar. Por algum motivo, ela sentia-se melhor consigo mesma ao ver como eu ficava mal por não falar, ou sair de casa.

— Eu não queria ir com ela — explicou o Brooks. Inclinou a cabeça na minha direção, e franziu a testa. — Depois de a Lacey ter acabado comigo, pensei que fosse ficar em casa ou qualquer coisa do género. Jogar alguns jogos de vídeo. Talvez vir até aqui e ouvir alguma música contigo ou fazer outra coisa qualquer, mas a Cheryl

não parou de dizer como era importante para ti que eu fosse com ela.

Ergui uma sobrancelha.

Ele riu-se.

— Sim. Eu devia ter percebido.

Permanecemos em silêncio durante alguns instantes, a ver a Cheryl a entrar em pânico, e o Calvin e a Stacey a apaixonarem-se mais. Alguns pássaros passaram pela janela, e o Brooks soltou um suspiro baixo.

— Achas que o Calvin e a Stacey sabem como são tão irritantemente perfeitos?

Assenti, e ele riu-se. Sim, eles sabiam.

— Esta noite, o Cal e eu vamos tocar. Ele contou-te?

Sim, ele contara-me. Depois de passar anos a ouvi-los a ensaiar na garagem dos meus pais, seria incrível vê-los ao vivo. Um sonho tornado realidade.

— A Stacey vai gravar a apresentação e enviar-ta, se quiseres vê-la.

Peguei na mão dele e apertei-a duas vezes. *Sim.*

Ele apertou a minha em resposta.

Sim. Sim.

— Queres dançar comigo, Maggie May?

Virei-me, e as suas faces ficaram vermelhas. Os meus olhos pousaram nos seus lábios, e quase me perguntei se teria imaginado as palavras a saírem-lhe da boca. Ele mordeu nervosamente o lábio inferior, e soltou uma pequena gargalhada.

— Quero dizer... não precisas. Desculpa. Foi uma estupidez. Só...

Com a Lacey a acabar comigo, e com a Cheryl a ser... a Cheryl, achei que seria bom dançar com alguém de quem realmente gosto no dia do meu baile de finalistas.

As minhas inalações tornaram-se pesadas, e as minhas mãos começaram a escorregar no livro, quando a minha expressão agora aterrorizada encontrou os seus olhos nervosos.

Eu nunca tinha dançado. Não sabia como o fazer.

Eu apenas lera acerca de danças, bailes de finalistas, e duas pessoas a transformarem-se numa só, nos braços uma da outra.

— Não tens de o fazer. Desculpa.

Ele pigarreou, e olhou pela janela. Murmurou a palavra

«Estúpido», e percebi que estava a espancar-se interiormente.

Pousei o meu livro no peitoril da janela e assenti.

Ele devia ter-me visto pelo canto do olho, porque o seu sorriso abriu-se, sem que ele tivesse olhado na minha direção.

— Sim? — perguntou ele.

Sim.

Passei os dedos pelo meu cabelo despenteado, e a minha pele arrepiou-se. O meu vestido comprido e branco não se parecia nada com o da Cheryl, nem com o da Stacey. Não usava maquilhagem, e o meu corpo pálido e fantasmagórico tinha poucas curvas, mas o Brooks não parecia importar-se. Quando olhava para mim, ele fazia-me sempre sentir como se eu fosse suficiente, independentemente de como estava vestida.

Ele virou-se para mim e sorriu.

— Posso pegar no teu pulso? — perguntou ele.

Estendi o braço, e ele abriu a caixa com o ramo da Cheryl, e depois colocou-o no meu braço.

— Só por um bocado, só para parecer mais real, percebes.

Tirou o iPod do bolso, e passou o dedo pelas suas músicas, antes de parar na música que escolhera. Estendeu-me um dos lados dos auscultadores e pegou no outro, depois premiu o *play* e enfiou o iPod no bolso da frente das calças. Ergui uma sobranceira, sem ter a certeza de que música estava a tocar.

— Foi uma coisa que escrevi e toquei em versão acústica, há algum tempo. É só a parte instrumental. Nunca ninguém ouviu as letras nem nada, mas acho que podes ouvi-las agora. Porque as escrevi para ti.

Oooooohhhhh.

Já adorava a música.

Ele aproximou-se de mim e estendeu as mãos. Avancei um passo, e ele passou os braços à volta da parte inferior das minhas costas, depois os meus braços rodearam-lhe o pescoço quando ele me puxou para mais

perto. A sua pele cheirava a creme de barbear e a mel — o meu novo perfume favorito. Se aquilo era um sonho, jurei que nunca acordaria. Quando começámos a mover-nos, ele puxou-me para mais perto. E quando me puxou para mais perto, começou a cantar.

Ela está encostada ao meu peito, enquanto as suas gotas de chuva começam a cair

Ela sente-se tão fraca, flutuando sem rumo, batendo contra as paredes

Rezando por um instante em que não comece a afogar-se O seu coração implora por uma resposta para o silêncio, que mantém a sua alma presa

Uma dor formou-se no meu peito, enquanto eu ouvia a sua voz.

Os seus lábios pairaram sobre os meus, as suas palavras embatendo contra mim. Senti as suas ligeiras exalações a baterem em mim, e senti os seus dedos trémulos na minha espinha. Senti a sua alma, o meu corpo pressionado contra o dele, os meus olhos fixos nos seus lábios que cantavam. Brooks...

Serei a tua âncora

Vou abraçar-te durante a noite

Serei a tua força contra as marés escuras e solitárias Vou abraçar-te, vou ser a tua luz, prometo que vais ficar bem Serei a tua âncora

E vamos vencer esta batalha

Ele estava a deixar-me doida. As suas mãos, o seu toque, a sua voz, as suas palavras. Tudo o que se encontrava na sua alma estava a incendiar-me, e senti orgulho ao arder a seu lado.

Todos os dias ela tenta fugir ao dilúvio da sua mente

Perde a esperança quando a escuridão a prende Afasta-se de mim e eu tento manter-me firme Prometo que vai tudo acabar à luz do dia

Serei a tua âncora

Vou abraçar-te durante a noite

Serei a tua força contra as marés escuras e solitárias Vou abraçar-te, vou ser a tua luz, prometo que vais ficar bem Serei a tua âncora

E vamos vencer esta batalha

Vou abraçar-te, vou ser a tua luz, prometo que vais ficar bem Vou abraçar-te, vou ser a tua luz, querida, prometo que vamos ficar bem

Serei a tua âncora

E vamos ultrapassar esta noite

— Maggie — sussurrou ele, contra mim, os nossos lábios ainda sem se tocarem. Os nossos corpos tremiam um contra o outro, e ele riu-se. — Estás a tremer.

Tu também.

Ele sorriu como se me tivesse lido os pensamentos, e esforcei-me por ler os dele.

— És a minha melhor amiga, Magnete, mas... — Os seus lábios aproximaram-se, e jurei que os senti roçarem os meus. Os seus dedos massajaram as minhas costas em círculos, e senti-me derreter de cada vez que um círculo se fechava. — E se ela estiver certa? E se a Lacey tiver razão? E se houver algo mais do que amizade entre nós?

As suas mãos na parte inferior das minhas costas pressionaram-me mais, puxando-me para mais perto. Os nossos lábios voltaram a juntar-se, e o meu estômago revirou-se.

— Recua e eu também recuo — disse-me ele. Aproximei-me mais, pousando as mãos no seu peito, sentindo o seu coração a bater. O seu olhar pousou nos meus lábios, e os seus tremores

tornaram-se meus. — Diz-me para não te beijar, Maggie. Afasta-te e não te beijo.

Imobilizei-me.

Claro que me imobilizei.

Parei e esperei, e morri, e esperei.

Quando ele encontrou o seu lugar, quando os seus lábios deslizaram contra os meus, o meu cérebro ficou atordoado e regressei à vida.

Os seus lábios pressionaram-se contra os meus, a princípio com suavidade, e todo o meu interior se tornou parte dele. Os seus dedos envolveram-me as costas e ele puxou-me para mais perto, empurrando ainda mais os seus lábios contra os meus e, pela primeira vez em muito tempo, senti-me...

Feliz.

Será que isto é real?

Posso permitir-me isto?

Tenho permissão para ser feliz?

A última vez que fora beijada fora pelo mesmo rapaz que passara os braços à minha volta, que me apertava como se eu fosse a promessa de um sonho que ele não sabia que sonhara.

Aquele beijo era diferente daquele que acontecera há todos aqueles anos. Desta vez não contamos os segundos, mas eu contei as exalações que ele me roubou.

Uma...

Duas...

Vinte e cinco...

Daquela vez, o beijo pareceu tão real, tão perfeito, tão infinito.

Desta vez é para sempre.

— Maggie, viste...

O Brooks afastou-se, saltou para trás, virando as costas à pessoa que se encontrava na soleira da porta. O auscultador no meu ouvido foi arrancado, fazendo-me tropeçar para a frente.

Os meus olhos voaram para a minha mãe, que estava ali parada, com uma expressão chocada.



— O batom vermelho da Cheryl — disse ela, acabando a frase.

Um silêncio constrangedor envolveu-nos, e a minha mãe semicerrou os olhos quando o Brooks endireitou a gravata. — Brooks, acho que a Cheryl está lá em baixo à espera de tirar fotografias.

— Sim, claro. Obrigado, senhora Riley. Deixe-me apenas tirar...

— Ele aproximou-se de mim e tirou o ramo do meu braço, e assim, sem mais nem menos, o infinito acabou. — Vemo-nos mais tarde,

Maggie.

Passou apressado pela minha mãe, mantendo a cabeça baixa, com uma expressão constrangida.

A minha mãe ficou parada no mesmo sítio, a olhar para mim, e consegui sentir a decepção na sua postura. Corri até ao toucador, onde a Cheryl deixara o batom, e entreguei-o à minha mãe.

Ela franziu a testa.

— Ela é tua irmã, Maggie May, e vai ao baile com o Brooks. O que achas que estás a fazer?

Mantive a cabeça baixa.

Não sei.

— Sei que às vezes a Cheryl pode ser demais, mas... *ela é tua irmã* — repetiu ela.

E saiu, antes que eu pudesse escrever uma resposta. De qualquer maneira, ela não a teria lido. Nesse aspeto, a mãe era como a Sr.^a Boone — ela queria palavras reais, não pedaços de papel.

Fui até à janela e olhei para os braços do Brooks à volta da cintura da Cheryl, enquanto posavam para as fotografias. Ele lançava à câmara o seu melhor sorriso falso, e sempre que olhava para a minha janela, eu afastava-me.

Fora um belo sonho, ele e eu, mas não passara disso.

Um sonho do qual fui forçada a acordar.

— Sua cabra! — gritou a Cheryl, invadindo-me o quarto, enquanto eu vestia as calças do pijama. Os meus braços puxaram

as calças para cima e tropecei para trás, surpreendida. O rímel corria-lhe pelo rosto com as lágrimas, e o seu batom vermelho estava manchado. A parte de baixo do seu vestido parecia ter sido arrastada pela relva, e tinha os olhos escancarados. — Nem posso acreditar! Nem posso acreditar que lhes contaste! — gritou ela.

Pestanejei uma vez, confusa. *Contei o quê, a quem?*

— Oh, não me venhas com essa merda da inocência. — Ela riu-se

histericamente, e pelas suas gargalhadas percebi que devia ter tomado alguma coisa; os seus olhos tinham uma expressão demasiado selvagem. — É verdadeiramente ridículo que alguém caia nas tretas que contas quando, na realidade, és um monstro!

Nem consigo acreditar que tenhas contado à mãe e ao pai aquilo que aconteceu ontem com o Jordan!

Os meus lábios separaram-se, mas não saiu nenhuma palavra, o que a irritou ainda mais. Corri para pegar num pedaço de papel e numa caneta, para escrever que não tinha contado nada aos nossos pais, mas ela bateu-me nas mãos.

— Que raio se passa contigo? Por que raio é que abres a boca se não vais dizer nada? E de que serve escrever num papel? Isso é o mesmo que falar, Maggie! Limita-te a usar a treta da tua voz, aberração!

O meu corpo começou a tremer, enquanto a sua fúria aumentava.

Ela dirigiu-se às paredes do meu quarto e começou a tirar os meus livros perfeitamente alinhados. Atirou-os pela sala, enfurecida, e começou a rasgar páginas.

— Gostas disto? Hein? Gostas que alguém venha lixar a tua vida da mesma maneira que lixaste a minha?

Eu nunca a vira tão furiosa, tão zangada.

— O pai apareceu no baile de finalistas e começou a discutir com o Jordan. Fiquei mortificada. Mas isso não é tudo... não. Antes de ficar envergonhada em frente de todos os alunos, tentei beijar o Brooks, e ele disse que não queria. Sabes porquê? — Riu-se maliciosamente, pegou num dos meus livros e começou a rasgar-lhe as páginas. Corri para ela para tentar travá-la, mas ela era mais

forte do que eu. — Porque disse que gostava de ti. De ti! Consegues acreditar nisso? Porque eu não consigo. Como é que alguém poderia gostar de ti? O que é que vais fazer? Namorar com ele e nunca saíres de casa? Teres jantares românticos na sala de estar?

Viajar pelo mundo no Discovery Channel, na sala de estar? Não mereces o Brooks. Não mereces ninguém.

— Cheryl! — gritou o meu pai, subindo as escadas. — Vai para o teu quarto.

— Estás a gozar comigo? Ela está a arruinar-me a vida e eu é que estou metida em sarilhos?

— Cheryl — rosnou o meu pai. Ele nunca perdia a paciência. —

Vai para o teu quarto. *Imediatamente*. Estás bêbeda e pedrada, e de manhã vais arrepender-te do que fizeste à tua irmã.

— Ela não é minha irmã — respondeu a Cheryl, antes de deixar cair as páginas do livro que ainda tinha nas mãos. — Eu queria que te tivesses perdido naquele bosque. — Ela passou pelo meu pai, e sussurrou: — E tu não és meu pai.

Vi-o acontecer: uma parte do coração do meu pai despedaçou-se.

Ele baixou-se para começar a pegar nos meus livros, e pousei uma mão no seu braço para o deter.

Ele sentiu o meu tremor, e eu senti o dele.

O meu pai passou os dedos pelas têmporas e soltou um suspiro profundo.

— Estás bem?

Assenti, lentamente.

Ele abanou a cabeça.

— A tua mãe encontrou o bilhete amassado no quarto da Cheryl.

Dissemos-lhe isso, mas ela estava demasiado bêbeda para perceber o que quer que fosse. O Brooks já estava a tentar trazê-la para casa, mas ela ficou furiosa e saiu com o Jordan antes de conseguirmos fazê-la ouvir-nos, e chegou a casa antes de nós. —

Ele tirou os óculos, depois apertou a ponta do nariz. — Eu devia ter conduzido mais depressa, e assim ela não se poderia ter vingado



em ti, ou destruído o teu quarto desta maneira. — Os seus olhos lacrimejavam. — Os teus livros.

Peguei-lhe na mão e apertei-a uma vez. Não. A culpa não era dele.

— Deixa-me ajudar-te a limpar esta confusão.

Voltei a apertar-lhe a mão. *Não.*

Ele lançou-me um sorriso triste e abraçou-me. Beijou-me a testa e disse:

— O mundo continua a girar porque o teu coração continua a bater.

Eu queria acreditar nele, mas naquela noite o mundo caiu por causa do bater do meu coração.

— Raios — murmurou o Brooks, quando parou mais tarde, naquela mesma noite, na soleira da minha porta.

Tinha a gravata solta, e as mãos enfiadas nos bolsos das calças.

Eu estava sentada no meio do chão, cercada pelos meus livros e pelas páginas rasgadas. Era impossível encontrar os bocados certos para encaixar nas histórias certas.

Estavam todos destruídos.

Os meus olhos encontraram os olhos do Brooks, e ao ver a dor no seu olhar, apercebi-me do quão mau tudo aquilo parecia. Eu estava sentada no meio de um *puzzle* de livros, e não fazia a mínima ideia de como ligar as peças.

Ele franziu a testa.

— Estás bem, Magnete? — Abanei a cabeça. — Posso entrar?

Assenti.

Ele contornou os livros, avançando na ponta dos pés para evitar pisar uma das lombadas.

— Não é assim tão mau.

Mentiroso.

Quando ele arquejou, os meus olhos caíram nas suas mãos, que seguravam o meu caderno com a lista de coisas a fazer.

— Oh, não... — disse ele, em voz baixa.

As minhas emoções apoderaram-se de mim.

A minha lista de coisas a fazer estava completamente destruída.

Dezenas e dezenas de aventuras, que eu esperava fazer um dia, estavam arruinadas, e não consegui evitar desatar a chorar. Eu sabia que parecia dramático, mas aqueles livros, aquelas personagens... eram meus amigos, o meu porto seguro, a minha proteção.

Aquela lista era a minha promessa para o futuro.

E agora eu não tinha nada.

Os braços do Brooks demoraram apenas alguns segundos a apertarem-se à minha volta, e caí contra o seu peito, a soluçar.

— Vais ficar bem, Maggie — sussurrou ele. Era uma promessa que me parecia vazia. — Só estás cansada. Amanhã, tratamos de tudo. Está tudo bem.

Levou-me até à cama e deitou-me, e, em seguida, começou a mover-se pelo quarto, revirando as pilhas de livros. Quando encontrou um que não estava danificado, sentou-se no chão ao lado da minha cama e abriu-o na primeira página. Baixou as pernas e pousou o livro nos joelhos. Depois, desabotoou os punhos da camisa, arregaçou as mangas e voltou a pegar no livro.

— *The Walk Home* — disse ele, lendo o título. — Capítulo um.

«Lauren Sue Lock não estava a ter um dia bom...»

Ele leu, enquanto eu chorava incontrolavelmente. Leu, enquanto as minhas lágrimas diminuíam. Leu, enquanto os meus batimentos cardíacos aceleravam. Leu, enquanto os meus olhos se tornavam pesados. Leu, enquanto eu adormecia.

Sonhei com a sua voz a ler durante um pouco mais.

Quando acordei na manhã seguinte, ele desaparecera. Quando me levantei, uma parte de mim perguntou-se se ele estivera realmente ali, mas ele deixara-me provas suficientes da sua presença durante a noite.

Cada livro voltara a ser colocado à volta do quarto, passando dos vermelhos aos roxos. Todos os livros tinham sido cuidadosamente

colados. Na minha secretária estava a minha lista de coisas a fazer, enfiada dentro do caderno, danificada, mas de algum modo mais completa do que antes.

Colado no caderno estava um *post-it* que dizia *Hoje estás bem*,

Maggie May Riley.

Eu amava-o.

Não sabia bem quando é que aquilo acontecera. Não tinha a certeza se era um conjunto de momentos, acumulados ao longo do tempo, ou se fora simplesmente devido ao ato heroico que ele executara enquanto eu dormia, mas isso não importava. Não importava quando, porquê, ou como. Não importava quantos momentos se reuniam para formarem o amor. Não importava se eram certos ou errados.

O amor não vinha com diretrizes. O amor fluía no interior de uma pessoa, tendo apenas a esperança como a sua corrente. Não havia uma lista de regras a seguir, desde que tratássemos dele como devia ser. Não nos ensinava como o manter puro. Limitava-se a aparecer em silêncio, rezando para que não o deixássemos escapar.

12

BROOKS

Tinha de se dizer algo acerca do sentido de oportunidade. Saber qual o momento certo em qualquer situação era sempre importante.

Dizer as coisas certas nos momentos certos, fazer as escolhas certas quando as escolhas tinham de ser feitas. Enquanto me dirigia ao quarto da Maggie, o meu peito estava apertado. Quando passara o tempo a colar os pedaços dos seus livros, não conseguia deixar de pensar no que ela iria achar quando acordasse na manhã seguinte. Queria fazê-la sorrir. Se pudesse fazer apenas uma coisa durante o resto da minha vida, seria fazê-la sorrir, e chegara o momento de ela saber disso, de saber como eu me sentia. Como quando estávamos juntos, ela estava sempre na linha da frente dos meus pensamentos. Como quando nos separávamos, era ali que ela permanecia.

— Quis devolver-te o teu livro ontem à noite, mas tinha mesmo de saber o que aconteceu à Lauren Sue Lock. Além disso, comprei um quadro branco novo — disse, ao parar à porta da Maggie. — Hoje estás bem, Mag...

Antes de as palavras poderem sair-me da boca, a Maggie correu para mim e pressionou os seus lábios contra os meus. Tropecei para trás no corredor, apanhando-a nos braços. Não questionei o seu beijo; cáí nele. Deixei que ela me beijasse, enquanto eu a beijava mais. Quando

ela se afastou um pouco, enfiei-lhe o cabelo comprido atrás das orelhas.

Ela corou, e eu beijei-lhe as faces. Ela baixou os olhos, e os meus dedos moveram-se sob o seu queixo para o levantar. Voltei a beijar-lhe as faces. Em seguida, a testa. Depois, o nariz. E, a seguir, cada uma das sardas quase invisíveis que lhe atravessavam o rosto.

Por fim, os seus lábios.

— Boa tarde, Maggie May.

Ela sorriu-me e beijou-me as faces. Em seguida, a testa. Depois, o nariz. E, a seguir, cada uma das sardas quase invisíveis que me atravessavam o rosto.

Por fim, os meus lábios.

Imaginei que ela também me dissera *Boa tarde, Brooks Tyler*.

Ela apertou as minhas mãos entre as dela e recuou, levando a que ambos entrássemos no seu quarto. Quando estávamos no interior, fechei a porta com o pé.

Durante um bocado, ficámos parados, com uma expressão tola, apenas a olhar um para o outro, e a sorrir. Também nos beijámos; essa deve ter sido a minha parte favorita. O seu dedo dançou no meu ombro e ela observou o meu corpo, como se a ver se eu era real. Os seus dedos desceram pelos meus braços, depois pelos meus flancos, antes de se dirigirem ao meu peito. Pousou a palma da mão no meu peito, sentindo o meu coração.

— Por ti — disse-lhe.

Ela corou ainda mais, e voltei a beijar-lhe as faces. Depois fiz o meu dedo mover-se pela sua clavícula, descendo pelos flancos, voltando a subir pelo mesmo caminho e, em seguida, movendo a palma da mão até ao seu coração.

Ela mordeu o lábio inferior e levantou quatro dedos, em seguida, apontou para mim. *Para ti*.

O seu coração batia por mim, e o meu por ela.

— Gosto de ti.

Ela apontou para si mesma, e levantou dois dedos. *Eu também*.

— Queres namorar comigo? — perguntei.

Ela recuou um passo, quase chocada com as minhas palavras.

Abanou a cabeça.

Aproximei-me dela.

— Queres namorar comigo? — voltei a perguntar.

Ela recuou outra vez, abanando a cabeça.

— Por favor, podes parar de dizer que não? É uma espécie de golpe na minha autoconfiança.

Ela encolheu os ombros e dirigiu-se à secretária, onde pegou num caderno e começou a escrever. **Como?**

— Como? Como o quê? Como é que namoramos?

Sim.

— Bem, acho que como qualquer outra pessoa.

Como é que namoras com as outras raparigas? Como é que namoraste com as tuas ex-namoradas?

— Não sei, saía muito com elas. Algumas gostavam de ir às compras, ao cinema, a... — As minhas palavras desvaneceram-se.

Ela franziu a testa. A maneira como eu namorara no passado com as minhas namoradas não era a maneira como podia namorar com a Maggie. — Oh. Já percebi, mas não estou a tentar namorar com elas. Estou a tentar namorar contigo. Qualquer que seja a maneira, é isso que quero fazer. Quero estar perto de ti. Quero beijar-te.

Quero abraçar-te. Quero ver-te sorrir. E mais... — mostrei-lhe a sua lista — namorar está na tua lista.

Ela abanou a cabeça.

— Maggie, colei esta lista, pedaço a pedaço, durante mais de cinco horas. Acho que sei o que está escrito. — Folheei as páginas e, ao encontrar o sítio, mostrei-lhe o que estava ali escrito. —

Número cinquenta e seis: namorar com o Brooks Tyler Griffin, d' O

Ela esboçou um sorriso malicioso. ***Eu não escrevi isso.***

Encolhi os ombros.

— Ouve, não tens de te sentir envergonhada. Sinto-me lisonjeado. Mesmo que não tenha sido eu a criar a lista, estou aqui para fazer com que a sigas. Raios, se eu soubesse que estavas assim tão apaixonada por mim, há anos que teria começado a namorar contigo.

Ela ergueu uma sobrancelha e bateu com as mãos nas ancas, e eu soube exatamente aquilo em que estava a pensar.

— OK, para ser honesto, quando tínhamos dez anos e tu planeaste o nosso casamento, eu ainda estava na idade em que odiava raparigas. Não podes usar isso contra mim.

Ela riu-se baixinho e revirou os olhos. Eu adorava aquilo. Adorava quando ela se ria, mesmo que fosse muito baixinho. Era a coisa mais aproximada que eu tinha da sua voz.

— Estás a ver? Temos esta coisa em que sei o que é que estás a pensar, mesmo sem falares. És a minha melhor amiga, Maggie. Se namorar contigo significa passar todas as noites nesta casa, então serei o rapaz mais felizado do mundo. — Enfie-i-lhe o cabelo atrás da orelha. — Portanto, vou perguntar mais uma vez: queres ser minha namorada?

Ela abanou a cabeça, a rir, mas depois começou a assentir e encolheu os ombros. Consegui ouvir as palavras que ela não disse.

Quero dizer, como queiras, Brooks. Acho que vou namorar contigo.

Mensagem totalmente recebida.

Fomos até à cama dela, caímos para trás, e eu peguei no meu iPod para pôr a nossa primeira música oficial. «Fever dreaming», dos No Age. A música era alta e rápida, tudo o que uma música de namoro não deveria ser. Eu ia mudar de música, mas a Maggie começou a bater com os dedos na cama. Depois, o seu pé começou a bater no chão e, quando a bateria começou, os meus dedos e pés fizeram o mesmo que os dela. Segundos depois, estávamos de pé, a saltar para cima e para baixo, dançando ao som da música. O

meu coração estava acelerado por estarmos tão perto um do outro, a dançar. Quando a música acabou, as nossas respirações estavam

pesadas. A Maggie pegou no marcador e escreveu no quadro.

Outra vez?

Pus a música repetidas vezes.

Dançámos e dançámos até os nossos corações baterem mais alto, e a nossa respiração ficar arquejante.

Naquela noite, o nosso sentido de oportunidade foi ótimo.

O nosso sentido de oportunidade estava finalmente certo.

Todos os dias que eu passava com a Maggie pareciam certos.

Cada vez que lhe apertava a mão, aquela estava quente.

Cada beijo que lhe dava era real.

Cada abraço que lhe dava era perfeito, exceto quando não o era.

As coisas eram quase sempre perfeitas entre mim e a Maggie, mas se quero ser honesto, alguns dias eram difíceis.

Namorar a Maggie foi uma das melhores decisões que tomei, mas isso não significa que foi sempre fácil. Mesmo assim, continuava a ser certo.

Quanto mais tempo passava com ela, mais reparava em pequenas coisas em que mais ninguém reparava — como o som da água a correr a fazia vacilar, ou como quando alguém lhe tocava quando estava de costas ela ficava assustadíssima. Ou como, quando mais de duas pessoas estavam numa sala, ela parecia desaparecer num canto, ou como às vezes, quando estávamos a ver um filme, lágrimas caíam-lhe pelas faces.

— Porque é que estás a chorar? — perguntava-lhe.

Ela passava os dedos pelos olhos e parecia surpreendida com as lágrimas. Limpando-as, esboçava um sorriso tenso e apertava na mão o seu colar com a âncora.

Depois, havia os seus ataques de pânico.

Durante todos os anos em que conhecera a Maggie, eu nunca soubera daqueles ataques.

Ela mantinha-os escondidos, e para si mesma. Eu só sabia que eles existiam porque, algumas noites, entrava no seu quarto para uma festa de pijama. Às vezes, ela adormecia, e depois virava-se e revirava-se tanto que eu tinha a certeza de que os seus pesadelos iriam causar-lhe um ataque cardíaco. Quando a acordava, os seus olhos estavam arregalados, horrorizados, como se não soubesse quem eu era quando lhe tocava.

Ela enrolava-se numa bola e tapava as orelhas, como se estivesse a ouvir vozes que não existiam. O seu corpo ficava coberto de suor, as mãos tremiam-lhe e a sua respiração era pesada. Às vezes, os seus próprios dedos envolviam-lhe a garganta, e as suas inalações eram curtas e erráticas.

Sempre que eu tentava mergulhar mais profundamente na sua mente, ela afastava-me. Tínhamos discussões em que eu era o único a gritar. Discutir com alguém que não respondia era pior do que discutir com alguém que atirava cadeiras. Sentia-me desesperado, como se estivesse a gritar com um muro de pedra.

— Diz qualquer coisa! — implorava-lhe. — Reage!

Mas ela mantinha-se sempre calma, o que me irritava ainda mais.

Aquilo deixava-me doido, tentando descobrir o que ainda a corroía passados todos aqueles anos.

Deixava-me doido porque não conseguia ajudá-la.

Antes dela, eu namorara com algumas raparigas, e sempre me parecera fácil. Percebi que, se tivéssemos coisas acerca das quais conversar, isso significava que fazíamos um bom par. Se gostássemos das mesmas coisas, devíamos estar juntos. Nos meus relacionamentos anteriores, nunca tivera dificuldade em não saber o que dizer; conversávamos muito, às vezes durante horas. Quando havia momentos de silêncio, parecia sempre que qualquer coisa estava errada. Eu procurava sempre a coisa certa a dizer, a conversa seguinte.

Com a Maggie, as coisas eram diferentes. Ela não respondia às palavras.

Durante o seu mais recente ataque de pânico, eu descobrira como a ajudar. Antes, quando gritava com ela, exigindo que me deixasse entrar na sua cabeça, aquilo nunca funcionara. Quando lhe implorei que me ajudasse a compreendê-la, ela afastou-me ainda mais.

A música ajudava. A música podia ajudar. Eu sabia que podia. A música era a única coisa que me ajudava sempre. Quando ela se sentava na cama a chorar, eu apagava a luz do seu quarto, ligava o meu iPod, e escolhia o «To be alone with you», do Sufjan Stevens.

Não a ajudara da primeira vez que escolhi aquela música, nem da segunda, mas mantive-me sentado em silêncio, à espera de que a sua respiração voltasse ao normal.

— Tu estás bem, Magnete — dizia-lhe, de vez em quando, sem saber se ela conseguia ouvir-me, mas esperava que sim.

Quando ela teve finalmente uma reação, a música estava a tocar pela décima primeira vez.

Ela enxugou os olhos e foi buscar um pedaço de papel, mas eu abanei a cabeça e dei uma palmadinha no chão ao meu lado.

Ela não tinha de me escrever nenhuma palavra. Às vezes, as palavras eram mais vazias do que o silêncio.

Ela sentou-se à minha frente, com as pernas cruzadas. Parei a música.

— Cinco minutos — sussurrei, estendendo as mãos para ela. —

Só cinco minutos.

Ela colocou as mãos em cima das minhas, e ficámos sentados completamente imóveis e silenciosos, olhando-nos nos olhos durante cinco minutos. No primeiro minuto em que o fizemos, não conseguíamos parar de rir. Parecia um pouco ridículo. No segundo minuto, rimo-nos um pouco mais. No terceiro, a Maggie começou a chorar. No quarto, chorámos os dois, porque nada me magoava mais do que ver os seus olhos tão tristes. No quinto, sorrimos.

Ela soltou o suspiro que estivera a conter, e eu também soltei um.

Era libertador sentir tanto com alguém que sentia o mesmo. Era nesses momentos que eu achava que aprendera mais a seu respeito. Era nesses momentos que ela aprendia mais sobre mim.

Eu não sabia que se conseguia ouvir tão claramente a voz de alguém em momentos de silêncio.

O Brooks nunca mais me fez perguntas acerca dos meus ataques de pânico, e fiquei feliz com isso. Ainda não estava preparada para falar daquilo, e o Brooks compreendeu. No entanto, eu sabia que, se houvesse um dia em que estivesse pronta, ele estaria disposto a ouvir, e isso significava mais para mim do que ele jamais poderia saber.

Em vez de enchermos o nosso verão com assuntos sérios, preenchemo-lo com beijos. Quando não estávamos a beijar-nos, estávamos a criar a nossa própria lista de coisas a fazer, num futuro juntos. Eu gostava da maneira como ele acreditava que, um dia, eu sairia de casa.

Gostava da ideia de ver o mundo com ele ao meu lado.

— Vai ser ótimo, Maggie. Além disso, como vou para a faculdade na cidade mais próxima, posso vir ver-te todas as tardes, depois de as aulas acabarem. Não vai custar nada — dizia o Brooks muitas vezes.

A sua esperança em nós deixava-me mais esperançosa do que nunca.

Depois, voltávamos a beijar-nos. Beijávamo-nos e beijávamo-nos.

Eu não era boa com as coisas boas.

Não era surpreendente que não fosse boa nas coisas boas, porque eu nunca tivera um namorado para praticar qualquer uma das coisas que as pessoas faziam quando estavam num relacionamento. Sempre que o Brooks se aproximava, e as suas mãos começavam a deambular, eu ficava tensa, não porque ele me tocava, eu queria que ele o fizesse, mas porque não tinha a certeza como lhe deveria tocar em resposta.

Era constrangedor. Eu odiava aquilo. Achava ter lido os livros suficientes com as referências sexuais suficientes para saber como tocar o meu namorado, mas isso estava longe da verdade.

— Está tudo bem, a sério — sorria o Brooks, levantando-se de uma das nossas sessões de beijos, que conduziam sempre a mais beijos. — Não temos de nos apressar.

No entanto, eu não me sentia apressada. Sentia-me idiota. *Onde é que ponho as mãos? Aquilo era bom para ele? Como é que sei se ele está mesmo a gostar?*

— É melhor eu descer para o ensaio da banda. — Ele endireitou a zona das virilhas, o que me fez sentir ainda pior. Eu era uma provocação tão accidental. — Vemo-nos lá em baixo, está bem?

Assenti. Ele inclinou-se e beijou-me a testa, antes de se afastar.

No momento em que ele desapareceu, peguei na minha almofada, pullei-a em cima da cara e gritei silenciosamente contra ela.

Frustrada, comecei a espernear. *Argh!*

Quando ouvi um gemido baixo, afastei o rosto da almofada e vi a Cheryl a avançar pelo corredor, com a mão na face. Ela correu para o seu quarto e bateu com a porta.

Dois segundos depois, eu estava a bater à sua porta.

— Vai-te embora! — gritou ela.

Bati uma vez. *Não.*

Ouvi-a gemer.

— Por favor, vai-te embora, Maggie. Eu sei que és tu.

Girando a maçaneta, abri a porta devagar e vi-a parada em frente do seu espelho, a tocar num corte debaixo do olho, que pingava sangue que lhe escorria pela face.

— Raios, Maggie! Não me ouviste?

Aproximando-me mais, fi-la olhar para mim e examinei o seu corte. Inclinando a cabeça, lancei-lhe um olhar questionador.

Ela fez uma careta.

— O Jordan pensou que, como me trouxe do baile de finalistas há algumas semanas, isso significava que estávamos juntos outra vez.

Como odeio estar sozinha, voltei para ele. Mas, afinal, ele nunca me perdoou completamente e, com o passar das semanas, tornou-se cada vez mais violento. Assim, quando lhe disse que não queria continuar com ele... ele ficou um pouco... chateado.

O meu peito apertou-se.

— Não fiques perturbada, OK? — avisou ela, enquanto me virava lentamente as costas e levantava a *T-shirt*.

As minhas mãos voaram até à boca quando vi a sua pele vermelha,

onde parecia que o Jordan a espancara.

Cheryl...

Rindo, ela disse:

— Se achas que isto está mau, devias vê-lo a ele.

Franzi a testa.

Ela também.

Ele, provavelmente, afastara-se sem um fio de cabelo fora do lugar, deixando a minha irmã com cicatrizes não apenas no corpo mas também na mente.

Saí do quarto e fui até à casa de banho buscar um pano molhado e um penso rápido. Quando voltei, levei-a até à cama, puxei uma cadeira e sentei-me. Quando comecei a limpar-lhe o corte, o seu corpo tremeu durante todo o tempo.

— Não vou apresentar queixa, Maggie — afirmou ela. — Sei que, provavelmente, é algo que queres que eu faça, mas não vou fazê-lo.

Ele tem mais de dezoito anos. Seria condenado como um adulto, e não posso arruinar-lhe a vida desta maneira...

Continuei a limpar-lhe a cara, sem reagir às suas palavras.

— Quero dizer, a culpa é minha. Eu não devia ter saído com ele na noite do baile. Enviei-lhe sinais confusos.

Bati-lhe na perna uma vez. *Não.*

Ela estava a culpar-se. Eu já estivera naquela situação. Às vezes, a minha mente ainda me criticava. *Eu não devia ter estado naquele bosque. A minha mãe dissera-me para eu não sair. Eu colocara-me numa situação perigosa. A culpa fora minha.*

No entanto, quando tomava banho e me enfiava debaixo de água, lavava todos aqueles pensamentos.

Às vezes a nossa mente age como uma espécie de kriptonite, e somos responsáveis pela nossa própria autoestima — temos de lhe dizer, agressivamente, para se ir lixar com as suas mentiras.

Eu não era culpada.

E a Cheryl também não.

Uma lágrima escorreu-lhe pela face, e ela enxugou-a.

— Mas, afinal, o que é que queres? Porque estás a ajudar-me?

Destruí o teu quarto. Disse-te coisas horríveis, e apesar disso estás a ajudar-me. Porquê?

Encolhi os ombros.

Ela estendeu-se para a frente, estremecendo com a dor nas costas, e pegou num lápis e papel.

— Porquê, Maggie?

Porque és a minha família.

Mais lágrimas caíram-lhe dos olhos, e ela não tentou escondê-las.

— Lamento imenso, sabes, aquilo que fiz ao teu quarto, que te fiz a ti. Eu só... — Ela levantou as mãos, frustrada. A sua voz encheu-se de uma profunda vergonha e remorso. — Não sei o que estou a fazer com a minha vida.

Eu duvidava que a maior parte das pessoas o soubesse.

Qualquer pessoa que alegasse ter descoberto o que fazer com a sua vida estava a mentir. Às vezes perguntava-me se havia mesmo alguma coisa para descobrir, ou se andávamos todos à procura de uma razão quando não existia nenhuma.

— Quero contar à mãe e ao pai o que ele fez — sussurrou ela, os seus olhos cheios de tristeza. — Mas sei que eles vão ficar assustadíssimos. Já estão chateados comigo por todas as outras merdas que fiz. Já lixei demasiado as coisas para eles se ralarem.

Voltei a bater-lhe na perna. *Não.*

— Como é que sabes?

Levantei outra vez o papel, em que falava da família. Depois disso, ela arranjou coragem para contar tudo aos nossos pais. O

momento em que eles a abraçaram e disseram que nada daquilo

era culpa sua foi o momento em que a Cheryl soltou a inalação que parecia ter estado a conter durante anos.

— Sinto falta dele — disse a Cheryl, caindo na minha cama, algumas semanas depois de ter «oficialmente» acabado com o Jordan. O corte no seu rosto estava a cicatrizar, mas eu sabia que os danos na sua mente não cicatrizariam com tanta rapidez. —

Quero dizer, não sinto a falta *dele*. Sinto falta da ideia dele. Sinto falta da ideia de alguém ao meu lado. Hoje sentei-me e tentei pensar na última vez em que estive sozinha, e não consegui encontrar uma resposta.

Fiz uma careta, e ela continuou a falar.

— E se eu for uma dessas raparigas que não conseguem ficar sozinhas? E se tenho de estar sempre com um rapaz? Que raio devo fazer com o meu tempo se não tiver um rapaz com quem falar? Não sei se já percebeste, mas não sou lá muito boa a criar amizade com raparigas. Não há nenhuma rapariga que goste de andar comigo, provavelmente porque roubei a maior parte dos seus namorados. Que raio devo fazer?

Esticando-me da cadeira da minha secretária, estendi a mão para a minha estante, procurando um certo livro para dar à minha irmã.

Pegando n' *A História de Uma Serva*, da Margaret Atwood, dei-lho.

Ela franziu a testa, enquanto uma expressão sombria lhe atravessava o rosto.

— O que devo fazer com isto? — Ergui uma sobrancelha, e ela ergueu uma em resposta. — Maggie, eu não leio. — A combinação daquelas quatro palavras criou a frase mais triste que eu já ouvira.

Voltei a empurrar o livro na sua direção, e daquela vez ela pegou nele cautelosamente. — Bem. Vou tentar só porque estou entediada, mas duvido que vá gostar.

Demorou três dias a acabar o livro e, quando mo devolveu, citou partes dele, os seus olhos arregalados com uma emoção que eu nunca lhe vira.

— Queres saber qual é a minha citação favorita? « *Não deixes que os filhos da mãe te esmaguem.* » Céus. É. Tão. Estupidamente.

Bom. A Margaret Atwood é o meu espírito animal. — Ela levantou o livro na minha direção e semicerrou os olhos. — Tens mais algum assim?

Comecei a emprestar-lhe um livro novo de três em três dias.

Passado algum tempo, começámos a reunir-nos à sexta à noite, e comíamos *Doritos*, bebíamos muitos refrigerantes e eu deitava-me no chão com os pés pousados na minha cama.

— Mas que raios, Maggie. Durante todo este tempo pensei que lias para escapar do mundo, mas agora sei que não lias para te escapares; tu lês para o descobrir.

A melhor noite foi quando a Cheryl acabou de ler *As Serviçais*, da Kathryn Stockett. Ao longo da sua leitura, ela tinha lágrimas que se transformavam em gargalhadas, e vice-versa.

— AQUELAS PUTAS DE MERDA! — gritava ela, de vez em quando. —

Não, a sério, AQUELAS PUTAS DE MERDA!

Uma noite, às duas da manhã, eu dormia quando a Cheryl começou a abanar-me para me acordar.

— Maggie — sussurrou ela. — Mana! — Quando abri os olhos, ela estava a apertar o livro contra o peito e tinha um sorriso enorme no rosto, o tipo de sorriso que as crianças têm quando ouvem o som da carrinha de gelados a descer a estrada e acabaram de sair com moedas suficientes nos bolsos para comprarem um. — Maggie.

Acho que sou isto. Acho que sou isto.

Ergui uma sobranceira cansada, à espera que ela explicasse o que era.

— Acho que, finalmente, sei o que sou. — O seu sorriso pareceu aumentar ainda mais, o que também me fez sorrir. — Acho que sou uma leitora.

À medida que os dias e as semanas passavam, a Cheryl começou a passar cada vez mais noites em casa. Passava a maior parte do tempo a ler. Quando vinha visitar-me ao quarto, não me contava as histórias das suas aventuras selvagens com rapazes

diferentes. Começara a contar-me os seus sonhos selvagens de aventura — viajando pelo mundo, vendo algumas das coisas que lera

nos livros. Também começou a construir a sua própria lista de coisas a fazer.

Certa noite, quando falava de Londres, eu abordei o assunto do sexo, e a sua boca escancarou-se, perplexa.

— Oh, meu Deus, Maggie! — exclamou ela, arrancando-me o papel da mão, rasgando-o em pedaços. — Primeiro, estas são as notas que nunca vais querer que o pai encontre e, segundo, tu e o Brooks estão a fazer sexo?

As minhas faces aqueceram, e abanei a cabeça.

— Mas estão a fazer algumas coisas, certo? Oh, céus! Eu sonhei que iria ter estas conversas contigo! OK. — Ela sentou-se na cama e cruzou as pernas. — Conta-me tudo o que já fizeram. — Os seus olhos estavam arregalados de espanto.

Beijámo-nos.

Ela assentiu, rapidamente.

— Humm, humm! Bom! Que mais?

Voltei a escrever, ***beijámo-nos.***

— O quê? Mas vocês já namoram há semanas. Isso é demasiado tempo para se limitarem a beijar. Porque não fizeste mais nada?

Não estás preparada? Porque se não estás, tudo bem. O Brooks não vai importar-se.

Não, eu estou preparada.

— Então, qual é o problema?

Corei. ***Não sei fazer nada.***

— Queres dizer... mesmo nada? Nada com as mãos? Nada de anílingua? Nada de sexo oral? Nada de beijos nos mamilos? —

Ergui uma sobrancelha, e a Cheryl assentiu. — Eu sei o que estás pensar, todas essas coisas parecem não ter qualquer recompensa, mas confia em mim, se as fizeres como deve ser, vais ser verdadeiramente recompensada.

Meu Deus. Às vezes eu não conseguia aturá-la. No entanto, apesar

disso, sentia muita falta dela.

Ela saltou da cadeira e correu para fora do quarto. Quando voltou, trazia doces, bananas e outras frutas, incluindo rodela de ananás.

— OK, vamos começar do início. — Pegou numa banana. —

Lição número um.

— Ei, miúdas — disse o Brooks, enfiando a cabeça dentro do meu quarto.

A Cheryl atirou-se para cima das coisas que trouxera.

— Não estamos a fazer nada! — gritou ela.

Bom trabalho, mana. Isso não é nada suspeito.

O Brooks arqueou uma sobrancelha.

— OK. Só vim dizer-vos que o jantar está pronto e que o teu pai me disse que eu tinha de ir para casa, porque já não sou bem-vindo na casa onde a Maggie dorme.

Sorri. Soa mesmo ao meu pai.

— OK, bem, então agora podes ir-te embora — respondeu a Cheryl, lançando um sorriso tenso ao Brooks.

Ele aproximou-se de mim e beijou-me na testa.

— Vemo-nos amanhã.

Quando ele saiu, a Cheryl gemeu e sentou-se, uma banana esmagada no peito, deixando resíduos no meu cobertor.

— Desculpa toda esta confusão — disse ela, limpando a banana da camisa. — Mas confia em mim, se fizeres as coisas como deve ser, a fase da confusão é completamente normal.

14

BROOKS

Numa noite enublada de sábado, fui até ao quarto da Maggie para passarmos algum tempo juntos. Passávamos muito tempo na sua casa, mas eu não me importava com isso. Enquanto ela lá estava, eu sentia-

me feliz. Dirigi-me ao seu quarto, e ela já estava parada à porta com um monte de papéis nas mãos. Parecia diferente do que era habitual. O seu cabelo estava enrolado e usava... maquilhagem? Ainda estava bonita, apenas um tipo diferente de beleza.

Adivinha!

Sorri abertamente.

— O quê?

Ela deixou cair o primeiro papel para revelar o seguinte.

Os meus pais ofereceram-me um telemóvel como presente de formatura.

— Uau. A sério?

Ela assentiu rapidamente, e mostrou o papel seguinte.

A sério.

Entrei no seu quarto e, antes de fechar a porta, olhei para o corredor para me certificar de que o Sr. Riley não estava a ver.

— Isso significa que agora posso enviar-te mensagens de texto inapropriadas?

Ela corou. A Maggie não demorava muito tempo a corar, e eu adorava quando isso acontecia. Ela folheou os papéis e encontrou a resposta certa.

Não sejas pervertido.

Ergui uma sobrancelha e aproximei-me dela, abraçando-a.

— E quanto a fotografias inapropriadas?

Ela voltou a remexer nos papéis.

Não sejas um pervertido ainda mais pervertido.

Ri-me. Ela inclinou-se para a frente, pousando as mãos no meu peito. Quando os seus dedos se moveram para baixo em direção à minha virilha, ela fez deslizar lentamente a sua língua sobre os meus lábios, separando-os antes de me beijar com força. Era um movimento novo

para ela, e eu gemi, adorando aquilo mais do que ela podia imaginar.

— Maggie, não podes dizer-me que sou pervertido e depois fazeres uma coisa destas.

Ela recuou e mordeu o lábio inferior, deixando cair outro papel.

OK, então sê um pervertido.

Semicerrei os olhos, sentindo uma ligeira contração nas minhas calças de ganga, enquanto olhava para ela. O seu cabelo comprido estava ondulado e ainda um pouco húmido do banho. Estava caído sobre os ombros, roçando o vestido de alças finas que lhe chegava aos dedos dos pés. Ela parecia tão simples da maneira mais bonita.

As suas faces ainda estavam vermelhas, mas os seus olhos estavam determinados.

— Queres...?

Sim.

— E os teus pais?

Ela deixou cair outro papel, e não consegui evitar sorrir. Era como se ela soubesse tudo que eu ia perguntar.

Estão em casa dos meus avós até amanhã.

— E o Calvin?

Com a Stacey.

— E a Cheryl?

Ela sorriu e revirou os olhos, deixando cair o seu antepenúltimo pedaço de papel.

Quem sabe?

Brooks?

— Sim?

A maneira como ela baloiçava para a frente e para trás estava a dar cabo de mim. Ela era tão bela, e eu podia jurar que ela não o

sabia.

Levantou o último pedaço de papel.

Vem despir-me agora.

Aproximei-me dela, passando os dedos pelo seu cabelo.

— Tens a certeza? — perguntei.

Ela assentiu. A minha boca moveu-se até ao seu pescoço, e lambi-a devagar, sugando-a suavemente. A minha boca viajou pela sua clavícula, beijando-a a cada passo do caminho. Quando cheguei à sua alça, deslizei-a pelo seu braço, mordendo-lhe ao de leve a pele. Ela soltou um suspiro fraco, e aquele som só me fez desejá-la ainda mais.

— Vamos devagar. Não temos de nos apressar — disse-lhe, sabendo que era a sua primeira vez.

Fiz deslizar a sua outra alça pelo ombro, e o seu vestido solto caiu no chão. Recuei um passo, estudando o seu corpo. O seu sutiã de renda branca não combinava com as cuecas de algodão rosa, mas, de algum modo, era perfeito. As suas pernas eram magras e compridas, enquanto os seus braços descansavam nos seus flancos.

— És linda — sussurrei.

Ela avançou um passo na minha direção, pegou no fundo da minha camisola e tirou-ma pela cabeça, atirando-a para cima do seu vestido. Quando me desafivelou o cinto, descalcei os sapatos e as meias. Ela abriu o fecho das minhas calças de ganga, e elas caíram no chão.

A Maggie observou-me o corpo, os seus olhos movendo-se para cima e para baixo, enquanto eu observava o dela. Os seus dedos passaram pelo meu peito, descendo cada vez mais, até chegarem ao elástico dos meus *boxers*. Os meus olhos fecharam-se quando o seu polegar roçou a minha dureza, e ela começou a acariciar-me lentamente através do tecido.

— Mag... — gemi, sentindo-a a começar a acariciar-me com mais força. A sua mão livre envolveu o elástico dos *boxers*, e quando começou a puxá-los para baixo, abri os olhos. Ela preparava-se

para se ajoelhar. As suas mãos tremiam contra mim, e a minha mão voou sob o seu antebraço. — Maggie, o que é que estás a fazer?

Ela olhou para mim, confusa.

— Quero dizer... — ri-me. — Sei o que estás a fazer, mas não precisas... — Fi-la levantar-se. Passei os dedos pelo seu cabelo. —

Sei que nunca fizeste nada antes.

O constrangimento encheu-lhe os olhos, e quando começou a afastar-se de mim, fi-la virar-se, apertando as suas mãos entre as minhas.

— Quem te disse para fazeres isto? A Cheryl?

Ela apertou as mãos duas vezes.

Eu odiava aquilo. Odiava que ela sentisse que tinha de fazer certas coisas por causa do que os outros diziam.

— Cinco minutos? — perguntei, recuando alguns passos.

Ela fechou os olhos, respirou fundo e também recuou. Quando voltou a abrir os olhos, sorriu e soltou o sutiã, deixando-o cair no chão. Eu tirei os *boxers*, atirando-os para a esquerda. As suas cuecas deslizaram pelas suas belas coxas, e ela tirou-as.

A sua mão levantou-se, e ela assentiu. Cinco minutos.

Ficámos ali parados, a olhar um para o outro. Cinco minutos para apagar todos os nossos medos. Cinco minutos para recordarmos quem éramos. Cinco minutos para encontrarmos o nosso próprio caminho, a nossa própria história.

Quando os cinco minutos terminaram, peguei na mão da Maggie e conduzi-a até à sua cama.

— Maggie... — Beijei-a na boca. — Não temos de fazer o que as outras pessoas fazem... — Beijei-lhe o pescoço. — Não somos as outras pessoas. Não temos de seguir as suas orientações. — Beijei-lhe a clavícula, e ela fechou os olhos enquanto eu me movia pelo seu corpo, beijando cada centímetro da sua pele, provando cada pedaço. — Não tens de fazer as coisas de uma certa maneira.

Abri-lhe as pernas, beijando-lhe as coxas. A minha boca roçou contra a sua pele, e ela torceu os dedos no meu cabelo.

— E, se quiseses parar, podes sempre beliscar-me ou bater-me.

Ela arqueou as ancas em direção à minha boca, demonstrando o

quanto queria que eu continuasse, implorando-me silenciosamente para a saborear. Como eu queria prová-la. Olhei para ela, e os seus olhos estavam pousados em mim. Ela estava a observar cada um dos meus movimentos, e eu queria que ela visse tudo. Queria que ela me visse a explorar o seu corpo, a saborear o seu corpo, a amar o seu corpo. Ela e eu não estávamos a seguir as regras de ninguém, nem a transcrição de outra pessoa. Estávamos a escrever a nossa própria história.

Inclinando-me para a frente, passei a minha língua por ela, enfiei um dedo no seu interior e apresentei-lhe o primeiro capítulo.

15

MAGGIE

— Não acredito nisso! Simplesmente não posso acreditar.

Na noite do sábado seguinte, as amigas da minha mãe tinham vindo visitá-la. Aquelas mulheres tinham andado com ela no secundário, e como agora moravam em estados diferentes, só apareciam uma ou duas vezes por ano, o que na minha opinião era demasiado. Sempre que estavam por perto, eu esforçava-me por me tornar invisível. Não eram as pessoas mais simpáticas do mundo. Eram cinco, incluindo a minha mãe. Apesar de terem andado juntas no secundário, eu não fazia a mínima ideia porque é que viajavam sempre juntas, já que não se suportavam umas às outras. Tudo aquilo de que falavam assemelhava-se sempre a uma competição. Se a filha da Loren começara a andar aos dez meses, a da Wendy começara a conduzir aos nove. Se a Hannah conseguia correr cinco quilómetros, a Janice conseguia correr dez em menos tempo.

No entanto, eu era o tema favorito de todas. Quando chegavam ao meu silêncio, eram todas profissionais acerca do que significava ser-se mudo.

Naquela noite, sentei-me no cimo das escadas a ouvi-las falar a meu respeito. Só queria que o Brooks estivesse ali, mas ele e os rapazes tinham ido a uma espelunca qualquer ver uma banda *underground*, *superindie*, tocar. Ele enviava-me constantemente vídeos do lugar, onde estavam amontoados como sardinhas, e era tão barulhento como habitual. Sempre que a câmara se virava para ele e eu via o seu sorriso feliz, o meu coração apaixonava-se um pouco mais por ele.

Queria estar lá com ele, senti-lo a abraçar-me, perdendo-me completamente nos sons. No vídeo, vi a Stacey a abanar-se de um

lado para o outro ao som da música, com o Calvin, e senti-me egoísta — egoísta por não estar lá para o Brooks, egoísta por não ser capaz de fazer as coisas que os casais normais faziam.

— Ela tem mesmo um namorado? — perguntou a Loren, acabando o seu copo de vinho, antes de voltar a servir-se de mais.

— Como é que isso é possível?

— Quem é? — questionou a Wendy.

— O Brooks — respondeu a minha mãe, despreocupadamente, enquanto comia batatas fritas e molho.

— O Brooks *quê*? — continuou a Wendy.

— Griffin.

— O *quê*? — gritaram as quatro ao mesmo tempo.

— Não pode ser — disse a Janice. — Mas o Brooks é... Ele é muito popular com as raparigas, não é? Percebo que a tenha visitado todos os dias porque é bondoso, mas *namorar*? Isso não pode ser verdade.

— Será que é saudável? — perguntou a Loren. — Tu sabes, com a condição da Maggie...

— A condição? — perguntou a minha mãe.

— Tu sabes, o seu... trauma. Estou só a dizer. Li uma vez um artigo...
— começou a Loren.

— Tu estás sempre a ler artigos — interrompeu-a a Hannah, o seu tom um pouco irritado.

— Sim, mas este tinha estatísticas científicas verdadeiras. Dizia que os indivíduos que sofrem incidentes traumáticos enquanto crianças lutam com recaídas na sua cura quando envolvidos em relacionamentos.

— Loren — repreendeu-a a Hannah.

Eu gostava da Hannah. A mãe devia ser só amiga dela, e ter abandonado as outras.

— O que foi? É verdade. Ela estar com o Brooks pode desencadear algum tipo de recaída e, na verdade, o que é que eles vão fazer? Namorar na casa da Katie para sempre? Só estou a dizer que isto não

parece ser uma boa ideia. Pode realmente levar a que

qualquer progresso da Maggie, por mais pequeno que seja, regrida.

Além disso, não me parece justo para o Brooks. O que é que ele ganha com a relação?

Cala a boca, Loren. Ele compreende-me.

Eu não queria continuar a ouvir, mas não conseguia ir-me embora.

— Sabes uma coisa? Só digo que o que será, será — interveio a Hannah. — Eles são crianças, deixa-os viver um pouco.

Exato, Hannah! A Hannah era a menos dramática do grupo. Se alguma coisa, só aparecia para a piza e para o vinho. Não podia culpá-la — a minha mãe mandava sempre vir a piza do Marco, a melhor piza da cidade.

— Que pensamento mais estúpido, Hannah. «Viver um pouco.»

Foi esse tipo de pensamento que levou a que te casasses três vezes, e te divorciasses outras três.

— Também vou a caminho da quarta, nessas duas frentes. — A Hannah serviu-se de mais vinho, sorriu e começou a cantar: — *Que sera, sera.*

— Sabes qual é a opinião da mãe acerca de a espiaries —

sussurrou o meu pai, subindo as escadas para se sentar ao meu lado. Tinha um saco de *M&Ms* na mão e deu-me alguns. — Além disso, aquelas mulheres são umas víboras. Não precisas de passar por uma lavagem cerebral por causa da loucura delas.

Sorri-lhe e pousei a cabeça no seu ombro.

— Estão outra vez a falar de ti?

Assenti.

Ele franziu a testa.

— Já disse à mãe para mudar de assunto, ou deixar de convidar os quatro cavaleiros para a nossa casa. Não é uma casa suficientemente grande para ser o quartel-general do apocalipse.

Não deixes que elas te atinjam, Maggie, está bem?

Eu não estava preocupada que elas me atingissem. Era óbvio que aquelas mulheres eram doidas. O que mais me preocupava era como as suas palavras afetavam a minha mãe. Mesmo quando ela

tentava lutar contra as opiniões delas, elas continuavam a infiltrar-se através das fendas da sua mente inconsciente. Às vezes, quando a minha mãe reagia perante situações, não o fazia sendo ela própria, mas como os quatro cavaleiros. O meu pai sempre disse para ter cuidado com grupos, que às vezes eles nos transformam numa pessoa em quem nunca nos transformaríamos.

— Só estou a dizer que ela nunca vai melhorar se deixares que isto continue — recomeçou a Loren. — Não lhe devia ser permitido...

— Oh, Loren, cala a boca! — gritou a minha mãe, surpreendendo-nos tanto a mim como ao meu pai. Ela até tropeçou um pouco para trás, chocada com o som da sua própria voz. — Já chega. Sim, a minha filha tem os seus problemas, mas isso não é motivo para a menosprezares durante uma hora. Eu nunca faria isso com o teu filho, e espero o mesmo tipo de respeito com os meus. No que se refere ao facto de a minha filha namorar, e com quem a minha filha namora, cabe-me a mim e ao seu pai decidir. Eu respeito a tua opinião... mas não passa disso. Uma opinião. Podes tê-la à vontade, mas se pudesses guardá-la para ti mesma isso seria estupendo.

— Uau — sussurrou o meu pai, esboçando um pequeno sorriso.

— Aí está ela — disse ele. — A mulher com quem me casei.

Elas mudaram de assunto, e a Loren até murmurou um pedido de desculpas.

— Queres uma piada? — perguntou o meu pai.

Claro.

— Quando é que um livro se torna mais magro? Quando lhe removem o apêndice. — Ele riu-se, batendo no joelho, e eu revirei os olhos com toda a força.

Céus.

Eu adorava o meu pai.

Já passava da uma da manhã quando os cavaleiros partiram para os seus hotéis. O Brooks não me enviava qualquer mensagem já há algum tempo, e percebi que ele devia estar a divertir-se imenso no concerto. Algumas horas depois, acordei com a minha porta a abrir-se lentamente.

— Magnete? — sussurrou o Brooks. — Estás a dormir?

Sentei-me na cama.

Ele sorriu e entrou no meu quarto, fechando a porta atrás de si.

Dirigiu-se à minha secretária e acendeu o candeeiro, iluminando a sala o suficiente para uma visita noturna.

— Desculpa ter deixado de te enviar mensagens. Fiquei sem bateria a meio do concerto. Depois, quando o concerto devia terminar, eles começaram um *encore* doido! Céus! A energia da sala, Maggie. Juro que se conseguia sentir as paredes a vibrarem sozinhas com toda aquela energia. E o pessoal da banda! —

continuou ele, agitando os braços com entusiasmo, contando-me tudo sobre a banda, as guitarras que eles tinham usado, as teclas, a bateria, como o Rudolph foi atingido na cara com uma baqueta, como foi o Oliver que o atingiu na cara.

Estava entusiasmadíssimo. A maneira como a música o transformava — a forma como a música o libertava de qualquer restrição da vida — era algo que eu adorava.

Eu amava a sua alegria.

— Trouxe-te isto! — disse ele, enfiando a mão no bolso e tirando um *pin* da banda. — Eram a banda desta noite: os Jungle Treehouse. Céus, Maggie, ias adorá-los. Eu sei que ias. Só queria que lá estivesses. Quando voltávamos para tua casa, carreguei o telemóvel no carro e fiz o *download* de algumas faixas, se quiseres ouvi-las.

Eu queria.

Deitámo-nos na minha cama, emocionados e de auscultadores nos ouvidos, ouvindo a música enquanto a luz fraca brilhava no canto. Ele inclinou a cabeça na minha direção, e eu inclinei a minha na sua. Ele entrelaçou os seus dedos nos meus, e em seguida

colocou a sua mão em cima do peito. Senti o seu coração a bater, enquanto a música vibrava da minha alma para a dele.

— Amo-te, Maggie May — sussurrou ele, olhando-me nos olhos.

— Quero dizer, olho para ti e não consigo deixar de pensar «Uau.

Agora, amo mesmo esta miúda». Sabes? Amo tudo a teu respeito.

Os dias fáceis, e também os difíceis. Talvez te ame ainda mais nos dias difíceis. Não tenho a certeza se devia dizer-to ainda, porque não sei se estás preparada, mas tudo bem. Demora o tempo que precisares, mas queria que o soubesses, porque quando se ama alguém acho que se tem de o gritar, caso contrário o amor no nosso peito torna-se um pouco pesado. Ele pesa-nos, e começamos a perguntar-nos se a outra pessoa também nos ama. No entanto, não estou preocupado com isso. Estou aqui sentado, perto de ti, a olhar para as pequenas sardas no teu rosto que a maior parte das pessoas nem vê, pensando no quanto te amo neste momento.

Aconcheguei-me mais perto dele, pousando a cabeça no seu peito, enquanto os seus braços me envolviam. Ele fechou os olhos e apertou-me contra o seu corpo, enquanto o seu peito subia e descia a cada inalação e exalação, adormecendo passados alguns instantes. Pressionei os lábios contra o seu pescoço, beijando-o ao de leve. Roci a boca na dele, e ele mexeu-se um pouco. Apertei o seu lábio inferior entre os dentes, e mordi-o suavemente. Os seus olhos abriram-se, sonolentos e atordoados, mas ele sorriu. Ele sorria sempre quando olhava para mim.

Voltei a beijá-lo, e depois olhei-o nos olhos. Beije-o outra vez, e ele puxou o meu corpo para cima do dele.

— Sim — sussurrou ele.

Assenti.

Eu amava-o.

Amava-o, e ele sabia disso. Mesmo que não pudesse dizer as palavras, ele sentiu-as na maneira como lhe toquei, na maneira como o beijei, na maneira como o abracei.

E o melhor tipo de amor não era aquele que sentíamos?

— Eu também te amo — disse ele, em voz baixa, os seus lábios pousando sobre os meus. — Eu também te amo — repetiu ele.

Começámos a despir-nos um ao outro, devagar, com facilidade, com cuidado. Naquela noite, fizemos amor pela primeira vez. Com cada toque da sua mão, eu apaixonava-me mais pelo seu espírito.

Com cada beijo, provava uma parte da sua alma.

Mentalmente, sussurrei-lhe uma resposta, uma e outra vez. Com cada lágrima e cada batimento cardíaco, falei com ele. Em silêncio, mas tão alto.

Eu também te amo. Eu também te amo. Eu também te amo...

— Estás pronta? — perguntou o Brooks, alguns dias depois, entrando no meu quarto com a sua guitarra nas costas.

Não tens ensaio?

Ele assentiu.

— Sim, mas esta noite não é com os The Crooks. Hoje vou começar uma nova banda chamada BEM.

Oh.

Ele mordeu o lábio inferior e dirigiu-se a mim, beijando-me na testa. Sempre que me tocava os seus gestos eram ternos. Eu adorava aquela sensação.

— Sim. Quer dizer Brooks e Maggie.

O quê?

— Está na tua lista de coisas a fazer... tocar numa banda. Porque não começamos a riscar, imediatamente, as coisas da tua lista? Não há nenhum motivo para esperar quando já podemos fazer algumas dessas coisas. Agora, vamos lá. Vou ensinar-te a tocar a *Bettie*.

Bettie?

— Dei-lhe o nome da minha avó.

Que querido.

Ele pôs-me a guitarra nas mãos, e, quando comecei a dedilhá-la, ele travou-me.

— Uau, uau, uau. Não podes tocá-la como se ela estivesse aqui para ser usada, Maggie. Tens de te apresentar. Tens de aprender coisas a seu respeito, as suas partes, como a sua bela cabeça e pescoço, que é a casa do braço da guitarra.

Ele continuou, explicando as diferentes partes da guitarra durante uns bons trinta minutos, e eu ouvi-o, egoisticamente. Eu adorava o quanto ele adorava a música. Adorava como ele queria apresentar-me ao seu mundo. Quando chegou o momento, ele fez-me praticar as cordas, e mais tarde voltámos a passar pelos acordes da primeira posição.

Sempre que eu me enganava, ele continuava a animar-me.

— Isso é bom, Magnete! És literalmente cem vezes melhor do que eu quando comecei a tocar.

Passadas algumas horas a tocar, o meu pai entrou e disse ao Brooks que ele não estava autorizado a entrar em nossa casa depois de nos ter apanhado a beijarmo-nos.

— De qualquer forma, é melhor ir-me embora, já que estás a bocejar.

Quando ele se levantou, agarrei-lhe o braço, fazendo-o parar.

Correndo para os meus livros, peguei num dos meus favoritos.

— *O Menino de Cabul?* — perguntou ele, tirando-me o livro das mãos. Entre os livros que o meu pai me dera, o romance de Khaled Hosseini era uma das minhas leituras favoritas, e eu queria que o Brooks conhecesse aquela parte de mim, da mesma maneira que ele queria que eu conhecesse a sua música. O livro estava marcado com pequenos *post-its* cor-de-rosa, indicando as minhas partes preferidas.
— É um dos teus favoritos?

Sim.

— Então vou lê-lo duas vezes — respondeu ele, beijando-me na têmpora. Ao inclinar-se, sussurrou-me ao ouvido: — Esta noite, quando o teu pai estiver a dormir, volto, e podemos ter uma festa do pijama.

— VAI PARA CASA, BROOKS! — gitou o meu pai, fazendo-nos rir.

16

BROOKS

— Terra a Brooks. Ainda estás aí, meu? — perguntou o Rudolph, batendo-me no ombro, enquanto eu estava sentado no banquinho do Oliver na garagem. O Rudolph continuou a acenar-me com a mão, agarrando uma maçã, em frente do livro que eu segurava. —

Normalmente, quando estamos a descansar, tu tocas guitarra, mas agora é como se...

— Estivesses a ler! — disse o Oliver, saindo da casa do Calvin com duas maçãs na mão. Mordeu as duas ao mesmo tempo, e mastigou ruidosamente. — Nem sabia que sabias ler. Tens a certeza de que o livro não está virado ao contrário?

Calei-os, acenando com a mão, enquanto mudava de página.

O meu antebraço estava cheio de pequenos *post-its* amarelos que eu estava a usar para escrever notas de resposta à Maggie. Os gémeos continuaram a tentar chamar-me à atenção, mas eu estava demasiado perdido no livro.

O Calvin entrou na sala segurando três maçãs na mão, e mordendo as três. Dramático. Os meus amigos eram sempre dramáticos.

— Meus, não se ralem. Ele está demasiado apaixonado para se concentrar em qualquer outra coisa.

— Arrgg. Já chega dessas merdas de amor — choramingou o Oliver.
— Primeiro, tivemos de aturar o Calvin, a querer pôr o nome

«Stacey» em todas as músicas que escrevemos, e agora temos o Brooks a ler. A LER!

— Pela primeira vez na vida, concordo com o meu irmão — disse o Rudolph.

O Oliver agradeceu-lhe, dando-lhe um calduço.

— Céus! Retiro o que disse. És nojento.

Voltei a ignorá-los. Era interessante ver onde a Maggie punha os seus *post-its*, e se algum dos meus se sobrepunha. Eu adorava descobrir as

partes que a faziam rir e chorar, as partes que a deixavam furiosa e feliz. Era uma sensação ótima.

— Bem, o meu pai está a pensar ver-se livre do barco — disse o Calvin. — Quer vendê-lo dentro de algumas semanas, e queria saber se queremos fazer uma viagem de despedida e ir pescar, antes de irmos todos para a faculdade no outono.

— Ele vai vender o barco? — Engasguei-me, levantando os olhos do livro. — Mas o barco é como se fosse... o nosso barco.

Tínhamos passado grande parte da nossa infância sentados no lago. Eu sabia que não o fazíamos há anos, mas a ideia de o Sr.

Riley o vender deixava-me muito triste.

— Esse é o mesmo barco que vocês os dois estão sempre a relembrar? — perguntou o Rudolph.

— O mesmo barco acerca do qual escreveram uma música? — interveio o Oliver.

— Sim. É o mesmo barco.

— Bem, raios. Contem comigo. Se esse barco tem o poder de fazer o Brooks parar de ler, então deve ser algo que vale a pena experimentar.

O Oliver atirou os caroços das maçãs para o caixote de lixo, e o Rudolph correu até ao caixote, tirou os caroços com um toalhete de papel e enfiou-os dentro de um saco de papel.

Ergui uma sobrancelha para o meu amigo estranho, e ele encolheu os ombros.

— O que foi? Estou a ajudar a minha mãe a adubar o nosso pátio. Os caroços de maçã são a melhor coisa para isso. De qualquer maneira, se conseguirmos fruta orgânica e não tivermos de magoar fisicamente um peixe, então contem sempre comigo.

— A maçã que comeste não é orgânica, meu. A mãe disse-me para não te dizer nada... e é por isso que estou a dizer-to.

O Oliver sorriu ao ver o rosto do Rudolph ficar vermelho.

Passaram-se poucos minutos antes de recomeçarem a gritar.

Portanto, continuei a ler o meu livro.

Passadas algumas semanas, o Sr. Riley levou os homens, incluindo o meu pai e o meu irmão, Jamie, para um último passeio de barco. Foi um dia perfeito. Comemos um monte de comida de plástico — exceto o Rudolph, que levava uvas orgânicas e pão caseiro de banana orgânica, que fizera com a mãe.

Surpreendentemente, quando ele o ofereceu, todos preferimos comer batatas fritas.

— Vocês estão a perder os enormes benefícios para a saúde das sementes de linhaça e das sementes de chia, mas tudo bem, como queiram, comam as vossas tiras de milho geneticamente modificadas — disse o Rudolph.

O Oliver pegou num punhado de *Fritos* e enfiou-os na boca.

— É mesmo isso que vou fazer.

Ficámos ali durante horas, falando sobre o nosso futuro e como, mesmo com a faculdade a aproximar-se, íamos continuar a manter o ensaio da banda como uma prioridade nas nossas vidas. Lá porque íamos para a universidade não significava que o sonho tinha de morrer; significava, simplesmente, que o sonho tinha de se alterar um pouco com as mudanças da vida.

— Brooks, podes ir buscar-me uma cerveja? — pediu o Sr. Riley, do outro lado do barco. — Estão debaixo do convés.

Levantei-me e fiz o que me pediu.

— Aqui está, senhor R.

Ele agradeceu-me e depois convidou-me a sentar-me ao seu lado. Sentei-me.

Ele abriu a cerveja e bebeu algumas goladas.

— Então, tu e a Maggie, hein?

Engoli em seco, sabendo o que estava prestes a acontecer — a conversa com o pai da minha namorada.

— Sim, senhor.

Senhor? Durante todos os anos em que conhecera o Sr. Riley, nunca

lhe chamara senhor. Raios, eu nunca chamara *senhor* a ninguém.

Ele puxou a sua linha de pesca e depois voltou a lançá-la para dentro de água.

— Para te ser sincero, não tenho a certeza de como é que me sinto a esse respeito. A Maggie é a minha filha. Será sempre a minha menina.

— Compreendo isso perfeitamente.

— E como a Maggie é diferente das outras raparigas, então podes compreender a minha relutância quanto ao facto de ela se encontrar numa relação. Na verdade, estou farto de falar no assunto com a Katie. Parte de mim ia pedir-te hoje para acabares com ela...

por causa da Katie. Ela acha que é uma ideia terrível.

Como é que eu podia responder àquilo? Saber que a mãe da Maggie não apoiava a nossa relação era como um soco no estômago, mas antes de poder responder, o Sr. Riley continuou a falar.

— Mas quando fui buscar as minhas canas de pesca ao armário do piso de cima, ouvi-vos. O que quero dizer é que a ouvi. Ela ri-se contigo. Na verdade, ri-se muito alto, e não consigo, nem que a minha vida dependesse disso, lembrar-me da última vez em que a ouvi rir-se. Portanto, desde que continues a fazer rir a minha menina, terás a minha bênção.

Engoli em seco.

— Obrigado, senhor.

— Não tens de agradecer. — Ele bebeu o resto da cerveja. —

Mas no momento em que ela deixar de se rir contigo, vamos ter uma conversa séria. Se magoares a minha filha — ele olhou-me nos olhos, e esmagou a lata com a mão —, bem, digamos apenas que é melhor não magoares a minha filha.

Arregalei os olhos, assustado.

— Não vou magoá-la, e o senhor tem razão quanto ao que disse... A Maggie não é como as outras raparigas.

A sua expressão deixou de ser ameaçadora, e o seu habitual sorriso despreocupado regressou. Depois, deu-me uma palmadinha nas costas.

— Agora, vai divertir-te.

— Obrigado, senhor.

— Brooks?

— Sim?

— Chama-me «senhor» mais uma vez e teremos outra conversa que não terá um final assim tão feliz.

Depois da viagem de barco, o Calvin e eu convencemos o Sr.

Riley a deixar-nos ir com ele quando chegasse o momento de vender o velho barco. Chegámos à margem onde estava localizada a James Boat Store, mesmo ao lado do lago Harper. Apesar de ser o mesmo lago em que costumávamos pescar, ainda ficava a uns bons vinte minutos da costa, já que o lago era muito grande. A James Boat Store tinha uma grande placa de madeira na frente que dizia: «Compramos, vendemos, alugamos e negociamos.»

No alpendre da frente estava um cão que não parou de ladrar, enquanto subíamos as escadas para nos encontrarmos com o James.

— És um cão grande, não és? — O Sr. Riley sorriu ao cão, que continuava a ladrar, mas daquela vez ele abanou o rabo.

A porta de tela abriu-se, e um homem alto e magro, vestido com calças de ganga e uma camisa que parecia muito pequena, saiu do interior.

— Calma, *Wilson*! Shh! — O homem sorriu-nos. — Não liguem ao *Wilson*, ele só ladra e não morde. Tenho tentado tudo durante os últimos oito anos para que este rafeiro se cale, mas não tive sorte.

— Não se preocupe — respondeu o Sr. Riley. — Eu também tentei tudo durante os últimos anos para fazer com que estes dois se calem e não tive sorte nenhuma.

O homem sorriu, e estendeu a mão.

— Sou o James Bateman. Suponho que seja o Eric, com quem falei ao telefone. Então aquele deve ser o seu bebé — disse ele, apontando para o barco ligado à carrinha do Sr. Riley. Aproximou-se do barco e começou a esfregá-lo. — Tem a certeza de que não está

interessado numa troca? Eu podia oferecer-lhe qualquer coisa

excelente por este rapaz.

O Sr. Riley fez uma careta.

— Não, obrigado. O dinheiro extra vai ser-nos útil... pelo menos foi o que a minha mulher me disse.

— Ah, é sempre bom escutarmos as nossas mulheres.

Ele riu-se, e o Sr. Riley também.

— As grandes batalhas matrimoniais.

— Conheço-as bem. Provavelmente por isso é que não voltei a casar-me depois de a minha mulher me deixar.

— Pensei a mesma coisa quando a minha primeira mulher partiu, mas aqui estou eu outra vez. — O Sr. Riley sorriu, olhando para a aliança de casamento.

— Sem arrependimentos? — perguntou o James.

— Nenhum — respondeu o Sr. Riley. — Mesmo nos dias difíceis.

O James riu-se, abanando a cabeça, e deu uma palmadinha nas costas do Sr. Riley.

— Está a dar-me esperança de que talvez, um dia, a minha situação mude. Então, que tal entrarmos e falarmos de números? —

Virou-se para a loja, e gritou: — Michael! Michael, vem cá por um instante.

Um rapaz saiu da loja. Parecia ter vinte e poucos anos.

— Sim?

— Podes mostrar a estes rapazes alguns dos nossos melhores barcos enquanto falo com o cliente? Rapazes — o James dirigiu-se ao Calvin e a mim —, o meu filho vai tratar de vocês e manter-vos entretidos. Michael, que tal se lhes mostrares o *Jenna*?

— Claro que sim. — O Michael sorriu e acenou-nos. — Então, estão interessados em ver o melhor iate que ninguém, em Harper County, tem o dinheiro suficiente para comprar? — perguntou ele.

— Raios, sim — respondeu o Calvin. — É o tipo de iate em que o

Leonardo DiCarpio daria uma festa?

— Claro que sim. O meu pai e eu esforçámo-nos muito para conseguirmos um barco como o *Jenna*. Não está à venda porque é

o nosso orgulho e alegria, mas algumas pessoas do lado norte da cidade alugam-no de vez em quando para casamentos, ou para festas quando se reformam.

O lado norte da cidade era onde estava localizado todo o dinheiro do condado de Harper. Uma pessoa tinha de ter uma carteira recheada para viver daquele lado da cidade.

Quando contornámos a esquina, vimos dúzias de barcos ancorados. Havia trabalhadores a andar de um lado para o outro, a tratar dos barcos. Eu nunca estivera num lugar com tantos veículos marítimos de tamanhos diferentes, e apeteceu-me levá-los a todos para casa. As minhas três coisas favoritas no mundo eram a Maggie, a música e estar na água. Eu planeava, um dia, ter aquelas três coisas ao mesmo tempo.

— Raios — murmurei, olhando para o *Jenna*.

Tinha de ser o *Jenna*. Era o maior e mais belo barco que ali estava. Provavelmente, a Maggie ter-me-ia esbofeteado por o ter olhado como olhei.

— É mesmo um espetáculo, não é? — perguntou o Michael.

— Oh, é muito mais do que isso.

Quando nos aproximámos, esfreguei um dos lados do barco.

— Esperem só até subirem a bordo — riu-se o Michael.

Quando estávamos dentro do iate, senti-me como se fosse o Leonardo — rico e fixe.

— Este bebé vem com todo o tipo de equipamento para desportos aquáticos. Temos um *Yamaha WaveRunner Jet Ski*, um *Kawasaki Ultra 250 Jet Ski*, e um *Kawasaki Super Jet stand up Jet Ski*. Tem equipamento para mergulho, pesca e todas as outras coisas. No que se refere a entretenimento — o Michael conduziu-nos até ao convés, e sorriu antes de abrir um conjunto de portas —, só temos o melhor. Temos esta área, o salão principal com uma televisão de plasma de sessenta e cinco polegadas. Deste lado, temos uma sala com dois bares

cheios. Depois, há o camarote principal, o camarote VIP e três camarotes de hóspedes, todos com televisões de plasma de cinquenta polegadas, e as camas mais

confortáveis em que vocês já dormiram. O que acham? —

perguntou.

Os olhos do Calvin estavam tão enfeitiçados como os meus.

— Então é assim que a realeza se sente — suspirou o Calvin. —

Adoro a realeza.

— Vamos levá-lo — berrei.

O Michael voltou a levar-nos até ao convés superior, e parámos na popa do barco.

— Então, Michael, tu e o teu pai gerem este negócio juntos?

— Sim. Ele ficou com o negócio do meu avô. Pretendo fazer o mesmo um dia. Não há nada que ame mais do que isto, os barcos, a água.

— Não há mais nada que queiras fazer? — perguntou o Calvin.

As sobranceiras do Michael aproximaram-se, enquanto ele pensava naquilo.

— Não. Mais nada. Depois de a minha mãe ter fugido com outro homem, o meu pai teve muita dificuldade em seguir em frente.

Entrou numa depressão profunda. Eu tinha catorze anos, e lembro-me de que havia dias em que tinha de o obrigar a comer. Ele culpou-se por ela ter partido.

— Porque é que ele se culpou?

— Na verdade, não sei. Ele trabalhava muitas horas, e eu sabia que isso a incomodava, mas não era motivo para o deixar. Sim, eles discutiam, mas também se divertiam muito. No entanto, às vezes, as pessoas nem sempre são aquilo que pensamos e, no fim, acabámos por ficar melhor sem ela. No entanto, ele nunca dirá isso. Ainda tem uma fotografia de nós os três em cima da sua secretária, no escritório. Há dias em que sinto que parece estar à espera de que ela volte. A única coisa que o ajudou a ultrapassar a depressão foi estar na água. Acho que isso o limpou. Se não fosse este lugar, provavelmente eu também

teria perdido o meu pai. Este lugar é o meu lar. E vocês? O que é que querem fazer?

— Música — respondemos, em uníssono.

O Michael riu-se.

— Bem, não parem até o conseguirem. Depois, podem vir alugar-nos o *Jenna*.

— Peço desculpas antecipadas pelas minhas ações infantis, que vão acontecer, mas tenho de o fazer — declarou o meu melhor amigo.

O Calvin saltou para cima da amurada e estendeu os braços.

Ri-me.

— Eu sempre soube que, nesta situação, tu serias a Kate Winslet e eu o Leonardo DiCaprio.

— Cala a boca e abraça-me! — exclamou o Calvin, ironicamente.

Saltei para trás dele e passei os braços à volta da sua cintura.

— Nunca te vou deixar, Cal! — gritei, quando ele estendeu os braços.

O Michael riu-se.

— Nem imaginam o monte de *bromances* do *Titanic* que testemunhei nessa amurada.

— *Bromance*? — perguntou o Calvin. — Oh, não, nós temos um relacionamento sério.

Os olhos do Michael arregalaram-se com uma expressão envergonhada.

— Oh, desculpem. Eu não...

— Não lighes ao Calvin, ele é um mentiroso. Eu ando a comer a irmã dele.

Sorri ao ver o Calvin fazer uma careta quando me empurrou para longe dele, forçando-me a descer.

Ele também saltou.

— Se voltar a ouvir-te dizer que andas a comer a minha irmã, há uma boa hipótese de não continuares vivo durante muito mais tempo.

— *Touché*.

Eu estaria a mentir se dissesse que não gostava de o irritar daquela maneira. Ele odiava todas as conversas que incluíam dizer que a sua irmã estava a ser beijada por mim — portanto, dizer que

andava a comê-la era mesmo abusar da situação. Era por isso que passava a vida a fazê-lo.

3 Termo coloquial para amizade entre dois homens. (NT)

17

MAGGIE

Sempre que o Brooks me devolvia um livro, eu folheava-o para ver o que ele lhe acrescentara, com as suas anotações e opiniões.

Começámos a fazer aquilo regularmente, e cada vez que um livro regressava à minha estante com mais *post-its* do que antes, eu sentia-me como se o Brooks estivesse a tornar-se cada vez mais uma parte do meu mundo. Ele devia sentir o mesmo sempre que eu tocava um acorde. Eu tocara recentemente o «Mary had a little lamb» usando um dedo de cada vez para dedilhar, e ele quase chorou de emoção.

Depois de estar com ele, a minha ideia acerca do amor alterara-se.

Eu apaixonara-me por centenas de homens diferentes, em centenas de livros diferentes. Eu achava que sabia como era o amor, por causa das palavras daquelas páginas. O amor era união, força, e algo pelo qual valia a pena viver.

Aquilo que eu não esperara eram os medos que o amor verdadeiro trazia consigo. O medo de nunca ser suficiente para ele.

O medo de que ele encontrasse outra. O medo de que, às vezes, valesse a pena morrer por amor. O medo de que o amor nem sempre fosse suficiente. Amar alguém significava estar vulnerável à hipótese de que um dia ele pudesse partir, e a única coisa que eu queria era que o Brooks ficasse.

Bati-lhe ao de leve no ombro, e ele remexeu-se no seu sono.

Adormeceste? , escrevi assim que ele pareceu suficientemente

acordado para ler.

— Adormeci — respondeu ele, com um pequeno sorriso. — Estás a pensar demais?

Ele conhecia-me muito bem. Roei a sua orelha com os lábios, antes de começar a beijar-lhe o pescoço.

Prometes-me o mesmo tipo de amor que li nos livros?

Ele assentiu, bocejando. Os seus braços envolveram-me, puxando-me para mais perto, e fui engolida pelo seu calor.

— Não, Maggie May. Prometo amar-te mais.

18

MAGGIE

— Estás mesmo a beber o teu chá — disse a Sr.^a Boone, perplexa, numa tarde de segunda-feira à hora de almoço. — Tu nunca bebes chá.

O que é que eu podia dizer? O amor faz-nos fazer coisas ridículas.

— É aquele rapaz, não é? — perguntou ela, com uma sobrancelha arqueada. — É ele o motivo pelo qual te tens portado como uma miúda da escola sempre que venho visitar-te?

Continuei a beber o chá.

Ela sorriu, com uma expressão conhecedora, e continuou a comer a sua sanduíche.

— *Oh, meu Deus!* Já sei o que quero fazer da vida! — gritou a Cheryl, correndo para a sala de jantar e saltando para cima e para baixo com as mãos a abanarem enlouquecidamente enquanto segurava um livro. — Já sei o que quero ser depois de me formar no ano que vem!

— Bom, então diz-nos — ordenou a Sr.^a Boone.

A Cheryl fez uma pausa nos seus movimentos erráticos e endireitou - se, apertando o livro contra o peito.

— Quero ser ativista.

A Sr.^a Boone e eu levantámos as sobrancelhas, maravilhadas, à espera

de que a Cheryl terminasse a frase.

— Ativista de...? — perguntou a Sr.^a Boone.

A Cheryl pestanejou.

— O que é que quer dizer com isso?

— Tens de ser ativista de alguma coisa. Questões ambientais, políticas, direitos humanos, ou talvez crueldade contra os animais.

Qualquer coisa. Não podes ser apenas ativista.



A Cheryl mordeu o lábio inferior.

— A sério? Não posso ser apenas ativista?

Abanámos a cabeça.

— Bem, merda... quero dizer, raios. Desculpe, senhora Boone.

Acho que vou tentar descobrir que tipo de ativista quero ser. Arrgg.

Parece-me ser mais trabalhoso do que pensava.

Saiu da sala muito menos entusiasmada do que quando tinha entrado, fazendo-nos rir.

— Juro que os teus pais devem ter alimentado a sua estupidez, todos os dias, ao pequeno-almoço. Surpreende-me como são todos tão idiotas. — Pegou na sua sanduíche, deu-lhe uma dentada, e depois disse: — Espera aí, a Cheryl tinha um livro na mão?

Assenti.

Ela largou a sanduíche, abanando a cabeça para trás e para a frente.

— Eu sabia que o fim do mundo estava a chegar. Só não sabia que seria tão cedo.

Ri para mim mesma e continuei a beber o meu chá.

Naquela tarde, não me soube tão mal.

— Não estás a ouvir-me, Eric, só quero ter a certeza de que estamos a

fazer a coisa certa — disse a minha mãe ao meu pai, mais tarde naquela noite, enquanto ele andava pela sala de estar.

Ela segurava um copo de vinho na mão, e bebia, enquanto falava com ele. Sentei-me no cimo das escadas, com a Cheryl ao meu lado. — A Maggie namorar com o Brooks não pode ser bom para ninguém. A Loren disse...

O meu pai riu-se sarcasticamente.

— «A Loren disse...» Céus, claro. Sabes, por um segundo acreditei que elas não te atingiam quando vêm visitar-te, mas parece que estava errado. Eu devia saber que isso tinha algo que ver com essas mulheres.

— Essas mulheres são minhas amigas.

— Essas mulheres não se importam contigo, Katie. Achas que elas vêm aqui para estarem contigo porque se importam? Elas vêm aqui para trocar de ti, para te dizer que devias pensar mudar, sabendo que não podes fazê-lo. Para ver como a tua vida é tão deprimente em comparação com a vida perfeita delas, o que não tem nada de mal, mas quando elas passam a noite toda a falar acerca da nossa filha...

— Não o fazem por mal. Estavam a dar-me informações sobre como a ajudar.

— *Elas estavam a menosprezá-la!* — gritou ele. A Cheryl e eu saltámos, assustadas. O meu pai nunca gritava. Eu nunca vira o seu rosto tão vermelho em toda a minha vida. — Elas estavam a menosprezá-la, insultando-a como se ela fosse surda e não pudesse ouvi-las. Não sei o que é pior, o facto de deixares essas mulheres entrarem em nossa casa para mexericarem a respeito da tua própria filha ou o facto de teres defendido a Maggie e passados poucos dias concordares com elas. Estás aqui a preocupares-te com o facto de ela ter um namorado quando há anos que não a via tão feliz. Também o verias se olhasses mesmo para ela.

— Eu olho para ela.

— Olhas, mas não a vês, Katie, e por isso convidas essas *trolls* para a nossa casa, e elas falam sobre a Maggie como se ela não fosse nada.

— Ela é alguma coisa. Não vês? É por isso que quero experimentar a terapeuta que a Wendy...

— Ela está feliz, Katie!

— Ela está doente!

— Ela está a melhorar mesmo à nossa frente e é como se, secretamente, não quisesse que isso acontecesse. Não queres que ela saia de casa? Que viva?

A minha mãe hesitou antes de dizer:

— Mas a Loren...

— *Já chega!* — gritou ele, abanando as mãos aborrecido, e acidentalmente batendo no copo de vinho que estava na mão da



mãe, atirando-o sobre o tapete, onde se partiu.

A sala ficou em silêncio.

O meu pai tirou os óculos e esfregou os olhos com as palmas das mãos, antes de colocar as mãos na cintura. Ficaram ambos a olhar para a mancha vermelha no tapete, o mesmo tipo de queda acidental que costumava acontecer antes, quando eram mais felizes juntos, antes de eu começar a destruir o amor deles.

Sem mais palavras, seguiram caminhos separados.

— O que é que acabou de acontecer? — sussurrou a Cheryl, o seu corpo a tremer ligeiramente.

Apertei a sua mão trémula na minha, para tentar acalmar-lhe os nervos.

Naquele momento, senti-me feliz por não falar, porque senão teria de contar a verdade à Cheryl. Eu sabia o que estava a acontecer com os nossos pais: eles estavam a perder o amor que tinham um pelo outro, mesmo à nossa frente.

Perder o amor significava que não podíamos rir-nos dos erros.

Perder o amor significava que gritávamos quando estávamos irritados.

Perder o amor significava seguirmos por caminhos separados.

— Uma caixa de presentes para a Maggie May — disse o Brooks, mais tarde naquela noite, parado na soleira da porta.

Sorri na sua direção, sem ter a certeza do que é que ele tinha em mente. Ele entrou no quarto e sentou-se no chão, colocando a caixa à sua frente. Deu uma palmadinha no chão, convidando-me a sentar-me ao seu lado.

O que é que ele planeava?

— É um teste de sabores — explicou ele, quando me sentei. —

Já que não podes falar, pelo menos quero saber tudo a teu respeito: a maneira como reages a certas coisas, as tuas expressões...

portanto, vamos fazer um teste de sabores às cegas. Nesta caixa

encontram-se vários alimentos, alguns doces, alguns moles, alguns azedos como o raio, e tu vais saboreá-los. Depois, trocamos.

Sorri, não tendo a certeza de como poderia amar aquele rapaz mais do que já o amava. Ele tirou uma venda e inclinou-se para a frente, atando-a à volta dos meus olhos.

— OK. Consegues ver-me? — perguntou. Abanei a cabeça. —

OK, bom. Agora, abre a boca.

Abri-a, e ele colocou um pedaço de comida na minha boca.

Os meus lábios descontraíram-se à volta da comida. *Mmm...*

chocolate.

Eu adorava chocolate, tanto quanto qualquer outra pessoa.

— Um olhar de prazer, perfeito. A seguir...

O meu rosto franziu-se com o pedaço seguinte — gomas ácidas.

Ele não conseguia parar de rir.

— Oh, meu Deus, gostaria que pudesses ver como o teu nariz está franzido.

As comidas seguintes incluíam uvas, molho de esparguete, rodela de limão e queijo — que eu tinha a certeza de que estava rançoso.

Quando tirei a venda, estava animada, porque era a minha vez de o torturar. Apertei-lhe a venda à volta dos olhos e ele sorriu, mordendo

o lábio inferior.

— Perversa.

Revirei os olhos. Primeiro, coloquei-lhe puré de batata na boca, e ele gostou mais do que devia. Em seguida, foi molho de esparguete picante — ele não gostou daquele —, bananas e muito mais. Por fim, peguei num pedaço de chocolate, envolvi-o em *ketchup* e espremi um pouco de sumo de limão por cima. Ele tentou imediatamente cuspi-lo, mas tapei-lhe a boca com a mão, rindo, enquanto ele se remexia, tentando engolir.

— Isso foi pura maldade, Maggie. Maldade. — Ele riu-se, limpando a boca com a mão.

Inclinei-me e beijei-o, e ele puxou o meu lábio inferior entre os dentes e mordeu-o, ao de leve.

Mmm... gosto disto.

Antes que pudéssemos voltar a beijar-nos, o Calvin, o Rudolph e o Oliver entraram a correr no quarto.

— Merda! — gritou o Calvin.

Ergui uma sobrancelha, e o Brooks parecia tão confuso quanto eu.

— Oh, meu Deus, oh, meu Deus! — disse o Rudolph, andando em círculos, as suas mãos a tremer sem parar.

Estava a hiperventilar, mas isso não era invulgar no Rudolph. Não demorou muito tempo até se tornar frenético.

O que mais me assustou foi ver o Oliver a saltar, para cima e para baixo. O Oliver não era alguém que saltasse para cima e para baixo: passava mais tempo sentado do que qualquer outra coisa. Eu nunca o vira tão animado.

— O que foi? O que é que se passa? — exclamou o Brooks, confuso.

O Calvin fez uma pausa.

— Vocês estão... a usar uma venda nos olhos? — Os gémeos assobiaram em uníssono. — Perversos.

O Brooks atirou a venda para o lado.

— Esqueçam isso. O que é que se passa?

Os três rapazes calaram-se durante um instante, antes de regressarem aos níveis anteriores de excitação.

O Calvin correu até junto do Brooks, pousou-lhe as mãos nos ombros e começou a abaná-lo.

— Merda! Merda! Merda...! — O Calvin pôs o telemóvel na mão do Brooks.

Os olhos do Brooks semicerraram-se ao ler as palavras. Corri até ficar atrás dele, para também poder lê-las. Cada uma das palavras atingiu-me com toda a força.

— MERDA! — gritou o Brooks, as suas mãos a tremer.

Tirei-lhe o telemóvel da mão, para as reler.

— Como é possível?

— Eles viram a nossa *cover* da música deles no YouTube, viram os nossos originais, e publicaram um *tweet* a nosso respeito!

— Que foi partilhado mais de quarenta mil vezes nas últimas duas horas — gritou o Rudolph, o seu nariz mais vermelho do que o normal, por causa da excitação.

— Mais de cinquenta mil vezes, seu anormal — corrigiu-o o Oliver.

Bati no ombro do Brooks e devolvi-lhe o telemóvel, apontando.

Oh. Meu. Deus.

— Cento e sessenta mil partilhas! — exclamou o Brooks.

Os rapazes gritaram todos ao mesmo tempo, provavelmente as suas gargantas a arderem.

— AHHHH!

— Eu nem sabia que nos tinhas posto no YouTube, Cal! — berrou o Brooks; gritar era a única coisa que qualquer um deles conseguia fazer.

Eles eram todos antimúsica comercial e diziam sempre que eram *indie* e fixes, até a música comercial lhes bater à porta e eles-perderem a

cabeça.

— Não fui eu!

— Foste tu, Rudolph? Oli? — perguntou o Brooks.

— Não — responderam os gémeos, em uníssono.

— Então quem... — Ele virou-se lentamente para mim, e eu esbocei um pequeno sorriso. Os rapazes viraram-se todos ao mesmo tempo e olharam-me com uma expressão conhecedora. —

Foste tu que fizeste isto? Os vídeos que gravaste, quando estávamos a ensaiar?

Assenti devagar e, passados segundos, os braços de todos estavam a envolver-me, saltando para cima e para baixo.

— És incrível, Maggie! — disse o Oliver, dando-me uma cotovelada.

— Raios, Mags, nem fazes ideia do quanto acabaste de mudar as nossas vidas — disse o Calvin.

[REDACTED]

— Meu! — O Oliver começou a agitar os braços na direção do Calvin.
— Lê-lhes a mensagem que recebemos.

— Recebemos uma mensagem? — perguntou o Brooks.

— Oh. — O Calvin assentiu em êxtase, percorrendo as mensagens no seu telemóvel. — Recebemos uma mensagem.

Pigarreou, e os gémeos fizeram o mesmo, tendo já memorizado tudo.

— «Caro Calvin, sou o Mark, o *manager* dos The Present Yesterdays. Vimos os vossos vídeos há alguns dias e não parámos de os ver. O vosso som é limpo, nítido, e algo que a indústria está a perder. Se estiverem interessados, adoraria marcar uma reunião convosco, para conversar sobre os vossos planos futuros na música. Paz!» — disseram os três, num uníssono perfeito, e o meu coração quase me saltou do peito.

Os The Present Yesterdays eram a maior banda de *pop-rock* do nosso tempo. Os rapazes tinham-me feito ouvir a música deles, e eu estava apaixonada por eles antes de o mundo saber que eles existiam. Como é

que aquilo fora possível?

O Brooks virou-se para os seus companheiros de banda, de olhos arregalados, e vi que os outros tinham a mesma expressão — a percepção de que os sonhos se realizavam, até mesmo para rapazes que ensaiavam em garagens, numa cidade pequena do Wisconsin.

A onda de emoção avassalou-nos a todos quando começámos a saltar pelo quarto, a celebrar.

Nunca me senti tão feliz ao ver os sonhos dos outros começarem a realizar-se.

— Isto é tudo por tua causa, Magnete — disse o Brooks, puxando-me contra o peito. — Usaste a tua voz para que nós fôssemos ouvidos.

Naquela noite, ele recordou-me que eu tinha uma voz, apesar de nenhuma palavra me sair da boca.

Eu ainda tinha uma voz.

Na noite seguinte, o meu banho de uma hora durou mais do que o habitual. Eu tinha o mesmo tipo de rotina de antes: lia, lavava-me, depois deslizava para debaixo de água, e lembrava-me de tudo o que acontecera naquele bosque, recordando-me de que a culpa não era minha. A minha mente ainda era boa a reter aquelas imagens, mas recentemente as visões tinham começado a ficar desfocadas por recordações mais atuais.

Sempre que tentava visualizar o rosto do demónio, via a Cheryl a rir-se com um livro na mão. Sempre que corria pelo bosque, via-me a correr para os braços do Brooks. Sempre que tropeçava, via a Sr.^a

Boone a repreender-me.

As más recordações não tinham desaparecido. Eu sabia que a minha mente ainda guardava a imagem do diabo, mas eu estava a ficar melhor a mantê-la trancada dentro do armário. Eu não tinha a certeza se isso era graças ao Brooks, à Cheryl, ou ao tempo, mas, de qualquer maneira, sentia-me grata por isso.

Depois de me recordar, vinha ao de cima para inalar, respirava fundo e voltava a mergulhar, para continuar a sonhar.

Eu sonhava com um futuro. Sonhava explorar o mundo, escalar montanhas, visitar Itália, comer caracóis em França. Ver o Brooks e o

meu irmão a darem um concerto ao vivo, numa arena enorme. Ter uma família. Descobrir o que significava estar-se vivo. A água limpava-me da escuridão, que se esforçava tanto por me agarrar. Eu estava a renovar-me lentamente. Eu estava a começar a minha vida pela primeira vez...

— Maggie, tenho um fresco... Oh, meu Deus! — gritou a mãe, correndo até à banheira e puxando-me para fora de água.

O seu movimento rápido forçou-me a abrir a boca, fazendo-me engolir água. Comecei a tossir, a garganta a arder-me enquanto cuspi. O que é que se passava? As mãos da minha mãe tremiam e ela começou a gritar, agarrando-me os braços. Os meus ouvidos estavam cheios de água, e tentei afastá-la, enquanto ela gritava pelo meu pai.



— Eric! Eric! — gritou ela, a sua voz mais em pânico do que precisava de estar.

O que é que ela estava a fazer? Porque é que tinha endoidecido?

Ela tinha pensado...

Oh, meu Deus, não.

Não, mãe. Eu não estava a tentar afogar-me. Não estava a tentar fazê-lo. Lágrimas inundaram-me os olhos quando vi o seu pânico.

Ela puxou-me para fora da banheira, envolvendo-me em toalhas.

Enquanto chorava, ainda a gritar o nome do meu pai, ele entrou a correr na casa de banho.

A água nos meus ouvidos tornava difícil ouvi-los. Tentei manter-me de pé, mas a minha mãe estava a apertar-me com demasiada força.

Estava demasiado apertada.

— Ela tentou afogar-se, Eric! — disse a minha mãe. Os olhos do meu pai tornaram-se pesados, e ele pediu-lhe para repetir o que acabara de dizer. — Eu disse-te. Eu disse-te que tudo isto era demais para ela.

Abanei a cabeça. *Não, pai.* As minhas mãos estavam tão brancas como um fantasma. *Eu não faria isso. Eu não me mataria. Sinto-me feliz. Lembras-te? Sinto-me feliz.*

Eu precisava de papel. Tinha de lhes escrever. Eles tinham de o saber.

Não estava a tentar matar-me. Agora estavam ambos a chorar, e o meu pai mal conseguia respirar quando o seu olhar encontrou o meu. Ele afastou os olhos de mim. Ele tinha de saber que a minha mãe estava errada. Ela cometera um erro. Ela não sabia todos os factos. Ela puxara-me para o ar sem saber que eu conseguia respirar melhor debaixo de água.

Eles estavam outra vez a discutir.

A Cheryl e eu sentámo-nos no cimo das escadas, mais uma vez a observá-los. O meu cabelo ainda estava encharcado do banho, e a

Cheryl tocou-me, enquanto os ouvíamos.

— Ainda não acreditas em mim? — chorava a mãe, atordoada.

— Estás a exagerar — respondeu o meu pai. — Ela disse que não estava a tentar...

— Ela não disse nada, Eric. Ela não fala, mas, esta noite, as suas ações falaram em alto e bom som.

— Quando entraste, ela só estava a mergulhar debaixo de água!

Ela estava a conter a respiração! Céus, Katie! Agora é a Loren a falar, não tu.

— Não a metas no assunto. Não lances as coisas sobre a minha amiga. Eu sei o que vi. A tua filha estava a afogar-se.

— Minha filha? — bufou o meu pai, soltando um assobio baixo. —

Uau.

Eu também o senti, pai — um soco no estômago.

— Sabes bem o que quero dizer.

— Não, acho que não sei. Nos últimos tempos tenho tido dificuldade em compreender tudo o que dizes.

A minha mãe revirou os olhos e afastou-se, voltando com um copo de vinho.

— Ela está doente.

— Ela está a melhorar.

— Ela está a piorar, e sei que isso está relacionado com o Brooks. Sei que está...

Observei a minha mãe.

Estudei cada movimento que ela fazia. O meu pai não o viu, porque só ouvia os seus lamentos paranoicos, e estava demasiado ocupado a cuspir as suas palavras irritadas. Não viu os dedos inquietos dela, as suas pernas trémulas e a pequena contração no lábio inferior. Ela estava assustada. Horrorizada. O nível de medo no seu corpo era mais do que uma reação ao que se passara naquela tarde. Parecia que o medo nos seus movimentos existia há anos.

Mas de que é que ela tinha tanto medo?

O meu pai pôs as mãos na nuca.

— Estamos para aqui a correr como baratas tontas, Katie. O que é que tens contra o Brooks e a Maggie estarem juntos? Porque parecias não ter qualquer problema até o quarteto fantástico te ter vindo visitar. A sério, falas tanto sobre a Maggie não falar que nem consegues encontrar uma voz própria. Corres para as tuas amigas com as suas opiniões parvas a respeito da nossa família, e depois bebes uma garrafa de vinho todas as noites. Diz-me, Katie, quem é que afinal precisa de ajuda?

Os olhos da mãe arregalaram-se, chocados com as suas palavras. O meu pai também parecia espantado com aquilo que acabara de dizer. Ela dirigiu-se ao quarto deles, e o meu pai chamou-a para lhe pedir desculpa, mas ela já estava de volta com almofadas e cobertores.

— Podes ficar aqui até eu receber a ajuda de que preciso —

retorquiu ela. — E, já agora, quando ela acabar como a Jessica acabou, quero que saibas que foste tu que o fizeste. Quero que saibas que foste tu que o provocaste.

Quem era a Jessica?

Ela saiu da sala e não voltou. O meu pai saiu de casa. Porque é que tudo parecia estar a desmoronar-se quando, pela primeira vez na minha vida, eu sentia que estava finalmente a recuperar?

— Eu sei que nunca estava em casa à noite, mas... eles discutiram

sempre assim? — sussurrou a Cheryl. Abanei a cabeça.

Ela continuou a escovar-me o cabelo. — É quase como se não se conhecessem.

Aquilo era comovente.

— Maggie? — voltou a sussurrar a Cheryl, a sua voz embargada.

— Tu? Tentaste...

Virei-me, e fiquei de frente para ela, tirei-lhe a escova das mãos e pulei contra as minhas faces. Comecei a abanar a cabeça, olhando-a nos olhos. *Não. Não. Não. Não.*

Ela deixou escapar um suspiro.

— Acredito em ti. A mãe também acreditaria, se te olhasse mesmo nos olhos.

Eu não conseguia evitar pensar que o casamento dos meus pais estava a desmoronar-se por minha causa. Não sabia o que fazer.

Teria de deixar o Brooks, para eles recuperarem? Ficara eu com ele por causa da minha própria felicidade egoísta? O que é que devia fazer? Quais eram as escolhas certas? Como é que podia consertar tudo aquilo?

Eu não quisera levar os meus pais a discutirem. Fora um acidente.
Juro que foi um acidente...

Pisquei os olhos uma vez, e vi-o.

O diabo — ele voltara para me visitar.

Não...

Tentei afastá-lo. Eu estava a melhorar. Estava a ficar inteira.

— *Shh* — sussurrou ele. *Os meus olhos estavam arregalados de medo. — Por favor, não grites. Isto foi um acidente.*

Ele moveu os lábios até à minha testa, e pressionou a boca contra a minha pele.

— *Shh* — repetiu. *Os seus lábios viajaram até ao lóbulo da minha orelha, e senti os seus lábios a tocarem-me, antes de ele sussurrar pela última vez.*

— *Shh...*

Ele estava ali, na minha mente. Eu conseguia sentir a sua presença.

Shh... Shh... Shh...

19

BROOKS

Nos últimos dias, a Maggie dissera-me que não estava a sentir-se bem e recusara-se a ver-me. Esforcei-me para a convencer a deixar-me visitá-la, mas sempre que aparecia a sua mãe mandava-me embora, dizendo que ela precisava de mais tempo para recuperar.

Uma tarde, depois do ensaio da banda, não lhe dei qualquer hipótese.

— Não estás mesmo doente, pois não? — perguntei, apanhando-a ao sair da casa de banho, antes de ela conseguir voltar para o seu quarto. Os seus olhos arregalaram-se quando olhou para mim, e vi a sua expressão de pânico. — Estás zangada comigo? — Engoli em seco, nervoso. Teria eu feito algo de errado? — Foi porque te disse que te amava? Foi demasiado cedo? Enlouqueço-te? Desculpa, eu só...

Ela abanou a cabeça e correu até mim, apertando as minhas mãos com as dela. Apertou apenas uma vez. *Não*.

— Então, o que é que se passa?

Olhou-me nos olhos, e lágrimas começaram a cair-lhe pelo rosto.

Começou a soluçar, e como não sabia o que fazer, abracei-a.

Apertei-a contra o peito e ela foi-se abaixo nos meus braços, enquanto eu apanhava todos os pedaços.

— Música? — perguntei-lhe.

Ela assentiu e fomos até ao seu quarto, fechando a porta atrás de nós. Ela começou a acalmar-se enquanto ouvíamos música.

Deitámo-nos na cama, e pouco depois de ter adormecido nos meus braços, os seus pesadelos começaram. Quando acordou, continuava perto de mim, mas eu ainda me sentia a um milhão de quilómetros de distância.

— Maggie, podes falar comigo — jurei, andando de um lado para o

outro, enquanto ela acordava de um sonho que a fizera chorar.

Sentou-se na cama, enrolada numa bola, a baloiçar para trás e para a frente, sem olhar na minha direção.

Quando me aproximei dela, ela encolheu-se, quase como se receasse que eu lhe tocasse, quase como se pensasse que eu iria magoá-la.

— Maggie — implorei, a minha voz e coração a partirem-se. — O que é que se passa?

Ela não disse nada.

— Podemos fazer os cinco minutos — disse-lhe, curvando-me à sua frente. — Magnete, podemos fazer os cinco minutos.

Concentra-te, está bem? Podes voltar para mim. Está tudo bem.

Ela continuou a engolir em seco, com as mãos apertadas à volta do pescoço.

Os seus olhos tinham uma expressão selvagem, e percebi que estava demasiado longe para me ouvir.

— Senhor Riley! — gritei. — Senhor Riley! — voltei a gritar, correndo pela casa.

Quando ele saiu do seu quarto, olhou-me de olhos arregalados e cheios de preocupação.

— O que é que se passa? — perguntou ele.

— A Maggie. Está no quarto dela. Não sei o que é que se passa.

Ela está...

Ele não esperou que eu respondesse. Subiu as escadas a correr até onde a sua filha estava a ter um colapso. A Sr.^a Riley também apareceu alguns segundos depois.

— Mags — disse ele, a sua abordagem lenta e cautelosa. — Está tudo bem — assegurou o Sr. Riley.

Quanto mais ele se aproximava, mais tensa ela ficava, mas ele não parou de se aproximar. Levantou as mãos, mostrando que não ia magoá-la, e quando estava suficientemente perto, envolveu-a nos

braços e apertou-a contra o peito. Ela agarrou-se à camisa dele e puxou-o para mais perto, soluçando nos seus braços.

O que é que te aconteceu?

A minha mente corria enquanto a via desmoronar-se contra o seu pai. Sentia as minhas entranhas atadas em nós, odiando o facto de não ser capaz de a proteger. Porque é que não conseguia ajudá-la?

Porque é que não conseguia sentir a sua dor e torná-la minha? Ele levou-a escadas abaixo, e eu segui-os.

O Calvin e a Stacey entraram pela porta da frente, rindo juntos, de braços dado. Quando viram o que se passava, o seu riso parou.

— O que é que se passa? — perguntou o Calvin.

O Sr. Riley não respondeu. Limitou-se a levar a Maggie até ao seu quarto.

A Sr.^a Riley seguiu-os, mesmo atrás dele.

Não consegui mexer-me. Não conseguia parar de tremer.

O Calvin aproximou-se de mim, pousando a mão no meu ombro.

Os seus olhos estavam semicerrados e com uma expressão confusa.

— Brooks? O que é que se passa?

— Não sei — respondi. A minha garganta estava seca, e o meu peito em chamas. — Ela acordou e... assustou-se. Eu não sabia o que fazer. Não consegui pará-la. Não consegui evitar que ela...

Os meus olhos lacrimejaram, e pressionei as palmas das mãos contra o rosto. Não consegui continuar a falar. O Calvin não me obrigou a dizer nada. Ele e a Stacey limitaram-se a aproximar-se de mim, envolveram os seus braços à volta do meu corpo e abraçaram-me.

Eu odiava o conforto que eles me estavam a dar, porque a Maggie precisava mais deles.

Ela precisava que alguém caísse dentro das suas memórias e apagasse as águas escuras nas quais ela nadava todos os dias.

Sentei-me na escada, esperando que os pais da Maggie saíssem do quarto. A Cheryl, o Calvin e a Stacey juntaram-se a mim.

Não dissemos uma palavra. Continuei a olhar para o meu iPod, procurando qualquer tipo de música que a fizesse sentir-se melhor.

A música fazia-a sempre sorrir.

Quando a porta do quarto se abriu, levantámo-nos todos. De testas franzidas, o Sr. e a Sr.^a Riley olharam na nossa direção.

— Ela voltou a adormecer — disse o Sr. Riley.

— Posso vê-la? — perguntei. Levantei o meu iPod, para o Sr.

Riley o ver. — Acho que um pouco de música pode ajudá-la. Ajuda-a sempre.

Os seus lábios separaram-se para começar a falar, mas a Sr.^a

Riley interrompeu-o.

— Acho que devíamos ir todos deitar-nos.

Passou os dedos pelo cabelo, e o Sr. Riley fechou a boca.

Comecei a discutir, mas a Sr.^a Riley lançou-me um olhar cansado, por isso abanei a cabeça.

— Bem, acha que lho podia dar, senhor Riley? Talvez a ajude.

Não preciso dele agora.

Entreguei-lhe o meu iPod, e ele esboçou um sorriso forçado.

Dirigiram-se todos para os seus quartos, e fui forçado a sair.

Odiava a sensação que sentia no meu interior, odiava não saber como é que ela estava. Como é que podia ir-me embora sem saber se ela estava bem?

— Brooks, posso falar contigo durante um segundo? —

perguntou a Sr.^a Riley, enquanto eu me dirigia à porta da frente.

Ela tinha os braços cruzados e os olhos pesados.

— Sim, o que é que se passa?

Ela olhou à volta da sala, certificando-se de que tinham saído todos, e depois aproximou-se de mim.

— Quero que saibas... a Maggie está doente. Pode não o parecer, mas a sua mente... — Ela franziu a testa. — O que aconteceu com ela há tantos anos afetou-a. Mesmo nos dias em que parece estar bem, há uma grande parte dela que está em falta.

Sei que gostas dela, mas estares num relacionamento com ela...

acho que não é uma decisão muito inteligente. Ela está doente, está quebrada.

Eu estaria a mentir se dissesse que não fiquei surpreendido com as suas palavras. Ela falava a respeito da filha como se fosse uma

aberração, uma pária. Sim, a Maggie tinha alguns dias maus, mas quem é que não os tinha? Olhando para o canto, vi a Maggie a espreitar do quarto dos pais, à escuta. Sorri-lhe, e ela fez-me uma careta. Antes daquele momento, eu não sabia que uma careta podia ser mais bonita do que um sorriso.

— Nem todas as coisas quebradas têm de ser consertadas. Às vezes só precisam de ser amadas. Seria uma pena se apenas as pessoas inteiras merecessem ser amadas.

— Brooks. — Ela suspirou, como se as minhas palavras fossem inúteis. — És jovem e tens toda a tua vida pela frente. Não posso deixar de pensar que vais conter-te para tentares incluir a Maggie.

Na próxima semana, vais a Los Angeles para prosseguires com a tua carreira musical, e vais passar por muitas experiências novas...

— A Maggie e eu temos experiências novas todos os dias.

— Sim, mas tu vais ter oportunidades novas, oportunidades melhores.

— Ela também.

A Sr.^a Riley suspirou, esfregando a nuca.

— Não estás a perceber, Brooks. A Maggie não vai sair desta casa. Nunca. Sei que estás a tentar manter-te esperançoso, mas agora chegou o momento de te mostrares racional. Devias acabar com ela antes que causes mais danos.

— Ela vai sair. Eu sei que vai. Nós falamos sobre isso, sabia? Ela também tem sonhos, tal como a senhora e eu. Ela tem sonhos.

— Ouve, Brooks... percebo que ela seja tua amiga, e sei que gostas de

partilhar a tua música com ela, mas isso não vai ajudá-la.

Um relacionamento precisa de mais do que música para existir.

Precisa de carne, não apenas de ossos. A Maggie não pode dar-te aquilo de que precisas num verdadeiro relacionamento.

— A senhora não sabe aquilo de que preciso.

— Com todo o respeito, sei aquilo de que não precisas. És jovem e estás apaixonado, percebo, mas a Maggie não é a melhor opção para ti.



O meu peito estava apertado, e eu sabia que se ficasse ali mais um segundo iria dizer algo de que me arrependeria. Olhei para o sítio onde a Maggie se encontrava, mas ela desaparecera, por isso abri a porta da frente e saí para o alpendre, virando as costas à Sr.^a

Riley.

— Lamento, Brooks, mas assim é melhor.

Voltando a encará-la, respondi:

— Com todo o respeito, senhora Riley, acho que está errada a respeito da Maggie. Ela é inteligente. Ela é muito inteligente, gentil e expressiva, mesmo sem palavras. Diz muito, apesar de não podermos ouvi-la. Sim, a mente dela está ocupada, mas é mais profunda do que qualquer oceano. Ela vê as coisas de uma maneira diferente da maior parte das pessoas, mas o que é que isso tem de mal? E também está errada acerca da música. Se pensa por um segundo que a música não consegue curar as pessoas, então é porque não a ouve com a atenção suficiente.

Recomecei a andar, o meu coração acelerado.

— Ela tentou matar-se — gritou a Sr.^a Riley, fazendo-me parar.

Virei-me, a negação a atravessar-me a mente.

— Não.

— Sim, tentou. Sei que provavelmente pareço o lobo mau, mas ela não está bem. Tens razão, a sua mente é mais profunda do que qualquer

oceano, mas um dia as marés vão subir tanto que ela não terá opção senão afogar-se.

Ela tentara matar-se.

Não consegui respirar.

Ela tentara matar-se.

Ela não iria fazer aquilo.

Não conseguia respirar.

Andei pelo bairro, dando voltas atrás de voltas. Fiquei a pensar que talvez tivesse feito algo de errado. Talvez a maneira como a

abraçara, ou tocara, lhe tivesse provocado um *flashback*. Talvez tivesse dito algo de errado.

— É difícil, não é? — perguntou a Sr.^a Boone do seu alpendre, enquanto eu dava outra volta ao bairro, tentando desanuviar a cabeça. Parei em frente da sua casa, enquanto a *Muffins* rolava de um lado para o outro na relva. — Quando ela tem os seus colapsos.

— Como é que a senhora sabe?

Ela sorriu e baloiçou para a frente e para trás na sua cadeira de baloiço de verga.

— Eu conheço a Maggie, e conheço a expressão das pessoas quando ela se vai abaixo. Vi-o nos rostos dos seus pais mais vezes do que gostaria de o admitir. Agora, vem cá. Faz uma pausa. Entra, eu faço-te um chá.

Arqueei uma sobrancelha. *Entrar?* Eu nunca vira a Sr.^a Boone convidar alguém para entrar em sua casa. Uma parte de mim pensou que se eu entrasse ela podia matar-me, mas a outra parte sentia-se demasiado curiosa em saber como seria o interior da sua casa.

A sua porta de tela rangeu quando ela a abriu. Ela segurou-a para eu entrar e depois seguiu-me.

— Podes esperar aqui, na sala de estar. Vou aquecer um pouco de água — disse ela, dirigindo-se à cozinha.

Andei pela sala de estar, olhando para as suas coisas. A sua casa parecia um museu; cada obra de arte parecia ser do século XIX, e cada

estatuetas estavam envolvidas por uma caixa de vidro.

Estava tudo polido e limpo, e no seu devido lugar.

— Tem a certeza de que não precisa de ajuda? — perguntei.

— Faço chá há anos e nunca precisei de ajuda.

Passei a mão sobre a lareira, os meus dedos enchendo-se de pó, e fiz uma careta. Limpei a mão nas calças de ganga. A sua lareira era o único sítio lugar na sala que tinha pó. Era quase como se ela colecionasse cada partícula de poeira, e a deixasse cair em cima da lareira. Estranho. Levantei uma das molduras cobertas de pó, e olhei para a Sr.^a Boone com um homem que supus ser o seu

marido. Ela estava sentada no seu colo, e ambos sorriam um ao outro. Eu nunca vira a Sr.^a Boone sorrir da maneira como estava a sorrir na fotografia.

Peguei noutra fotografia, uma em que o casal estava numa doca de barcos com uma criança em frente deles, a rir-se para a fotografia. A transformação da menina a crescer nas fotografias era difícil de ver. Ela deixou de ser uma criança sorridente para se transformar em alguém que franzia a testa, até alguém que não demonstrava qualquer tipo de emoção. Os seus olhos pareciam tão vazios. Devia haver mais de trinta fotografias em cima da lareira, cada fotografia mostrando momentos diferentes do passado da Sr.^a

Boone.

— Quem é a menina? Nas fotografias? — perguntei.

Ela olhou para dentro da sala, antes de voltar para a cozinha.

— É a Jessica. A minha filha.

— Não sabia que a senhora tinha uma filha.

— Alguma vez me perguntaste?

— Não.

— É por isso que não sabias. Vocês, crianças estúpidas, nunca fazem perguntas. Tudo o que fazem é falar, falar, falar, e nunca ouvem. — Ela regressou à sala de estar, remexendo os dedos, antes de se sentar no sofá. — A água está a aquecer.

Peguei num disco coberto de pó, e soprei um pouco da poeira.

— «Sitting on the dock of the bay», do Otis Redding? —

perguntei.

Ela assentiu.

— O meu marido e eu tínhamos uma cabana, mais a norte, junto do lago. Ainda a tenho... Devia vendê-la, mas não consigo fazê-lo. É

o último lugar onde a minha família foi feliz — disse ela, recordando-se. — Todas as noites, o Stanley e eu sentávamo-nos na extremidade do pontão, a ver o pôr do Sol, enquanto esse disco tocava, e a Jessica corria pela relva, a tentar apanhar libelinhas.

Sentei-me na cadeira à sua frente, e sorri-lhe.

Ela não me retribuiu o sorriso, mas não me importei. A Sr.^a Boone era conhecida por não sorrir.

— Então... — pigarreei, sentindo-me desconfortável com o silêncio. — A sua filha costuma visitá-la?

As suas sobrancelhas baixaram, e as suas mãos remexeram-se em cima das pernas.

— A culpa é minha, sabias — disse ela, a sua voz sombria.

— A culpa é sua?

— A noite do acidente... o que aconteceu à Maggie, a culpa foi minha.

Sentei-me mais direito na cadeira.

— Como assim?

Os seus olhos ficaram sombrios.

— Naquela noite, ela veio ao meu pátio. Perguntou se podia apanhar flores do meu jardim, para o casamento. Gritei com ela e mandei-a embora, dizendo-lhe para não voltar. — A Sr.^a Boone estudou as mãos trémulas, ainda a bater com os dedos nas pernas.

— Se eu não tivesse sido tão má, tão dura, ela podia ter passado mais tempo no meu pátio. Não se teria afastado para o bosque.

Naquela noite, ela poderia ter ficado a salvo do que quer que lhe tenha tirado parte da sua mente.

Lágrimas começaram a cair-lhe dos olhos, e consegui sentir a sua dor. Eu compreendia a sua culpa, porque eu também a sentia há muitos anos.

— Senti a mesma coisa, senhora Boone. Eu devia ter-me encontrado com ela naquela noite, no bosque, e atrasei-me. Se não tivesse demorado tanto tempo a escolher uma gravata, podia ter lá estado para proteger a Maggie. Podia tê-la salvo.

Ela olhou para cima e enxugou os olhos, abanando a cabeça.

— A culpa não foi tua — disse ela, muito depressa, obviamente com medo de que eu colocasse qualquer tipo de culpa sobre as minhas costas.

Era triste a rapidez com que ela arcava a culpa, e a rapidez com que se certificava de que eu não ia fazê-lo.

Encolhi os ombros.

— A culpa também não foi sua.

Ela levantou-se e dirigiu-se à lareira, olhando para as fotografias.

— Quando era pequena, a minha filha era como a Maggie.

Faladora... demasiado faladora. Selvagem, livre. Também não tinha medo de ninguém. Via o melhor das pessoas, mesmo naquelas mais danificadas. O seu sorriso... — A Sr.^a Boone riu-se, pegando numa das fotografias que mostravam a Jessica com um sorriso aberto. — O seu sorriso curava as pessoas. Ela conseguia entrar numa sala, contar as

piores das piadas, e levar a que a pessoa mais mal-humorada da sala se risse até ficar com dores de barriga.

— O que é que lhe aconteceu?

Ela pousou a fotografia e pegou noutra, onde o sorriso da Jessica desaparecera.

— O meu irmão veio visitar-me. Estava a passar por um divórcio e tinha de se afastar de tudo, por isso ficou connosco. Certa noite, estávamos a fazer um churrasco e o Henry estava a beber demasiado, tornando-se cada vez mais nervoso e irritado. Começou a discutir com o Stanley, o meu marido, e estiveram a segundos de se baterem. Em seguida, a doce e tola da Jessica apareceu, com as suas más piadas, o que levou a que todos se rissem, até o bêbedo do Henry. Mais tarde, naquela mesma noite, o Stanley foi ver como estava a Jessica. Encontrou o Henry no seu quarto, com uma garrafa de álcool vazia na mão. O Henry estava desmaiado, nu e bêbedo em cima da minha filha, que estava petrificada de medo.

— Meu Deus. Lamento. — Proferi as palavras, mas quando elas saíram da minha boca soube que não eram suficientes. Nenhuma palavra podia expressar aquilo que senti no meu íntimo. Eu vivera toda a minha vida no mesmo quarteirão da Sr.^a Boone, e nunca soubera das tempestades que ela atravessara.

— Depois disso, a Jessica não voltou a falar. Deixei o meu emprego de professora e fiquei com a Jessica para a ensinar em casa, mas a sua luz fora roubada. Nunca mais foi a mesma depois daquilo que o Henry fez. Deixou de falar e nunca mais sorriu. No

entanto, não a culpei. Como é que se pode falar quando alguém em quem confiamos nos rouba a voz? A Jessica andava por aí como se houvesse vozes dentro da sua cabeça, demónios a fazê-la ir-se abaixo. Quando chegou aos vinte anos, acabou por fazê-lo. Deixou um bilhete a dizer que me amava e ao Stanley, e que a culpa não era nossa.

Os meus olhos fecharam-se, ao lembrar-me das palavras da Sr.^a

Riley.

Ela tentou matar-se.

Ela virou-se para mim e franziu a testa, quando viu o meu olhar de desespero.

— Oh, céus. Convidei-te para um chá para afastar a tua mente dos teus próprios problemas e só consegui fazer-te sentires-te pior.

— Não, não. Só me sinto incrivelmente triste. Não sei o que dizer.

— Não te preocupes. Eu também não saberia. — O seu bule de chá começou a assobiar na cozinha, e ela gritou: — Stanley, podes tratar disso?

Olhei para a Sr.^a Boone, de olhos semicerrados, e ela interrompeu-se. Instantes depois, apercebeu-se do seu erro, correu até à cozinha e voltou com o chá. Ficámos ali sentados a beber o chá repugnante em silêncio. Quando chegou a hora de me ir embora, levantei-me e agradeci à Sr.^a Boone ter-me convidado para entrar, não apenas em sua casa, mas na sua história.

Quando ela me segurou a porta da frente, fiz-lhe uma última pergunta.

— Foi por isso que se ofereceu para visitar a Maggie? Porque ela lhe recorda a sua filha?

— Sim e não. A Maggie tem muito em comum com a minha Jessica, mas existem grandes diferenças.

— E quais são?

— A Jessica desistiu da vida. A Maggie, de vez em quando, tem lampejos de esperança. Vejo-os nela, cada vez com mais frequência. Ela vai ficar bem. Eu sei que vai. Tenho de acreditar que ela vai ficar bem. Sabes qual é a maior diferença entre ambas?

— Qual?

— A Jessica não tinha ninguém. Afastou-nos a todos. Mas a Maggie? Ela tem amigos. A Maggie tem-te a ti.

— Obrigado, senhora Boone.

— De nada. Agora, deixa de te culpares, está bem?

Sorri.

— Desejo-lhe o mesmo.

Ela assentiu.

— Sim, sim, eu sei. Intimamente, sei que a culpa não foi minha, mas

às vezes, quando estou sentada sozinha, os meus pensamentos afastam-se por lugares por onde não deveriam afastar-se. Às vezes, somos os nossos piores inimigos. É preciso aprender a discernir os nossos pensamentos. Devemos ser capazes de distinguir a verdade por entre as mentiras das nossas mentes.

Caso contrário, ficamos escravizados pelos grilhões que colocamos nos nossos próprios tornozelos.

20

MAGGIE

Eu já não falava com ele há cinco dias, e pareceram-me os mais longos cinco dias da minha vida.

— O que estás a ler agora? — perguntou a Sr.^a Boone, sentada à minha frente, à mesa da sala de jantar.

Quando pedi ao meu pai para dizer à Sr.^a Boone que não estava a sentir-me bem, ela chamou-me criança ridícula, e disse que eu precisava de um pouco de chá. Também me lançou as culpas da minha doença inventada, por deixar o cabelo molhado depois de tomar banho.

Levantei o livro contra o peito e encolhi os ombros, e em seguida virei-o para ela ver o título.

— Humm. *Antes de Vos Deixar*, de Lauren Oliver. É acerca de quê?

Semicerrei os olhos, ao olhar para ela. Ela fazia sempre aquilo.

Fazia-me sempre perguntas às quais sabia que eu não podia responder. Como não me deixava escrever em papel, aquilo parecia-se com pressão, e pressão era a última coisa de que eu precisava.

Coloquei o livro em cima da mesa e bebi o meu chá nojento, fazendo uma careta.

— Então, hoje é o dia em que voltaste a odiar chá, hein? — disse ela.

Voltei a encolher os ombros.

— Onde é que está o teu namorado?

Encolhi os ombros, mais uma vez.

Ela revirou os olhos.

— Mais um encolher de ombros e os teus ombros vão ficar espetados no ar. Que infantilidade. Ele está preocupado contigo,

sabias? Afastá-lo não vai ajudar ninguém. É, na verdade, muito rude. Ele é um bom rapaz.

Um bom rapaz? Eu nunca ouvira a Sr.^a Boone dizer bem de ninguém.

— Brooks, podes entrar agora — chamou a Sr.^a Boone, em direção à cozinha.

O Brooks saiu de trás da porta da cozinha, levantou a mão e acenou timidamente.

O que é que ele está aqui a fazer?

— Eu convidei-o — disse a Sr.^a Boone, lendo-me mais uma vez os pensamentos. — Senta-te, Brooks.

Ele fez o que ela mandou.

— Agora, este é o momento em que eu falo, e vocês os dois ouvem. Vocês são uns idiotas. — Aquilo soava mais à Sr.^a Boone que eu adorava odiar. — Vocês os dois gostam um do outro, certo?

Então, deixem que isso seja suficiente. Deixem de estar sempre a pensar demasiado nas coisas. Limitem-se a ser felizes. Maggie, deixa de agir como se não fosses digna de felicidade. Se apenas as pessoas com um passado perfeito fossem felizes, então não existiria amor. Agora, beijem-se e façam as pazes, seus idiotas.

— O que é que se passa aqui? — perguntou a minha mãe, entrando na sala de jantar. Parecia cansada, como se não dormisse há dias, o seu cabelo selvagem e indomável. Os seus olhos dispararam para o Brooks, e uma mancha de decepção e choque atravessou-lhe o rosto. — Tu não devias estar aqui.

A Sr.^a Boone endireitou-se.

— Agora, Katie, antes de gritares com as crianças, quero que saibas que fui eu que o trouxe.

— A senhora? Disse-lhe para ele vir até aqui?

— Sim. As crianças estavam tristes, por isso pensei...

— Quero que saia — disse a minha mãe.

— Oh, vá lá, isso é ridículo. Deixa o rapaz...

— Não, estou a referir-me a si, senhora Boone. Quero que saia.

Hoje, a senhora cruzou uma linha, e não é bem-vinda na minha casa.

Levantei-me da cadeira, atordoada com aquilo que a minha mãe dissera, a minha mãe que a cada dia que passava se parecia mais com uma estranha. *Não!* Bati com as mãos na mesa. Bati muitas vezes, até as minhas mãos começarem a ficar vermelhas, e depois continuei a bater.

— Brooks, também podes sair. Tu e eu já falámos, e acho que a minha mensagem foi bem clara. Maggie, vai para o teu quarto.

Não! Não!

O Brooks baixou a cabeça e saiu. A Sr.^a Boone levantou-se e abanou a cabeça.

— Isso não está certo, Katie. Estas crianças... estão a ajudar-se uma à outra.

— Sem ofensa, senhora Boone, mas a Maggie não é sua filha, e preferiria que deixasse de a tratar como se ela fosse sua responsabilidade. Ela não é a Jessica, e não pode fazer essas escolhas por ela. Recuso-me a deixar que a minha filha acabe como...

— *Como o quê?* — gritou a Sr.^a Boone, em resposta, obviamente muito ofendida. Ela pegou na sua mala e apertou-a com força. —

Como a minha filha?

Uma expressão culpada surgiu nos olhos da minha mãe, antes de ela pestanejar.

— Daqui em diante, não haverá mais chás da tarde. Aprecio que passe o seu tempo com a Maggie, senhora Boone, realmente gosto disso, mas já chega.

Enquanto a Sr.^a Boone se dirigia à porta da frente, a minha mãe seguiu-a e eu segui-a a ela.

— Compreendo o que estás a tentar fazer, Katie. A sério que compreendo. Também tentei fazê-lo com a minha filha. Achas que estás a ajudá-la mantendo-a longe do mundo, do lugar que a magoou, mas não estás. Estás a sufocá-la. Estás a abafar a pequena voz que ela tem... a sua liberdade de escolha. A sua escolha para amar, para se abrir. Estás a roubar-lhe isso.

A cabeça da minha mãe estava baixa.

— Adeus, senhora Boone.

Ela afastara o meu namorado e a minha melhor amiga, e eu não conseguia perceber o que é que eu fizera para merecer aquilo.

Comecei a bater contra a parede mais próxima para lhe chamar a atenção. *Vê-me. Compreende-me.*

Ela virou-se, indiferente ao barulho que eu estava a fazer.

— Vai para o teu quarto, Maggie.

Não. Bati mais e mais, e ela lançou-se a mim, envolvendo-me com os braços. *Não!*

— Para com isso — ordenou ela. — Pensa no tipo de vida que irias dar ao Brooks. Queres mesmo que ele desista dos seus sonhos para ficar aqui contigo? Como é que achas que poderias continuar num relacionamento com ele quando ele estiver a viajar pelo mundo, a criar a sua própria vida? Porque é que lhe farias isso? Isso não é justo, nem para ele, nem para ti. Ele merece mais do que encontrar-se contigo nesta casa. Tu mereces ficar sozinha para poderes curar-te.

Curar?

E se eu não estivesse doente? E se aquilo fosse apenas eu?

Onde é que estava o meu pai? Eu precisava que ele voltasse para casa. Eu precisava que ele tentasse compreender a mente da mãe. Eu precisava que ele consertasse aquilo. Continuei a debater-me contra os seus braços, enquanto ela me arrastava pelas escadas.

— Isto é para o teu próprio bem, Maggie. Desculpa-me, mas isto é para o teu próprio bem.

Resisti, mas ela não me soltou. Não ia libertar-me. Pestanejei e vi-o a ele. O diabo.

Ele pediu desculpa por me magoar, pediu desculpa por me apertar o pescoço, levando a que me fosse difícil respirar.

— Mãe! Larga-a! — exclamou o Calvin, saindo do quarto. Tentou afastar a mãe de mim, mas ela empurrou-o.

— Não te metas nisto, Calvin. A tua irmã está bem.

Não, não estou. Estás a magoar-me.

A Cheryl saiu do seu quarto, e vi o medo nos seus olhos. Tinha a certeza de que ela também o vira nos meus.

Ajuda-me.

— Mãe — começou ela, mas a minha mãe também a ignorou rapidamente.

Ela arrastou-me até ao meu quarto e empurrou-me para o interior.

Fechou rapidamente a porta e manteve-a fechada do lado de fora.

— Vais ver, Maggie. Estou a fazer isto por ti. Estou a proteger-te.

O que é que se passava com ela? Porque é que estava a agir de uma maneira tão enlouquecida? Bati à porta, esforçando-me para a abrir, mas a porta não cedeu. Atirei-me contra ela, repetidas vezes.

Deixa-me sair! Deixa-me sair! As minhas mãos envolveram-me o pescoço, e consegui senti-lo comigo. Ele estava a sufocar-me; ele ia matar-me. *Deixa-me sair, deixa-me sair!*

Não conseguia respirar. Não conseguia respirar... Não sabia que outra opção tinha.

Não sabia que mais podia fazer, por isso fiz a única coisa que me veio à cabeça.

Caí no chão.

Deitei-me de cara, na tapete.

Abri a boca.

E gritei.

MAGGIE

Pestanejei.

A porta abriu-se, e o meu pai correu na minha direção. Eu estava enfiada no canto do meu quarto, a bater com as mãos nas orelhas.

Pestanejei.

A minha mãe seguiu-o, e ele voou para dentro do quarto, gritando-lhe, dizendo para ela sair.

Pestanejei.

A minha mãe chorava e tentou aproximar-se de mim, mas o Calvin e a Cheryl agarraram-na.

Pestanejei.

O meu pai baixou-se, olhando-me nos olhos, verificando se eu estava bem.

— Maggie? — sussurrou ele. Engasgou-se. — Maggie.

Pestanejei.

Ele revirou-me o cabelo e levantou-me.

— Deixa-me aproximar dela — implorou a minha mãe.

O meu pai deitou-me na cama e, em seguida, levou a minha mãe para fora do quarto.

Pestanejei.

Conseguia senti-lo. Parecia tão real. Estava outra vez a sufocar-me. Estava a roubar o meu ar. Ele regressara. Era real. Era real...

Pestanejei.

O meu pai saiu do quarto e começou a gritar com a minha mãe.

Tudo o que eles fizeram foi gritar. O Calvin e a Cheryl entraram no meu quarto.

Pestanejei.

Os dois deitaram-se na minha cama e envolveram-me com os seus

braços. Seguraram-me com toda a força, enquanto eu tremia no seu abraço.

Pestanejei.

A Cheryl dizia continuamente que estava tudo bem, e o Calvin concordava com ela, enquanto eu chorava nos meus lençóis, tremendo, sentindo-me quebrada, confusa. Assustada. Tão assustada.

Shh...

Shh...

Porque é que a minha mãe fizera aquilo? Porque é que ela me arrastara até ao quarto? Porque é que o diabo fizera aquilo? Porque é que ele matara aquela mulher? Porque é que tentara matar-me?

Pestanejei.

Fechei os olhos. Não queria sentir. Não queria existir. Não queria continuar a pestanejar. Mantive os olhos fechados. Não queria ver, mas continuava a vê-lo. Sentia-o. Sentia o seu sabor. Também vi a minha mãe. Vi-a. Senti-a. Eu amava-a.

Eu odiava-a.

Porque é que ela me magoara?

Porque é que afastara de mim as pessoas que eu mais amava?

Ficou tudo mais escuro.

Transformou-se tudo em sombras.

Ficou tudo escuro.

22

MAGGIE

— Hoje estás bem, Magnete? — perguntou o Brooks, parado na soleira da porta.

Na última semana não tivera autorização para entrar em nossa casa e, como a minha mãe não estava em casa, presumi que o meu pai o deixara entrar. A minha mãe tinha ido passar alguns dias a casa da

irmã, um pedido que o meu pai lhe fizera. Eu sentia-me feliz por ela desaparecer durante algum tempo.

Ver o Brooks ali parado, encostado à porta, partiu-me o coração.

Como é que aquilo era possível?

Como é que se podia sentir a falta de alguém que se encontrava a poucos passos de nós?

Ele não pediu para entrar no meu quarto, como era habitual; ficou onde estava, com as mãos enfiadas nos bolsos.

— Partimos de manhã. Vamos apanhar um avião para nos encontrarmos com o produtor e falarmos acerca do nosso futuro.

Ele sorriu, mas o seu sorriso parecia-se mais com uma careta.

Aquilo deixou-me muitíssimo triste. A música era o seu sonho, e o seu sonho estava a tornar-se realidade, mas apesar disso ele parecia muito triste.

Estou tão orgulhosa de ti.

Ele riu-se e olhou para o chão, fungando.

— O que é que passa, Maggie May? Na tua cabeça?

Não sei.

Ele entrou no meu quarto.

— Amas-me?

Sim.

— Mas não queres ficar comigo?

Hesitei em escrever, porque sabia que as minhas palavras seriam confusas para ele. Eu não podia estar com o Brooks, especialmente agora. O seu sonho finalmente realizara-se, e a última coisa de que ele precisava era que eu o interrompesse com os meus problemas.

Como é que podíamos namorar com o casamento dos meus pais a desmoronar-se? Como é que podíamos continuar apaixonados com ele do outro lado do país? Mesmo que eu a odiasse, a minha mãe tinha razão. O Brooks merecia mais do que eu. Ele merecia ser amado em

voz alta, e o meu amor era um sussurro ao vento que, obviamente, só ele podia ouvir.

Ele pigarreou, a minha falta de resposta mais parecida com todas as palavras que ele tinha medo de ouvir.

— Amas-me? — voltou a perguntar.

Amo.

Ele afastou-se de mim durante um segundo e enxugou os olhos.

Quando se virou, lançou-me um sorriso tenso e aproximou-se de mim.

— Posso pegar-te nas mãos?

Estendi-as e, quando ele entrelaçou os seus dedos nos meus, senti-o — a sensação de um lar a atravessar-me. Uma casa com paredes não era um lar. Lar era o lugar onde um género de amor maior vivia entre duas pessoas. O Brooks era o meu lar.

Esforcei-me ao máximo para não chorar.

— Sabes aquele momento em que descobres uma música nova?

Pensas que não é lá grande coisa, que já ouviste muitas músicas novas, e aquela vai ser como todas as outras, mas quando a introdução te chega aos ouvidos e passa por ti, tu sente-la nos teus ossos. Então quando chegas ao refrão, tu sabes. *Limitas-te a saber.*

Sabes que aquela música vai mudar-te para sempre. Nunca mais conseguirás lembrar-te da tua vida sem aqueles ritmos, aquela letra, aqueles acordes. Quando a música acaba, apressas-te a passá-la outra vez e, sempre que a ouves, é ainda melhor do que te lembras.

Como é que isso é possível? Como é que as mesmas palavras poderiam significar mais e mais de cada vez que as ouves? Tocas a

música várias vezes até ela estar enraizada em ti, até passar pelo teu corpo, tornando-se o fluxo que faz o teu coração bater.

As minhas mãos tremiam nas suas, e as suas nas minhas.

Aproximámo-nos mais, e ele pousou a sua testa na minha.

— Maggie May, tu és a minha música favorita.

Não consegui continuar a conter as lágrimas, e ele não conteve as dele, já que os nossos rostos estavam encostados.

— Agora, estou tão dilacerado, Maggie. Uma parte de mim quer ir para Los Angeles e perseguir o meu sonho, mas outra parte de mim sabe que tu és o meu sonho. É isso que és. Diz-me que me queres.

Diz-me o que é que queres. Eu fico. Juro que fico.

Afastei-me dele, deixando cair as mãos. O seu sonho estava em Los Angeles.

A minha mãe tinha razão.

Eu não era o tipo de vida que ele merecia.

Eu não era o seu sonho. Eu era o seu pesadelo acordado.

— Diz-me para ficar e eu fico — implorou ele. — Diz-me para eu ir e eu vou, mas não me deixes no limbo, Maggie May. Não me deixes partir sem eu saber. Não me faças nadar em águas desconhecidas, porque tenho a certeza de que o desconhecido é onde me vou afogar.

Vai.

Ele leu as palavras no quadro, e vi a sua expressão alterar-se.

Ele pareceu ficar chocado com a minha resposta. Ferido. Partido. A sua expressão de desespero surpreendeu-me. Corri até ele e comecei a tentar puxá-lo para um abraço.

— Para, Maggie. Está tudo bem.

Não. Não estava. Ele estava a sofrer por minha causa. Ele estava quebrado porque eu o quebrara. *Por favor. Preciso que compreendas. Por favor.*

Levantei a mão.

Cinco minutos.

Era tudo o que eu precisava. Mais cinco minutos.

Ele suspirou, e assentiu.

— OK. Cinco minutos.

Puxei-o para um abraço e forcei-o a abraçar-me.

Ele sufocou a tosse.

— Não é justo. Não é justo. Nós somos felizes.

Apertei-o com mais força e olhei para ele. Os nossos lábios roçaram um contra o outro e beijámo-nos. A princípio, beijámo-nos muito suavemente, e depois com mais força. Beijámo-nos com as nossas esperanças e as nossas desculpas, de uma só vez. Fiquei espantada como, no passado, cinco minutos pareciam uma eternidade, mas naquele momento cinco minutos eram um borrão.

— Maggie May — sussurrou o Brooks, com a voz embargada. —

Como é que fizeste isto? Como é que me partiste o coração e o consertaste logo a seguir apenas com um beijo?

Eu também o senti. Sempre que os nossos lábios se encontravam, os beijos doíam e curavam. Nós éramos, simultaneamente, tempestade e a luz do sol. Como é que fazíamos aquilo um ao outro? Porque é que o fazíamos? E como é que podíamos mesmo despedir-nos?

Ele tocou no colar da âncora, que há anos eu não tirava, soltou-me e recuou um passo.

— Não posso ficar aqui... tenho de ir. Tenho de te deixar.

Em poucos segundos, ele saiu do meu quarto e da minha vida.

Depois de ele ter saído, a Cheryl entrou no quarto e sentou-se ao meu lado na cama.

— Porque é que fizeste isto, Maggie? Porque é que o deixaste ir?

Inclinei-me contra a minha irmã e pousei a cabeça no seu ombro, sem saber como responder. Intimamente, parecia-me errado deixá-lo ir-se embora, mas ele tinha de ir atrás dos seus sonhos sem mim.

Quando se ama alguém, deixamo-lo voar, mesmo que não se esteja no mesmo voo.

— Não é justo — disse ela. — Porque a maneira como ele olha para ti, e a maneira como olhas para ele... esse é o meu sonho. É

isso que quero ter um dia.

Separei os lábios para falar, mas não saiu nada. Lancei um sorriso amarelo à Cheryl, e ela fez uma careta.

— Descobri que tipo de ativista quero ser — disse a minha irmã, puxando a minha mão para a dela. — Quero lutar por ti, pelas pessoas como tu. Quero lutar por aqueles que não têm voz, mas que gritam para serem ouvidos.

O Calvin e os rapazes foram convidados a ficar em Los Angeles durante mais alguns dias. Tinham recebido um contrato de gravação com a Rave Records, e eu quase podia sentir a sua excitação, vinda da costa oeste.

O Brooks ligou para partilhar as novidades.

— Sei que não devíamos falar... mas... nós conseguimos-lo, Magnete. — A sua voz era muito baixa. — Fizemo-lo. Temos um acordo. Dentro de algumas semanas, será oficial e assinaremos o contrato com a Rave. Foste tu que fizeste isto por nós. Fizeste isto acontecer.

Lágrimas rolaram-me pelas faces. A coisa que eu mais quisera era que aquela coisa incrível lhes acontecesse. Aqueles rapazes mereciam-no. Mereciam tudo aquilo que acontecera.

— Amo-te, Maggie — sussurrou ele, antes de desligar.

Foi a última vez que tive notícias dele. O Calvin ligou para contar à família que o produtor queria que eles entrassem em estúdio para gravar algumas demos, enquanto trabalhavam nos contratos, e, antes que eu me apercebesse, os dias transformaram-se em semanas e as semanas em meses. As suas vidas começaram a mover-se com maior rapidez, e eu continuava no mesmo lugar.

Quando chegou setembro, a banda foi convidada para fazer a abertura dos The Present Yesterdays na sua digressão mundial.

Parecia que, num piscar de olhos, as suas vidas tinham sido completamente alteradas.

Esforcei-me ao máximo para deixar de sentir a sua falta. Li os meus livros, tomei os meus banhos e ouvi o iPod que ele me

deixara. Também toquei a sua viola. Descobri que as saudades de alguém nunca se tornavam mais fáceis, apenas se tornavam mais

tranquilas. Aprendia-se a viver com a dor do desejo dentro de nós.

Choravam-se os momentos que se tinham partilhado, e também aqueles que às vezes nos deixavam feridos.

Houve tantas vezes em que peguei no telemóvel e olhei para o seu número, tantas vezes em que quase liguei para saber como ele estava. Disse a mim mesma que só lhe ligaria uma vez, só para ouvir a sua voz, mas nunca tive coragem para o fazer. Sabia que, no fundo, se lhe ligasse uma vez, não iria conseguir evitar ligar-lhe todos os dias para voltar a ouvir a sua voz.

Na maior parte dos dias, mal saía do quarto, com medo de encontrar a minha mãe.

Ela e o meu pai estavam tornar-se verdadeiros desconhecidos perante os meus olhos. Sempre que estavam na mesma sala, um deles saía. Antigamente, quando o meu pai costumava sair para trabalhar, ele beijava-lhe a testa, mas agora aqueles beijos mal passavam de uma recordação.

As estações do ano chegaram, as estações mudaram, e sempre que a banda voltava à cidade, o Brooks não estava em lugar algum.

Pensei que talvez tivesse encontrado a sua próxima aventura na estrada. Talvez o nosso amor não tivesse passado de um momento passageiro no tempo.

— Já está aceso! — gritou a minha mãe uma noite, correndo pela casa. — Vai começar!

Saíram todos dos seus quartos e, pela primeira vez em meses, a minha família parecia uma unidade enquanto nos sentávamos à volta do rádio na sala de jantar, ouvindo a primeira música dos The Crooks. O meu peito apertou-se, e agarrei o colar de âncora que nunca me saíra do pescoço, enquanto ouvia as palavras que eu conhecia. A nossa música...

Ela está encostada ao meu peito, enquanto as suas gotas de chuva começam a cair



Ela sente-se tão fraca, flutuando sem rumo, batendo contra as paredes

Rezando por um instante em que não comece a afogar-se O seu coração

implora por uma resposta para o silêncio, que mantém a sua alma presa

Serei a tua âncora

Vou abraçar-te durante a noite

Serei a tua força contra as marés escuras e solitárias Vou abraçar-te, vou ser a tua luz, prometo que vais ficar bem Serei a tua âncora

E vamos vencer esta batalha

* * *

Ouvir aquelas palavras foi como receber o beijo que eu desejava.

Aquelas palavras pareciam prometer que ele ia voltar para mim.

Todos na sala de jantar começaram a aplaudir e a abraçar-se —

algo que não fazíamos há muito tempo. Quando as mãos da minha mãe envolveram o corpo do meu pai, ele abraçou-a. Também jurei que vi o lugar onde o amor deles se encontrava. Quando se separaram, aquele desapareceu num piscar de olhos, mas apesar disso eu tinha-o visto, o que significava que algures no seu interior aquele amor ainda existia.

Só quando uma noite recebi uma encomenda pelo correio é que me permiti chorar pela partida do Brooks.

Um livro.

Água para Elefantes, da Sara Gruen.

Dentro do livro encontravam-se *post-its* amarelos a marcar as melhores partes do livro, cobertas com a sua caligrafia. Na parte de trás do livro havia uma nota, que eu lia todos os dias, repetidas vezes, à medida que os anos passavam. A nota era a prova de que eu nunca mais voltaria a amar.



Recado para a rapariga que me afastou

De: Brooks Tyler Griffin

22 de outubro de 2018

Maggie May,

Já se passaram dois anos desde que vi o teu rosto pela última vez. Vinte e quatro meses a sentir a tua falta, a sonhar contigo, e a desejar que estivesse ao meu lado. Tudo me recorda de ti, e sempre que volto à cidade fico na casa do meu irmão, incapaz de te encarar. Se voltasse a ver-te, não seria capaz de partir. Sei que não. A minha vida move-se a grande velocidade. Há dias em que duvido de que consiga continuar.

Outros dias quero desistir e voltar para casa. Nesses dias, lembro-me de como me afastaste. Era isto que querias, e tenho de honrar o teu pedido. Anos antes de saber o que significava amar-te, deitei-me no teu quarto, segurando-te na mão, e fiz-te uma promessa. Dei-te o colar da âncora, e prometi que seria teu amigo, acontecesse o que acontecesse.

Pensei muito nisso, imaginando como ainda poderia ser teu amigo, respeitando o teu espaço. Esta é a melhor maneira que me veio à mente. Vou continuar a enviar-te livros com os meus pensamentos; espero que isso te ajude a recordar que nunca estás sozinha. Se te sentires sozinha, lê as anotações nos livros.

Se algum dia me ligares, eu estarei lá.

Amo-te, Magnete, como amante e amiga. Essas são duas coisas que nunca vão mudar, mesmo quando o meu coração precisar de uma pausa.

Sempre teu, Brooks Tyler

P.S. : Estou sempre por perto para ouvir o teu silêncio.

Recado para o rapaz que aparece na televisão De: Maggie May Riley



1 de agosto de 2019

Brooks,

Vi-te hoje no *Good Morning America*. Tens o cabelo mais comprido, não tens? Além disso, tens uma tatuagem no braço direito? Não consegui ver lá muito bem, mas posso jurar que era uma tatuagem. Qual é o desenho? Vou enviar-te os meus comentários acerca do *Deuses Americanos*, do Neil Gaiman.

No entanto, tenho uma confissão a fazer-te: já o tinha lido três vezes antes de mo enviáres. Contudo, ler as tuas opiniões e pensamentos fez que me parecesse ser uma nova leitura. Não se pode realmente errar com qualquer um dos seus romances.

Acabei de ler *A Sociedade Literária da Tarte de Casca de Batata*, de Mary Ann Shaffer e Annie Barrows. Tenho os dedos cruzados para que vás gostar. Eu adorei, mas sei que não gostas tanto de romances históricos como eu. É passado durante a Segunda Guerra Mundial e, embora destaque os efeitos da guerra, a história é muito doce e encantadora. E

também é hilariante.

Contei-te que a *Muffins* morreu? Disse ao meu pai para dizer à Sr.^a Boone que lamentava muito a sua morte. A sua resposta?

«Aquela maldita coisa viveu um milhão de anos. Agora não tenho de gastar dinheiro com comida de gato.»

O que realmente queria dizer era que sentia falta dela mais do que lhe era possível exprimir. Também sinto saudades dela.

Sempre,

Maggie

P.S. : O novo álbum dos Crooks voltou a ser número um esta semana — não estou surpreendida. Nas últimas cinco semanas, tenho-o ouvido repetidas vezes. És o meu tipo de som favorito.



Recado para a rapariga que relê livros por diversão De: Brooks
Tyler Griffin

5 de janeiro de 2020

Magnete,

Esta semana, a banda está em Tóquio, e o Rudolph comeu acidentalmente orelhas de porco fritas, pensando que eram *pickles* fritos orgânicos. Foi provavelmente o melhor momento que já presenciei. Por aqui anda uma gripe terrível, e fiquei doente como se fosse uma vítima da praga. A quantidade de medicamentos que me deram é preocupante, mas, apesar disso, o concerto vai continuar esta

noite. Estou à espera de passar a gripe ao Calvin, só para me divertir.
O livro: *A Passagem*, do Justin Cronin.

Número de *post-its*: cento e dois.

Ouvi dizer que a Cheryl entrou na Boston State University e que está a tirar um curso de jornalismo, com especialização em estudos femininos. Da próxima vez que falares com ela, diz-lhe que me sinto muito orgulhosa dela.

Brooks

Recado para o rapaz que pode ir para o inferno De: Maggie May
Riley

14 de junho de 2021

Brooks Tyler,

A sério? *A Culpa É das Estrelas*?

Chorei para uma embalagem de gelado de chocolate com menta.

Surpreendentemente,

as

lágrimas

salgadas

melhoraram-lhe o sabor. Assim, fico com o teu romance do John Green, e desafio-te com o *Mil Sóis Resplandecentes*, do Khaled Hosseini. Foi a Cheryl que me fez lê-lo, e não sou a mesma desde que o li.

[Redacted text]

[Redacted text]

Fica bem.

Maggie

Recado para a rapariga que odeio

De: Brooks Tyler Griffin

12 de agosto de 2021

M

Vai-te lixar, Maggie May Riley.

Vai-te mesmo lixar.

Adorei chorar por causa de um livro, numa festa de salsichas, em frente de homens adultos.

Tornei-me muito mais fixe aos seus olhos.

B

P.S. : Estás a ter aulas *online* para seres bibliotecária?

Surpreendente. Na tua última nota, escreveste: «Com um pouco de sorte, um dia saio de casa e torno-me bibliotecária.»

Não é sorte.

São apenas factos.

Vais ser a melhor bibliotecária da história das bibliotecárias, e eu visitaria a tua biblioteca para ler cada um dos teus livros.

Recado para o rapaz com um Grammy

De: Maggie May Riley

28 de fevereiro de 2024

Brooks,

Estou tão orgulhosa de ti.

Estou tão impressionada com o teu talento.

Espero que a tua digressão mundial seja incrível.

O livro: *Oh, The Places You'll Go*, do Dr. Seuss.



Os *post-its*: dezoito.

Maggie

Recado para a rapariga que respeito

De: Brooks Tyler Griffin

18 de julho de 2025

Magnete,

Desculpa não enviar nada já há algum tempo. As coisas andam uma loucura com ensaios, reuniões e entrevistas. Estou cansado. Nos últimos tempos, ando sempre cansado. Ainda adoro isto tudo, mas há dias em que gostaria de abrandar.

Sinto que devia contar-te uma coisa, mas não sei como o fazer, por isso aqui vai.

Conheci alguém. Chama-se Sasha.

É modelo, e muito doce. Mesmo muito, muito doce. Canta muito mal e dança ainda pior, mas ri-se, o que é mais do que posso dizer a respeito da maior parte das pessoas que conheci nesta digressão.

Não sei porque senti a necessidade de to contar, mas achei que devias sabê-lo por mim antes de o leres nos tabloides.

Brooks

P.S. : Reli o O Menino de Cabul. Foi o primeiro livro que me deste, lembras-te? Não me lembro de chorar da primeira vez que o li, mas talvez o tempo mude a maneira como vemos as histórias. Talvez à medida que crescemos, as experiências de vida alterem o significado dos livros. Talvez já não seja a mesma pessoa que era há anos quando o li pela primeira vez.

Ou talvez esteja com saudades de casa.

PARTE TRÊS

23

MAGGIE

8 de abril de 2026 — vinte e oito anos

Todas as noites, a minha mãe, o meu pai e eu jantávamos na mesa da

sala de jantar. Os meus pais quase nunca se olhavam.

Passavam um pelo outro como desconhecidos.

O meu pai já mal brincava, e quando vinha ao meu quarto queixava-se muito por a minha mãe beber.

Era difícil acreditar que tivessem estado alguma vez apaixonados.

Era difícil imaginar como costumavam dançar.

Apesar disso, ainda jantávamos juntos todas as noites, apesar de ser desconfortável para todos. As sextas-feiras eram as minhas noites favoritas, porque depois do jantar a Cheryl ligava-me sempre para me falar por Skype.

Eu limpava o meu prato e corria para o quarto, abrindo ansiosamente o computador. Desde que a Cheryl se formara que andava numa missão para descobrir o mundo. Começara por viajar pela Europa e Ásia, e desde então nunca mais parara. Visitou todo o tipo de lugares, descobriu todo o tipo de culturas, e testemunhou mais guerras do que jamais poderia ter imaginado, em partes remotas do mundo que passavam despercebidas.

Naquela noite, quando falámos por Skype, ela estava em Banguecoque, na Tailândia.

— Ei, mana! — disse ela, a imagem não tão nítida como fora na semana anterior, mas apesar disso ver o rosto dela ainda me deixava feliz. — Estás bonita.

Sorri, e respondi. *Idem*.

— Então, hoje fui ver o Phra Phuttha Maha Suwana Patimakon.

Aposto que o pronunciei da maneira errada, porque quando o disse mais cedo o meu guia turístico referiu que assassinei o nome, mas tudo bem. É aquele grande Buda Dourado, sabes? Foi incrível. Oh!

— Ela moveu-se pelo seu pequeno quarto do albergue e tirou um livro.

— E comprei-te o teu primeiro livro em tailandês! Não sei o que diz, mas acho que é bom, se souberes ler tailandês.

Sorri à tola da minha irmã. Sentia muitas saudades dela.

A Cheryl arqueou uma sobrancelha.

— Então, desde que parti já começaste a falar e a praguejar, como a tua irmã que pragueja como um marinheiro?

Abanei a cabeça.

— Um dia, quero que abras os braços e grites a asneira mais alta que alguma vez poderia ser gritada. Acho que será revigorante.

Acho que não.

Ela franziu a testa.

— Seria melhor se fosses um pouco mais confusa. Menos perfeita, sabes? Quero dizer, sei que tens essa coisa da mudez, e que não consegues sair de casa, mas isso parece-me pouco quando comparado com o facto de eu ser uma mulher que corre sozinha por este mundo perigoso. Tornas mesmo difícil ser tua irmã.

Eu sorri. ***Desculpa.***

Ela riu-se.

— Não, não torna. De qualquer maneira, que tal vão as tuas aulas?

Eu estava a ter aulas *online* na Wisconsin-Milwaukee University, onde me licenciara em inglês. Depois disso, inscrevera-me em muitas universidades diferentes, que possuíam mestrados *online*, mas não fui aceite por nenhuma delas. O meu currículo provavelmente não era o melhor, já que fizera muito pouca coisa na vida.

Um ano antes, quando estava pronta para desistir, o meu pai convenceu-me a inscrever-me naquela universidade, para o meu mestrado em biblioteconomia e ciência da informação. Quando fui aceite no seu programa *online*, chorei.

A minha mãe disse que era um desperdício de tempo e dinheiro.

O meu pai disse que eu estava um passo mais perto do meu final feliz.

As aulas estão a correr bem. O semestre está quase a acabar, o que é bom.

— Gostas de namoriscar com algum dos teus colegas, nos fóruns de discussão? — perguntou a Cheryl, a sua voz mais alta.

Revirei os olhos, embora ela estivesse a falar a sério. A Cheryl tentara uma vez convencer-me a apaixonar-me *online*. Até me inscrevera em alguns *sites* de encontros.

— Só estou a dizer, Maggie. Tu és inteligente. És linda. E...

E vivo com os meus pais.

— Sim, mas não vives na cave. Vives no piso de cima. Isso é diferente.

Há também a questão de ser muda e nunca sair de casa.

— Estás a gozar comigo? Os homens adoram quando as mulheres mantêm a boca fechada. Além disso, se nunca saíres de casa, isso significa que não saís cara. Os homens adoram não ter de gastar dinheiro! Devias acrescentar essas coisas como as tuas características mais fortes num *site* de encontros. — Ela piscou um olho.

Sorri, e ela continuou a falar do assunto, até lhe ter perguntado se tinha falado com o Calvin.

— Falei hoje com ele pelo Skype, e ele contou-me que encontrou uma banda no YouTube chamada Romeo's Quest. Um som *indie underground* verdadeiramente brilhante. Enviou-me um *link* para a música deles, e fui-me literalmente abaixo, por isso vou enviar-te o *link*, porque *sei* que foram feitos para *ti*. Aí vai o *link*. E vê só: todas as suas músicas são baseadas em peças de Shakespeare!

Tu não sabes nada acerca de Shakespeare.

— Eu sei, Maggie, mas não é isso que interessa! O que interessa é que são diferentes e naturais, e... — Ela interrompeu-se. — *Ser ou não ser, eis a questão!* Estás a ver! Conheço um pouco de Shakespeare. Sou licenciada, minha menina.

Isso é de que peça?

— Oh, meu Deus, o que é isto? Um concurso televisivo?

Desampara -me a loja, mana. De qualquer maneira, depois de falarmos, ouve a música deles. Acho que o Calvin está a tentar arranjar qualquer coisa para a banda... uma espécie de acordo antecipado, já que eles foram descobertos *online*.

Fixe.

— Também falei com o Brooks — disse a Cheryl, fazendo-me inclinar

a cabeça.

Tentei ignorar o movimento no meu estômago.

Ele está bem?

— Sim. Parece muito bem. Feliz, sabes? Apenas cansado. Está a deixar crescer a barba, parece que não se barbeia há anos, ou qualquer coisa do género. Só está assim há alguns meses, mas fica-lhe bem. Parece adulto.

E feliz?

Ela assentiu.

— E feliz.

Ótimo. Ótimo. Eu queria que ele fosse feliz. Ele merecia ser feliz.

Depois de saber que ele estava com a Sasha, não consegui continuar a escrever-lhe. Magoava-me demasiado saber que quando ele recebia os meus livros ela podia estar sentada ao seu lado. E isso também não teria sido justo para ela.

Fechei os olhos, tentando imaginar o seu novo visual. A última vez que o vira fora quando assisti à entrega dos Grammy, e a banda ganhou o prémio de Álbum do Ano. Ele também parecia feliz, quase como se os seus sonhos estivessem totalmente desbloqueados e realizados.

— Estás feliz, Maggie? — perguntou a minha irmã.

Sorri e assenti, mas ela não me viu bater uma vez na perna, debaixo da secretária.

A felicidade era difícil de encontrar sozinha no meu quarto, em especial quando a pessoa que eu amava amava outra pessoa.

Enquanto a Cheryl e eu conversávamos, a minha mãe começou a gritar.

— Não parti nada, Eric! Só estava a tentar arranjá-la. Há semanas que disseste que o farias e nunca chegaste a fazê-lo.

— Disse-te para não mexeres nisso. Agora ainda pioraste mais as coisas — gritou o meu pai, em resposta.

A Cheryl franziu a testa.

— Porque é que eles estão a discutir desta vez?

Por causa da máquina de lavar loiça.

Ela não fez mais perguntas. A minha mãe e o meu pai só tinham duas versões no seu relacionamento: a versão silenciosa e a versão enfurecida.

Quando não estavam calados, estavam a gritar.

Quando não estavam a gritar, passavam um pelo outro como fantasmas.

A Cheryl e eu falámos um pouco mais, antes de ela começar a bocejar e ir deitar-se.

Depois de terminarmos a ligação, comecei a ver os vídeos dos Romeo's Quest no YouTube. Tamborilei os dedos contra a barriga, deixando-me embalar pelos instrumentos. A Cheryl compreendia a minha cabeça e alma, e quando o vocalista começou a cantar foi como se tivesse sido atingida no coração.

Vi, repetidas vezes, todos os vídeos que eles tinham *online*. A minha música favorita chamava-se «Broken nightmares», porque era triste, mas de algum modo esperançosa.

Encontra-me na escuridão, que é onde moro Abre o teu coração e deixa as sombras entrarem Pestanejei algumas vezes, tentando imaginar o que a banda estaria a sentir quando escrevera aquela letra, aquelas palavras. A música era uma das melhores coisas para me recordarem de que eu nunca estivera sozinha neste mundo. Era aquele momento intenso, quando ouvia os sons e a letra. Parecia que o artista rastejava na minha cabeça solitária e criara a música exclusivamente para mim, recordando-me de que algures lá fora havia alguém que sentia exatamente o que eu estava a sentir.

Tinha a certeza de que o Brooks ia adorá-los.

24

BROOKS

— Birmingham, vocês foram incríveis esta noite! Nós somos os Crooks e agradecemos que nos tenham deixado roubar-vos o coração —

gritou o Calvin ao microfone, no nosso segundo concerto esgotado em Birmingham, Inglaterra, mais de dezasseis mil bilhetes vendidos, mais de dezasseis mil fãs gritando os nossos nomes e cantando as nossas letras.

Eu tinha a certeza de que aquela piada nunca iria ficar velha, dita perante pessoas que tinham permitido que realizássemos os nossos sonhos.

Nós os quatro tínhamos vivido os nossos sonhos durante os últimos dez anos, começando como um ato de abertura para a nossa banda favorita, e agora como a banda principal. As nossas vidas estavam longe de serem normais.

— Além disso, hoje celebramos o aniversário do meu parceiro no crime, que completa vinte e oito anos. Parabéns, Calvin! O mundo está um pouco mais embriagado porque a tua voz existe.

A multidão aplaudiu, gritando por um *encore*, que não tínhamos permissão para fazer porque tempo era dinheiro, e dinheiro era algo que a administração odiava desperdiçar.

Apressámo-nos a sair do palco, e deixei-me cair no sofá do meu camarim, e a Michelle, a minha assistente pessoal, apareceu de imediato com uma lista de entrevistas na rádio e na televisão, marcadas para a semana seguinte.

— Grande concerto o desta noite, Brooks — disse ela, sorrindo e fazendo malabarismos com seu iPad, iPhone e um pacote de *Skittles* nas mãos. — Então, esta noite há uma festa no Urban.

— O mesmo Urban do ano passado, aquele onde de algum modo o Rudolph se envolveu numa discussão porque o atum é feito com

carne de golfinho? — perguntei, dirigindo-me ao lavatório e pegando num pano molhado para lavar o rosto.

— É o único. É aí que, esta noite, vão fazer a festa de aniversário do Calvin.

Suspirei. Eu odiava discotecas, mas adorava o meu melhor amigo.

— Portanto, tenho mesmo de ir.

— Tens de ir, nem que seja só para as fotografias, depois podes pirarte quando quiseres. Tens de estar, às cinco da manhã, na KISS

94.3, para a entrevista de rádio. Depois disso, vamos para o *The Morning Blend* às sete, às nove vamos ao The Mix 102.3 para uma gravação de rádio ao vivo, e ao meio-dia vamos encontrar-nos no *talk show* do Craig Simon. Regressamos à arena às três para testar o som, para o *meet and greet* às quatro e meia, e às seis temos o jantar com a banda que faz a abertura, onde haverá uma sessão fotográfica com alguns repórteres, antes do concerto das oito.

Alguma pergunta?

— Humm, sim, quando é que vou dormir?

Ela riu-se e começou a escrever no seu telemóvel.

— Conheces o meu lema, Brooks.

— Podemos dormir quando estivermos mortos — respondi, ecoando as suas palavras. Sentei-me na minha cadeira e levantei o embrulho que fizera naquela tarde, antes do concerto. — Amanhã podes encontrar-me um correio para enviar isto?

A Michelle franziu a testa.

— Onde é que vou encontrar tempo para isso?

Sorri.

— Conheces o meu lema: porque não encontras um motivo para visitar um correio, todos os dias?

— Esse não é o teu lema, mas vou tratar disso. — Tirou-me o embrulho da mão e olhou-me de olhos semicerrados. — Isso incomoda-te?

— O que é que me incomoda?

— Que ela nunca mais tivesse voltado a enviar-te livros?

Desde o ano anterior que a Maggie deixara de me enviar livros, quando lhe contara que andava a sair com a Sasha. Isso incomodava-me? Todos os dias. Sentia a falta dos *post-its* cor-de-rosa? Todos os dias. Alguma vez deixaria de me doer? Nunca.

— Não. Já não espero qualquer tipo de resposta.

— Deves ter feito algo horrível para a fazer parar.

— O que é que te faz pensar que a culpa é minha?

Ela sorriu.

— O pénis nas tuas calças. — Começou a dirigir-se à porta, para sair do camarim. — Espero bem que quem quer que seja a rapariga dos livros tenha uma biblioteca enorme no estilo d' *A Bela e o Monstro*, porque vai precisar dela com todos os livros que lhe enviaste nos últimos tempos. Tens vinte minutos para tomares banho e te lavares antes de irmos para o Urban. — E, dizendo isso, saiu.

Sentei-me em frente do espelho e observei todas as minhas alterações. Tinha papos debaixo dos olhos aos vinte e oito anos, e não eram papos pequenos, eram papos bem visíveis que a nossa maquilhadora era muito boa a esconder. Tinha os braços cobertos de tatuagens, dos meus dias de juventude embriagada quando dava concertos nos Estados Unidos, e a minha barba em constante crescimento era mais comprida do que devia ser, mas o Dave, o meu empresário, dizia que estava na moda e não me deixava cortá-la.

Perguntei-me o que é que a Maggie pensaria do meu rosto peludo.

Perguntei-me o que é que a Maggie pensaria a meu respeito.

Perguntei-me se ela alguma vez pensava em mim da mesma maneira que eu pensava nela.

— Ei, monstro peludo — disse uma voz, arrancando-me aos meus pensamentos.

No momento em que me virei na cadeira para olhar para a Sasha, senti-me culpado. Odiava quando a minha mente se afastava para a

Maggie May quando a Sasha estava por perto. Não me parecia justo para ninguém.

A Sasha aproximou-se de mim e sentou-se ao meu colo.

— Esta noite foi incrível. Tu és incrível — sussurrou ela, beijando-me no nariz.

A culpa desaparecia rapidamente quando a Sasha se aproximava de mim. Ela era linda, não apenas de aparência, mas também em gentileza. No mundo das celebridades, era difícil encontrar muitas pessoas tão gentis quanto ela.

— Obrigado — respondi, beijando-lhe o queixo. — Esta noite temos de aparecer no Urban.

Ela gemeu, já que odiava discotecas tanto quanto eu.

— A sério? Estava à espera que pudéssemos voltar para o hotel, ligar a banheira de hidromassagem e pedir serviço de quartos.

— Oh, não me tentes.

Os seus lábios deslizaram sobre os meus. Ela sabia a vinho tinto, a sua bebida preferida nos bastidores, sempre que conseguia apanhar um avião e ver um dos nossos concertos.

— Eu parto de manhã. Tenho uma sessão fotográfica em Los Angeles, depois um desfile em Nova Iorque.

— Mas só chegaste há poucos dias — queixei-me.

Desde o início da minha digressão que a Sasha e eu só nos tínhamos visto algumas vezes, mas encontrávamos sempre alguns minutos todas as noites para falarmos pelo FaceTime. Ela viajara para Birmingham quatro dias antes e, embora estivéssemos na mesma cidade, eu ainda tinha de correr de um lado para o outro.

Não era justo para a nossa relação, mas a Sasha sabia como as coisas eram. Eu voava para estar com ela durante os meus intervalos, mas ela trabalhava tão arduamente na sua carreira quanto eu na minha.

— Eu sei. Sinto a tua falta. Sinto a tua falta mesmo quando estás aqui.

Puxei-a para mais perto no meu colo, e encostei a cabeça à sua testa.

— Que tal se fizermos isto? Fazemos uma passagem rápida pelo Urban, durante mais ou menos uma hora, depois voltamos para o hotel e pedimos serviço de quartos enquanto estamos enfiados na banheira de hidromassagem.

O seu corpo endureceu, e um sorriso agradável formou-se-lhe nos lábios.

— Não tens um dia ocupado amanhã? Quando é que vais-dormir?

— Quando estiver morto — brinquei, troçando da Michelle. — A sério. Prefiro estar cansado por ter passado algum tempo contigo do que descansado por não ter feito nada.

As suas mãos apertaram-me o rosto, e ela inclinou-se para a frente para me beijar.

— Sou louca por si, senhor Griffin. Agora vamos lá, vai tomar banho e preparar-te para esta noite.

Dirigimo-nos ao Urban, e ficámos por lá durante uma hora e meia

— mais do que tínhamos planeado ficar, mas valera a pena. O

Calvin divertiu-se muito, e aquela era a melhor sensação do mundo, vê-lo feliz. A Stacey também estava pendurada no seu braço, o mesmo lugar que ocupava desde o oitavo ano.

Quando a Sasha e eu saíamos juntos, as pessoas reparavam em nós. Éramos a vida de todos os acontecimentos; ríamos, bebíamos, dançávamos. As nossas bocas moviam-se sem parar, conversando com toda a gente, e tínhamos uma maneira especial de acabar as frases um do outro. Ser social com a Sasha Riggs era algo que acontecia sem esforço. Dávamo-nos tão bem que era impossível a qualquer pessoa duvidar que, há mais de um ano, estávamos destinados a encontrar-nos.

O par «na berra», como as revistas nos chamavam.

O próximo Brad e Angelina.

O próximo casal real da América.

Tínhamos de estar à altura de todas aquelas expectativas, mas conseguíamo-lo com o nosso charme. Não havia mais ninguém que eu conhecesse que conseguisse acompanhar as minhas palavras — com a minha voz.

Quando a Sasha e eu regressámos ao hotel, estávamos ambos muito bêbedos. Sempre que estava bêbeda, ela ficava com soluços, e era a coisa mais engraçada do mundo. Beijámo-nos durante todo o caminho até ao nosso quarto, e quando entrámos, ela descalçou-se, correu para a banheira de hidromassagem e ligou-a.

— Liga para o serviço de quartos e pede tudo o que quiseres, mais batatas fritas. Muitas batatas fritas.

Dirigi-me ao telefone para pedir a comida e parei quando vi o O

Menino de Cabul pousado em cima da mesa.

O meu peito apertou-se quando comecei a folhear o livro e a ler os *post-its* da Maggie.

— Vou deitar-lhe sais. Não sei se devia, mas vou fazê-lo — gritou a Sasha.

Não respondi; continuei a folhear o livro.

— Esta noite foi muito divertida, não foi? Adorei a multidão. Havia muito...

Ela continuou a falar, mas deixei de a ouvir. Recomecei a sentir-me culpado, enquanto lia as anotações da Maggie. Não devia sentir-me como me sentia. Não devia sentir a sua falta. Não devia voltar a ser atraído para ela, sempre que abria um dos antigos livros que ela me enviara.

— Já pediste? — perguntou a Sasha, avançando na minha-direção.

Abri a gaveta da mesa de cabeceira e, depois de empurrar o livro para o seu interior, fechei-a rapidamente.

— Hein?

— Já pediste a comida?

— Oh, sim, ainda não.

Ela levantou uma sobrancelha inquiridora.

— O que é que se passa? Está tudo bem?

Não.

— Vem cá — disse-lhe, sentando-me na cama enorme. Ela sentou-se na cama, virada para mim. Apertei as suas mãos entre as minhas. — Podemos experimentar uma coisa?

— Estás a assustar-me.

— Desculpa, é só uma experiência de cinco minutos.

— O que é que isso significa?

— Quero que olhemos um para o outro, durante cinco minutos.

Ela fez uma careta.

— Porquê?

— Por favor, Sasha? Eu só... só preciso que tentes.

Ela assentiu.

— OK. — Durante o primeiro minuto, esforçámo-nos por criar contacto visual. No segundo minuto, ela comentou o quão estranho era mantermo-nos imóveis. No terceiro, soltou-me as mãos. — Não percebo, Brooks. Não percebo o que se passa contigo. Quero dizer, tivemos uma noite tão boa, depois voltámos para o hotel e estás a comportar-te de um modo tão estranho.

— Eu sei, desculpa.

Ela semicerrrou os olhos.

— É por causa da rapariga do livro?

— Quem?

Ela mordeu o lábio inferior.

— Tu sabes, a rapariga do livro. Achas que não percebo que as tuas mãos estão sempre na tua guitarra ou num livro, deixando notas que nunca me deixas? Às vezes, quando estás a ler, eu podia ficar nua à tua frente, a dançar o hula, que tu nem repararias.

Ela respirou fundo.

— Amo-te, Brooks — disse ela, com os olhos cheios de esperança e um pouco de preocupação.

Os meus lábios separaram-se, e quando estava prestes a falar, nenhuma palavra saiu. A única resposta em que consegui pensar foi:

— Obrigado.

A Sasha moveu-se e levantou-se da cama.

— Uau. OK. Vou-me embora.

— Sasha, espera!

— Esperar? Esperar pelo quê? Brooks, acabei de te dizer, pela

primeira vez, que te amava, e tu *agradeceste-me*. Céus! És mesmo idiota! — gritou ela. — É muito difícil ser-se a terceira, mas continuei contigo porque pensei que talvez, algures ao longo do caminho, me fizesses passar à frente.

— Terceira?

— Terceira na tua vida. Tens a tua música, a tua rapariga dos livros, e depois o resto do mundo, e por mais que o resto do mundo te tente chamar a atenção, tu nunca estás totalmente lá.

Eu *era* um idiota. Um verdadeiro idiota.

— Lamento, Sasha.

— Ficamos bem juntos. Todos conseguem vê-lo. Somos bons.

Fazemos sentido.

Assenti. Ela não estava errada. Ela e eu fazíamos sentido aos olhos de todo o mundo. Eu só queria que também fizéssemos sentido no meu coração.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Estamos a acabar, não estamos?

— Sim, acho que estamos.

— Ama-la? — sussurrou ela, algumas lágrimas caindo-lhe dos olhos. Os meus polegares enxugaram as provas da sua tristeza, mas passados segundos elas voltaram a aparecer.

— Tentei não o fazer. Queria que isto funcionasse. Queria que resultássemos.

Ela encolheu os ombros.

— Eu mereço melhor, sabias?

Assenti. Eu sabia-o.

— E só para deixar as coisas bem claras, eu é que estou a acabar *contigo*, não o contrário. Estou a deixar-te. Porque sou um bom partido, Brooks. Mereço alguém inteligente, engraçado e encantador. Alguém que não esteja sempre distante quando

estamos no mesmo quarto. Alguém que me veja e me ame total e completamente.

— Merece-lo. Mereces mesmo.

Ela enxugou as lágrimas e permaneceu de pé, pegando na mala antes de sair.

— Mas aquilo que mais mereço, aquilo que todos merecem, é alguém que olhe para mim da mesma maneira que tu olhas para esses livros.

25

MAGGIE

Durante os últimos anos, eu olhava pela minha janela para a casa da Sr.^a Boone, onde ela se sentava a tomar o seu chá. A minha mãe nunca alterara a sua posição em relação a ela. Quando o meu pai lhe disse que era sempre bem-vinda em nossa casa, a Sr.^a Boone recusou, dizendo que não queria causar mais problemas. Apesar disso, bebíamos o nosso chá. Ao meio-dia, ela levantava sempre os olhos para mim e sorria, enquanto eu segurava uma chávena de chá nas mãos. Era a minha hora favorita do dia, aquilo por que eu mais esperava.

Ultimamente, ela andava desaparecida.

Nos primeiros dias, não pensei em nada de especial. O carro dela desaparecera da entrada da garagem, e pensei que ela talvez tivesse ido viajar, apesar de ser algo que a Sr.^a Boone não fazia. Na semana seguinte, comecei a preocupar-me por ela ainda não ter regressado.

Quantos mais dias passavam, mais nervosa ficava. O meu pai tentou encontrá-la, falou com outros vizinhos e deu-a como desaparecida à polícia, mas eles tinham a certeza de que não podiam fazer nada para ajudar.

Eram cinco da manhã quando o meu pai me acordou com a notícia.

— Houve um acidente, Maggie. A senhora Boone teve um acidente de carro, e foi levada de urgência para o Mercy Hospital.

Ela...

Ele continuou a falar, mas eu já não conseguia ouvi-lo. As palavras entravam-me e saíam-me dos ouvidos. Não chorei. Estava demasiado

chocada para chorar. Ela estava inconsciente, e num estado terrível. O meu pai disse que ela estava a conduzir de um

modo meio enlouquecido, e uma testemunha disse que parecia confusa e perdida.

Quando saí do meu quarto, as coisas tornaram-se mais reais.

Eu tinha de a ver. Ela não tinha ninguém para ver como é que estava. Não tinha família. Eu era tudo o que ela tinha.

Portanto, eu tinha de sair.

— Tens a certeza, Maggie? — perguntou o meu pai, parado comigo no vestíbulo, pronto para me levar ao hospital.

Assenti.

A cabeça da minha mãe inclinou-se para cima, olhando para mim, da soleira da porta. Os seus olhos semicerrados tinham uma concentração intensa, quase como se estivesse à espera de que eu falhasse. Quase como se *quisesse* que eu falhasse.

— Ela não vai conseguir — disse a minha mãe, num tom agudo.

— Não está pronta. Ela não vai a lugar nenhum.

— Não — disse o meu pai, a sua voz grave. — Ela vai conseguir.

— Os seus olhos, cheios de esperança e compaixão, fixaram-se nos meus. — Ela disse-me que ia, e vai. Certo, Maggie?

Bati na porta duas vezes, e ele sorriu.

A minha mãe remexeu-se e cruzou os braços. Os seus nervos eram altos e óbvios, embora o meu pai continuasse sem se aperceber deles.

— Isso é mentira. Observa-a. Vais vê-la a correr de volta para o quarto. Tudo bem, Maggie. Podes voltar para o andar de cima. Não deixes que o teu pai te pressione.

— Katie, para com isso — repreendeu-a o meu pai.

Ela fez uma careta e manteve-se calada, mas senti os seus olhos pousados em mim. As minhas mãos estavam húmidas, e o meu coração batia contra a minha caixa torácica.

O meu pai sorriu-me.

— Não te preocupes, Mags. Vais consegui-lo. Consegues fazê-lo

— aplaudiu-me ele.

Shh...

Recuei uma vez e ele reparou nisso, e dirigiu-se a mim. Correu para mim e abanou a cabeça.

— Não, não, não. Maggie, tu consegues. Olha. — Estendeu-me uma mão, e usou a outra para bater na porta duas vezes. — Sim?

Lembras-te? Tu disseste que sim. Vais conseguir.

Os meus olhos dispararam para a sua mão trémula e, quando voltei a olhar para os seus olhos, a esperança que ali se encontrava fora engolida pela confusão e preocupação.

— Maggie? — sussurrou ele, voltando a estender a mão.

Recuei outra vez e bati contra a mesa na extremidade do vestíbulo, abanando a cabeça para trás e para a frente.

— Vamos, Maggie. Temos de ir — disse ele.

Bati na mesa uma vez. *Não.*

O que é que se passava de errado comigo? Eu era demasiado velha para ter tanto medo. Era demasiado velha para continuar quebrada. Vi-o nos olhos do meu pai, algo que ele passara anos a tentar esconder de mim — a sua exaustão. Os seus cabelos estavam agora quase todos cinzentos, os papos sob os seus olhos eram fundos, e o seu sorriso parecia-se sempre com um esgar.

Quando é que ele deixara de sorrir abertamente? Ele estava cansado. Cansado de se preocupar. Cansado de esperar. Cansado de mim.

O seu olhar pesado tornou-se sombrio.

— Não... — Ele passou os dedos pelo cabelo. — Não. Não faças isso. Por favor.

A minha garganta apertou-se, e voltei a sentir os dedos do diabo à minha volta. Ele estava a cortar-me o abastecimento de ar. Estava a sufocar-me. Os meus dedos envolveram-me o pescoço, e ofeguei por

ajuda. A minha mãe olhou para os meus movimentos e ergueu uma sobrancelha, observando o meu pânico, vendo as sombras do passado a começarem a surgir. Ela e o meu pai começaram a falar

— a *gritar*. Começaram outra vez a gritar. Os seus lábios moviam-se rapidamente, mas eu não conseguia compreender o que estavam a dizer, porque o diabo falava alto no meu ouvido, afogando-me outra

vez. As minhas mãos bateram contra os meus ouvidos, e fechei os olhos com toda a força. *Vai-te embora, vai-te embora, vai-te embora...*

— Deixa-a em paz, Eric! — gritou finalmente a minha mãe, colocando os braços à volta dos meus ombros. Eu não conseguia lembrar-me da última vez em que ela me abraçara de um modo tão protetor. — Ela não tem de sair de casa. Deixa-a em paz.

As sobrancelhas do meu pai desceram e ele tirou os óculos, esfregando os olhos com as palmas das mãos.

— Desculpa. Não quis pressionar-te. Só pensei... — Soltou um suspiro pesado. — Não sei o que pensei.

Quando saiu, fechou a porta da frente atrás de si, e eu fechei os olhos, ouvindo os seus passos a distanciarem-se.

Uma perceção aterrorizadora faiscou perante os meus olhos: eu nunca seria capaz de deixar aquelas quatro paredes.

Quando é que aquilo acontecera?

Quando é que o meu refúgio se tornara o meu inferno pessoal?

A Sr.^a Boone estava sozinha, não estava a acordar, e eu não era suficientemente forte para ir visitá-la. Deixei-me cair no meu quarto.

Naquela noite, sentei-me no chão e fiz a única coisa que sabia que poderia melhorar tudo.

Telefonei-lhe.

— Maggie? — bocejou o Brooks. Eu não tinha pensado nas horas que poderiam ser na Europa; eram quase oito da noite em minha casa, portanto devia ser bem tarde para ele. — Estás bem? O que é que aconteceu?

Os meus lábios separaram-se, e comecei a chorar para as mãos.

Chorei pelo quão perdida me sentia, e como o som da sua voz era tão rápido a relembrar-me de um lar.

— Tudo bem — sussurrou ele, sem saber o que se passava, mas tendo a certeza de que eu precisava dele. — Vou para aí.

Ele regressou à cidade treze horas depois, e não veio sozinho; a banda inteira regressou com ele. O Brooks não apareceu em minha casa, e eu não tinha a certeza porquê. Não tinha a certeza do que

doía mais — saber que ele estava tão perto ou ainda sentir como se ele estivesse tão longe. O Rudolph, o Oliver e o Calvin foram diretamente até ao meu quarto e sentaram-se comigo durante todo o tempo. Desde que tinham chegado à cidade que se tinham mantido ao meu lado.

— Somos uma equipa, sabias, Maggie? Se não fosses tu, não estaríamos onde estamos hoje — disse o Rudolph, sentado na borda da minha cama.

— Quando o Brooks disse que ia partir, foi praticamente impossível detê-lo. Os Crooks são uma unidade. Não poderíamos apresentar-nos sem ele. Além disso, a família primeiro, certo? —

disse o Oliver.

— Estamos sempre aqui para ti, mana, mesmo se estivermos lá.

Quero dizer, eu tenho a certeza de que o *manager* não vai arranjar-nos concertos durante algum tempo, mas não estou muito preocupado com isso. — O Calvin sorriu e acotovelou-me.

Ficámos ali sentados, em silêncio. Eles não sabiam que o silêncio deles me estava a ajudar a respirar com mais facilidade.

— Ele ainda te ama — disse o Calvin. — Sabes disso, não sabes?

Encolhi os ombros. Durante muito tempo esperei que aquilo fosse verdade, mas com base nos seus *posts* no Twitter, e pela maneira como as suas fãs andavam sempre agarradas a ele, eu não tinha a certeza se o amor seria suficiente. O facto mais triste do mundo era que podíamos conhecer a pessoa que mudara a nossa vida para sempre, e não seria com ela que acabaríamos por ficar. As pessoas que nos ensinavam a amar nem sempre eram as que ficavam.

Porque é que ele não está aqui?

O Calvin leu as minhas palavras.

— Depois de conversarmos com o pai, e ele nos ter contado o que tinha acontecido, o Brooks soube onde é que precisavas mais dele. Quando chegámos ao aeroporto, ele mandou um táxi levá-lo diretamente ao hospital para ficar com a senhora Boone.

Tapei a boca com a mão, e naquele momento amei-o mais do que já amara em toda a minha vida. Era incrível como ele conseguia fazer com que eu me apaixonasse ainda mais por ele, sem estar perto de mim

Eu amo-o.

O Calvin assentiu.

— Eu sei. Se existem duas pessoas dignas de se apaixonarem, são vocês os dois. Só queria que a vida deixasse de vos atrapalhar.

Fechei os olhos e deitei-me na cama, com os pés pendurados na borda, e o Calvin deitou-se ao meu lado. Os gémeos deitaram-se no chão, e o Rudolph passou algumas músicas no seu telemóvel.

Permanecemos todos em silêncio, deixando que a música nos embalasse, enquanto esperávamos que o Brooks voltasse para mim.

26

BROOKS

Durante as últimas doze horas, eu permanecera sentado na mesma cadeira, na mesma sala, a olhar para a Sr.^a Boone, tubos a atravessarem-na, o soro a bombear fluidos no seu sistema. O seu corpo estava cheio de equimoses, mas não tinha nada partido. Eu nem conseguia imaginar aquilo pelo qual ela passara estando sozinha, a conduzir, e ao ter o acidente. Que pensamentos lhe teriam atravessado a mente? Que tipo de coisas é que uma pessoa pensa, ao passar por aquele tipo de pânico? Teria ela pensado nos seus entes queridos? Teria esquecido todas as coisas naquele momento? Estaria tão perdida no momento que seria difícil ter recordações?

— Lamento, senhor Griffin, o horário de visitas acabou — disse uma jovem enfermeira ao entrar no quarto. — E sei que isto pode soar muitíssimo inapropriado, mas acha que posso tirar uma fotografia consigo? — perguntou, a voz cheia de esperança.

Antes de eu poder responder, Sarah, outra enfermeira, entrou na sala.

— Tens razão, Paula. Isso é muitíssimo inapropriado. Fico feliz que tenhas reparado no quanto inapropriada foste e tenhas decidido sair.

Sem outra palavra, uma Paula envergonhada saiu do quarto.

— Desculpe por isto — disse a Sarah. — Estas raparigas estão a ficar literalmente doidas por o Brooks estar aqui. O que não faz qualquer sentido. Ouvi a sua música durante o meu intervalo, e é horrível. — Ela piscou-me um olho. Era a enfermeira principal e passara todo o dia a ver como a Sr.^a Boone e eu estávamos. Era uma mulher mais velha, na casa dos sessenta, com uma suavidade terna na voz que tinha efeitos curativos... mesmo quando nos

insultava. — Portanto, odeio ser a bruxa má, mas as horas de visita estão a acabar...

— Não se preocupe, obrigado. Acha que posso ficar mais um minuto?

Ela assentiu.

— Sim, tudo bem.

— Além disso, tenho uma pergunta, e pode soar estúpida.

— Diz, filho.

— Acha que ela pode, tipo, ouvir-me? — perguntei, enfiando as mãos nos bolsos. — Quero dizer, se eu falar com ela, será que ouve o que eu lhe disser?

— Alguns dizem que sim, outros dizem que não. Entre nós os dois? — disse ela, aproximando-se de mim. — Às vezes, falamos por nós mesmos, para expressar os nossos sentimentos ao mundo.

É melhor dizer sempre as palavras em vez de as guardarmos dentro de nós, e se os nossos entes queridos também nos puderem ouvir...

bem, isso ainda é melhor.

Sorri e agradeci-lhe.

Quando se virou para sair, ela deteve-se.

— A música também. As pessoas dizem que a música ajuda. Mas tenho a certeza de que o Brooks já sabia disso.

Nunca tinham sido proferidas palavras mais verdadeiras.

Quando ela saiu, aproximei a cadeira da cabeceira da Sr.^a Boone, e peguei-lhe na mão.

— Tenho um pedido egoísta, senhora Boone. Portanto, presumo que este é o momento em que a senhora normalmente me chama idiota, ou qualquer coisa do género, mas tenho de lhe pedir que faça isto. Volte. A senhora tem de acordar, não por mim, não por si, mas pela Maggie. Ela precisa de uma pausa; ela precisa de uma vitória na vida. Ela passou por tanta coisa, *tanta coisa*. Assim, proíbo-lhe que faça isso. Proíbo-lhe que fique nesse estado. Não sei se a senhora sabe disso, mas é a sua melhor amiga. É a única coisa que ela tem que é realmente dela, e não posso pedir-lhe que vá ver como ela está, porque acho que ela também iria ver como a senhora



está e, egoisticamente, não posso pedir-lhe isso. Preciso que vocês, raparigas, melhorem. Preciso que vocês, raparigas, se curem.

Portanto, faça isso por mim. Fico a dever-lhe um favor, OK? Mas volte para nós, senhora B. Por favor, volte.

Funguei e aproximei mais a minha cadeira, lembrando-me das últimas palavras da Sarah. Inclinei-me em direção ao seu ouvido e comecei a cantar o «Sitting on the dock of the bay», do Otis Redding, a canção que era dela e do Stanley.

Silenciosamente, rezei por que ela pudesse ouvir-me.

Eu não tinha a menor ideia porque é que estava com tanto medo de ver a Maggie. Depois de um voo de dezoito horas, e mais doze horas passadas num hospital, pensei que estaria mentalmente preparado para ficar perto dela, mas no momento em que me dirigi ao alpendre da sua casa, as minhas mãos começaram a tremer.

Toquei à campainha, e quando a Sr.^a Riley abriu a porta, ela franziu-me a testa. Há anos que não nos falávamos, desde que ela me proibira de entrar em sua casa, mas daquela vez ela afastou-se e deixou-me entrar.

— Obrigado, senhora Riley — disse-lhe.

Ela esboçou um pequeno sorriso em resposta, e em seguida

desapareceu no interior da casa.

Dirigi-me ao quarto da Maggie, cuja porta estava aberta, mas ela desaparecera. Assim que entrei, vi a pilha de livros que lhe enviara

— aqueles que ela nunca me enviara de volta. Abri cada um deles, folheando-os, vendo os seus *posts-its* cor-de-rosa em cada um deles. Ela respondera a todas as minhas anotações, mas não percebi. Porque é que nunca mos enviara?

Ao virar-me com um livro nas mãos, a ler a sua caligrafia, detive-me, olhando por cima do livro.

Maggie.

Ela estava linda.

Mais linda do que nunca.

Tinha um livro nas mãos, e os seus braços envolviam-no, apertando-o contra o peito. Ficámos parados, a olhar um para o outro.

Quando recuei, para voltar a pousar o livro em cima da sua secretária, o meu estômago revirou-se.

— Desculpa — murmurei.

Ela pestanejou algumas vezes, e puxou as pontas do cabelo molhado, ainda a fixar-me. Seria aquilo a única coisa que conseguia dizer-lhe? *Desculpa?* Não a via há anos. *Anos!* Atravessara o oceano por ela. Não estava perto dela já há muito tempo e, agora, a primeira palavra que me saía da boca era «desculpa».

— Como estás? — perguntei, fazendo-a inclinar a cabeça enquanto me olhava.

Reparei que, desde a minha partida, existiam algumas diferenças na Maggie. Tinha o cabelo mais curto, mas ainda lhe chegava abaixo dos ombros. Esboçava pequenos sorrisos, mas sem nunca mostrar os dentes. Os seus lábios apertavam-se e os cantos da sua boca curvavam-se, mas não era um sorriso aberto. Era um sorriso muito ligeiro, como a sua figura. Os seus olhos azuis também tinham uma expressão solitária. Aquela foi a parte mais difícil para mim, olhá-la nos olhos. Ela mal pestanejou, mas, quando o fez, fê-lo muito depressa, como se não quisesse perder um segundo daquilo que estava a ver.

— Como estás? — voltei a perguntar. Nenhum tipo de resposta.

— Hoje estás bem, Maggie May? — sussurrei.

O seu corpo pareceu tornar-se mais tenso, e ela encolheu os ombros.

Era tão bonita quanto antes, mas agora tinha um tipo de beleza assombrosa, o tipo de beleza que levava a que quiséssemos rir e chorar ao mesmo tempo.

Avancei um passo, querendo pousar a mão no seu braço, para me lembrar de como era tocar-lhe, mas quando me movi ela afastou-se.

— Desculpa — murmurei. — Vou deixar-te em paz.

Ela franziu a testa. Tinha-me esquecido de que uma careta pode ser mais bonita do que um sorriso. Passei por ela, e os nossos braços roçaram um no outro, e sentia-a estremecer. Ou talvez tenha sido eu que estremeci. Era difícil dizer qual a diferença entre ambos.

Quando estava prestes a sair, detive-me.

— Sinto a tua falta — disse, um pouco magoado, um pouco honesto, um pouco desorientado. — Sinto a tua falta e não sei porquê, porque há todos aqueles anos deixaste bem claro que querias que eu fosse para Los Angeles. Sinto a tua falta, porque deixaste de me enviar livros. Sinto a tua falta, e não sei porquê, porque estás mesmo aqui. Estás a poucos passos de mim, mas sinto-me como se houvesse algum tipo de muro gigante entre ambos. Como é que posso sentir a tua falta quando estás tão perto de mim?

Ela manteve-se de costas viradas, enquanto eu a observava a inclinar-se e a pousar o livro no chão, à sua frente. Quando se levantou devagar, virou-se para mim e depois saltou para os meus braços.

Ela literalmente saltou. Voou para mim e eu peguei nela, envolvendo-a com toda a força.

Céus.

Aquilo sabia bem.

Era tão bom tê-la nos braços. Apertá-la contra mim. Cheirar o seu cabelo, que cheirava sempre a mel e a flores. Sentir os seus lábios a roçarem o meu ombro. Poder abraçá-la.

A minha Maggie May...

— Não me largues — sussurrei, contra o seu cabelo. — Por favor, não me soltes.

Ela apertou-me com mais força.

Naquela noite, deitámo-nos na cama dela, ouvindo música no seu iPhone, cada um com um dos lados dos auscultadores, e era incrível como parecia natural estar ali naquele quarto, deitado ao lado dela. Diz-se que o tempo muda as pessoas, e isso era verdade.

Não éramos as mesmas duas pessoas que costumávamos ser, mas

de algum modo tínhamos evoluído como uma. Mesmo com centenas de quilómetros de distância entre ambos.

No entanto, o que mais adorei naquela noite foi saber como algumas coisas pareciam nunca mudar.

Adorei saber que os meus momentos favoritos tinham permanecido os mesmos.

Inclinando a cabeça na sua direção, fiz-lhe uma pergunta.

— Porque é que nunca me devolveste os livros?

Ela levantou-se, semicerrou os olhos e pareceu um pouco confusa. Quando estendeu a mão para o seu quadro, esperei pacientemente pela sua resposta.

Sasha.

— O que é que tem? — perguntei.

A carta que me enviaste, quando me falaste dela pela primeira vez, eu sabia que tinha de deixar de te responder.

— Porque te magoava?

A Maggie abanou a cabeça.

Porque podia magoá-la, saber que recebias cartas de outra mulher.

E ali estava ela de novo: a rapariga mais atenciosa do mundo.

— Nós acabámos — disse-lhe.

A Maggie lançou-me um olhar inquiridor, e eu esfreguei o meu queixo barbudo.

— Bem, acho que foi ela que acabou comigo. Ela disse que odiava ser a terceira escolha na minha vida.

Terceira?

— A música... e bem ... — Lancei-lhe um sorriso triste, e ela retribuiu-me com o mesmo tipo de sorriso. — *A música e tu*. Não é justo, sabes, porque sempre que eu tentava seguir em frente, o teu amor continuava a puxar-me de volta.

Ela aproximou-se de mim, e os seus lábios encontraram os meus.

Quando começámos a beijar-nos, não tínhamos planos para parar.

Foi, com toda a certeza, a melhor coisa que fizera nos últimos dez anos — voltar para o amor dela.

Naquela noite, dormimos nos braços um do outro e, sempre que eu acordava, puxava-a para mais perto. A ideia de voltar a perdê-la era demasiado para mim. Antes de voltar a partir em digressão, eu precisava que ela soubesse que voltaria para ela. Precisava que soubesse que aquilo ia resultar, acontecesse o que acontecesse.

Precisava que soubesse que ela era, e sempre seria, o meu maior sonho.

27

MAGGIE

Quando acordei, o Brooks tinha desaparecido, mas o meu quadro fora colocado ao meu lado, e ele escrevera: ***Fui ver como está a***

Sr.^a Boone. Volto mais tarde, esta noite. Amo-te.

As minhas mãos prepararam-se para limpar as palavras, e apaguei-as a todas, exceto a última.

Não me importei nada.

— Parece que há rumores de que senhora Boone acordou há cerca de meia hora — disse o Calvin, ao entrar no meu quarto.

Os meus olhos arregalaram-se e saltei da cama, esfregando o sono dos olhos.

— Os médicos disseram que ela está bem. Vão fazer-lhe alguns testes para saber como está a sua memória, se é Alzheimer, outro tipo de demência ou qualquer coisa do género. Não sei todos os pormenores, mas por enquanto está bem. Está acordada, Maggie.

A sério?

— Sim. O Brooks enviou uma mensagem de texto para todos.

Suponho que não tenhas visto o teu telefone, ou ter-te-ia ouvido celebrar em silêncio. — Piscou-me um olho.

Revirei os olhos e atirei-lhe uma almofada, que ele apanhou e voltou a atirar-ma, fazendo-me cambalear. Em poucos segundos, pulou para cima da minha cama, saltando para cima e para baixo. A sensação de conforto que me atravessou não se podia comparar a qualquer outra sensação que eu já tivesse sentido. Saber que ela estava bem, saber que ela respiraria mais um dia — só isso era tão bom.

— Então, vamos voltar para o Reino Unido, na segunda de manhã. O nosso *manager* não ficou nada satisfeito por perdermos dois concertos — disse o Calvin. — Parece que não é bom

regressar a casa durante uma digressão, e tratarmos da nossa avó... bem, pelo menos foi o que ele disse, que a senhora Boone era nossa avó... o que é, mais ou menos, verdade. O *manager* está muito chateado com isso, sabes, tempo é dinheiro, mas tudo bem.

Vamos recomeçar em Birmingham, na próxima semana.

Oh, meu Deus... desculpa. A culpa é minha.

O Calvin revirou os olhos.

— Não é culpa de ninguém. A vida acontece. Bem podes acontecer com ela. Foram alguns anos loucos, por isso uma pausa era mesmo necessária. Além disso... tenho um segredo.

Arqueei uma sobrancelha, imaginando o que poderia ser.

Ele sorriu.

— Ainda não contei a ninguém. Achei que devia contar-te primeiro, porque és a melhor a guardar segredos, por causa dessa...

— ele levou os dedos aos lábios, e imitou um fecho a fechar-se — ...

coisa muda.

Sorri.

Ele sorriu em resposta, enfiou a mão no bolso de trás das calças e tirou uma caixa pequena. As minhas mãos voaram para a boca.

Ele ia, finalmente, pedir a Stacey em casamento.

Abriu a caixa e ofeguei, as lágrimas a encherem-me os olhos. O

Calvin empurrou-me.

— Vá lá, mana. Não chores.

Arranquei-lhe a caixa da mão e examinei o belíssimo anel de diamantes, subjugada pela sua beleza.

— Achas que ela vai gostar?

Revirei os olhos dramaticamente, fazendo-o rir.

Ela vai adorar.

— Também vou mostrá-lo à mãe e ao pai, antes de ir para o hotel para me encontrar com a Stacey. Nunca estive tão nervoso na minha vida, sabias? Sinto que o meu coração está prestes a explodir para fora do peito.

Voltou a pegar no anel e olhou para ele, quase como se estivesse nervoso, como se houvesse a mínima hipótese de a Stacey recusar



a sua proposta. Não havia. Eu nunca vira duas pessoas mais certas uma para a outra do que o Calvin e a Stacey. Mesmo quando o Calvin tivera a sua oportunidade anos antes, isso não tinha abalado a sua relação; era provável que até a tivesse fortalecido. Céus, eles usavam anéis de noivado, com as suas iniciais gravadas no interior, desde a formatura do oitavo ano.

A Stacey e o meu irmão deviam ser felizes para sempre. Estavam destinados a isso.

Apertei-lhe o joelho, e ele desviou os olhos do anel, olhando para mim. Sorri. Ele sorriu em resposta, embora ainda restasse um vestígio de medo nos seus olhos.

— Obrigado, Maggie. Vou mostrá-lo à mãe e ao pai. — Saltou para o chão e saiu do quarto. Um segundo depois, enfiou a cabeça no meu quarto. — E Maggie? Adoro-te. Duvido que to diga as vezes suficientes como irmão, mas não sei. Com tudo o que aconteceu à senhora Boone, estive a pensar. A vida é inesperada, portanto porque não dizer às pessoas que amamos como nos sentimos?

O meu irmão, o músico sensível.

Segurei o quadro que dizia *Amo-te* e acrescentei *também*.

Depois de ele sair, passaram-se apenas dois minutos até ouvir a minha mãe gritar do seu quarto.

— *Oh, meu Deus!* O meu filho vai casar-se!

— Tem calma, mãe. Ainda não lhe perguntei nada — respondeu ele.

— OhmeuDeus, ohmeuDeus, ohmeuDEUS! Há tanta coisa para fazer, tanta coisa para planear! — gritou ela. — Esperei por este dia durante toda a minha vida!

Sorri, sabendo que ela não estava a brincar. Também sorri porque há anos que ela não soava tão feliz.

— Hoje estás bem, Magnete? — As minhas palavras favoritas. O

Brooks entrou no meu quarto, naquela mesma noite, com um saco na mão e deitou-se ao meu lado. — Então, parece que vai haver um

casamento dentro em breve. Acho que uma miúda que amava um miúdo disse que sim a uma pergunta e aceitou um anel. Saí com o grupo para um jantar de comemoração, e tudo em que consegui pensar foi no quanto queria que lá estivesses. Portanto, saí mais cedo e trouxe-te o jantar.

Inclinei-me e beijei-o. Começámos a comer mais batatas fritas do que qualquer pessoa devia comer e a enchermo-nos com hambúrgueres gigantes.

— Já pensaste casar-te, Maggie May?

Sim.

— Já pensaste casar-te com alguém como eu?

Peguei-lhe na mão e apertei-a duas vezes.

Aconcheguei-me contra o seu corpo, e ele apertou-me contra o coração.

— Um dia vou casar-me contigo. Vamos casar-nos e ser as pessoas mais felizes do mundo. Depois, vamos ter as crianças mais rechonchudas de sempre, que vão estar sempre a sorrir porque copiaram os nossos sorrisos. Teremos um cão chamado *Skippy* e um gato chamado *Jam*, e teremos uma casa enorme, com um lugar só para ti no pátio para poderes fugir e beberes um copo de vinho, quando precisares de descansar das crianças. Vais trabalhar no teu sonho, seja ele qual for, e seremos tão felizes, Magnete. Consigo ver tão bem as nossas vidas. Vamos ser felizes para sempre.

Eu amava as suas palavras, a sua esperança, os seus planos. Os seus planos também eram os meus. Tudo o que ele queria eu desejava ainda mais. Também acreditava que aquilo ia acontecer.

Nós merecíamos aquilo, ele e eu. Tal como o meu irmão e a Stacey, o Brooks e eu merecíamos ser felizes para sempre. *Desta vez é para sempre.*

Ouvi dizer que vocês estão metidos em sarilhos, por terem perdido os concertos. Lamento. Não queria dar cabo da vossa carreira.

— Não é importante — disse o Brooks, em voz baixa, sentando-se ao meu lado com a perna a roçar a minha. — É só música. — A

música era a sua vida, e ele colocara-a em espera por mim. — Além disso, há sonhos maiores.

Os seus olhos encontraram os meus, e ele disse tudo com o seu sorriso contorcido e o seu silêncio. Ouvi-o alto e bom som, e esperei que ele também conseguisse ouvir a minha voz.

Também te amo, Brooks.

Naquela noite, adormecemos depois de fazermos amor. A meio da noite despertei com ele a tocar-me, as suas mãos em mim, os seus lábios pousados nos meus.

— Maggie — sussurrou ele, sem fôlego, deitando-se em cima de mim na escuridão.

As nossas roupas foram atiradas para uma pilha no canto do quarto, e consegui sentir a sua respiração quente a roçar o meu pescoço enquanto me beijava. A sua boca viajou pelo meu corpo, centímetro a centímetro, tornando-me mais difícil recuperar o fôlego, mas isso não importava. Naquele momento, respirar parecia um desperdício de tempo. As suas mãos envolveram as minhas pernas, e ele separou-as de uma maneira lenta e controlada. Observei-o atentamente, quando ele começou a acariciar-se. Com a outra mão, enfiou dois dedos dentro de mim, fazendo-me cravar as unhas nos lençóis. Quando os dedos saíram, ele esfregou-se contra mim, antes de deslizar lentamente para o meu interior. Senti-me descontrair contra ele com cada centímetro, cada impulso, cada gemido.

Sim. Sim...

Ele inclinou-se para a frente e beijou-me ao de leve nos lábios.

— Estás bem? — perguntou.

Assenti. Sim. Sim...

Ele impeliu-se mais profundamente para dentro de mim, saiu devagar, e voltou a penetrar-me uma e outra vez, levando a que a minha boca se abrisse descrente. Rápido e duro, lento e profundo.

Brooks...

Como? Como é que um movimento tão simples podia ser tão...

Uau...

Fez amor comigo como se estivesse a desculpar-se por todos os anos que tínhamos perdido. A cada investida prometia silenciosamente não amar mais ninguém, e a cada beijo enlouquecido prometi-lhe o mesmo.

— Não tens de falar — sussurrou ele, passando a língua sobre o meu lábio inferior, amando-me dura, profunda, rápida e lentamente.

A sua boca roçou a minha orelha, antes de ele a chupar suavemente.

— Mas, se quiseres, podes gritar à vontade.

— Casamento interior ou exterior? — perguntou a minha mãe ao Calvin e à Stacey, na manhã seguinte. A mesa da sala de jantar estava completamente coberta de revistas e planeadores de casamento. Ela não parara de correr desde que descobrira que o Calvin ia pedir a Stacey em casamento, e assim que ele ligou a dizer que a Stacey aceitara, entrou em modo de maratona. — Oh, já pensaram num destino para o vosso casamento? Paris. Oh! Bora Bora! Que tal um casamento de outono? Talvez de primavera? Os casamentos de primavera são sempre tão bonitos, e eu adoro cores em tons de pêssego. Já escolheram as cores?

A Stacey riu-se, inclinando-se contra a bancada e folheando uma revista. Era tão bonita, com a sua pele cor de caramelo e o cabelo castanho encaracolado, e não se esforçava nada para isso. Parecia sempre tão composta com o seu sorriso perfeito e olhos castanhos impressionantes, que quase sorriam mais do que os seus lábios. Eu estava na cozinha ao lado do frigorífico, alguns passos atrás de toda a agitação, a beber um copo de sumo de laranja. Não se viraram para ver que eu estava a poucos metros da sala de jantar. Estavam demasiado ocupados a respirar pesadamente, a comer *donuts* e a olhar para o dedo anelar da Stacey.

Endireitei-me e bebi o meu sumo de laranja. O meu pai entrou na cozinha com um livro na mão e sorriu-me. Aproximou-se de mim e entregou-me a minha próxima leitura: *À Procura de Alaska*, do John Green.

— Ontem, uma rapariga estava a lê-lo nas aulas — disse ele, baixinho, antes de pegar num *donut* e o enfiar na boca. — Deve ser bom, pelo modo como ela ignorou toda a minha palestra.

Sorri e passei os dedos pela capa. Virei-me e sorri.

Obrigada, pai.

— De nada, miúda. — Ele encostou-se ao frigorífico e olhou para a sala, onde se encontravam a minha mãe e o casal recém-comprometido. — Planos de casamento?

Assenti.

— Estava mesmo à espera de que eles fugissem. Durante os próximos meses, vamos ter uma mãe-do-noivo-enlouquecida.

Recuámos, observando a dita mãe-do-noivo-enlouquecida a fazer cada vez mais perguntas. Verdade seja dita, já há muito tempo que eu não a via tão entusiasmada. A Stacey mantinha-se calma e doce, enquanto tentava responder.

— Na verdade, ainda não tivemos muito tempo para decidir, Katie, mas é tudo tão excitante, não é?

A minha mãe bateu palmas e dançou um pouco.

— Pois é! Há séculos que estava à espera deste dia, quero dizer, esta é a minha única hipótese real de casar um dos meus filhos.

— Mãe, vá lá — sussurrou o Calvin, enquanto as minhas entranhas se apertavam. — Não digas isso.

— Só estou a dizer, não é como se as tuas irmãs se fossem alguma vez casar. A Cheryl tem aqueles ideais feministas, e a Maggie... Só estou a dizer que nunca vou conseguir planear um casamento para aquelas duas. — A mãe virou-se para a Stacey, pegou na mão dela e apertou-a. — Mas, pelo menos, tenho uma futura filha para fazer tudo isto. Sinto-me como se, finalmente, tivesse conseguido a filha que me foi prometida. Deus sabe que já perdi alguns momentos importantes com a Cheryl, e agora ela é uma rapariga selvagem que viaja pelo mundo, por isso duvido que pense em casar-se. E sabes o que as pessoas da cidade chamam à Maggie? «Uma história de horror. O pior pesadelo da mãe. É uma reclusa excêntrica.» É difícil não acreditar nelas. Está doente, e não está a melhorar. Provavelmente, para ela é melhor nunca sair de casa. É mais seguro para ela ficar aqui.

Au.

— Katie — gritou o meu pai, da cozinha.



Todas as cabeças se viraram para o meu pai e para mim, parados a poucos metros de distância. Franziram todos a testa ao mesmo tempo, quando os seus olhos encontraram os meus.

Uma tonalidade rosada cobriu as faces da mãe, e ela corou.

— Maggie May, sabes bem que devias bater à porta quando entras numa sala, para anunciares que estás aqui. Caso contrário, estás a espiar, e isso não é nada simpático.

Simpático? Naquela tarde, a minha mãe sabia tudo acerca de simpatia.

Bati na bancada quatro vezes.

Estou aqui. Estou aqui. Estou aqui. Estou aqui.

Eles continuaram a olhar para mim, de testa franzida. Continuei onde estava, sentindo-me extremamente desconfortável.

Por isso, virei-me e fui para o meu quarto.

Havia um pintarroxo a saltitar no parapeito da janela do meu quarto, recordando-me da liberdade de que eu sentia sempre falta.

Comecei a ler repetidas vezes a minha lista de coisas a fazer, até sentir que a sabia de cor. Fechei o caderno e coloquei-o no peitoril da janela, as palavras da minha mãe a continuarem a passar pela minha cabeça.

Eu devia partir. Vou-me embora.

Eu já devia ter feito uma mala com algumas das minhas coisas e ter saído de casa há muito tempo. Devia ter partido em aventuras, encontrado o amor e casado numa igreja grande, onde um coro cantava hinos e o padre dizia piadas sem graça. Devia ser famosa como o meu irmão, ou, pelo menos, ser mais do que era de momento... ou seja, nada.

Levantando-me da cadeira, saí do meu quarto e tirei uma mala do armário. Arrastei-a até ao meu quarto, sentei-me no chão e comecei a arrumar a minha roupa. Em cima da roupa, coloquei os meus livros favoritos. Em cima dos meus livros, coloquei mais dos meus

livros favoritos. Em cima dos meus livros favoritos, coloquei a minha lista de coisas a fazer.

Vou-me embora.

Vou viver.

O meu coração começou a acelerar, e tentei desanuviar a mente.

Não penses demais, limita-te a fazer as malas e vai-te embora. O

primeiro passo será o mais difícil, mas o mais recompensador. A Sr.^a

Boone tinha razão. Tenho de viver agora, ou nunca vou fazê-lo.

*Tenho de viver para que a minha mãe volte a sentir-se orgulhosa de mim.
Tenho de viver por causa do Brooks.*

Quando as minhas primeiras lágrimas caíram em cima das capas d' *Os Jogos da Fome*, esforcei-me por me conter. A minha mente estava a tentar convencer-me a ficar, contando-me os horrores que existiam fora daqueles muros, recordando-me o silêncio com que eu fora amaldiçoada há todos aqueles anos.

Shh...

Shh...

Abanei a cabeça e continuei a fazer as malas.

Sê melhor, sê mais forte, Maggie May.

Quando a porta do meu quarto se abriu, saltei assustada, até ver o meu pai ali parado. Os seus olhos caíram sobre a mala, e ele esboçou um esgar, antes de se dirigir à janela que dava para a rua.

— Vem cá, Maggie — disse ele.

Levantei-me e aproximei-me dele. Ele deixou que se passassem alguns minutos de silêncio antes de voltar a falar.

— Sabias que a Emily Dickinson não gostava de conhecer pessoas novas? — Claro que ele sabia tudo acerca da vida da Emily Dickinson. — Ela só deixou a casa do pai algumas vezes e, passado algum tempo, nunca mais saiu. Andava sempre vestida de branco e nunca falava muito.

Olhei para o exterior, vendo crianças a brincar, a andar de bicicleta, a viverem mais do que eu alguma vez vivera em toda a minha vida. Limpei outra lágrima, para ele não a ver.

Ele viu-a e sorriu. Ele via sempre as minhas lágrimas e sorria — mas era um sorriso triste, um sorriso alquebrado.

— Só porque ela era diferente, isso não fez dela uma aberração.

As pessoas também lhe chamavam uma excêntrica reclusa, sabias?

As pessoas diziam que o Einstein era um tolo, mentalmente incapacitado.

Sorri, mas de algum modo ele continuou a ver a tristeza que ainda vivia dentro de mim.

— Maggie May, és suficientemente boa da maneira que és.

Que coisa típica para o meu pai dizer.

— Eu sei que te importas. Importas-te com aquilo que os outros pensam a teu respeito, com aquilo que a tua mãe pensa de ti, aquilo que eu penso de ti. O que, sinceramente, é uma perda de tempo. A tua mãe e eu podemos ser mais velhos, mas isso não nos torna, de maneira alguma, mais sábios. Também estamos a evoluir. Não interessa que nomes os outros te chamam, reclusa, excêntrica, nenhuma dessas palavras tem qualquer importância. O que interessa são os nomes que chamas a ti mesma quando estás sozinha.

Voltou a sorrir-me.

— Se um dia decidires sair e explorar essas coisas, então fá-lo, mas não o faças para fazer a tua mãe feliz, ou para me fazeres feliz, porque acho que irás perder a tua própria felicidade. Sai quando estiveres preparada, não quando te sentires pressionada. OK?

Assenti.

OK, pai.

Ele beijou-me na testa.

— O mundo continua a girar porque o teu coração continua a bater.
— Virou-se para sair do quarto, mas antes de sair pigarreou e coçou o queixo barbudo. — Ah, e tens uma surpresa na sala de jantar.

Desci as escadas até à sala de jantar e, sentada à mesa, estava uma mulher idosa, com duas sanduíches de peru e duas chávenas de chá.

— Então — disse ela, segurando uma chávena de chá —, afinal parece que a minha memória já não é o que era. — Levantou-se da mesa e dirigiu-se a mim, avançando com a ajuda de uma canadiana, e coxeando um pouco. Tinha alguns pequenos hematomas nas faces, mas, apesar disso, estava linda, muito bem vestida. Com um pequeno sorriso nos lábios, bateu-me no ombro.

— Mas podia ser pior — disse ela, a brincar. — Eu podia ter ficado muda.

Rindo, bati-lhe no ombro em resposta.

Nunca abracei ninguém com tanta força em toda a minha vida.

— Desculpem, estou a interromper? — disse o Brooks, entrando na sala de jantar e vendo a Sr.^a Boone e eu a abraçarmo-nos.

— Não, não. Qualquer rapaz que canta para uma senhora no hospital pode interromper-nos.

O Brooks lançou-lhe o seu sorriso contorcido.

— A senhora ouviu-me?

— Meu Deus, todo o hospital te ouviu. Depois de saíres naquela noite, as enfermeiras ficaram doidas com a tua voz e com a tua barba, algo que não consigo compreender, nem que a minha vida dependesse disso. A tua voz é decente, mas pareces um monstro peludo. Não te faz mal se te barbeares. Se quiseres, compro-te uma navalha.

Aproximei-me do Brooks e esfreguei-lhe o queixo barbudo. Eu gostava daquilo, do seu novo visual. Os seus braços estavam tonificados e musculosos, como se há anos andasse a fazer musculação. Parecia tão adulto, tão viril.

A Sr.^a Boone gemeu.

— Bem, é claro que tu gostas, mas a tua opinião não é imparcial, portanto, não interessa. Enfim, vem cá, Brooks.

Ela enfiou a mão na mala e tirou um molho de chaves.

— Para que é que são essas chaves? — perguntou ele.

— É um agradecimento por me teres ido visitar. O Calvin disse-me que vocês vão ficar por cá durante o fim de semana, e contou-me que tens andado cheio de *stress*, por isso achei que podiam ir

até à minha cabana passar um fim de semana só para rapazes, e fazer aquilo que os jovens hoje em dia fazem.

— Uau, isso é incrível. Obrigado, senhora Boone.

Ouviu-se uma pancada na porta da frente e o meu pai foi abri-la, revelando uma mulher com um sorriso gentil. Quando a Sr.^a Boone a viu, revirou os olhos.

— Arrgg, não és tu outra vez.

— Olá, sou a Katelynn — disse a mulher. — Sou a nova enfermeira da senhora Boone. É um pouco difícil acompanhá-la. Ela mexe-se muito, e afasta-se.

— A única coisa de que me tenho tentado afastar é de ti, sua *stalker* — murmurou a Sr.^a Boone.

Ri-me. *Boa sorte, Katelynn.* Ela tinha as mãos cheias com aquela velha.

As duas arrastaram-se de volta para a casa da Sr.^a Boone, e o Brooks sacudiu as chaves que tinha nas mãos.

— Não precisamos de ir até lá este fim de semana. Não passei tempo suficiente contigo, e quero aproveitar cada momento.

Abanei a cabeça. Ainda tínhamos muitos momentos no nosso futuro. A banda merecia ficar longe de tudo, ter algum tempo só para homens. Depois de o convencer um pouco, o Brooks concordou em ir para norte. Prometeu voltar no domingo à tarde, para passar o seu último dia comigo.

Depois, prometeu-me muito mais dias no futuro.

29

BROOKS

Antes de os rapazes e eu nos dirigirmos para a cabana, tínhamos de passar por outro lado. Pela James Boat Store. Se íamos para a casa do lago da Sr.^a Boone, precisávamos de um bom barco para levar connosco. Tanta coisa mudara desde que o Calvin e eu fôramos com o pai dele vender o barco, por isso foi bom ver que a James Boat Shop estava exatamente na mesma. Incluindo um *Wilson* muito, muito mais velho, mas que ainda se fartava de ladrar no alpendre.

— Calma, *Wilson*! — disse o James, saindo da loja. — Maldito cão, não cala a boca há anos. — O cão ladrrou ainda mais alto, como se estivesse a dizer ao dono para se ir lixar. O James sorriu e coçou o cabelo grisalho. — Tenho de vos dizer que não é todos os dias que uma banda que consegue um Grammy me liga para saber se lhes posso alugar um barco. É um prazer conhecer-vos. — Riu-se, apertando-nos as mãos.

O Calvin apertou a mão do James, e disse:

— O senhor conheceu-me e ao Brooks há dez anos. O meu pai esteve aqui para vender um barco, e o seu filho mostrou-nos aquele iate enorme.

— O *Jenna*. — Ele assentiu, com uma expressão orgulhosa. —

Deve ser esse. Não vieram alugá-lo, pois não?

Ri-me.

— Não. Acho que precisamos de uma coisa um pouco mais pequena. Algo mais simples, só para ir pescar.

— Bem, acho que não vou discutir muito. Humm... acabámos de comprar este barco motorizado, e está para alugar. É ótimo para pescar, tem sofás e poltronas para um conforto maior. Tem um toque agradável de luxo, mas não é excessivo. Acho que vão adorá-lo.

— Qualquer coisa... menor? — perguntei. — Queríamos aquela velha sensação de ir à pesca.

O James assentiu.

— Qual era o tipo de barco que vocês tinham?

— Tinha uma consola central — respondeu o Calvin. — Nada de extraordinário, mas funcionava muito bem.

— Ah, então será um barco com uma consola central, se não se importarem de ficar perto uns dos outros.

— Não — disse o Oliver, enfiando a cabeça do Rudolph debaixo do braço. — Nós gostamos de nos aconchegar.

— Deus, odeio-te! — respondeu o Rudolph.

— Vá lá, irmãozinho. O que é que te disse? Não tens de me chamar Deus. Sua Majestade funciona muito bem.

Revirei os olhos para os meus companheiros de banda, que nunca mudavam. O James disse-nos para irmos até ao seu escritório, para tratarmos da papelada. Enquanto falava, o Oliver comeu todo o alçaçuz que se encontrava em cima da secretária do James, fazendo o Rudolph gemer.

— Sabes que essa merda é veneno, não sabes? Sabes como faz mal ao teu corpo?

O Oliver enfiou mais dois pedaços na boca e encolheu os ombros.

— Este doce é a minha geleia.

— És nojento — disse o irmão.

— Tenho de ser honesto, Oli. Desta vez, o Rudolph tem razão.

Ninguém no seu perfeito juízo gosta de alcaçuz — repliquei, metendo-me na conversa.

— É óbvio que o James gosta, já que o oferece aos seus clientes!

— gritou o Oliver, enquanto comia mais.

O James riu-se, empurrando algumas folhas de papel na minha direção para eu assinar.

— Culpado. É o meu doce favorito. Como cerca de uma embalagem por dia, e o meu filho odeia-me por causa disso. Ele diz que um dia isso vai matar-me, mas eu relembro-lhe que,

provavelmente, o tabaco vai acabar comigo antes do alcaçuz. — O

James piscou um olho, fazendo-nos rir a todos.

O James arranjou-nos um barco com o tamanho perfeito para o nosso fim de semana e um reboque para o atrelarmos ao carro. Não demorámos muito a chegarmos à estrada, para iniciarmos a longa viagem. A cabana ficava a umas boas quatro horas de distância, mas quando lá chegámos não nos arrependermos nem por um segundo.

— Mal consigo acreditar que a senhora Boone tem este lugar e nunca o usa — exclamou o Calvin, quando chegámos à casa.

Quando a Sr.^a Boone dissera que a cabana ficava junto a um lago, ela não dissera que o lago era quase do tamanho de um oceano. Olhando do seu pontão, mal conseguia ver-se o outro lado.

Também tinha um barracão, onde se encontravam seis canoas pequenas.

A cabana em si era enorme e, além disso, incrível. Tinha um total de doze divisões, incluindo três casas de banho e cinco quartos. A sala de estar estava decorada com uma gigantesca cabeça de alce, pendurada por cima da pedra da lareira, e, no canto da sala, havia uma *jukebox* enorme, com muita música boa e antiga. Com vinte e cinco cêntimos,

podiam selecionar-se cinco entre cinquenta músicas diferentes.

Ao lado da *jukebox*, havia um gira-discos, bem com uma estante cheia de discos. Era o melhor recanto da casa.

Cada quarto estava decorado com um tema do mundo. Um tinha uma decoração do Reino Unido, enquanto outro estava decorado como se tivéssemos chegado à Tailândia, e por aí fora. Indo de um quarto para o outro, senti-me como se estivesse a dar a volta ao mundo em dois minutos.

Aparentemente, a Sr.^a Boone decorara a casa baseando-se em todas as viagens que ela e o seu falecido marido tinham feito. Toda a sua vida estava condensada entre as paredes da cabana, e parecia que eles tinham vivido uma bela vida.



— Nem consigo acreditar que ela só nos tenha falado disto agora

— exclamou o Rudolph, saindo do carro, com um pouco de protetor solar caseiro a cobrir-lhe o nariz. — Imaginem o tipo de festas que podíamos ter dado aqui!

Ri-me.

— Provavelmente foi por isso que ela nunca nos contou nada.

Teríamos dado cabo do lugar.

— A Stacey iria adorar isto — disse o Calvin, arrastando a mala para dentro da casa.

— BATOTA! — gritaram os gémeos, apontando com os dedos para o meu melhor amigo.

Era engraçado como os dois estavam tão em sintonia, apesar de serem tão diferentes.

— Nenhuma referência à tua futura mulher nesta casa, senão tens de beber um *shot* — disse o Rudolph, num tom severo.

— Isso refere-se a todos — acrescentou o Oliver, apontando para cada um de nós. — Não haverá qualquer referência a nenhuma mulher, qualquer que seja o seu nome, ou então têm de beber um *shot*. Se forem apanhados a conversar com uma rapariga, têm de beber dois

shots, e se de algum modo conseguirem trazer uma rapariga para a propriedade, têm de beber o mijo do Rudolph.

— Confiem em mim, é provavelmente o mijo mais limpo desta casa. Na verdade, até seria uma honra bebê-lo.

Revirei os olhos. Um fim de semana só para homens. Nada de raparigas, ou beber mijo, uma regra sólida a seguir.

Ao meio-dia, estávamos todos bêbedos e a falar de música; parecia tudo perfeito. Tudo o que faltava agora era colocar o barco alugado na água.

— Que se foda — gemeu o Oliver, meio adormecido no sofá. —

Vou ficar aqui, sem fazer absolutamente nada, até esta noite, quando chegar a hora de comermos pizza.

— Vá lá, não precisas de fazer nada no barco. Está um dia perfeito lá fora.

— Se a tua ideia de um dia perfeito é um céu com nuvens, estás à vontade, mas eu vou ficar sentado neste sofá, em cima do meu traseiro gigantesco, e não vou mexer-me até à hora da pizza.

Revirei os olhos.

— Bem. Onde é que está o teu irmão?

Três segundos depois, vi o Rudolph a conversar com uma planta artificial que se encontrava a um canto. Não estava só a falar com uma planta, estava também a namoriscar com ela.

— Então, vens aqui muitas vezes? — perguntou ele, acariciando as folhas de plástico.

Olhei para o relógio.

— Meu, é uma da tarde! Como é que já estás tão bêbedo?

Levantei a garrafa vazia de *Fireball* e recebi a resposta à minha pergunta.

— Calvin! Preciso de um parceiro no crime para vir para o lago comigo e arrastar estes dois tontos lá para fora. Calvin? — gritei, andando pela casa.

Ele não estava em lugar nenhum.

Procurei em cada um dos quartos, duas vezes. Só quando dei a volta ao perímetro da cabana é que o encontrei, ajoelhado atrás de um arbusto, a sussurrar.

— OK, querida. Tenho de ir, vem aí alguém. Também te amo.

— Seu patife.

Ri-me enquanto via o Calvin a desligar rapidamente o telemóvel e a levantar-se de um salto.

— Não sei de que é que estás a falar — disse ele, na defensiva.

— Oh, tu sabes muito bem de que é que estou a falar. Estavas a falar com a Stacey!

— O quê? De modo nenhum. É um fim de semana só para gajos.

Nada de mulheres.

Semicerrei os olhos.

— Vou esquecer o que se passou e evitar que tenhas de beber um *shot*, se me vieres ajudar a preparar o barco para esta tarde, e a enfiar os outros dois lá dentro.

Ele fez uma careta.

— Não estou realmente com...

— RAPAZES! O CALVIN ESTAVA A FALAR COM A...

Ele correu para mim e tapou-me a boca com a mão.

— Meu, está bem, está bem! Não sei se já reparaste, mas os gémeos deitam os seus *shots* em canecas vermelhas.

— Bem, prepara-te, amigo. Nós vamos pescar. Bebida, gajos e as suas canas.

— Isso soa a um título verdadeiramente infeliz para os próximos acontecimentos.

Estou

preocupado

com

os

próximos

acontecimentos.

— Preocupado? — perguntei, com um sorriso malicioso. — Ou animado?

O Calvin começou a saltar para cima e para baixo, como uma criança dramática de cinco anos.

— Tão animado! Tão animado! Vou buscar as bebidas, e os rapazes. Tu podes ir buscar as canas.

— Não precisas de o dizer duas vezes.

Ele dirigiu-se à cozinha, mas depois deteve-se.

— Só para ficar bem claro... a cana é a tua cana de pesca, Brooks. Não é o teu pau.

Arqueei as sobranceiras.

— Chama-lhe o que quiseres, meu. De qualquer maneira, vou buscá-las. Traz também a tua guitarra. Podemos tocar alguns acordes e letras para o próximo álbum.

O rosto dele iluminou-se. Eu nunca conhecera ninguém que se empolgasse tanto com o trabalho... bem, além de mim.

Uma hora depois, pusemos o barco na água e desligámos o motor no meio do lago. Estava tudo tranquilo, e não havia mais nenhum barco por perto. Depois, começámos a beber. Nada melhor

do que beber de dia com os nossos amigos, num barco, no Wisconsin. Era um requisito para se viver naquele estado.

— Sabem, estou um pouco preocupado com a banda — disse o Oliver, quando nos sentámos.

Estavam os três bêbedos, e, por algum motivo, tornei-me o único a certificar-me de que não se matariam. Sempre que bebíamos, eu

mantinha a minha fiel lata de cerveja ao meu lado, que usava para cuspir a bebida lá para dentro.

— Sim? Porquê, Oli? — perguntei.

— Bem, é que, sabes, eu nunca quis ter uma banda de raparigas, e é bastante alarmante que, nos últimos tempos, tenham crescido vaginas a três quartos da banda.

— O quê?

— É bem patético e, francamente, estranho como o raio. Quero dizer, tu não podias passar vinte e quatro horas sem ligares à Stacey, Calvin. Brooks, não penses que não reparei que estavas a falar com a Maggie. E o meu irmão gémeo está apaixonado por uma planta; no entanto, conhecendo o seu amor estranho pela mãe natureza, não me sinto assim tão surpreendido.

Olhei para o Rudolph, que estava a abraçar o vaso da planta, que arrastara com ele.

— Ela chama-se *Nicole*, e é linda — disse ele, com orgulho.

— Estás a ver o que quero dizer? Os meus amigos estão a transformar-se em bebês, e receio que dentro em breve estaremos a escrever músicas sobre casamentos e fraldas.

Ri-me.

— Não é assim tão sério, Oliver.

Ele abanou as mãos no ar.

— Brooks Tyler Griffin. Tu estavas no Snapchat. A deitares a língua de fora. Fingindo que eras o raio de um cão.

Semicerrei os olhos e continuei a pescar.

— Para que saibas, sim, eu estava no Snapchat, mas estava a falar com os nossos fãs. Lembras-te deles? As pessoas que nos

apoiam? É importante dar-lhes um pouco de mim, Oli. Devias tomar notas. É por isso que os fãs gostam mais de mim do que de ti.

— Ah! Duvido. Além disso, desde quando é que começaste a dizer «Amo-te, Maggie», com voz de cão, aos teus fãs? Eu percebo: alguns fãs têm nomes. A Demi Lovato tem os Lovatics. O Justin tem as

Beliebers. A Beyoncé tem a sua Beyhive. Mas, quero dizer,

«Amo-te, Maggie» não soa lá muito bem.

Virei-me e levantei o dedo do meio ao Oliver, e ele respondeu levantando os dois.

Touché.

O céu estava a ficar enublado, e a água demasiado parada. O

único som que se ouvia éramos nós os quatro aos berros, sempre que pensávamos ter apanhado um peixe — algo que não fizemos.

Olhando para trás, mal conseguia ver a cabana enorme e, olhando para a frente, conseguia distinguir vagamente as lojas da cidade. A localização perfeita. Tudo o que conseguíamos ouvir era a água a mexer-se devagar.

— Estou a brincar; estou muito feliz por ti e pela Stacey, Cal —

disse o Oliver, pegando na guitarra do Calvin, sem fazer a mínima ideia de como tocar um acorde.

— Acham que o *manager* vai ficar furioso? — perguntou o Calvin.

— Ah! Claro que vai. Um dos principais vocalistas dos The Crooks a dar o nó, quebrando centenas de corações por todo o mundo? O *manager* vai tentar ao máximo convencer-te a não te casares.

— Sim, foi o que pensei. Mas, bem, ele já está chateado connosco por perdermos concertos. Podes muito bem irritá-lo um pouco mais, para ver quantos cabelos grisalhos conseguimos dar-lhe.

Quando me sentei atrás do volante, o Calvin tirou a sua guitarra das mãos do Oliver e aproximou-se de mim. Também peguei na minha guitarra e comecei a tocar a introdução da nossa música

«Split ends». Ele juntou-se a mim, tocando a sua guitarra. O Oliver começou a cantar as letras, e o Rudolph continuou a conversar com

a planta. Trabalhar com os nossos melhores amigos podia causar facilmente problemas, mas não era esse o caso da minha banda.

Além dos gémeos sempre a discutir um com o outro, trabalhávamos juntos sem qualquer esforço. Claro que às vezes discordávamos, mas isso nunca fora algo que não pudéssemos resolver.

Ficámos no lago durante toda a tarde. Quando o céu escureceu, começámos a trabalhar em letras novas. A nossa criatividade era quase imparável quando entrávamos na nossa zona musical.

Quando a primeira gota de chuva nos atingiu, o Calvin sugeriu que voltássemos para a cabana, por isso liguei o motor do barco para iniciar o nosso regresso a casa.

O céu demorou apenas alguns minutos a ficar negro, e a chuva começou a martelar-nos. O Rudolph saltou para a borda do barco, e levantou a *Nicole* no ar.

— Sim, minha querida! Bebe tudo! Bebe a água da mãe natureza!

— É uma planta artificial, seu idiota — berrou o Oliver, sobre o barulho da chuva. — Não precisa de água!

— Não oiças o rapaz solitário, *Nicole*. O meu irmão nunca esteve apaixonado por nada, além de *tacos*.

— *Tacos* são vida! — gritou o Oliver, abanando os punhos, apreciador, enquanto um relâmpago atravessava o céu acima das nossas cabeças. — Adoro-vos, *tacos*!

— Então — disse o Calvin, baloiçando para a frente e para trás ao meu lado, enquanto nos dirigíamos para casa —, queres ser o meu padrinho? — gritou ele, acima do vento.

Limpei a água da cara.

— Já comprei o *smoking*, meu.

Eu ser o seu padrinho era um dado adquirido.

Ele riu-se.

— Sim, mas achei que era educado perguntar.

— Isso é porque te está a crescer uma vagina. As vaginas são muito mais bem-educadas do que os paus.

— Sim, foi isso que a tua mãe me disse ontem à noite.

— Isso tem piada, a tua mãe não me disse muita coisa da última vez que a vi. Mas tinha a boca demasiado cheia, por isso falar não era provavelmente uma opção.

O Calvin pegou na minha lata de cerveja «vazia» para me atirar, e, ao fazê-lo, deteve-se de olhos semicerrados.

— Tens andado a beber isto nas últimas quatro horas e ainda estás cheia.

— Eu...

Ele cheirou a lata, e arquejou.

— BATOTA! O Brooks tem cuspidos os seus *shots* para dentro da lata de cerveja!

Os gémeos arquejaram, como ele, e começaram a cantar um com o outro.

— BATOTA! BATOTA!

Quanto mais alto gritavam, mais alto a tempestade uivava. As águas estavam a ficar cada vez mais agitadas, à medida que a tempestade aumentava de intensidade.

— Não te preocupes! — O Rudolph tropeçou com a *Nicole* apertada nos braços. — Ainda temos outra garrafa de *Fireball* por aqui — gritou ele.

Quando se aproximou de mim, vi-o inclinar-se um pouco demais sobre a borda. Saltando da minha cadeira, pedi ao Calvin para agarrar o leme e corri até junto do meu amigo bêbedo.

— Uau, Rudolph, cuidado! Estás demasiado perto da borda.

O Rudolph riu-se e beliscou-me a cara.

— És uma vagina tão doce, Brooks Griffin.

Ri-me alto, encharcado.

— Essa é a coisa mais fixe que alguém já me disse.

— Isso é só porque a querida da Maggie May não fala. Se o fizesse, aposto que ela diria alguma merda poética. — Interrompeu-se, e os seus olhos arregalaram-se. — BATOTA! Mencionei uma rapariga. Preciso de um *shot*! *Fireball*!

Ele lançou-se na direção da garrafa de *Fireball* e, ao fazê-lo, o barco oscilou. O seu corpo curvou-se, levando a que ele ficasse

pendurado na borda. Agarrei-o com toda a força, empurrando-o de volta para dentro do barco. Quando o empurrei para a segurança, a tempestade bateu contra um dos lados do barco, fazendo-me tropeçar nos meus próprios pés.

— Merda! — gritei, antes de bater nas ondas pesadas. A água estava gelada quando caí.

— Brooks! — gritaram os meus amigos, correndo até à borda do barco e atirando-me uma boia.

— Não é uma viagem oficial até alguém cair à água, certo? —

gritei, rindo, enquanto os meus braços se agarravam à boia.

Os rapazes riram-se comigo e começaram a puxar-me, até deixar de haver motivo para rir.

Aproximei-me do barco, e a dor atravessou-me.

— *Merda!*

Aconteceu tudo num *flash*, um instante rápido.

A hélice do barco bateu no meu flanco direito.

Num segundo, as minhas gargalhadas transformaram-se em horror.

Num segundo, a minha vida mudou quando comecei a afogar-me.

Sangue. Eu não conseguia ver, mas sabia que me doía demasiado para não ter sido cortado.

A dor subiu-me pelo lado direito.

A minha respiração era ofegante; a minha mente estava desfocada.

Estava a afogar-me. Chapinhei, enquanto engolia água.

A minha mão direita girou para agarrar o flanco. *Merda*. Outra vez.

A hélice voltou a atingir-me.

Pânico. A minha mão. O meu ombro. O meu pescoço.

A minha vida...

As ondas forçaram-me para trás, nas águas selvagens e violentas.

Um relâmpago caiu.

Um trovão uivou.

Os meus melhores amigos gritaram por mim, mas não consegui responder.

Aconteceu tudo num *flash*, um instante rápido.

Num segundo, as minhas gargalhadas transformaram-se em horror.

Num segundo, a minha vida mudou quando comecei a afogar-me.

Num segundo, as ondas atiraram-me de um lado para o outro, como se eu não fosse nada.

Tornei-me nada.

30

MAGGIE

— Maggie, vamos! Depressa. Temos de ir.

Ergui uma sobranceira, ao ouvir o meu nome. Estava sentada no quarto, a tocar viola e a ouvir o último álbum dos The Crooks.

Levantando-me, corri para o cimo das escadas para ver uma Sr.^a

Boone em pânico.

Desci os degraus e arqueei uma sobranceira.

Ela estava frenética, num estado em que eu nunca a vira.

— Vai lá, vai calçar-te. Vamos.

Ir? Ir aonde?

— Maggie, por favor. — A Sr.^a Boone passava as mãos para trás e para a frente nas barras de metal da sua canadiana. — Houve um acidente na cabana, e o Brooks está ferido. Temos de ir.

Tropecei para trás, como se alguém me tivesse empurrado contra a parede.

O Brooks, ele está ferido.

Aquelas palavras afogaram-me. A minha mente começou a correr. Como é que ele se magoara? Estava muito magoado? O que é que acontecera? Como é que estavam os outros?

O meu pai saiu a correr do quarto das traseiras, e a minha mãe veio a correr da cozinha. Tinha ambos os telemóveis na mão, provavelmente a ler mensagens do Calvin.

— Eles levaram-no para o hospital de St. John. Ele vai ser operado — disse o meu pai, as suas palavras rápidas e assustadas.

— Vou para lá agora.

— Eu também — afirmou a minha mãe.

— E a Maggie — ordenou a Sr.^a Boone. — Ela vem connosco.

Agora, vamos — disse ela, acenando-me com as mãos. — Não temos tempo a perder. É uma viagem longa.

— Não — gritou a minha mãe, a sua voz severa. — Não. Ela não tem de ir. Ela quase teve um ataque de pânico quando tentou sair para a ver, senhora Boone.

— Mas essa era eu, e é bom saber que ela tentou, mas isto é diferente. Eu não sou o seu namorado. Eu não sou o Brooks. Agora, vamos.

Fechei os olhos.

A mãe e a Sr.^a Boone começaram a discutir, as suas vozes cada vez mais altas, e o meu pai começou a gritar, tentando acalmá-las.

O meu coração estava acelerado, tentando acompanhar a comoção.

A minha mente esforçava-se por manter o diabo afastado, enquanto ele tentava sair para me encontrar.

Shh... Shh...

— Para! — gritou a Sr.^a Boone, suficientemente alto para forçar os meus olhos a abrirem-se. Bateu com a canadiana no chão, uma e outra vez. — Para com isso! Isto é ridículo. Pela minha vida, Katie, não consigo perceber quem é que tem mais medo de que a Maggie saia, se tu ou ela.

— A senhora está a abusar, senhora Boone — repreendeu-a a minha mãe, o seu corpo a tremer.

Por um momento, perguntei-me: será que ela nunca iria querer que eu saísse?

— Claro que estou a abusar! Abusei sempre, nada mudou. Mas isto não tem nada que ver contigo. Agora, Katie, eu sei que me disseste que esta miúda não é da minha responsabilidade. Disseste-me isso repetidas vezes, mas isto é maior do que tu, Katie. Isto é maior do que tu, do que o Eric e do que eu. Isto agora é sobre a Maggie e o Brooks. Maggie May — a Sr.^a Boone virou-se para mim

—, se puderes honestamente dizer a ti mesma que os demónios do teu passado são mais fortes do que o amor que tens por aquele rapaz, então, por favor, perdoa-me. Isso significa que abusei, e interpretei mal todos os momentos em que me recordo de vocês os dois. Mas se por acaso esse amor é mais forte... se por acaso o amor está a começar a afogar-te a alma, então tens de sair. Tens de

vir connosco agora mesmo. O Brooks é bom rapaz e tem sido a tua âncora durante todos estes anos. Agora, é a tua vez de seres a dele.

Esfreguei os punhos nos olhos, enquanto os três recomeçavam a discutir.

Cinco minutos.

Levantei a mão, e todos eles pararam. Subi as escadas a correr até à casa de banho, e enchi o lavatório de água. Baixei o rosto para dentro de água, e contive a respiração.

Precisava de cinco minutos para desacelerar a mente. Precisava de cinco minutos para esquecer os seus gritos, e encontrar a minha própria voz.

Precisava de cinco minutos para respirar.

Vi o rosto dele — do diabo. Ele estava a sufocar-me, tentando matar-me como matara a mulher. Ele ia matar-me.

Shh...

Perdi-me.

Naquele momento, ele roubou-me a minha própria pessoa.

Senti-me suja.

Senti-me usada.

Senti-me presa.

Parecia real. Todos os dias, passados todos aqueles anos, ainda me parecia tudo tão recente. Porém, como tinha a cara enfiada dentro de água, lembrei-me ainda mais.

— *Maggie May! Onde é que estás?* — *voltou o Brooks a gritar, a sua voz arrancando o diabo dos meus pensamentos.*

Com o rosto dentro de água, lembrei-me dele. Lembrei-me do meu Brooks.

— És a minha melhor amiga, Magnete, mas... — Os seus lábios aproximaram-se, e jurei que os senti roçarem os meus. Os seus dedos massajaram as minhas costas em círculos, e senti-me derreter de cada vez que um círculo se fechava. — E se ela estiver certa? E se a Lacey tiver razão? E se houver algo mais do que amizade entre nós?

As suas mãos na parte inferior das minhas costas pressionaram-se mais, puxando-me para mais perto. Os nossos lábios voltaram a juntar-se, e o meu estômago revirou-se.

Tirei a cabeça de dentro de água, encharcada, mas sabendo onde precisava de estar. Corri para o quarto e peguei nos sapatos.

— Maggie May, não faças isso — disse a minha mãe, em pé na soleira da porta. Tinha os braços cruzados e encarava-me com uma expressão apática. — Não te vás embora.

Semicerrei os olhos, confusa. Ela dirigiu-se à minha cama e sentou-se, batendo no colchão para eu me sentar ao seu lado. Eu nem sequer conseguia lembrar-me da última vez em que a minha mãe estivera no meu quarto, e muito menos de quando se sentara para conversar comigo.

— Vou certificar-me de que ele está bem, vou certificar-me de que ele está a melhorar, e sei que gostarias de lá estar, Maggie, mas por favor... não vás.

Pegando no meu quadro, comecei a escrever.

Porque não?

Ela baixou a cabeça e olhou para os dedos inquietos.

— Se fores... se finalmente começares a sair... como é que poderei

proteger-te? Naquele dia, eu nem sequer sabia que tinhas saído de casa, porque estava a lavar roupa. Eu devia ter estado a tomar conta de ti. Eu devia ter-te mantido em segurança. Se te fores embora... se fores explorar o mundo... como é que poderei proteger-te?

Lá estavam: os segredos e medos mais profundos da minha mãe.

Todos tinham uma parte de si mesmos que preferiam manter em silêncio. A da minha mãe era a sua culpa.

Pegando no marcador, comecei a escrever as palavras mais importantes que já escrevera.

A culpa não foi tua.

A mãe engoliu em seco, antes de começar a soluçar para as mãos. O seu corpo enrolou-se e passei os braços à volta dela, apertando-a com força. Ela chorou tanto quanto conseguiu, antes de



limpar o nariz com as costas da mão e sentar-se um pouco mais direita.

— Olha para mim, estou uma lástima. Desculpa-me, Maggie May.

Por tudo aquilo que te fiz passar... só me preocupo, apenas isso. —

Ela fungou, e eu pousei a cabeça no seu ombro. Ela envolveu -me as mãos com as suas. — Vais mesmo fazer isto, não vais?

Apertei-lhe as mãos duas vezes.

Ela suspirou, e endireitou-se.

— OK. Então, aqui vai o que vamos fazer. Vamos descer as escadas e avançar até à porta da frente. Quando aqueles pensamentos começarem a surgir, tens de continuar a andar, OK?

Assenti.

OK, mãe.

— Mesmo quando estiveres com medo, continua a andar. E

quando as vozes se tornarem mais altas, corre. Corre, Maggie May

Riley. Corre e continua a correr até saíres de casa.

Respirei fundo.

— Estás assustada?

Dois apertos.

Estás assustada?

Dois apertos da parte dela.

— OK. Então vamos.

— Fecha os olhos e respira fundo — sussurrou a minha mãe, agarrando-me a mão. — O teu pai e eu vamos levar-te até ao carro.

Quando dei os primeiros passos, senti a garganta a apertar-se.

Eu queria envolver o pescoço com as mãos e tentar respirar, mas não conseguia, porque o meu pai e a minha mãe seguravam-me com toda a força. Eu estava bem? Consequia respirar?

O meu pai apertou-me as mãos duas vezes. *Sim*. Como é que ele conseguia ouvir as palavras que eu não dissera?

Os passos seguintes foram ainda mais dolorosos. Eu tinha mesmo de apertar o pescoço. Tinha de afastar as mãos dele. Tinha

de respirar. *Não consigo respirar.*

A mãe apertou-me as mãos duas vezes. *Consegues, sim.*

— Estamos quase lá — disse o meu pai, avançando mais alguns passos.

Quanto mais andávamos, mais soltas as suas mãos se tornavam à volta do meu pescoço. Imaginei o Brooks. O seu sorriso. As suas gargalhadas. O seu amor. Quanto mais avançávamos, mais fácil se tornava respirar.

Detive-me e abri os olhos. O meu pai e a minha mãe olhavam-me, nervosos.

— Estás bem, Maggie? — perguntou o meu pai.

Afastei as mãos das suas e levei-as até ao peito, pousando-as sobre o

coração. Com uma inalação profunda, absorvi o mundo, sentindo o ar, sentindo o vento, permitindo-me lentamente começar a soltar os grilhões dos meus tornozelos.

Com um suspiro prolongado, peguei nas mãos do meu pai e da minha mãe e apertei-as duas vezes.

Sim.

Estou bem.

Agora, chegara o momento de saber se ele estava bem.

Enquanto avançávamos, reparava em tudo. Com o que se parecia o estofado do carro e em como o motor arquejava de poucos em poucos minutos. Senti cada lombaa por cima da qual passávamos, e olhei para cada luz que piscava. Era surreal estar fora de casa, e ver coisas que nunca vira antes. Edifícios, árvores, animais. Era tudo tão avassalador, quase como um sonho. No entanto, era real. O meu peito manteve-se apertado durante todo o caminho. Permaneci enrolada numa bola no assento traseiro, mas nem por segundo consegui deixar de olhar pela janela. Havia tanta coisa no mundo que eu nem sabia que existia. Havia tanta coisa que eu estava a perder.

Passadas horas, chegámos ao hospital, e o Brooks ainda estava na sala de operações. O exterior do hospital estava cercado por fãss dos The Crooks — parecia que a notícia viajara depressa. Os pais

do Brooks e o Jamie, o seu irmão, também lá estavam, tentando ao máximo não se irem abaixo.

As luzes do hospital eram vivas. Magoaram-me os olhos. Não me lembrava de ter alguma vez estado perto de luzes tão fortes. Os cheiros também eram estranhos. Como produtos de limpeza, em cima de produtos de limpeza. Havia muita comoção por toda a parte

— enfermeiras a chocarem umas contra as outras, coisas a caírem no chão, famílias a andar pelos corredores.

Fechei os olhos e tentei concentrar-me. Era tudo muito, muito rápido. Eu tinha de abrandar os meus pensamentos. E se o diabo estivesse ali? E se ele pudesse ver-me? E se ele pudesse voltar a tocar-me? Não. Eu tinha de me concentrar em algo bom, algo que pudesse manter-me firme. Tinha de encontrar paz. Os meus dedos envolveram o colar.

O Brooks. A minha âncora. A minha força.

— Maggie — exclamou o Calvin, levantando-se na sala de espera privada. — Tu, tu estás aqui — gaguejou ele, aproximando-se de mim. Os seus braços envolveram-me firmemente o corpo. — Estás aqui.

Em segundos, os gémeos juntaram-se ao abraço e ficámos ali parados durante algum tempo.

— Ele está em péssimo estado — disse o Calvin, em pé, falando com os nossos pais e comigo, enquanto nos informava do que se passava. — A hélice cortou-o no flanco. Os médicos disseram que ele pode perder dois dedos. Também o atingiu ao de leve na garganta, mas... não sei. Aconteceu tudo tão depressa. Num piscar de olhos, tudo mudou. Estávamos na água a divertir-nos. Estava tudo bem. Mas agora... — Ele beliscou a cana do nariz, como era habitual o meu pai fazer. — Agora, tudo mudou, e só podemos esperar para ver o quanto mudou.

A minha mãe e o meu pai saíram para irem buscar café para todos, já que íamos ter uma longa noite pela frente. Depois do café, levaram a Sr.^a Boone ao motel mais próximo para ela passar a noite a descansar. No canto, o Rudolph estava a ter um ataque, culpando-



se pelo acidente. O Oliver encontrava-se ao seu lado, dizendo o contrário. Acotovelei o Calvin e olhei-o com olhos inquiridores.

— O Brooks impediu que o Rudolph caísse à água. A tempestade abanou o barco e o Rudolph quase caiu, mas o Brooks conseguiu puxá-lo de volta. Depois de o ter puxado para bordo, o barco voltou a oscilar, lançando o Brooks na água.

Uau...

— O Rudolph está a ter dificuldades com isso... Está a culpar-se.

No entanto, não passou de um acidente. Não há nada nem ninguém para culparmos, a não ser o tempo.

Passado um bocado, encontrei uma cadeira num canto e enrolei-me numa bola, à espera.

Enquanto esperava, vi e ouvi tudo. O movimento de cada pessoa, a voz de cada pessoa, todos os objetos na sala. Tudo parecia tão próximo, tão real desde que eu saíra de casa. Se uma enfermeira

deixasse cair uma caneta, a minha cabeça disparava para o sítio de onde o som viera.

Sair de casa era mais difícil do que eu imaginara, mas ainda era mais difícil não saber se o Brooks estava bem.

Assim, sempre que o diabo tentava dominar-me a mente, eu fechava-a e respirava algumas vezes, recordando-me de que o nosso amor era mais forte do que os meus momentos passados.

— Ele já saiu do bloco operatório — ouvi o médico dizer aos pais do Brooks. Endireitei-me para escutar. — Ele está bem. Teve muita sorte por o golpe no seu flanco não ser muito profundo. Se fosse mais profundo, poderíamos tê-lo perdido.

— Oh, meu Deus — murmurou a mãe do Brooks, com lágrimas nos olhos.

— O que estava a preocupar-nos mais era a sua mão. — O

médico remexeu-se, antes de cruzar os braços sobre a bata branca.

— Lamento imenso. Demos o nosso melhor para lhe salvar os dois dedos, mas o dano causado pela hélice foi demasiado grande.



Esperávamos salvar os dois, mas não conseguimos fazê-lo.

Tivemos de os amputar, para melhorar a função geral da mão.

Qual das mãos? , perguntei-me, o meu estômago a revirar-se.

— Qual das mãos? — gritou o Jamie, parado atrás dos seus pais.

O médico ergueu uma sobrancelha, olhando para o Jamie.

— Lamento.

— Eu perguntei qual das mãos.

Hesitante, o médico olhou para os pais do Brooks, sem saber se deveria dizer alguma coisa à frente de todos. Quando lhe disseram que podia falar à vontade, ele disse que fora a mão esquerda.

Gememos.

— Merda — sussurrou o Rudolph, batendo com a mão na parede.

— Merda!

O Brooks usava a mão esquerda para tocar guitarra. Ele não seria capaz de o voltar a fazer, e todos na sala sentiram a mesma devastação.

— Eu sei o quão difícil isto pode parecer, já que é a sua carreira, mas estamos muito felizes por ainda o termos connosco. Receio que seja quase impossível para ele voltar a tocar guitarra. Quanto ao estado da sua garganta, cantar pode ser difícil, mas acredito que, com o passar do tempo, as suas cordas vocais voltarão ao lugar. Vai ser difícil, mas acho que, com fisioterapia e o trabalho vocal certo, a sua voz voltará ao normal. — O médico esboçou um sorriso triste.

— Ele vai ter de descansar durante algum tempo, mas quando chegar a hora de o verem, vou pedir às enfermeiras para vos virem buscar.

Ao sair, a sala ficou em silêncio, exceto pelo som do Rudolph a bater na parede e a praguejar:

— *Merda, merda, merda.*

Quando mudaram o Brooks para outro quarto, fomos autorizados a vê-lo, duas pessoas de cada vez. Eu contive-me, esperando ser a última a visitá-lo. Ele estava a dormir quando entrei no quarto, e

senti-me grata por isso. Parei a um canto, vendo-o a dormir. As suas inalações eram pesadas, e parecia-lhe ser difícil engolir. A cicatriz no pescoço ia da clavícula até ao queixo. A sua mão esquerda estava enfaixada, e tinha alguns hematomas, mas estava vivo.

Portanto, nada mais interessava.

— Não vai magoá-lo — disse-me uma enfermeira, enquanto verificava os seus sinais vitais.

Desde que entrara no quarto, há trinta minutos, que eu não me mexera do meu canto.

Ela sorriu.

— Se lhe pegar na mão direita, não vai magoá-lo. Deram-lhe comprimidos para dormir, para o ajudar a descansar. Ele tem estado um pouco inquieto enquanto dorme, e assim é mais difícil curar-se.

Portanto, ainda vai dormir durante algum tempo. Mas, se quiser, pode sentar-se ao seu lado... — Ela apontou para a cadeira do lado direito do Brooks. — Pode pegar-lhe na mão.

Assentindo, movi-me para o lado, sentei-me e entrelacei lentamente os seus dedos nos meus. *Estou aqui, Brooks. Estou aqui.*

A enfermeira sorriu.

— Voltarei para o ver daqui a pouco.

Assim que ela saiu, aproximei-me mais e pousei a cabeça no seu braço.

O seu peito subia e descia a cada segundo, e eu contava os segundos de cada vez que aquilo acontecia. Aproximei-me ainda mais, querendo que ele sentisse o meu calor contra a sua pele, querendo que ele soubesse que eu estava ali. *Estou aqui.*

Não conseguia deixar de olhar para ele. Não conseguia afastar os olhos dele, porque se o fizesse, tinha medo de que ele parasse de respirar.

— Lamento, eu não sabia... — começou uma voz, fazendo-me desviar a cabeça da cama do Brooks. Virei-me e vi uma mulher ali parada, com uma jarra cheia de flores. — Eu... — As palavras

tropeçaram-lhe da língua, e ela franziu a testa. — Não me disseram que estava aqui alguém.

Sasha.

Já a vira antes, por a ter perseguido *online* e visto todas as fotografias que ela colocara no Instagram. Ela era linda, e não parecia esforçar-se para isso. Sem maquilhagem. Nenhuma roupa extravagante. Apenas ela e as suas flores.

Os seus olhos moveram-se para a minha mão, que ainda segurava a do Brooks. Soltei-a rapidamente.

— Desculpe. Vou deixar isto e vou-me embora. — Ela fez uma careta, ao colocar a jarra em cima de uma mesa. Quando se virou para sair, fez uma pausa. — És a rapariga, não és? — perguntou.

Semicerrei os olhos, confusa.

— Oh, não te faças de parva. Tu és a rapariga. A rapariga que lhe enviava livros.

Levantei-me, sentindo-me desajeitada, incapaz de comunicar com ela.

— Então, nada? Não tens nada a dizer? Não estou a tentar ser indelicada. Eu apenas... — interrompeu-se. — Não és a única que se importa mesmo com ele, sabias?

Bati na garganta, e ela semicerrou os olhos, confusa.

— O que foi?

Olhando em volta da sala, procurei algo em que pudesse escrever. Quando olhei para a parede, vi o quadro branco das enfermeiras e corri até lá.

Não tenho voz.

A Sasha cruzou os braços.

— Como? Isso é de hoje ou... de sempre?

Sempre.

Ela franziu a testa. Uma expressão de culpa atravessou-lhe os olhos.

— Lamento imenso, não sabia. Como é que te chamas?

Maggie.

— Maggie. — Ela enfiou os dedos entre o cabelo castanho-chocolate e, em seguida, pôs as mãos nas ancas. — És doida por ele, não és?

Eu não sabia como responder, porque sentia que qualquer coisa que eu dissesse poderia magoá-la.

Ela sorriu.

— Tudo bem, eu sei. É difícil não se ser. Vou indo... Se puderes, por favor, não lhe digas que passei por aqui. Não por ele, mas por mim. Prefiro que ele não saiba.

Tens a certeza?

— Sim, tenho. Mas trata dele, sim? Ele vai ficar destroçado por não poder voltar a tocar guitarra. É a sua vida. Além de, bem... —

As suas palavras desvaneceram-se, e ela lançou-me outro sorriso tenso.
— De qualquer maneira, vou-me embora. Só não deixes que ele vá à

Internet, está bem? Os órgãos de comunicação social podem amar-te num dia e odiar-te no dia a seguir. É fácil para as celebridades perderem-se depois de um acontecimento trágico.

Desta vez, a comunicação social foi surpreendentemente rápida a virar as costas ao Brooks. Sabes como o seu coração é gentil... não tenho a certeza se ele conseguirá lidar com essa reação. Limita-te apenas a vigiá-lo. Mesmo quando parece que não se está sozinho sob as luzes da ribalta, ninguém realmente fala sobre o quão solitárias as coisas podem tornar-se. Lembra-te de que aquilo que ele vale não é medido pela primeira página dos jornais.

Prometi que tomaria conta dele.

Ela saiu do quarto, e eu apaguei o quadro. Sentei-me ao lado do Brooks e voltei a pegar-lhe na mão. Encostei a face ao seu braço e virei-me para ver cada pequeno movimento que ele fazia.

— Ah, e Maggie? — disse a Sasha, voltando a entrar no quarto.

— Só quero que saibas que percebo. — Ela mudou de posição e acenou na minha direção e na do Brooks. — Tu olhas para ele da mesma maneira que ele olhava para aqueles livros. Obrigada por não seres o monstro que eu criei na minha mente. Só queria que

fosses um pouco feia, apenas isso — disse ela, com uma pitada de charme.

Eu sorri.

Idem.

31

BROOKS

A minha mãe, o meu pai e o Jamie disseram-me que eu ia ficar bem. Disseram que eu tivera sorte por ter saído do acidente apenas com ferimentos menores. Ferimentos menores — uma má escolha de palavras por parte do meu irmão, e quando ele o disse apercebeu-se do seu erro.

— Desculpa, não queria dizer menores, só queria dizer... — As suas palavras tornaram-se hesitantes. — Estou feliz que estejas aqui para veres outro dia.

Os meus olhos dispararam para a minha mão, que estava envolvida em ligaduras. Não disse uma palavra. As pessoas continuavam a entrar e a sair do quarto, lançando-me o mesmo tipo de sorriso que se lança às crianças quando estas perdem os seus cães.

Patético.

Eu sentia-me patético.

A banda veio visitar-me e sentou-se comigo durante um bocado, e o ambiente estava cheio de culpa. No entanto, o que mais me magoou foi o quanto eles me recordavam a música. Como eles eram uma recordação daquilo que eu perdera, num simples instante. Quando o *manager* chegou, eu quase enlouquecera.

— Temos de arranjar um plano de ataque. As redes sociais estão a ficar doidas. Precisamos de uma declaração — ordenou o Dave.

— Precisamos de uma pausa — respondeu o Calvin, abrupto. —

Estás a agir como se o Brooks não tivesse passado por um trauma intenso.

— Mas ele sobreviveu — disse o Dave, com o seu sorriso malicioso. — Qual é a mensagem que devemos enviar? Devemos mostrar o quão forte ele é, e como será o seu regresso...

[Redacted text block]

Regresso?

Bufei e resmunguei.

Olharam todos para mim.

Horas antes, eu sofrera um acidente e, agora, ele estava à espera de um regresso mágico.

O Dave franziu a testa.

— Sabem uma coisa, vamos esperar um ou dois dias. Vamos dar um tempo.

Quando todos saíram da sala, suspirei, sem saber onde se encontravam os meus pensamentos. Ainda me sentia como se estivesse dentro daquela água. Quando fechei os olhos, jurei que conseguia sentir as

ondas.

A porta do meu quarto voltou a abrir-se, e desejei que não tivesse. Estava farto de ver pessoas, farto de as ouvir falar sobre o milagre que a minha vida era — de como eu fora afortunado.

Virei-me para a porta e quase caí da cama.

A Maggie.

Ela estava parada na soleira do meu quarto, a olhar para mim, com as mãos à volta do corpo. Os seus olhos azuis estavam vermelhos, como se tivesse chorado durante horas, e o seu cabelo estava preso num rabo de cavalo despenteado. Ela nunca usava o cabelo preso.

Mas, também, ela nunca saía de casa. Seria um sonho?

Se fosse, eu esperava não acordar.

Separei os lábios para lhe perguntar o que é que acontecera, mas a garganta ardia-me. Doía-me abrir a boca. Doía-me mover-me para a esquerda e virar-me para a direita. Doía-me respirar.

Ela lançou-me um sorriso tenso, e aproximou-se da minha cabeceira. Pegando na minha mão direita, beijou-me a palma, e eu fechei os olhos. Continuei a tentar pigarrear para falar, mas ela apertou-me a mão uma vez, ordenando que não o fizesse. Portanto, ficámos assim, eu de olhos fechados, e a Maggie May a segurar-me a mão.

Durante dias, ela mal saiu do meu quarto de hospital. Quando lhe ofereceram um quarto de visitas, decorado como um quarto de hotel, ela recusou, apertando a minha mão com mais força.

Enrolava-se todas as noites numa bola, deitada no pequeno sofá, e adormecia. A Maggie sorria-me todos os dias, mas à noite, quando estava a sonhar, eu observava-a a virar-se e a revirar-se, e às vezes acordava toda transpirada. Os seus demónios não tinham desaparecido simplesmente porque saíra de casa, mas ela esforçava-se para os manter afastados.

— Tudo bem, está mais ou menos na hora de acordares e de te mexeres, Brooks — disse uma enfermeira, entrando uma tarde no meu quarto. Eu odiava aquela hora do dia. Forçavam-me a andar pelos corredores, com a ajuda de uma canadiana. A Maggie dava sempre voltas comigo, e quando o meu lado esquerdo parecia desistir, e eu começava a cair, ela saltava para me ajudar, mas a enfermeira

ordenava-lhe que não o fizesse. — Pode vir apoiá-lo, mas não pode ajudá-lo. Não se preocupe, eu não o deixo cair.

No meio do corredor, o meu peito ficava apertado e custava-me respirar.

— Voltar — tossi, a minha voz rouca. Eu queria voltar para o meu quarto e deitar-me.

— Não, lembras-te? Antes disso, vamos dar uma volta-completa...

Bati com a canadiana no chão várias vezes, o meu pescoço a latejar de dor. *Voltar. Voltar. Voltar.*

Era embaraçoso sentir-me tão fraco. A mão doía-me. O flanco ardia-me. A minha mente estava numa confusão.

A enfermeira lançou-me um sorriso tenso, antes de olhar para a Maggie.

— Acho que é um bom momento para uma sesta.

Piscou um olho à Maggie. A Maggie franziu a testa, e a sua expressão preocupada era óbvia.

Resmunguei mais um pouco. Recomeçámos a regressar ao quarto, e depois de terem voltado a deitar-me na cama, a Maggie

pegou num bloco de notas e sentou-se ao meu lado.

Hoje estás bem, Brooks?

Apertei-lhe a mão uma vez.

A verdade é que eu estava zangado. Zangado com o meu *manager*, que me perguntava qual era o plano para o resto da digressão, mesmo que eu não pudesse atuar. Ele falara de diferentes tipos de planos, que incluíam os rapazes em digressão sem mim, substituindo-me por outro artista durante algum tempo, e que levavam a que eu recuperasse a voz em intensos cursos vocais.

As cicatrizes no meu corpo estavam longe de estarem curadas e já estavam a tratar-me como se eu não existisse. Para ele, mesmo depois de lhe ter dedicado dez anos de vida, eu não passava de dinheiro.

— Não vamos fazer isso — argumentou o Calvin. — Vamos esperar até ele estar recuperado — disse-lhe o meu melhor amigo, repetidas

vezes.

— Sim. Sem o Brooks somos literalmente apenas os The Coos. E quem raio é que quer ouvir os The Coos? — disse o Oliver.

O Rudolph não falava muito. Mal olhava para mim. Tive a sensação de que se sentia culpado pelo acidente. Aquilo que eu mais odiava era o recanto escuro do meu cérebro, que também o culpava. A cada dia que passava, estava a tornar-me cada vez menos eu mesmo. A cada dia que passava, sentia-me um pouco mais amargo. Também odiava que a Maggie ficasse ali sentada a ver aquilo acontecer. Eu odiava que ela testemunhasse a minha destruição.

Quando chegou o dia de eu sair do hospital, a Maggie e eu ficámos sentados no quarto, enquanto a enfermeira ia buscar uma cadeira de rodas. Os meus pais tinham planos para eu ficar com eles durante algum tempo. Iam arranjar uma enfermeira para tratar de mim, para eu poder concentrar-me na cura. Mas não era esse o meu plano.

— Vou voltar para a cabana — sussurrei, porque tudo o que eu dizia saía em voz baixa. A minha voz soava sempre rouca, e eu odiava aquilo.

A Maggie ergueu uma sobrancelha.

— Não quero ir para casa. Não quero a pena das pessoas. Não quero.

Ninguém tem pena de ti.

— Todos têm. Agem como se eu fosse surdo. Eu oiço-os. E

também me culpam. Pelo menos os órgãos de comunicação social culpam. Não sei. Só preciso de uma pausa para fugir. Para ficar sozinho.

Eu sei o que isso é. Estar numa sala cheia onde todos falam como se fosses um fantasma. Vou contigo.

Fiz uma careta.

— Não, Maggie. Tens de iniciar a tua lista de coisas a fazer. Eu não estou em forma para poder... — suspirei. *Para poder ter-te.* —

Porque é que parece que andamos sempre desencontrados?

Ela baixou a cabeça para o quadro e começou a escrever, enquanto as lágrimas caíam em cima das suas palavras.

Por favor, não volte a deixar-me.

Levantei a mão esquerda para a consolar e parei, olhando para a minha mão envolvida numa ligadura. Eu desejava-a. Desejava-a muito, mas sabia onde estava a minha mente. Sabia dos ataques de pânico que tinha durante a noite, ao lembrar-me do acidente. Sabia dos ataques de pânico que tinha durante o dia, percebendo que estava a prejudicar a minha banda, a desiludir os meus fãs, a perder promotores para a nossa digressão. A perder centenas de milhares de dólares por me ter forçado a sair num barco.

Eu não queria deixar a Maggie May, mas sabia que tinha de o fazer. Ela tivera uma vida inteira dos seus próprios pânicos. Quando estava a melhorar, a última coisa de que ela precisava era de aturar os meus.

32

MAGGIE

— Adivinhem quem voltou? Quem está de volta? A Cheryl está de volta! — berrou a Cheryl, entrando em casa com duas malas e o cabelo em rastas.

Tinha-se passado uma semana desde que o Brooks me mandara para casa e fora para a cabana sem mim. Esforçámo-nos todos a convencê-lo a não ir sozinho, mas ele não nos dera ouvidos. Todos os dias tinha enfermeiras que iam ver como estava e que tratavam dele, mas, tirando isso, estava sozinho em Messa.

O meu pai, a minha mãe e eu estávamos sentados à mesa da sala de jantar a comer quando a Cheryl entrou em casa sem avisar.

A última vez que ouvira alguma coisa dela ela estava numa ilha qualquer com o namorado.

— Cheryl — disse a mãe, surpreendida, mas feliz por ver a sua viajante. — O que estás aqui a fazer?

— O quê? Uma rapariga já não pode visitar a própria família? —

Ela puxou a cadeira ao meu lado e sentou-se.

— Sempre — respondeu o meu pai. — Mas as últimas notícias foram

que estavas profundamente apaixonada por um rapaz chamado Jason, e que estavas a fazer rastas numa praia qualquer.

Ela abanou a cabeça.

— Verdade, isso aconteceu.

— Onde está o Jason? — perguntou a minha mãe.

— Bem, na verdade, é uma história engraçada. A mulher que me fez as rastas também acabou por ficar com o meu namorado. —

Ficámos todos tristes, e a Cheryl sorriu. — Ah, vá lá. Nada de tristezas. Vocês sabem o que eu digo sempre, quando a vida nos dá limões, encontremos *vodka*. — Ela pegou na minha mão e apertou-a. — E encontremos também a nossa família.

A minha mãe remexeu-se na cadeira e olhou para o meu pai com uma expressão triste. Eles mantiveram uma conversa sem palavras, até os seus lábios se separarem.

— Miúdas, agora que estão aqui, acho que este é o melhor momento para o vosso pai e eu vos darmos uma novidade.

Sentei-me mais direita, e a Cheryl também.

— O que é que se passa? — perguntou ela.

— A vossa mãe e eu... nós vamos... — O meu pai engoliu em seco e lançou-me um sorriso tenso. — Vamo separar-nos.

O quê?

Não.

— De que é que estás a falar? — perguntou a Cheryl, confusa.

Riu-se, nervosa. — Vá lá. Vocês não podem separar-se. Isso é-ridículo.

— Bem, já há algum tempo que estava para acontecer —

explicou a minha mãe, com uma voz trémula. — E agora que a Maggie já é capaz de sair de casa, achamos que chegou o momento.

— Na verdade, é pelo melhor. Para todos nós — mentiu o meu pai com todos os dentes.

Eu também sabia que ele estava a mentir, porque se estivesse a dizer a verdade, os seus olhos não estariam tão tristes.

Depois do jantar, a Cheryl entrou no meu quarto, onde eu estava deitada na cama, a ouvir música no meu iPhone. Deitou-se ao meu lado e pegou num dos lados dos auscultadores para também poder ouvir.

— Tenho vinte e sete anos e, de algum modo, sinto que quero voltar a ser uma adolescente angustiada, rastejar para o meu armário e ouvir várias vezes o álbum *Autobiography* da Ashlee Simpson, porque os meus pais vão separar-se.

Tenho vinte e oito anos e sinto o mesmo.

— Como está o Brooks? — perguntou ela, inclinando a cabeça na minha direção.

Encolhi os ombros.



Ele disse que precisava de espaço, que precisava de estar sozinho.

Ela assentiu.

— Percebi. Quando lhe pediste espaço, ele deu-to... por isso, percebo que deves estar a sentir que tens de fazer o mesmo.

Continuámos a ouvir música, e a Cheryl riu-se.

— Lembras-te de quando éramos miúdas e de eu te ter dito «Não sei o que estou a fazer com a minha vida», ou qualquer coisa do género? — Ela começou a rir-se. — Dez anos depois e as palavras ainda soam verdadeiras.

Mesmo que aquele pensamento fosse deprimente, não conseguimos deixar de nos rir daquilo — às vezes, tudo aquilo de que eu precisava para me descontraír era da minha irmã e de algumas gargalhadas.

Passados segundos, começámos a ouvir o «Pieces of me», da Ashlee Simpson, abanando a cabeça para trás e para a frente.

Ouvimos o álbum repetidas vezes, até as nossas mentes regressarem

aos nossos dias de infância.

Sempre que a música «LaLa» recomeçava, levantávamo-nos e dançávamos uma com a outra. Apesar de me sentir orgulhosa por a Cheryl viajar pelo mundo, estaria a mentir se dissesse que não estava feliz por ela ter voltado para casa.

Apesar de o Brooks me ter pedido espaço, eu tinha de lhe recordar que não estava sozinho, da mesma maneira que ele sempre mo recordara. Enviava-lhe uma mensagem de texto todas as manhãs.

Maggie: Hoje estás bem, Brooks Tyler?

Brooks: Estou bem, Maggie May.

Depois, uma mensagem todas as noites.

Maggie: Hoje estás bem, Brooks Tyler?

Brooks: Estou bem, Maggie May.

Apesar de não ser o suficiente para deixar de me preocupar, às vezes era suficiente para me ajudar a dormir.

33

BROOKS

A vila de Messa era minúscula. O lago ocupava a maior parte da região. Não havia muita coisa por ali, exceto uma mercearia, uma escola, uma estação de serviço e uma biblioteca, todas alinhadas na margem do lago. Ficava tudo do lado oposto à cabana da Sr.^a

Boone, o que era ainda melhor. Aquilo fazia-me sentir ainda mais sozinho. Só ia à vila para comprar comida, depois voltava para a cabana.

O único outro lugar que eu achava que merecia ser visitado ficava nos arredores de Messa — um bar.

Era uma espelunca.

Ninguém sabia que existia, o que o tornava perfeito para mim.

Tinha uísque, dor e solidão, contidos entre as suas paredes silenciosas.

Eu não deixara de ler fóruns *online* a meu respeito. Não deixara de ver

os fãs a virarem-se contra mim, rotulando-me de viciado em droga, chamando-me mentiroso e vigarista. Acreditavam em todas as mentiras com que os tabloides os alimentavam, virando-me as costas como se eu não lhes tivesse dedicado a vida durante os últimos dez anos.

Como se eu fosse mesmo todas as palavras negativas escritas a meu respeito.

Eu sabia que devia ter parado de ler, mas não conseguia deixar o telemóvel ou o uísque. Os comentários daqueles que diziam que me tinham amado magoavam-me mais do que deviam.

Limitem-se a substituir o drogado. Já foi feito antes!

O meu irmão morreu por causa do álcool. O facto de o

*Brooks ser tão imprudente é preocupante. Espero que ele
encontre ajuda, no centro de reabilitação.*

*Ele é uma desgraça para a música. Milhões matariam para ter
a sua vida, e ele simplesmente deitou-a fora.*

*Pedaço de merda de celebridade. Apenas outra história da
fama a chegar à cabeça de uma pessoa.*

*Isto é, tipo, a sua quinta vez na reabilitação. Talvez seja hora
de começar a perceber que nada vai mudar.*

*Ele estará morto aos trinta, tal como aconteceu a todos os
outros «grandes» artistas viciados em droga.*

Estendi a mão para que o *barman* voltasse a encher-me o copo de uísque, enquanto as palavras me ficavam gravadas na mente.

Também havia comentários de apoio, mas por algum motivo aqueles pareciam ser mentira. Porque é que os comentários negativos de estranhos parecem magoar-nos mais?

— Acho que já bebeste o suficiente — disse o *barman*, com uma voz severa mas simultaneamente suave, quando afastou a garrafa de uísque.

Tinha um bigode prateado e grosso cheio de segredos, mentiras e migalhas de batatas fritas. Sempre que falava, o bigode dançava-lhe por cima do lábio superior, e as palavras saíam-lhe pelo canto esquerdo da boca. O seu cabelo cinzento era longo e encaracolado, e ele usava-o preso num rabo de cavalo. O rabo de cavalo de um velho. Devia ter mais de setenta anos, e de algum modo parecia fixe, calmo e composto.

O completo oposto de mim.

Todas as manhãs e noites, eu mentia à Maggie quando lhe mandava as mensagens de texto.

Fechei os olhos e esforcei-me para me lembrar do nome do *barman*, que ele já me dissera centenas de vezes durante o meu estado de embriaguez.

Hector rima com dor.

Nos últimos tempos, o Hector era a coisa mais próxima que eu tinha de um amigo. Lembrei-me da primeira vez em que o conheci, duas semanas antes, quando entrei no seu bar. Durante as últimas

semanas eu andava muito mal. Na primeira vez que ele me viu eu tinha os ombros descaídos quando me sentei. Cruzei os braços, deixei a cabeça pousar sobre eles, e tentei esquecer as minhas memórias no reservado de canto daquele bar vazio. Ele não me fez perguntas. Naquela noite, limitou-se a trazer-me uma garrafa de uísque e um copo com gelo, fazendo o mesmo nas noites seguintes.

— Mais um — murmurei, mas ele franziu a testa e abanou a cabeça.

— É uma da manhã, amigo. Não achas que talvez devesses ir para casa?

— Casa? — resmunguei, estendendo a mão para a garrafa, que ele se recusou a dar-me. Olhei para os seus olhos azuis e senti um aperto no coração. *Casa*. — Por favor? — implorei. Implorei...

implorei por álcool. Que patético. — Por favor, Hector?

— Theodor — corrigiu ele, com um sorriso amarelo.

Raios.

Hector rima com dor, que rima com Theodor, que é o seu nome.

— Foi o que eu disse.

— Não, não foi o que disseste. Mas, provavelmente, foi o que quiseste dizer.

— Sim, foi isso que quis dizer, Theodor. Theodor. Theodor.

Quantas vezes conseguiria dizer o seu nome antes de voltar a esquecê-lo?

Ele sentou-se à minha frente e revirou as pontas do bigode.

— Estás a beber para esquecer? — perguntou.

Engoli em seco e não respondi.

— Isso está mau, hein?

Não respondi, mas empurrei o copo vazio na sua direção.

Naquele dia, quando entrara na mercearia, o meu rosto estava estampado nas capas das revistas, que falavam de um colapso mental que eu não sabia que estava a ter. Além disso, descobri que era viciado em heroína e que tinha saído dos The Crooks devido ao meu vício.

Depois, cometera o erro de ir à Internet e ler mais coisas a meu respeito. Sentia-me perplexo ao ver quantos dos meus fãs alimentavam as mentiras.

Assim, era mais fácil para mim manter-me bêbedo. O Theodor voltou a empurrar o copo na minha direção.

— Cretino — murmurei.

Antes de ele poder responder, um grupo de raparigas embriagadas entrou no bar. Estavam completamente bêbedas, a falar muito alto, e todas vestidas de cor-de-rosa, dos pés à cabeça.

Exceto uma, que estava toda de branco. Era uma despedida de solteira. *Excelente*. O Theodor levantou-se e dirigiu-se ao bar para as servir.

— Oh, meu Deus! Este lugar é tãooooo adorável — riu-se uma.

— Mal consigo acreditar que o encontrei! — gritou outra.

Pareciam estar a participar numa espécie de caça ao tesouro, e uma das suas descobertas era uma espelunca — perfeito.

Enfie-me mais no meu reservado, querendo apenas estar sozinho.

Correram todas para o bar, a rir.

— O que é que vos posso servir, senhoras? — perguntou o Bert.

Elas gritaram em uníssonos, erguendo as mãos no ar:

— *FIREBALL!*

Os meus olhos fecharam-se, e estava de volta àquele barco.

— *Isso é só porque a querida da Maggie May não fala. Se o fizesse, aposto que ela diria alguma merda poética. — Interrompeu-se, e os seus olhos arregalaram-se. — BATOTA! Mencionei uma rapariga. Preciso de um shot ! Fireball !*

Ele lançou-se na direção da garrafa de Fireball e, ao fazê-lo, o barco oscilou. O seu corpo curvou-se, levando a que ele ficasse pendurado na borda. Agarrei-o com toda a força, empurrando-o de volta para dentro do barco.

Abanei a cabeça. *Para.* Enquanto deslizava pelo reservado, planeando sair pela porta das traseiras, uma das raparigas viu-me.

— Oh. Meu. Deus — sibilou.

Baixei a cabeça sobre a mesa e tentei agir normalmente.

— Tiffany! Olha, aquele não é...?

A loira virou-se na minha direção.

— Oh, meu Deus! É o Brooks Griffin! — gritou ela.

As raparigas começaram todas a gritar e correram para a minha mesa. Jurei que de início eram apenas algumas, mas a minha visão desfocada estava a confundir-me mais do que o normal. Elas espetavam os seus telemóveis com máquinas fotográficas na minha cara, e esforcei-me para as afastar. Em seguida, inundaram-me com perguntas e comentários.

— Oh, meu Deus, Brooks. Lamento imenso o teu acidente.

- Oh, meu Deus! Perdeste os dedos?
- Isso significa que nunca mais vais poder tocar guitarra?
- Vais continuar a compor música?
- Podemos pagar-te um *shot*?
- Podemos tirar-te uma fotografia?
- Amo-te tanto!
- A história da droga é verdadeira?
- Não! Ele não iria... irias? Não posso julgar-te.
- Eu fumo erva.
- O meu primo era viciado em comprimidos.
- O Brian?
- Não, o West.
- O que é que aconteceu com a Sasha?
- Ela enganou-te?
- Foste tu que a traíste? Li um artigo acerca de ti e da Heidi Klum...
- Vocês não me conhecem! — gritei, as minhas mãos fechando-se em punhos. — Por que raio é que continuam todos a agir como se me conhecessem? Nos noticiários, na Internet, nos tabloides —

gritei, a garganta a arder-me, enquanto berrava com aquelas raparigas que não estavam a tentar ser ofensivas. — Ninguém sabe o que é ser-se eu. Ninguém sabe como é não se poder fazer aquilo



que se ama. A minha vida era a música, e agora mal consigo falar.

Não posso... ninguém sabe...

Não consegui continuar a falar. Estava bêbedo, e o pescoço doía-me. Demasiadas palavras. Demasiadas emoções. As raparigas calaram-se, sem saber o que fazer, o que dizer.

— Desculpem — murmurei. — Não quis...

— Tudo bem — disse uma delas, os seus olhos com uma expressão culpada. — Desculpa-nos.

Depois disso, deixaram-me em paz e saíram do bar.

O Theodor estava parado perto de mim, a olhar na minha direção, sem dizer palavra. A sua cabeça inclinou-se para a esquerda e depois para a direita, e, passados segundos, estava outra vez sentado à minha frente. A sua mão pousou em cima da minha, e ele apertou-me ao de leve, um aperto que me fez lembrar a Maggie, porque tudo no mundo me lembrava dela.

O Theodor pegou na garrafa de uísque e serviu-me outro copo.

Não se desculpou, nem me disse palavras vazias para me mitigar a dor.

Em vez disso, deu-me uísque para afogar as memórias.

Enquanto bebia, o uísque queimou-me a garganta. Aquela sensação de ardor fez-me lembrar os rumores, as mentiras, o acidente, as cicatrizes. Recordou-me todas as dores que viviam no meu peito, até conseguir fechar-me completamente a mente.

Eu levantava-me todas as manhãs por força de hábito. Escovava os dentes, tomava banho e vestia-me, devido às minhas rotinas ao longo da vida, mas aquelas eram praticamente as únicas coisas que eu fazia. Acordava, lia mentiras, bebia, deitava-me.

Os rapazes tentaram convencer-me a deixá-los ficar comigo, mas recusei. O que acontecera não fora culpa deles, fora minha. Eu quase os obrigara a sair no barco, quando eles queriam apenas descontraí-los dentro de casa.

A cabana da Sr.^a Boone era o melhor lugar para fugir do mundo.

Não havia máquinas fotográficas constantemente a seguir-me, tentando prever qual seria o meu futuro. Eu podia limitar-me a ficar sozinho.

Os únicos dias em que alterava as minhas atividades diárias eram os dias em que chovia.

Quando chovia, eu sentava-me no meio do lago, numa pequena canoa.

Remava até ao centro do lago enquanto as gotas de chuva caíam em cima de mim. Quando o céu se mostrava ruidoso, eu permanecia calado e imóvel.

Apesar de ter ido para a cabana para me encontrar, a cada dia que passava sentia-me mais perdido. Também conseguia senti-la, aquela mudança em mim. Estava a tornar-me mais frio. Estava a tornar-me um estranho aos meus próprios olhos.

Avançava por uma estrada que nunca me conduziria a casa.

34

MAGGIE

— Por agora já chega — disse o meu pai, trazendo a última caixa do camião.

Tínhamos, de algum modo, regressado no tempo até ao momento em que éramos apenas nós os dois, num apartamento minúsculo, sonhando com um mundo maior. Só que desta vez havia uma irmã de rastas, que não nos deixava.

Naquela noite, a Cheryl foi a casa para ficar com a mãe, e eu dormi num colchão de encher no chão de um dos quartos, enquanto o meu pai dormia no outro num colchão semelhante. Por volta das três da manhã, acordei ao ouvir movimento no apartamento.

Sentando-me, entrei na cozinha na ponta dos pés para encontrar o meu pai bem acordado, a fazer café. Quando ele se virou para mim, quase teve um ataque cardíaco.

— Céus, Maggie! Assustaste-me.

Esbocei um sorriso de desculpas e peguei no meu quadro antes de me sentar em cima da bancada.

— Não consegues dormir? — perguntou ele.

Ouvi-te a andar pela casa. Estás bem?

Ele fez uma careta.

— Pensei que era desta vez, sabias? Pensei que ela fosse para sempre.

— Serviu duas canecas de café e depois entregou-me uma.

— Quando conheci a Katie, ela era um raio de sol. Tinha uma energia

enorme, que se espalhou através de mim. Não sei o que lhe aconteceu ao longo dos anos, mas ela começou a mudar. Tornou-se mais fria... Perguntei-me se teria sido algo que eu fiz, algo que disse, mas perdi a minha mulher há muito tempo. Mas eu também mudei.



»Convenci-me de que ela estava apenas a passar por uma fase, que, de certo modo, aquilo que te aconteceu também lhe aconteceu a ela, não diretamente, apenas um tipo de causa e efeito. Mas as coisas começaram a piorar cada vez mais. A mulher que eu conhecia desapareceu aos poucos, todos os dias, mesmo à minha frente. E o homem que eu era também desapareceu.

Sentes a falta dela?

Ele passou os dedos pela têmpora.

— Sinto falta da ideia de sentir a sua falta. A verdade é que deixei de sentir a sua falta mesmo quando ela estava na mesma sala que eu. Com o passar do tempo, quis partir. Mas não podia apressar-te.

Não podia fazer-te sair quando ainda não estavas preparada.

O meu coração caiu. Ele só ficara com ela por minha causa. Fora infeliz para me manter em segurança.

Desculpa-me por te ter feito ficar.

Ele abanou a cabeça.

— Voltaria a fazer a mesma coisa num piscar de olhos.

Ficámos sentados a beber o café no escuro, sem falarmos. O

meu pai e eu éramos muito bons a permanecermos juntos em silêncio. Parecia sempre certo. Pouco antes de voltar a deitar-me, ele disse:

— O que é que aconteceu quando o verbo pediu ao pronome para se conjugar?

Sorri da sua piada e respondi. ***O pronome declinou.***

Ele riu-se para si mesmo.

— O pronome declinou.

Enquanto se dirigia ao seu quarto, virou-se para mim e disse aquilo que estava a evitar dizer a si mesmo.

— Sinto a falta dela.

Apesar das discussões, apesar da dor, ele ainda a amava. Era aquilo que acontecia com o amor. Não desaparecia porque lhe dizíamos para desaparecer. Limitava-se a ficar silencioso, a sangrar com a dor, ainda a orar para que não o deixássemos escapar.

— Ele ainda não arrumou as suas coisas — disse-me a Cheryl, da sala de estar.

O meu pai estava sentado na ilha da cozinha, a beber outra caneca de café. Já nos tínhamos mudado há uma semana para o novo apartamento, mas o quarto dele ainda estava contido dentro de caixas.

— Porque é que achas que ainda não o fez?

Está à espera de que ela lhe peça para voltar para casa.

Os olhos da Cheryl fixaram-se, e as suas sobrancelhas aproximaram-se, pensativas.

— A mãe não é melhor. Não estou a tentar julgá-la, mas pela oleosidade do seu cabelo e o enxame de moscas que a segue, duvido que ela até tome banho.

Ri-me da minha irmã dramática.

— O amor é difícil, não é?

Sim.

— É por isso que vou arranjar um gato. Os gatos não precisam de nós, a não ser de comida e de um caixote de areia. Também é só isso que quero das minhas relações. Deem-me alguns *tacos* e uma casa de banho para utilizar depois de comer os *tacos* e posso viver feliz para sempre. Vou *mesmo* arranjar um gato. E talvez coma *tacos* ao jantar. Limpas o caixote por mim?

Não. Provavelmente não.

— Então, está bem. Não vou *mesmo* arranjar um gato.

Ri-me. O meu telemóvel começou a tocar, e atendi, usando o FaceTime.

— Ei, mana! — disse o Calvin, sorrindo para o telefone.

Acenei, e a Cheryl apareceu para que ele pudesse vê-la.

— Ei, mano! — gritou ela, acenando-lhe.

— Ah, duas pelo preço de uma. Estou a curtir as rastas, miúda.

Vim a Los Angeles com os rapazes por causa de algumas reuniões e outras coisas, e só tenho alguns minutos livres antes de a próxima reunião começar. Mas estava a ligar para te pedir ajuda, Maggie.

Arqueei uma sobrancelha.

— Liguei ao Brooks e ele parecia bastante embriagado quando atendeu. Não falou comigo durante muito tempo, mas acho que está em baixo. Sei que ele disse que precisava de espaço, e sei que estás a dar-lho porque ele fez o mesmo por ti no passado, mas isto é diferente. Percebo que ele tenha de se recompor, mas não me parece que seja isso que ele está a fazer. Acho que ele está a fazer o contrário, e estava a pensar que talvez pudesses ir ver como é que ele está.

Respondi que sim. Se o Brooks estava perdido, eu estaria lá para ele. Num piscar de olhos. Às vezes, quando as pessoas achavam que precisavam de espaço, elas realmente precisavam de tudo, menos disso.

Levas-me até lá? , perguntei à minha irmã.

Ela assentiu.

— Claro. — Ela esfregou o estômago. — Mas, primeiro, podemos ir comer *tacos*?

Pingos de chuva caíam sobre a pequena vila de Messa quando a Cheryl e eu chegámos à cabana. Tirámos as minhas malas do carro e dirigimo-nos ao alpendre da frente. Bati na porta algumas vezes e não recebi qualquer resposta do Brooks. O meu estômago revirava-se, pensando as piores coisas possíveis. Sentia-me grata por a Sr.^a

Boone me ter dado uma chave sobressalente quando soube que eu ia ficar com o Brooks durante algum tempo.

Virando a maçaneta, abri a porta da frente, mas o Brooks não estava

em lugar algum, o que era estranho, porque o seu carro estava estacionado em frente da casa.

Talvez tivesse ido à vila a pé.

Tirei o meu quadro.

Podes ir, Cheryl.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Tens a certeza? Não quero que fiques aqui, se não conseguires encontrá-lo...

Eu fico bem. Prometo. Ligo-te se precisar de alguma coisa.

Ela mostrou-se hesitante em partir, mas depois de a convencer durante mais um bocado, acabou por o fazer. Esperei pelo regresso do Brooks, sentada na sala de estar, mas ele não voltou. Passado algum tempo, peguei num guarda-chuva e saí, para andar pela vila enquanto as gotas de chuva continuavam a cair. Quando cheguei à biblioteca local, corri para o interior, levando o meu quadro comigo.

A biblioteca era imensa para uma vila tão pequena, e fez-me sentir como se tivesse regressado ao meu quarto, cercada pelas minhas histórias favoritas. Quando entrei, uma mulher que estava sentada atrás do balcão da receção sorriu-me. Tinha uma expressão doce, com os seus olhos de chocolate e os seus cabelos grisalhos curtos. O seu crachá dizia: «Sr.^a Henderson».

— Olá, precisa de ajuda?

Comecei a escrever.

Ando à procura de uma pessoa, e não tenho a certeza se alguém o viu ultimamente.

Ela riu-se.

— Querida, eu sei que isto é uma biblioteca, mas não precisas de estar em silêncio.

Fiz uma careta, bati na garganta e abanei a cabeça.

Ela franziu a testa.

— Oh, não falas? Lamento imenso. OK, bem, de quem é que estás à procura?

Brooks Griffin.

Ela semicerrou os olhos.

— Bem, não penses que podes chegar aqui, seres muito querida, e depois transformares-te numa perseguidora daquele pobre rapaz.

Ele já passou por isso. A última coisa de que precisa é de alguém a aparecer para o incomodar por um autógrafo, ou qualquer coisa do género

Eu sou sua amiga.

— Prova-o.

Enfiando a mão no bolso, tirei o meu telemóvel, e mostrei-lhe fotografias minhas e do Brooks abraçados.

Ela sorriu.

— Parece que vocês são amigos íntimos. OK, bem, está a chover, por isso ele só pode estar num lugar. Vem, segue-me. Vou mostrar-te. Mas se retocaste essas fotografias com Photoshop, vou ligar ao Lucas. Além de ser o polícia local, também é o meu marido.

Pegou no guarda-chuva, depois conduziu-me para fora da biblioteca e atravessou a estrada até à margem do lago Messa.

— Estás a vê-lo? — perguntou ela.

Abanei a cabeça.

— Ali. — Ela apontou para a água. — Aquele ponto pequeno é ele. Ele e a sua canoa minúscula — disse a Sr.^a Henderson, olhando na mesma direção em que eu estava a olhar. O Brooks estava sentado no meio do lago, na sua canoa solitária. A chuva caía em cima dele, mas ele mantinha-se imperturbável. — Só vai para ali quando chove, nunca nos dias de sol.

Inclinei a cabeça para a Sr.^a Henderson, que parecia maravilhada, e ela encolheu os ombros antes de voltar a falar.

— Muitos habitantes da vila acham que ele vai para ali, durante as tempestades, para tentar afogar-se.

Mas eu sabia que não era isso. Eu sabia que o melhor lugar do mundo para se tentar respirar era debaixo de água.

35

BROOKS

Quando a chuva diminuiu, comecei a remar de regresso à cabana. Era tarde, por volta das onze da noite, quando as nuvens decidiram prosseguir para a localidade seguinte. Prendi a canoa ao pontão, e passei as mãos pelos cabelos ensopados, sacudindo um pouco do excesso de água.

— Merda — murmurei para mim mesmo, completamente gelado.

A única coisa que queria era entrar na cabana, mudar de roupa e arrastar-me para a cama. No entanto, quando me aproximei mais da casa, o meu peito apertou-se, ao ver alguém deitado no baloiço do alpendre, a dormir. Malditos *paparazzi*. Não seria a primeira vez que tentavam acampar na cabana para obter informações a meu respeito, mas, normalmente, o Lucas, o xerife da cidade, era bom a afastá-los.

Depois de horas e horas de solidão na água, não conseguia lidar com um maluco qualquer, sentado no exterior da cabana, a tirar fotografias minhas.

Avancei até ao alpendre e disse:

— Oiça, seu idiota. Se não tem nada melhor para fazer do que tirar fotografias minhas...

A voz falhou-me, quando uma Maggie sonolenta começou a acordar, alerta e alarmada. Ela saltou um pouco no baloiço, assustada, estendendo a mão para o pescoço. Quando os seus olhos se encontraram com os meus, as suas mãos afastaram-se.

— Maggie? — engasguei-me, quase duvidando das minhas palavras. O meu peito apertou-se mais. — Que raio estás a fazer aqui? — exclamei, um pouco confuso, um pouco zangado, mas feliz.

Sobretudo feliz.

Tão feliz por a ver.

Ela remexeu atrás das costas, procurando qualquer coisa.

Quando as suas mãos se voltaram a levantar, ela ergueu um quadro no

ar, e dei por mim a olhar para a minha própria letra.

Um dia vais acordar e sair de casa, Magnete, e descobrirás o mundo. Um dia verás todo o mundo, Maggie May, e, nesse dia, quando saíres e respirares pela primeira vez, quero que vás à minha procura. Aconteça o que acontecer, vai à minha procura, porque vou ser eu a mostrar-te tudo isso. Vou ajudar-te a riscar as coisas da tua lista de coisas a fazer. Vou mostrar-te o mundo inteiro.

Ela levantou-se, e a sua roupa estava encharcada, como se também ela tivesse passado a noite à chuva. Espirrou e começou a tremer de frio.

A Maggie ficou ali a olhar para mim, à espera de que eu dissesse mais alguma coisa, qualquer coisa. Quando os nossos olhos se encontraram, muitos pensamentos atravessaram-me a cabeça, mas não eram pensamentos que eu merecia pensar. Não me achava digno de sentir a sua falta. Não me achava digno de a abraçar. Não me achava digno de a amar.

Tudo o que fizera era beber, e dormir com a minha autocomiseração.

Ela merecia mais do que a minha tristeza. Como é que poderia mostrar-lhe o mundo quando me esforçava para o evitar?

— Entra, para te secares — disse-lhe.

Vi uma ligeira expressão de tristeza atravessar-lhe o rosto, enquanto assentia. Era quase como se ela esperasse que eu fizesse a mala e me juntasse a ela na sua jornada para completar a sua lista de coisas a fazer.

Foi a primeira vez que senti que a tinha mesmo dececionado.

Entrámos na cabana, e reparei nas malas que estavam na sala de estar.

— São tuas?

Ela assentiu.

— Volto já. — Dirigi-me ao meu quarto e corri imediatamente para a

casa de banho, onde salpiquei o rosto com água. — Céus, Brooks.

Compõe-te.

Ver a Maggie abalara-me. Ser recordado de algo tão belo quando tudo o que sentia ultimamente eram coisas feias era uma transição difícil. Vê-la fez-me querer respirar, quando nas últimas semanas tudo o que conseguia fazer era conter a respiração.

— Como é que chegaste aqui? — perguntei, voltando e encontrando-a a secar o cabelo com uma toalha e a vasculhar a mala, à procura de um pijama.

Ela rabiscou.

A Cheryl.

Suspirei.

— É tarde, e estou um pouco bêbedo, por isso só amanhã é que posso levar-te para casa. Podes ficar uma noite, mas depois tens de ir. Vou mostrar-te um quarto.

Ela fez o que eu disse, e levei-a até ao quarto com a decoração europeia.

— Podes ficar aqui até amanhã, depois levo-te a casa. Logo de manhã, Maggie. Se quiseres, no frigorífico há a piza de ontem, e alguns refrigerantes. Boa noite.

Mantive as coisas resumidas. Naquela noite, não queria mergulhar em nenhum tipo de conversa com a Maggie, porque ela tinha uma maneira de melhorar as coisas. Eu não queria sentir-me melhor.

Eu não queria sentir nada.

Virando-me para sair, fechei os olhos quando senti os seus dedos pousarem no meu antebraço.

— Maggie — sussurrei, hesitante, mas ela puxou-me contra o seu corpo. Olhei para os seus olhos azuis, e ela lançou-me o seu sorriso perfeito. — Não posso fazer isto agora — disse-lhe, mas ela não me soltou. Afastei-me dela. — Não posso. Desculpa, não posso fazê-lo.

Saí do seu quarto, antes de me virar para ver a sua reação. Ao entrar no meu quarto, bati com a porta, peguei na minha garrafa de

Jack Daniel's e tentei esquecer como era voltar a sentir.

— Porque é que estás a cozinhar? Temos de ir — gritei à Maggie na manhã seguinte, quando a encontrei na cozinha a fazer panquecas.

Não estava a perceber. Na noite anterior, fora bruto com ela.

Deixara bem claro que iríamos partir logo de manhã.

Ela não se virou. Continuou a cozinhar.

— Maggie! — gritei, e continuei sem resposta.

Revirei os olhos, fui até ao frigorífico e abri-o para tirar uma cerveja. Mas não havia ali cerveja nenhuma.

— O que é que tu... — Tudo bem. Fui até ao bar, abri-o e também não encontrei ali nada. — Estás a gozar? — grunhi. — Maggie, onde está o meu álcool?

Sem resposta.

— Céus, Maggie. Tu és muda, não és surda!

Ela virou-se para mim, semicerrou os olhos e lançou-me um olhar assassino que, de algum modo, me forçou a pedir-lhe desculpa.

— OK, a sério. Onde estão as minhas coisas?

Ela apontou para as garrafas vazias no lava-loiça. As minhas entranhas reviraram-se, e respirei fundo.

— Tens de ir para casa, Maggie. Tens de pegar nas tuas malas para que eu possa levar-te a casa... agora mesmo.

Ela aproximou-se de mim e colocou uma mão reconfortante na minha face. Depois, os seus dedos roçaram ao de leve a cicatriz no meu pescoço. Fechei os olhos. Aquilo era demasiado. O seu toque deixara-me reconfortado.

— Não devias estar aqui — disse-lhe, a minha mão caindo sobre a dela. Pigarreei. — Pedi-te espaço... — Engoli em seco.

Os seus lábios deslizaram sobre os meus, e ela levantou a mão direita.

Cinco minutos.

Fechei os olhos.

— Não posso...

Ela puxou-me para mais perto dela e pousou as mãos sobre o meu peito. Quando abri os olhos, ela olhava-me com uma expressão esperançosa.

— OK. — Remexi-me e apertei as suas mãos entre as minhas. —

Cinco minutos.

No primeiro minuto, tive uma dificuldade enorme em encará-la.

Ela fazia-me recordar tudo o que eu sempre quisera, e tudo aquilo que já tinha perdido. No segundo minuto, ela recordou-me os melhores dias da minha vida. No terceiro, pensei em música. A Maggie fazia-me sempre pensar em música. Ela era a minha música.

Ela aproximou-se e eu recuei, soltando-a.

Abanei a cabeça.

— Não. Não podes consolar-me. Lamento. Não posso estar perto de ti. Desculpa, Maggie. Vou à vila e, quando voltar, por favor, prepara-te para te ires embora. — Virei-me para sair, envergonhado pela minha insensibilidade, e quando cheguei à porta disse a minha verdade. — Não podes consertar-me, Maggie. Tens de me deixar afogar.

36

MAGGIE

Eu não me ia embora, e isso irritou-o.

Cada dia que passava eu via duas versões diferentes do Brooks Tyler Griffin. A primeira era silenciosa, e passava por mim sem proferir palavra. Durante todo o tempo em que eu o conhecera, ele nunca me fizera sentir invisível até chegar àquela cabana.

A segunda versão do Brooks era a versão bêbeda, rude e idiota.

Era um lado dele que eu não sabia que existia. Chegava a casa muitas vezes embriagado e aos tropeções, e aproximava-se de mim, dizendo-me como eu era patética, e como deveria prosseguir com a minha

vida, porque nunca ficaríamos juntos. Nunca teríamos um futuro.

— Quero dizer, olha para ti. Estás aqui sentada à minha espera.

O que é que se passa contigo? — Ele arrastou-se, tropeçando de um lado para o outro junto da minha porta, às três da manhã. —

Para de te envergonhares, Magnete. Isso não vai acontecer. Não tens uma lista qualquer de coisas para fazer? — Riu-se e caiu para trás contra a parede. — Ou estás com demasiado medo de fazer alguma coisa por conta própria?

Era naquelas noites que me apetecia partir. Era naquelas noites que eu queria desistir e deixar o Brooks abandonado à sua própria tristeza.

Porém, depois, apertava o meu colar da âncora e lembrava-me de todas as vezes em que ele estivera ao meu lado.

À noite, tomava banhos, mergulhava na água e lembrava-me. *Isto não é ele. Isto não é ele. Isto não é o meu amor...*

Se eu o deixasse quando as coisas ficassem difíceis, o que é que isso dizia a meu respeito? Como é que eu poderia perdoar-me se a mente dele ficasse demasiado sombria e ele se afastasse? Nos dias



em que mais precisara dele, o Brooks mantivera-se sempre ao meu lado, e eu devia fazer o mesmo por ele.

Estar-se apaixonado por alguém não significa que só se ama essa pessoa durante os momentos ensolarados. Significa que também se está ao seu lado durante as noites enubladas.

Ele já não amava a pessoa que via refletida no espelho. Já não via a pessoa divertida, encantadora e tola que costumava ser. Já não se ria, e esforcei-me para me lembrar da última vez em que ele sorrisse.

O meu trabalho era recordá-lo.

O meu trabalho era ser a sua âncora.

O meu trabalho era ficar e amá-lo através de tudo.

Nos dias em que o Brooks estava pior, eu tinha de sair. Ia à vila e explorava as pequenas lojas, mas não pensava no quão difícil isso seria

para mim. Reparava em tudo — em todos os cheiros, sons, pessoas. A minha mente estava num alerta constante, avisando-me dos perigos do mundo. A ideia de não saber o que iria aparecer do outro lado da esquina horrorizava-me.

Quando um homem acidentalmente chocou contra mim, tropecei nos meus próprios pés e caí no chão, encolhida de medo. Ele pediu desculpa várias vezes e tentou ajudar-me, mas eu estava com vergonha de aceitar a sua ajuda.

Como não podia voltar para a cabana, ia para o lugar que mais me recordava a minha casa — a biblioteca. Visitava a biblioteca de Messa todos os dias e sentava-me num recanto a ler, para afastar a minha mente do mundo. A Sr.^a Henderson ia sempre ter comigo e dava-me um pedaço de chocolate, piscando-me um olho.

— Não é permitido comer ou beber na biblioteca, mas como és tão boa a misturares-te com as paredes, acho que posso deixar-te fazê-lo.

Obrigada, escrevi.

— De nada. — Ela puxou a outra cadeira para junto da mesa e sentou-se. — Importas-te que hoje te faça um pouco de companhia?

Fiz-lhe sinal para ela se sentar. Qualquer pessoa que me trouxesse chocolate todos os dias podia sentar-se comigo.

— O que estás a ler? — perguntou ela.

Mostrei-lhe a capa.

— Ah, *Persuasão*, da Jane Austen. É uma das minhas obras favoritas da sua autoria. Depois d' *A Abadia de Northanger*.

Assenti, apreciando a opinião sábia da Sr.^a Henderson sobre o trabalho de Austen.

Ela enfiou a mão no bolso, tirou um pedaço de chocolate e colocou-o na boca.

— Gosto de pensar que o *Persuasão* é uma mistura perfeita de momentos profundos, e muito divertido.

Aquela mulher sabia o que fazia uma história maravilhosa.

— Então, já te contei que o meu marido é o xerife, não contei?

Ela sorriu.

— Se conhecesses o Lucas, irias pensar que ele nasceu do mais doce pedaço de chocolate. A sua voz é reconfortante, e tem uma personalidade tão radiante que todos o adoram instantaneamente.

Há qualquer coisa nele; quando entra numa sala, a sua energia torna o lugar mais brilhante. Ele é o amor da minha vida, e posso dizer que o Brooks é o teu, certo?

Sim.

Ela colocou outro pedaço de chocolate na boca.

— Noventa e cinco por cento do meu casamento sempre foi cheio de felicidade. Casar-me com o Lucas foi a melhor decisão da minha vida, mas houve um momento na nossa história em que surgiram os restantes cinco por cento. Vivíamos numa cidade do interior, e o Lucas trabalhava no turno da noite como agente da polícia. Mal falava sobre o tipo de coisas que via lá fora, mas eu sabia que essas coisas o afetavam. Começou a sorrir menos, quase deixou de se rir, e tudo o que eu fazia era de algum modo errado aos seus olhos. Gritava comigo sobre as coisas mais ridículas. A máquina de

lavar loiça que vazava; o miúdo dos jornais que, por descuido, atirara o jornal para os arbustos. Esse tipo de coisa deixava-o enfurecido, e gritava comigo por causa disso. Coloquei a sua raiva sobre os meus ombros, dizendo a mim mesma que ele tivera um dia difícil. O meu doce Lucas trabalhava arduamente. Na sua profissão, trabalhava mais com a morte do que com a vida. Entrava em casas onde, às vezes, deparava com crianças que tinham perdido a vida por estarem no meio do fogo cruzado das discussões dos seus pais.

Estava cansado, por isso carreguei o seu cansaço. Disse a mim mesma que era a sua rocha, portanto tinha de aguentar o forte por nós os dois.

Ouvi as suas palavras, mal pestanejando uma única vez.

— Mas o problema das rochas é que, apesar de fortes, não são inquebráveis. Não podes permitir que alguém dê com uma marreta numa pedra sem esperar que a pedra comece a rachar. Deu muito trabalho, mas conseguimos ultrapassar as coisas, depois de eu ter tomado uma posição, recordando ao Lucas que era a sua companheira, não o seu saco de boxe. — A Sr.^a Henderson inclinou-se para mais perto e colocou um pedaço de chocolate na minha mão. — Vejo isso

nos teus olhos, doce menina. A maneira como carregas a sua dor no teu peito. A maneira como estás a ir-te abaixo, enquanto tentas parecer forte. Li alguns dos artigos acerca do Brooks, e eles são muito duros. O Brooks é uma alma sensível.

Provavelmente, é por isso que toda esta atenção dos órgãos de comunicação social é tão difícil para ele. As almas delicadas ficam mais magoadas quando o mundo lhes vira as costas. É por isso que és tão importante para ele. Tu és a sua verdade. Portanto, ajuda-o, mas mantém a tua posição. Não sejas o seu saco de boxe, Maggie.

Ama-o, mas ama-te também. Só porque ele está magoado isso não significa que tenha de te magoar — disse a Sr.^a Henderson. —

Promete-me que vais tratar de ti mesma?

Prometo.

— Bom. — Ela sorriu, e começámos a falar acerca de assuntos mais felizes. — Acho que nunca te perguntei o que é que planeias



fazer com a tua vida. Qual é o teu curso? — perguntou ela.

Na verdade, estou matriculada na universidade para me tornar bibliotecária.

A Sr.^a Henderson colocou o último pedaço de chocolate na boca e lançou-me um sorriso malicioso.

— Bem, querida, peço-te que reconsideres. Se puder ser franca contigo, acho que falas demasiado para trabalhar numa biblioteca.

Já pensaste dedicar-te à política? Eles falam o dia inteiro, embora quase nunca tenham muito a dizer.

Sorri. O mundo precisava de mais mulheres como ela. O mundo precisava de mais pessoas que se parecessem com o livro *Persuasão*: uma mistura perfeita de momentos profundos com alguns instantes de divertimento.

Na sexta-feira seguinte, o Brooks só voltou para casa às duas da manhã. Choveu durante todo o dia, e não consegui dormir, ouvindo a tempestade passar. Sentei-me na sala de estar, a ouvir a *jukebox* da Sr.^a

Boone a tocar música após música, à espera de que a porta da frente se abrisse.

Quando isso finalmente aconteceu, ofeguei, ouvindo a porta bater.

A versão dois do Brooks entrou pela porta, encharcada e bêbeda, depois de ter passado o dia no lago.

— Que raio é isso? — gritou ele, olhando para a *jukebox*. Com cinco passadas largas, dirigiu-se à máquina e desligou-a da parede.

— Não quero ouvir isso.

Rabugento.

Sempre que eu tocava música perto dele, ele forçava-me a parar.

Levantei-me, e voltei a ligar a máquina.

Eu *queria* ouvir música.

Ele levantou-se e espetou o peito.

— Não podes fazer isso, Maggie, não podes vir aqui e fazer essas merdas. — Voltou a desligar a *jukebox*, e eu a ligá-la. —

Raios, quando é que te vais embora? Não te quero aqui. O que é que não estás a perceber? Não te quero aqui! Estás a deixar-me doido. Estou farto e cansado desta merda. Estou farto de te tentares meter na minha vida, de tentares fazer-me sentir melhor, de me forçares a algo para o qual não estou preparado. Como é que te atreves a fazer uma coisa dessas? — Ele sibilou, bêbedo e magoado. — Durante mais de vinte anos deixei que fosses o que tinhas de ser, para poderes passar por aquilo que tinhas de passar.

Nunca te empurrei, nunca te pressionei, mas agora estás a fazer-me isso a mim. Quando há anos me disseste para partir, deixei-te. Deite espaço. Porque é que não podes fazer a mesma coisa? Estás a sufocar-me ao tentares salvar-me. Mas não vês? Não preciso de ti para me salvar. Não quero ser salvo. Estou acabado. Só quero que vás para casa. Porque é que não podes deixar-me em paz?!

O meu corpo tremia quando absorvi as suas palavras, que me atingiram com força.

Ele virou-se, passando os dedos pelo cabelo, irritado, chateado.

Quanto mais irritado se tornava, mais zangada eu ficava. Voltou a desligar a *jukebox*, e eu voltei a ligá-la.

Sempre que eu passava perto dele, o uísque no seu hálito atingia-me. Com um último puxão do cabo, o Brooks empurrou a *jukebox* com a mão direita.

— Já chega! Porquê? Por que raio é que não me deixas em paz como eu te deixei há tantos anos? Que se lixe a tua música, a tua esperança e a tua lista de coisas para fazer. Se estás à minha espera, isso nunca vai acontecer, Maggie. — Cada palavra atingia o alvo, cada palavra derrotava-me. — Estás a perder o teu tempo, portanto vai...

— TU PROMETESTE! — gritei, a minha voz embargada quando as palavras me voaram da boca.

Tapei a boca com as mãos, e o meu estômago apertou-se. Eu dissera aquilo? Aquelas palavras tinham vindo de mim? Aquela era a minha voz? O meu som? As minhas palavras?

Os seus olhos castanhos estavam perplexos, confusos com o som, com a minha voz. Eu estava tão confusa. Ele baixou os olhos para os meus lábios e aproximou-se.

— Repete o que disseste — implorou.

— Tu prometeste. — Aproximei-me dele, incapaz de esconder o meu corpo trémulo. O meu olhar caiu no chão, antes de levantar os olhos. — Prometeste que serias a minha âncora e prometi a mim mesma que, se precisasses de mim, eu seria a tua. Estou aqui por causa das promessas que fizemos, mas agora já não sei quem és

— sussurrei. — O rapaz que eu conhecia não gritaria comigo.

Nunca. O rapaz que eu conhecia não iria magoar-se tanto.

— Maggie.

— Brooks.

Os seus olhos fecharam-se, ao ouvirem-me proferir o seu nome.

— Outra vez? — pediu ele.

— Brooks — murmurei.

Quando ele abriu os olhos, eu estava mais perto. Os meus dedos

pousaram sobre o seu peito.

— Brooks... por favor, não faça isto. Não continues a afastar-me.

Quero ajudar-te, mas tu continuas a esmurrar-me todos os dias com a tua raiva, a tua dor, e eu não aguento mais. Não posso continuar a ser o teu saco de boxe. Não faça isto a ti mesmo — implorei. —

Não te afogues. É demais, e eu sei de que falo. Há anos que estou a afogar-me. Estás aqui sentado a matares-te a cada segundo, como se estivesses sozinho, mas não estás. — Peguei nas suas mãos, e coloquei-as sobre o meu peito. — Estou aqui. Estou aqui para ti, mas tens de deixar de me esmurrar com as tuas palavras.

Tens de parar de agir como se eu fosse o inimigo em toda esta situação.

Deixei cair as mãos, e ele ficou a olhar para mim, talvez atordoado pela minha voz? Ou talvez pelas palavras que a minha boca produzira.

— Vai ser difícil. Vai ser muito difícil. Não estou a recuar, mas não podes tratar-me assim, Brooks. Não podes transformar-te em algo

que não és. Tu não és um monstro. És o completo oposto de um monstro. És meigo, gentil e engraçado, e o meu melhor amigo. Tu sabes disso. Portanto, não vou sair daqui até voltares a encontrar...

— disse-lhe.

— A encontrar o quê?

Voltei a pousar as mãos sobre o seu peito, e beijei-o ao de leve na face, enquanto sussurrava:

— A tua voz.

37

BROOKS

Tu prometeste.

A sua voz. As suas primeiras palavras em anos, e foram dirigidas a mim devido à sua frustração. A verdade por trás daquelas palavras manteve-me acordado durante toda a noite. Bem como o som da sua voz. Eu odiava saber que a sua voz saía quando ela estava irritada, e em sofrimento. Odiava saber que fora eu a levá-la até àquele ponto.

Em que é que eu me tornara?

— Maggie — sussurrei, por volta das cinco da manhã. Bati-lhe ao de leve no ombro, enquanto ela dormia na cama. — Maggie, acorda.

Ela remexeu-se um pouco, antes de bocejar e esfregar o sono dos olhos. Levantou uma sobancelha, intrigada.

— Eu sei que é cedo, mas posso mostrar-te uma coisa?

Ela assentiu, e perguntei-me se teria imaginado anteriormente que ela falara. A Maggie levantou-se da cama, e levei-a até às traseiras da cabana, descendo o pontão, onde me sentei. Ela sentou-se ao meu lado.

Inclinando a cabeça, ela olhou para mim, os seus olhos semicerrados, e com uma expressão confusa.

— Número sessenta e sete da tua lista de coisas para fazer. Ver um nascer ou um pôr do Sol sobre a água.

Um pequeno suspiro escapou-lhe dos lábios, e ela olhou para o céu escuro que começava lentamente a acordar.

— Tu viras-te e reviras-te durante toda a noite enquanto estás a dormir — disse ela.

— Sim. Eu sei.

— Também acordas a transpirar. Às vezes, sentes que estás a afogar-te, e mesmo sabendo que isso não está mesmo a acontecer,

parece que estás dentro de água outra vez?

Assentimentos rápidos.

— Sim. Sim. Exato. É difícil descrever o que se está a passar dentro da minha cabeça. Todos me disseram que eu voltaria, mas as memórias, as vozes que oiço mentalmente...

— São reais. As vozes. Os *flashes*. Os medos. Tudo isso é real, Brooks, e por mais vezes que tentes descrevê-lo a uma pessoa que nunca passou por um trauma, não vais conseguir fazê-lo. O que aconteceu contigo foi horrível. Sei bem como é virarmo-nos e revirarmo-nos. Sei tudo sobre os suores. Sei que é como se tudo estivesse a acontecer continuamente, a cada segundo, de cada dia.

Baixei a cabeça.

— Tem sido assim para ti, desde os teus dez anos?

— Sim. Foi por isso que não podia deixar-te. Eu sei o que é ter medo de começar de novo.

— Agora sinto-me um idiota pelas minhas ações... egoístas. Tu tens lidado com isto durante toda a tua vida, e nunca te mostraste fria. Nunca te viraste contra ninguém. Tenho sido tão mau para ti, Magnete. Lamento imenso.

Ela encolheu os ombros.

— Todas as pessoas lidam com os traumas de maneiras diferentes. Só porque reagi aos meus problemas de uma maneira diferente da tua não significa que tenhas de reagir da mesma maneira. O que aconteceu contigo foi traumático, e percebo que tenhas medo de ouvir música por causa do que te aconteceu.

Sentes-te enganado. A única coisa que amas ainda não podes tê-la.

Mas vais conseguir lá chegar, Brooks. Vais encontrar o teu caminho.

— No outro dia, peguei na minha guitarra. Estava no canto da sala e, por hábito, peguei nela, mas depois lembrei-me de que não podia tocar. Então, em vez de ficar triste, fiquei com raiva.

Embebedei -me para entorpecer a dor. Mas depois de o entorpecimento ter desaparecido, a dor ainda lá estava.

— Vai doer. É doloroso, é difícil, e isso simplesmente dói. Dói durante tanto tempo que, às vezes, pensa-se que a dor nunca vai

desaparecer. No entanto, essa é a parte bonita do sofrimento.

— O que é que queres dizer com isso?

— A força que se encontra para se continuar. Mesmo nas manhãs em que pensas que não vais conseguir, ao cair da noite percebes que vais. Essa é a minha coisa favorita na vida: aconteça o que acontecer, continuamos em frente.

— Qual é a tua coisa menos favorita na vida? — perguntei.

Ela baixou a cabeça durante um minuto, antes de olhar para o céu.

— Aconteça o que acontecer, continuamos em frente.

Pousei a mão no pontão e, quando os seus dedos se entrelaçaram nos meus, olhámos para o céu a despertar, que tinha uma tonalidade de algodão-doce.

— Lamento. — Pigarreei, sentindo-me tolo. — Lamento imenso ter sido tão frio e bruto, Maggie. Tu não merecias nada disso. Estava apenas a tentar afastar-te enquanto me destruía. Não queria que estivesses por perto quando isso acontecesse. A água chegava-me ao pescoço e eu estava pronto para me afundar. Então, a tua voz puxou-me para cima. A tua voz salvou-me. Ainda estou muito magoado, mas fiz-te uma promessa. Prometi que um dia te mostraria o mundo, e é isso que vou fazer. Não posso jurar que não vou ter dias maus, mas prometo que vou lutar pelos bons. Vou lutar por ti, Magnete. Da mesma maneira que lutaste por mim.

— Tu mantiveste-te do meu lado durante vinte anos, Brooks.

Acho que posso aguentar-te durante alguns dias difíceis. — Ela riu-se, e apaixonei-me por aquele som. — Além disso, tu viste o meu lado escuro. É justo que eu também veja o teu.

— A tua voz, Maggie... Acho que não percebes o que ela está a fazer comigo.

Ela riu-se, e apaixonei-me ainda mais por ela.

— Eu costumava perguntar-me como é que soaria. Gostas dela?

— Se gosto dela? Adoro-a.

— Não é muito... — Ela remexeu-se na cadeira e franziu o nariz.

— Estridente? Ou infantil? — Ela aprofundou a voz, até um volume



pouco natural. — Ontem à noite estive em frente do espelho a praticar a minha voz sedutora. Gostas dela?

Eu não conseguia parar de rir.

— Gostas dela, não gostas? — disse ela, num tom de voz muito grosso e estranho. — Tu achas esta voz sexy. Queres mesmo fazer sexo comigo.

— Quero dizer, sim, mas a voz pode ir. Parece que fumas cinquenta maços de tabaco por dia.

Ela começou a rir-se e bateu-me no braço. Rimo-nos e conversámos, como se uma comunicação de dois sentidos fosse algo normal para nós. Não era necessário qualquer esforço. A verdade era que, se eu pudesse sentar-me em silêncio e ouvir a sua voz durante o resto da vida, seria feliz.

Ela aproximou-se de mim quando o Sol começou a erguer-se.

— Hoje estás bem, Brooks? — sussurrou ela, fazendo a minha espinha arrepiar-se, fazendo-me a pergunta que eu lhe fizera quase todos os dias da sua vida.

Apertei-lhe a mão duas vezes. *Sim.*

Não proferimos mais nenhuma palavra.

Cinco minutos antes de ela se sentar no meu pontão, eu estava completamente perdido.

Cinco minutos sentado em frente dela e comecei a recordar-me do meu caminho para casa.

A Maggie continuava a virar-se e a remexer-se durante a noite.

Não tanto como era habitual, mas apesar disso tinha noites de escuridão que surgiam no seu caminho. Certa noite, ao dormirmos ao lado um do outro, acordei ao som do seu pesadelo. Ela sussurrava algo para si mesma, o seu corpo encharcado em suor.

Não a acordei, pois sabia que não havia nada pior do que ser-se acordado dos pesadelos antes de eles estarem prontos para sair.

Esperei que ela voltasse para mim.

Quando acordou, ela engasgou-se, abrindo os olhos, e eu estava ali para a reconfortar. Durante um instante, as mãos dela voaram até ao pescoço, mas ela inspirou profundamente e expirou para se descontraír. Parecia que, ao longo dos anos, ela se tornara melhor a aliviar os seus próprios pânics.

— Está tudo bem — prometi. — Estou aqui.

Ela sentou-se e prendeu o cabelo atrás das orelhas.

— Numa escala de um a dez, que tal foi? — perguntei.

— Oito.

Beijei-lhe a testa.

— Acordei-te? — perguntou-me ela.

— Não.

Ela sorriu.

— Mentiroso.

Ela mexeu-se nos lençóis e puxou os joelhos até ao peito, remexendo-se sem parar. Percebi que parte da sua mente ainda vivia o pesadelo.

— Diz-me do que é que precisas — disse-lhe. — Diz-me o que fazer.

— Apenas que me abrace — respondeu ela. Os seus olhos fecharam-se.

Aproximei-me dela e abracei-a. O meu queixo pousou no cimo da sua cabeça enquanto a segurava.

Movi os lábios até à sua testa, beijando-a ao de leve. Os meus lábios demoraram-se nas suas lágrimas, e beijei-as suavemente até elas desaparecerem. Em seguida, os meus lábios moveram-se até à sua boca, enquanto a via inalar e exalar. Os meus olhos fecharam-se quando os meus lábios roçaram os dela. Ela roçou os dela nos meus. A sua respiração tornou-se a minha, e a minha, a dela.

— Esta noite estás bem — prometi-lhe.

E se não estivesse agora, estaria de manhã. De qualquer maneira, eu não ia sair de junto dela.

Ela pousou os lábios nos meus, pressionando os seus dedos contra o meu peito. A minha língua deslizou sobre o seu lábio

inferior, antes de o chupar devagar.

— Também tive um pesadelo — disse-lhe. — Senti que estava outra vez a afogar-me.

— Queres falar acerca disso? — sussurrou ela.

Fechei os olhos e vi a água. Senti-a. Parecia tão real, tão fria, tão próxima. Nesse momento, a Maggie beijou-me nos lábios e recordou-me que eu não tinha de me afogar sozinho.

— Sim — respondi.

— Diz-me qual é a sensação — disse ela, a sua voz cuidadosa.

— Diz-me qual é a sensação na água.

— Pânico. Aconteceu tão depressa, mas na minha cabeça parecia em câmara lenta. A minha mente girava quando tentei voltar para o barco — disse.

Os seus lábios moveram-se até à cicatriz no meu pescoço, e ela beijou-a ao de leve, antes de me descer pelo ombro.

— Quando a hélice me atingiu pela primeira vez, tive a certeza de que era o fim. Eu sabia que ia morrer. Agora, soa dramático...

A Maggie interrompeu-me.

— Não há nada de dramático nisso.

— Agora, tenho estes pesadelos, e parece que está tudo a acontecer outra vez. Sinto a água fria. Sinto a hélice na minha pele e acordo à espera de estar a sangrar. — Segurei o braço, a olhar para a minha mão magoada.

Os seus lábios arrastaram-se pelo meu braço esquerdo, e sentime tenso quando ela se aproximou da minha mão.

— Qual é a sensação? — perguntou, beijando-me no antebraço.

— É aquele tipo de dor fantasma. É como se alguém estivesse a apertar-me o dedo bem apertado, enquanto aproxima um maçarico.

Aparece e desaparece. Quando fico com frio, a minha mão fica roxa.

Odeio as cicatrizes. São uma recordação constante do que aconteceu.

— Todos temos cicatrizes. Só que algumas pessoas escondem-nas melhor.

Sorri e beijei-lhe a testa.

— Sinceramente, acho que a ansiedade e os *flashbacks* são a parte

pior.

Os seus olhos tornaram-se pesados.

— Sim. Sei bem o que queres dizer. — Ela sentou-se e mordeu o lábio inferior. — Não te importas que também te fale das minhas cicatrizes?

— Claro.

A voz da Maggie era tímida. Vi o medo espelhado nos seus olhos, ao pensar na ideia de falar acerca daquilo que lhe acontecera no bosque, há tantos anos. Eu sabia o quão difícil seria para ela, mas apesar de a voz lhe tremer, ela falou.

— Ela chamava-se Julia. Às vezes, a minha memória tenta convencer-me de que se chamava Julie, mas não chamava. Era definitivamente Julia — disse ela.

— Quem?

— A mulher que morreu no bosque.

Sentei-me mais direito, e mais alerta.

— O nome dela era Julia, e ia deixar o marido.

Ela contou-me todos os pormenores daquilo que acontecera.

Contou-me como ele era, disse-me qual a cor do cabelo da Julia, o seu pânico, os seus gritos. Recordou o cheiro do homem, o seu toque, a sua voz. Durante mais de vinte anos, a Maggie revivera o seu horror uma e outra vez, sem nunca esquecer nada. Enquanto continuava, o seu corpo começou a tremer, mas ela não parou.

Continuou a contar-me a história do dia que mudou a sua vida. Eu escutei-a, sentindo-me furioso, assustado e triste por ela. Não conseguia imaginar ver as coisas que ela vira, quando era criança.

Não conseguia imaginar ver alguém a ser assassinado perante os meus olhos.

— Pensei que também ia morrer, Brooks. Tal como achaste que a tua vida estava a acabar, eu senti o mesmo. Também poderia ter acontecido com toda a facilidade. Se tivesses caído para a frente, a hélice poderia ter-te tirado a vida. Se eu não tivesse fugido do homem, ele ter-me-ia matado.

— Como é que conseguiste escapar?

As suas pestanas tremeram, e os seus olhos brilharam.

— Tu chamaste-me, assustando-o. Salvaste-me a vida.

— Bem, acho que estamos quites, porque também salvaste a minha.

Mantivemo-nos acordados até o Sol nascer, falando dos nossos traumas, das nossas mágoas e dos medos que ambos enfrentáramos. Mesmo sendo difícil, era necessário para ambos.

Era libertador falar dos nossos problemas. Muitos momentos daquela noite foram difíceis, e às vezes tivemos de parar durante cinco minutos para nos lembrarmos de respirar. No entanto, eu sentia-me grato por tudo aquilo, pelos momentos de silêncio mas também pelos momentos dolorosos. Sentia-me grato por ela me deixar sangrar com ela. Sentia-me grato por ela sangrar na minha alma.

— Beija-me — ordenou ela.

Fiz o que ela mandou.

Éramos duas almas a orarem para serem resgatadas, mas a cada beijo que dávamos, as águas tornavam-se mais altas. Ela mordeu o meu lábio inferior, e eu gemi. Ela enrolou-se à volta da minha cintura, e eu apertei-a nos braços. As suas ancas pressionaram-se contra mim, como se ela estivesse a tentar apertar-me ainda mais. A minha mão direita moveu-se para o seu peito, e agarrei-lhe a mama antes de mover a minha boca para o seu pescoço, sugando-a, mordendo-a, precisando dela. Os seus dedos cravaram-se profundamente nas minhas costas, quase como se ela estivesse a arranhar toda a minha existência.

Ela afastou-se de mim e fixou os olhos nos meus. Aqueles seus olhos azuis, belos e tristes.

Céus, como eu odiava a tristeza nos seus olhos.

Céus, como eu amava a tristeza nos seus olhos.

Aquilo recordou-me que não estava sozinho.

Será que ela também vira a minha tristeza?

Será que conseguia sentir a dor nos meus lábios?

— Deita-te — pedi.

Ela fez o que eu pedi.

Ela despiu-me os *boxers*, e eu atirei a sua camisola branca para o outro lado do quarto. A minha língua dançou no seu mamilo, e ela ofegou. O som fez-me parar durante um segundo, mas quando ela colocou as mãos no meu cabelo e baixou a minha cabeça para o seu peito, eu sabia que tinha de provar cada parte dela. Eu tinha de absorver a sua existência para a ajudar a fazer com que a dor da vida desaparecesse durante um bocado.

Afogamento.

Estávamos a afogar-nos. A afogar-nos na tristeza, a sufocar com a dor. Cada vez que nos acariciávamos, as ondas abatiam-se sobre nós. Fechei os dedos à volta do elástico das suas cuecas, vendo-as deslizar pelas suas belas coxas. Beije-i-lhe o estômago, e ouvi-a gemer mais uma vez; olhei para cima, e vi-a a olhar para mim.

Percebi que ela queria fechar os olhos, mas não conseguia fazê-lo.

Ela tinha de me observar, de me estudar.

Sim? , perguntei-lhe mentalmente, olhando para os seus olhos azuis.

Ela assentiu uma vez. *Sim.*

A minha boca moveu-se para baixo, e beije-i o interior da sua coxa esquerda. A minha língua arrastou-se lentamente pelo interior da sua coxa direita. Em seguida, posicionei-me contra ela, deslizando na sua humidade, sentindo o aperto dos nossos medos a cada impulso, sentindo as águas a subir acima das nossas cabeças.

O nosso barco baloiçou contra as ondas, quebrando-se uma e outra vez, enquanto nos perdíamos.

Naquela noite, compreendi algumas coisas sobre a vida. Às vezes, a chuva é mais agradável do que o sol. Às vezes, a dor é mais gratificante do que a cura. E, às vezes, as peças de um *puzzle* são mais bonitas quando espalhadas.

Fizemos amor no escuro. Foi confuso, foi difícil, era um lado nosso que não sabíamos que existia. Naquela noite, rendemo-nos à

escuridão, perdendo-nos no caminho, mas de algum modo sentimo-nos mais perto de casa.

À medida que o amanhecer se aproximava, os nossos beijos transformaram-se em algo diferente. A cada beijo, a cada impulso e a cada gemido, as marés começaram a baixar. Os olhos da Maggie fixavam-se nos meus quando eu me enterrava mais nela. Eu adorava o modo como ela se sentia, adorava como ela sussurrava, adorava como me amava. Adorava como eu a amava. Rendemo-nos quando nos tornámos as âncoras um do outro, encontrando o nosso caminho de regresso à costa.

Quando os raios de sol voaram por entre os cortinados, e os pássaros começaram a cantar, continuámos a abraçar-nos e fizemos amor à luz do dia.

38

MAGGIE

Cheryl: Se puderes, volta para casa. Preciso da tua ajuda.

Olhei para a mensagem de texto da minha irmã, enquanto estava na casa de banho com uma toalha enrolada à volta do corpo, depois de ter tomado banho. Estava muito sonolenta, depois de ter feito uma direta com o Brooks. Falar acerca daquilo que me acontecera fora provavelmente a coisa mais difícil que já tivera de fazer, mas também a melhor. Parecia ter libertado algumas das correntes que me prendiam a alma.

— Brooks — gritei. — Acho que temos de ir para casa.

Não obtive resposta.

Percorri a casa, a apertar a toalha contra o corpo, e não consegui encontrá-lo em lugar nenhum. Quando saí para o alpendre, a luz do sol beijou-me a pele. Os meus olhos correram para o lago, e além de o ver também o ouvi. O Brooks estava sentado no meio do lago, a cantar. A cantar debaixo do sol.

Quando ele voltou, eu já me vestira e estava a arrumar as minhas malas.

— Tudo bem? — perguntou-me ele.

— Sim. A Cheryl acabou de me mandar uma mensagem a dizer que os meus pais precisam de mim. Achas que podes levar-me?

Fiz uma careta.

— Eu sei que, se calhar, ainda não estás preparado para voltar, mas tenho de ter a certeza de que estão todos bem.

— Claro. Também vou arrumar as minhas coisas.

— Vais voltar comigo?

— Acabei de te reencontrar, Maggie May Riley, e não vou deixar que voltes a partir — disse ele, avançando e envolvendo-me com os

braços. — Além disso, já devia ter devolvido o barco há semanas, por isso tenho a certeza de que devo mais dinheiro do que queria.

Ri-me.

Arrumámos as coisas no carro, engatámos o reboque do barco e voltámos para casa. Durante a viagem de regresso, não ouvimos rádio. Eu sabia que o Brooks não estava pronto para mergulhar em qualquer coisa que estivesse relacionada com música. Tal como ele esperara que eu encontrasse a minha voz, eu esperaria pacientemente que ele encontrasse a sua. E ele encontrá-la-ia, eu sabia que ele a encontraria. Vê-lo a cantar no barco era o meu maior sinal. Ele estava lenta mas seguramente a encontrar o caminho para casa.

— Acho que vou esperar aqui — disse o Brooks, ao chegar a nossa casa. — Não quero interferir.

Inclinei-me para a frente e beijei-lhe a face.

— Tens a certeza?

— Vai ajudar a tua mãe. Eu fico aqui.

Assenti e disse-lhe que não iria mantê-lo à espera durante muito tempo. No instante em que saí do carro, a Cheryl saiu de casa a correr.

— Meu Deus! Porque é que demoraste tanto? Mande-te uma mensagem há quatro horas! — gemeu ela.

Ri-me, enquanto avançava para a minha irmã dramática.

— São quatro horas de viagem.

— Eu sei, mas isso não significa... — Ela interrompeu-se. As mãos voaram-lhe até ao peito. — Desculpa. Espera. Volta atrás. Tu acabaste... — Ela cruzou os braços, descruzou-os, pô-los nas ancas e depois voltou a cruzá-los. — Acabaste de falar?

Assenti.

— Sim, é esta coisa nova que estou a experimentar.

— Oh, meu Deus. — As mãos voaram-lhe até à boca. Ela começou a chorar e deu-me um soco no ombro. — Bem, que eu seja amaldiçoada, a minha irmã está a falar! — gritou ela, pegando-me nas mãos e virando-se num círculo antes de me puxar para um

abraço. — Oh, meu Deus, a mãe vai entrar em pânico. Isto é perfeito. Ela tem de se levantar.

— O que é que se passa com ela?

— Oh, tu sabes, passa as noites a chorar e a comer gelado, como se fosse o único grupo de alimentos conhecido da humanidade.

— Ela sente muito a falta dele?

— Mais do que possas pensar. Além disso, o pai também não está nada bem. Pela primeira vez em muito tempo, tu e eu não somos os casos complicados da família. — Ela pestanejou, antes de recomeçar a sorrir. — Maggie, tu estás a falar.

Ficámos paradas no pátio, a abraçar-nos durante algum tempo, antes de nos separarmos. Ela olhou para o Brooks.

— Ei, desconhecido, és o responsável por fazeres a minha irmã falar?

Ele gritou pela janela aberta.

— Culpado. Ela ficou furiosa comigo e explodiu.

A Cheryl riu-se.

— Obrigada por irritares a minha irmã, Brooks.

— Sempre que queiras, Cheryl. Sempre que queiras.

Quando entrámos em casa, a minha mãe estava sentada no sofá da sala, a ver televisão.

— Maggie May — disse ela, surpreendida. Levantou-se e dirigiu-se a mim, puxando-me para um abraço. Tinha o cabelo todo despenteado, e eu podia jurar que tinha chocolate no queixo. —

Senti a tua falta.

— Também senti a tua, mãe.

Ao ouvir a minha voz, ela tropeçou para trás. Lancei-lhe um pequeno sorriso.

— Eu sei. Hoje essa parece ser a principal reação das pessoas.

— Não. O quê. Como? O quê? — Começou a hiperventilar. —

Oh, meu Deus, Maggie May. — Os seus braços voaram à minha volta, e não queria soltar-me. — Não percebo — disse, espantada.

— O que é que mudou?

— Tempo.

— Oh, meu Deus. — As mãos tremiam-lhe. — Temos de contar ao Eric. Temos de lhe ligar. Ele tem de vir até cá. Meu Deus. Ele tem de estar aqui para isto. — Começou a andar pela casa. — Nem acredito que ele esteja a perder isto.

— Devíamos fazer-lhe uma surpresa — sugeriu a Cheryl. —

Talvez convidá-lo para jantar.

A Cheryl piscou-me um olho. Estava a apanhar dois coelhos de uma cajadada só: o meu pai ouviria a minha voz, e os nossos pais voltariam a estar juntos na mesma sala.

— Isso é... — A minha mãe semicerrou os olhos. — Isso é mesmo uma boa ideia! Vou mandar vir comida chinesa! Cheryl! Liga ao teu pai e diz-lhe que ele tem de vir cá, porque tens uma grande novidade a dar-lhe.

— É para já! — disse a Cheryl, saindo da sala para ir buscar o telemóvel.

— E, Maggie, diz ao Brooks para entrar. Ele não devia estar sentado no carro durante tanto tempo. Também... — Ela aproximou-se de mim e colocou as mãos no meu rosto. Um suspiro pesado saiu-lhe dos lábios. — Tens uma voz muito, muito bonita. Sempre a tiveste, e desculpa ter passado tanto tempo sem a ouvir.

Ela beijou-me a testa, antes de se apressar a arrumar a mesa.

Quando o meu pai chegou, ficou confuso ao ver que eu e o Brooks estávamos em casa, mas também ficou satisfeito. Sentámo-nos todos

para jantar e a minha mãe estava demasiado nervosa para olhar para o meu pai, e ele mal olhou para ela. A Cheryl fez a maior parte da conversa, algo em que ela era boa.

— Maggie May, podes passar-me os crepes? — perguntou o meu pai.

A minha mãe olhou para mim, e assentiu uma única vez.

Pigarreei, peguei nos crepes e estendi-os na sua direção.

— Aqui estão, pai.

— Obrigado, quer... — As suas palavras vacilaram. Ele olhou para mim, os seus olhos encontrando os meus. Quando falou, o seu

[REDACTED]

tom era de descrença. — Não.

Assenti com a cabeça e bati na mesa duas vezes.

— Sim.

— Oh... oh, meu... — As mãos voaram-lhe para o peito quando as lágrimas lhe começaram a cair.

Ele tirou os óculos e tapou a boca com as mãos. Quando as suas lágrimas caíram, mais lágrimas rolaram pelas faces da minha mãe.

O meu pai levantou-se, e eu imitei-o. Ele aproximou-se de mim e enfiou-me o cabelo atrás das orelhas. Pousou as mãos nas minhas faces, tal como a minha mãe o fizera.

— Diz outra coisa. — Ele riu-se, nervosamente. — Na verdade, diz qualquer coisa. Diz qualquer coisa, diz tudo, diz a palavra *nada*.

Qualquer coisa. Diz apenas qualquer outra coisa.

Pousei as mãos no seu rosto, apertando-lhe as faces enquanto ele apertava as minhas, e sussurrei as palavras que sempre quisera dizer ao primeiro homem que me amara com todo o seu ser:

— O mundo continua a girar porque o teu coração continua a bater.

A minha família esteve sentada a conversar até altas horas da noite, a rir-se, a chorar e a fazer-me dizer cada palavra do dicionário. Falámos

pelo Skype com o Calvin, que estava em Nova Iorque em negócios, e quando ele viu o Brooks a sorrir e me ouviu a falar, também começou a chorar. Houve muitos momentos durante a noite em que a minha mãe e o meu pai se riram nos mesmos momentos e também se foram abaixo juntos, mas não falaram um com o outro. Apesar de eu ter reparado que os seus lábios tremiam, que lançavam olhares um ao outro, que o amor ainda vivia nos seus corações.

— Bem — disse o meu pai, por volta da uma da manhã. — É melhor ir-me embora.

Levantou-se e eu olhei para a minha mãe, implorando-lhe silenciosamente que dissesse qualquer coisa, mas ela não falou.

Limitou-se a ver o seu amor a voltar a partir.

— O que foi isso? — perguntei-lhe. — Tens de ir atrás dele!

— Não. Nós estamos separados. Estamos exatamente onde queremos estar — disse a mãe.

— Mentiras! — gritou a Cheryl. — Mentiras! Quando foi a última vez que tomaste banho, mãe?

A minha mãe fez uma pausa, como se estivesse mesmo a pensar quando é que tomara o seu último banho.

— Eu tomo banho! — queixou-se ela.

— Sim — bufou a Cheryl. — Em *Ben and Jerry's*.

— No entanto, o teu pai está feliz. Ele parece feliz.

Lancei-lhe um olhar conhecedor. Claro que ele não estava feliz.

Parte do seu coração ainda batia dentro do peito dela. Como é que alguém podia ser feliz quando lhe faltava uma parte da sua alma?

— Devias ligar-lhe.

Os seus olhos lacrimejaram, e ela lançou-me um sorriso tenso.

— Ah, não. Não, não posso. Eu... — A sua voz tremeu, e pôs as mãos nas ancas. — Nem saberia o que dizer.

— Sentes a sua falta?

Ela começou a chorar, as lágrimas caindo-lhe pelas faces.

— Mais do que posso dizer.

— Então, diz-lho.

— Não sei como. Não sei o que dizer, nem como o fazer.

Aproximei-me dela e limpei-lhe as lágrimas.

— Vamos. O Brooks leva-nos ao apartamento do meu pai.

Durante o caminho, ajudo-te a encontrares as palavras que tens a dizer. Podes ir no lugar do passageiro.

O seu corpo começou a tremer, e eu envolvi-a num abraço apertado, segurando-a perto de mim. Quando nos aproximámos do vestíbulo, ela gelou.

— Não posso.

— Claro que podes. Vamos fazer assim. Saímos pela porta da frente e dirigimo-nos ao carro. Quando as preocupações e dúvidas começarem a atingir-te, continuas a andar, OK? Mesmo quando

estiveres com medo, continuas. Quando as dúvidas aumentarem, corres. Corres, mãe. Corres até te encontrares nos seus braços.

— Porque é que estás a ajudar-me? Maggie May, fui horrível para ti. Durante todos estes anos, roubei-te a tua vida. Porque é que estás a ser tão solícita? Tão generosa?

Mordi o lábio inferior.

— Quando era mais nova, houve uma mulher que me disse que, numa família, as pessoas tomam conta umas das outras, aconteça o que acontecer, mesmo nos dias difíceis. *Em especial*, nos dias difíceis.

Ela respirou fundo.

— Estás com medo? — perguntei.

— Sim.

— OK. — Abanei a cabeça. — Então, vamos.

Quando chegámos ao carro e o Brooks ajudou a minha mãe a sentar-se

no banco do passageiro, ela suspirou.

— Obrigada por me levares, Brooks — disse a mãe, lançando-lhe um pequeno sorriso.

— Sempre que queira. — O Brooks sorriu e pegou na mão dela.

— Hoje está bem, senhora Riley?

Ela apertou-lhe a mão duas vezes.

Uma resposta silenciosa, mas significativa.

Sim.

Enquanto nos dirigíamos para o prédio onde o meu pai vivia, peguei no meu quadro e comecei a escrever. Quando o Brooks entrou no parque de estacionamento e estacionou, saí do carro com o quadro na mão, e a minha mãe seguiu-me.

— Espera, Maggie. Não me disseste o que devia dizer-lhe. — O

seu corpo tremia com os nervos, o pânico, a preocupação de que, de algum modo, o homem que mais amava já não a amasse. — Não sei o que fazer.

Estendi-lhe o quadro. Enquanto o lia, ela parou de tremer.

Uma onda de paz avassalou-a. Inspirou rapidamente e soltou um suspiro aliviado.



— Está bem — disse ela. — OK.

Dirigiu-se à entrada, premiu a campainha do apartamento do meu pai e esperou que ele descesse. Eu entrei para o banco do passageiro e fechei a porta. O Brooks inclinou-se para observar a interação entre os meus pais. Quando o meu pai abriu a porta, eu vi-o — o amor que vinha sem instruções.

Ele colocou os óculos no cimo da cabeça e não disse uma palavra. A minha mãe também não. Quando chegou o momento, ela virou o quadro para ele o ver, e os olhos do meu pai encheram-se de lágrimas quando ele bateu com o punho na boca. Lágrimas caíram-lhe dos olhos, antes de ele puxar a minha mãe para um abraço apertado.

Quando o quadro caiu no chão, eles abraçaram-se mais. Os seus corpos tornaram-se um. Depois, beijaram-se. O beijo deles foi confuso, engraçado, triste e intenso. Tão, mas tão intenso.

Se os beijos fossem capazes de consertar os corações partidos, eu tinha a certeza de que os corações dos meus pais estavam lentamente a curar-se.

— Uau — sussurrou o Brooks.

Sim, uau.

— Provavelmente, agora podemos ir — disse eu.

Quando arrancou, ele perguntou:

— O que é que o quadro dizia?

Olhei mais uma vez para os meus pais, que ainda estavam firmemente abraçados, e a baloiçarem para a frente e para trás. Os meus lábios separaram-se e sorri ao ver o seu amor.

— Dança comigo.

Regressámos a casa para contar à Cheryl tudo o que acontecera, e vi-a suspirar de alívio.

— Ótimo. Excelente.

Ela agradeceu-me por ter ajudado.

O Brooks e eu fomos até ao meu quarto e deitámo-nos na cama, com os pés pendurados na borda.

— Eles amam-se mesmo — disse o Brooks, olhando para o teto.

— Depois de tudo por que passaram, ainda têm o seu amor.

— Sim. É lindo.

— Maggie May?

— Sim?

— Achas que podemos ouvir música?

A pergunta era simples, mas o significado era enorme.

— Sim, claro.

Ele levantou-se, pegou no par de auscultadores que se encontravam em cima da minha secretária, e depois ligou-os ao seu iPhone.

— O que é que queres ouvir? — perguntou, deitando-se.

— Qualquer coisa, tudo.

Pôs a música a passar em modo aleatório, e ouvimos todos os tipos de música.

— Hoje cantei — disse ele, depois de termos ouvido música durante uma hora. — No lago. Hoje de manhã, saí para cantar.

— Ah, sim? — perguntei, fingindo-me surpreendida.

— Sim. Quero dizer, ainda tenho muito trabalho a fazer, mas acho que a minha voz vai ficar boa. Talvez a banda não se importe que eu fique apenas como vocalista.

— Claro que não se importam, Brooks. Viste a reação do Calvin quando te viu hoje? Tudo o que querem é que voltes. Nem sequer estou a dizer que querem que voltes para a música; quero dizer, que voltes para eles. Eles são os teus melhores amigos. Só querem que fiques bem. Devias ligar-lhes.

Ele assentiu.

— Vou fazê-lo. Só estou preocupado com os fãs, percebes?

Muitos deles acreditam nos rumores. Eles acham que sou um viciado.

— Brooks, vá lá. Quem te conhece mesmo sabe que esses rumores não são verdadeiros. Por cada comentário negativo, existem milhares de positivos, pessoas que apenas desejam que

recuperes e regreses às suas vidas. Confia em mim. Também tenho lido os comentários.

Ele sorriu-me e beijou-me.

— Obrigado.

— Estou feliz que tenhas cantado hoje.

— Sim, foi difícil sem a guitarra. Acho que assim que voltar para junto

dos rapazes, e eles puderem tocar para mim, serei capaz de cantar melhor.

Sentei-me e abanei a cabeça.

— Não tens de esperar. Eu posso fazer isso. — Corri até à viola que estava num canto do quarto e peguei nela. — Tenho tocado desde que me ensinaste a fazê-lo.

Tocámos até o Sol se erguer na manhã seguinte, e ele cantou o melhor que conseguiu, o que sempre fora suficiente. Quando se tornou óbvio que nenhum de nós conseguiria manter os olhos abertos durante muito mais tempo, pusemos a viola onde estava e deitámo-nos. Pousei a cabeça no seu peito, e ele puxou-me para mais perto.

— Amo-te — sussurrou, quando comecei a adormecer. — Amo-te tanto.

Não havia nada de mais especial do que poder responder-lhe com as mesmas palavras.

39

MAGGIE

Na manhã seguinte, o Brooks e eu fomos devolver o barco que ele alugara. Durante o caminho, entretivemo-nos a tentar adivinhar quanto é que ele iria pagar, por ir entregá-lo depois da data em que devia tê-lo devolvido. O nosso total até ao momento: muitíssimo.

— Então, estive a pensar. Provavelmente, dentro em breve, terei de procurar um professor de canto, e começar mesmo a trabalhar na minha recuperação. Isso pode significar que terei de ir para Los Angeles durante algum tempo. Para me encontrar com os rapazes, começar a trabalhar para reconstruir a minha carreira. Sei que tens aulas...

— É tudo *online* — interrompi-o. — Posso fazê-lo em qualquer lugar e, se necessário, posso voltar para casa a qualquer momento.

— Vens comigo? — perguntou ele, surpreendido.

Peguei-lhe na mão e apertei-a duas vezes. Ele soltou um suspiro de alívio.

— Isso deixa-me feliz. É mais fácil contigo, sabias? Tudo é mais fácil.

Chegámos à James Boat Shop, e não consegui evitar sorrir ao cão velho que ladrava no alpendre da frente. Enquanto subíamos as escadas, aproximei-me dele e comecei a acariciá-lo atrás da orelha, até ele parar de ladrar. *Lindo menino.*

— Já estive aqui algumas vezes e nunca o vi tão calado —

brincou o Brooks.

Quando entrámos na loja, fomos recebidos por um homem que parecia ter a nossa idade, talvez na casa dos trinta e poucos anos.

— Ei, Brooks, é bom voltar a ver-te — disse o homem, dirigindo-se ao Brooks e dando-lhe uma palmada nas costas. — Mas acho

que não nos conhecemos. — Estendeu-me a mão. — Sou o Michael. Dirijo este lugar com o meu pai.

Apertei-lhe a mão.

— Prazer em conhecê-lo. Sou a Maggie.

— O meu pai disse que, se quiseses, podes dar uma volta pelo cais e veres alguns dos barcos. Ele está agora a acabar uma chamada. Disse que já se encontra contigo nas traseiras, se não te importares.

— Com certeza, tudo bem. Obrigado, Michael — disse o Brooks.

O Brooks pegou-me na mão e fomos até às traseiras, e esperámos no cais, a ver os barcos.

— Isto incomoda-te? — perguntei. — Estares tão perto de barcos? Devemos ir esperar na loja?

Ele abanou a cabeça.

— Não. Só me incomoda nos meus sonhos. Estou bem.

— OK. — Olhei para as nossas mãos e sorri. — Isto é estranho, não é? Estamos no exterior, de mãos dadas. Estamos fora de casa juntos.

Ele puxou-me para mais perto dele e roçou o seu nariz no meu.

— É incrível, não é?

Era mais incrível do que ele podia imaginar. Eu sonhara com aquele dia durante tanto tempo.

A porta da loja abriu-se, e um homem mais velho saiu do interior, a fumar um cigarro. O cão recomeçou a ladrar.

— Merda, cala a boca, *Wilson*! Shh! Shh! Maldito cão.

O meu corpo endureceu. O Brooks olhou para mim, de olhos semicerrados.

— Está tudo bem?

Shh... Shh...

Assenti.

— Sim. Estou bem. Desculpa. Às vezes tenho estes *flashes*.

Ele franziu a testa e baixou as sobrancelhas, enquanto me observava.

Lancei-lhe um sorriso tenso.

— Estou bem. A sério.

— OK — disse ele, cautelosamente.

O homem avançou na nossa direção, e eu pus um braço à volta da cintura do Brooks, puxando-o para mais perto de mim.

Quanto mais o homem se aproximava, mais o meu estômago se apertava. Ele parou a meio do caminho e apagou o cigarro, depois acenou-nos.

— Ei, desculpem ter-vos feito esperar. Foi uma chamada longa, vocês sabem, negócios e essas coisas. Que tal virem ambos comigo e tratamos da papelada no meu escritório?

Aproximámo-nos dele. Ele estendeu-me a mão.

— Olá, sou o James. Prazer em conhecê-la.

Apertei-lhe a mão, e o cheiro a tabaco dançou sob o meu nariz.

Uma sensação inquietante apoderou-se de mim. Ele conduziu-nos até ao seu escritório e fechou a porta atrás de si. O *Wilson* ainda estava a ladrar, e o James voltou a gritar-lhe.

— Shh, *Wilson*! Cala a boca! — Massajou as têmporas, e desculpou-se.
— Passados todos estes anos, este cão continua sem se calar. Enfim. —

Sentou-se na cadeira e lançou um sorriso tenso ao Brooks. — Gostaria que estivéssemos a encontrar-nos em circunstâncias melhores. Lamento imenso o teu acidente. É

lamentável quando acontecem estes acidentes estranhos.

Arregaçou as mangas, e os meus olhos caíram no seu antebraço, observando as suas tatuagens.

O ar na sala estava a tornar-se mais denso, e jurei que as paredes estavam a fechar-se sobre mim. Ele inclinou-se para a frente e pegou em dois pedaços de alçaçuz.

A minha mente começou a girar, cada vez com maior rapidez.

Senti-o a apertar-me. Senti as suas mãos à volta do meu pescoço, os seus lábios encostados aos meus ouvidos, o seu corpo em cima do meu.

Empurrei a cadeira para trás e levantei-me aos tropeções.

— Não — murmurei, afastando-me da sua secretária. — Não...

O James olhou para mim, de olhos semicerrados.

— Está bem? — Os seus olhos viraram-se para o Brooks. — Ela está bem?

O Brooks levantou-se e aproximou-se de mim.

— Maggie, o que se passa?

Quanto mais se aproximava, mais eu tremia. Fechei os olhos, abanando a cabeça. *Não, não.*

Não só conseguia vê-lo como o sentia. Sentia o seu rosto contra o meu, a sua pele contra a minha, os seus lábios contra...

— Maggie, está tudo bem — disse o Brooks, a sua voz suave. —

Estás apenas a ter um ataque de pânico. Está tudo bem, está tudo bem.

— Não! — gritei, os meus olhos abrindo-se. — Não, não está.

Nada está bem. É...

Senti frio. Sentia-me doente. Ia vomitar. Eu sabia que ia vomitar.

Em poucos segundos, o meu passado e o meu presente colidiram, e eu pestanejei.

Um homem estava ali com alguém. Uma mulher. Ela continuava a dizer-lhe que não, dizia que não podia voltar a estar com ele, e ele não estava a gostar daquilo.

— *Nós temos uma vida juntos, Julia. Temos uma família.*

Voltei a pestanejar.

O Brooks aproximou-se de mim, os seus olhos com uma expressão preocupada.

— Maggie, fala comigo.

O James levantou-se da cadeira e passou os dedos pelo cabelo, avançando na minha direção.

Pestanejei.

Ele gritou-lhe, a voz a falhar-lhe.

— *Putá! — gritou ele, batendo-lhe com força na cara. Ela tropeçou para trás e choramingou, a mão voando para a face. —*

Dei-te tudo. Tivemos uma vida juntos. Acabei de tomar conta do negócio. Estávamos a começar a aguentar-nos. E o nosso filho? E a nossa família?

O Wilson começou a uivar, e o James gritou repetidas vezes, calando o cão.

— Michael! Cala-me esse maldito cão!

Os seus olhos desviaram-se para mim, e ele não os afastou.

— Não olhe para mim — sussurrei.

Pestanejei.

As minhas mãos fecharam-se, a minha mente girou. Tropecei para trás, partindo todos os ramos que as minhas sandálias pisavam. As minhas costas bateram contra o tronco da árvore mais próxima, enquanto os olhos castanho-chocolate do diabo dançavam sobre o meu corpo.

Pestanejei.

O Michael entrou na sala. Os seus olhos semicerraram-se, ao olhar para mim. Parecia confuso. Estavam todos confusos. Estavam todos a gritar. Gritavam uns por cima dos outros, tentando descobrir o que se passava comigo. Eu não sabia o que se passava comigo.

— Ela está a transpirar como uma doida. Vai desmaiar.

A minha garganta estava apertada. Ele estava a sufocar-me. O

diabo estava a centímetros de mim, e eu conseguia senti-lo a apertar-me o pescoço.

Pestanejei.

Ele pôs a mão à volta do meu pescoço, sufocando-me, tornando quase impossível eu respirar. Ele estava a chorar. Chorava muito.

Estava a chorar, e desculpou-se. Pediu desculpa por me magoar, pediu desculpa por colocar alguns dedos num dos lados do meu pescoço, dificultando a minha capacidade de respirar. Disse que a amava, disse que fora o amor que lhe fizera aquilo a ele, a ela.

Jurou que nunca a magoaria. Jurou que nunca magoaria a mulher que já matara.

Pestanejei.

A mão do James estava na minha pele, e empurrei-o para trás.

— Não! — Recuei para o canto da sala. — Não me toque. — As minhas mãos voaram até aos meus ouvidos, e escorreguei contra a parede. — Foi você que fez isto! Foi você! — gritei, a garganta a

queimar-me, o coração a bater contra as minhas costelas. — Foi você que fez isto!

Pestanejei.

— Não devias estar aqui, mas agora estás — disse ele, baixando o rosto até junto do meu. — Lamento. Lamento imenso. — Cheirava a tabaco e a alcaçuz, e o seu antebraço tinha uma tatuagem enorme, com duas mãos em oração e o nome de uma pessoa por baixo. — Como é que chegaste aqui? — perguntou.

Shh... Shh...

Senti-me suja.

Senti-me usada.

Senti-me presa.

O Brooks vira-o? Vira a tatuagem? Cheirara o tabaco? Reparara no alcaçuz?

Pestanejei.

Fechei os olhos. Não queria sentir. Não queria ser. Não queria continuar a pestanejar. Mantive os olhos fechados. Eu não queria ver, mas via-o. Via-o a ele. Sentia-o. Ele ainda era uma parte de mim.

Tudo ficou mais escuro.

Transformou-se tudo em sombras.

Ficou tudo preto.

Depois gritei.

— Você matou-a! Você matou-a! *Você matou a Julia!*

40

BROOKS

A sala encheu-se de silêncio. A Maggie tremia a um canto e não parava de chorar. O Michael olhava para o pai, e os olhos do James estavam pousados na Maggie.

— O que é que acabou de dizer? — perguntou o Michael, confuso.

A Maggie tinha as mãos pressionadas em cima dos ouvidos, e quase consegui sentir o seu medo. Os seus lábios separaram-se para falar, mas não saiu nenhum som.

— Ouça, não sei o que se passa, mas se calhar é melhor irem -se embora — disse o James, com um suspiro pesado.

Aproximou-se da Maggie e pôs uma mão no seu braço para a levantar.

Ela começou a tremer mais, enrolando-se numa bola.

— Não! Por favor, não — chorou ela.

Corri até junto da Maggie e empurrei-o para longe dela.

— Por favor, afaste-se.

— O que é que se passa? — perguntou o Michael, a testa franzida. — O que é que se passa com ela? Devo pedir ajuda?

— Não — disse o James. — Acho que é melhor que eles saiam.

É óbvio que ela está a ter uma espécie de colapso mental.

— Não é um colapso mental — retorqui. — Ela está apenas... —

Hesitei e desviei a minha atenção para a Maggie. — Maggie. O que é que se passa?

— Ele matou-a — disse ela. — Ele é o homem do bosque.

Virei-me para o James e, durante uma fração de segundo, vi o medo nos seus olhos.

— Ela afogou-se, em Harper Creek. Eu vi-a. Vi-o a afogá-la — gritou a Maggie.

— Não sabes de que raio estás a falar, miúda, por isso é melhor calares-te.

— Você matou a sua mulher — disse a Maggie, quando começou a levantar-se. — Eu vi-o. Eu estava lá.

— Pai? — sussurrou o Michael, a sua voz a tremer. — De que é que ela está a falar?

— Que eu seja maldito se sei. Está obviamente delirante. Tem de ser diagnosticada. Desculpa, Brooks, mas tens de te ir embora. Não sei o que lhe provocou este ataque de pânico, mas tens de ajudar a rapariga. Até vou cancelar a dívida do barco. Apenas te peço que ajudes a rapariga.

— Diga a verdade — disse a Maggie, endireitando-se mais, a cada segundo que passava. — Diga a verdade. Diga-lhe o que fez.

O James dirigiu-se à secretária e sentou-se na cadeira. Levantou o telefone e acenou para o ar.

— Já chega. Vou chamar a polícia. Isto está a ficar descontrolado.

A Maggie não disse palavra. Tinha os braços cruzados, e apesar de

estar a tremer, não caiu.

— Bem. Então, chame-os. Se não fez o que sei que fez, então marque o cento e doze.

A mão do James começou a tremer, e os olhos do Michael arregalaram-se, horrorizados.

— Pai, chama-os. Marca o número.

O James voltou a colocar lentamente o telefone na mesa. O

Michael quase caiu no chão.

— Não. Não...

O James olhou para a Maggie, derrotado, atordoado.

— Como? Como é que sabes?

— Eu era a menina que viu tudo.

— Oh, meu Deus. — O James começou a soluçar, tapando os olhos com as palmas das mãos. — Foi um acidente. Não passou de um acidente. Eu não queria...

— Não. — O Michael continuava a abanar a cabeça. — Não, a mãe deixou-nos. Lembras-te? Ela fugiu com outra pessoa. Foi o que me disseste! Foi o que me juraste que tinha acontecido.

— Foi o que ela fez. Bem, era o que ela ia fazer. Ela ia deixar-nos, Michael. Eu sabia que ela ia partir. Encontrei telefonemas de um homem no seu telefone, e ela disse que aquilo não tinha importância. Começámos a discutir, e ela fugiu para o bosque. Oh, meu Deus, eu não queria fazer aquilo. Tens de acreditar em mim. —

Ele levantou-se e correu até junto do filho. — Michael, tens de acreditar em mim. Eu amava-a. Eu amava-a mais do que posso dizer.

Coloquei-me em frente da Maggie, sem ter a certeza daquilo que o James poderia fazer. Ele parecia enlouquecido, a maneira como andava de um lado para o outro, a passar as mãos pelos cabelos.

Correu até à secretária, destrancando gavetas e tirando papéis.

— Pai, o que é que estás a fazer? — perguntou o Michael, espantado.

— Temos de ir, Michael. Temos de desaparecer durante algum tempo. Tu e eu, OK? Sempre fomos nós os dois. Podemos começar de novo. Eu cometi um erro, mas aguentei a culpa. Vivi cada dia com a culpa do que fiz. Temos de ir agora.

— Pai, acalma-te.

— Não! — O rosto do James estava vermelho. Continuou a encolher os ombros e a soltar pequenos suspiros. — Temos de partir, Michael. Temos de... — As suas palavras tornaram-se hesitantes quando começou a soluçar incontrolavelmente. — Eu apertei-a, Michael. Apertei-a nos meus braços. Eu não queria...

O Michael aproximou-se do pai, de mãos levantadas.

— Está tudo bem, pai. Vem cá, vem cá. Vamos partir. Vamos. —

Abraçou o pai, e puxou-o para mais perto. — Está tudo bem, pai. Tu estás bem.

O James continuou a chorar contra a *T-shirt* do filho, dizendo palavras irreconhecíveis.

Quando o Michael olhou para mim, apontou com a cabeça para o telefone que estava em cima da secretária, e murmurou:

— *Chama a polícia.*

Quando o James se apercebeu do que se estava a passar, era demasiado tarde. O filho manteve-o apertado num abraço forte e não o deixou mexer-se. A polícia chegou e, depois de algumas explicações acerca da situação, prenderam o James. Durante todo aquele tempo, a Maggie manteve-se muito direita. Falou com os agentes da polícia, muito composta e determinada. As suas palavras nunca hesitaram, e a sua voz quase não tremeu.

Quando o carro da polícia com o James lá dentro se afastou, uma exalação pesada saiu-lhe do corpo.

— Ele partiu? — perguntou ela.

— Sim. Ele partiu.

O seu corpo quase caiu no chão, mas eu apanhei-a. Abracei-a enquanto ela chorava e chorava, mas eu sabia que as suas lágrimas já não eram de medo.

Eram as lágrimas da sua liberdade.

Depois daqueles acontecimentos, a polícia enviou uma equipa para efetuar buscas em Harper Creek. Demoraram cinco dias a descobrir o corpo da Julia. A descoberta deixou muitas pessoas espantadas — todo o condado de Harper. A família da Maggie lidou o melhor possível com a revelação do que acontecera, o que significou manterem-se ao lado uns dos outros, durante todo o tempo. Eu não estava muito preocupado com eles — iriam sair daquilo mais fortes e preparados para os seus dias sombrios.

No entanto, a pessoa de quem mais senti pena foi do filho, que acreditou que a sua mãe o abandonara. O filho que viveu a vida inteira com um pai que, num abrir e fechar de olhos, se tornara um monstro. O Michael tinha um longo caminho pela frente, e eu não tinha a certeza como é que ele iria lidar com as verdades que se desenrolavam diante dos seus olhos.

Rezei para que ele encontrasse a paz, enquanto permanecia no olho da tempestade.

41

MAGGIE

Eu deveria estar no tribunal, mas os meus pés não se moviam.

Usava um vestido preto, sapatos rasos amarelos e tinha o cabelo enrolado, tal como as minhas pestanas, graças à Cheryl.

— Tens de estar apresentável no tribunal, Maggie. Há sempre câmaras por todo o lado, em especial quando saíres do edifício.

Com uma história tão grande como esta, haverá repórteres — explicou ela, enquanto me enrolava o cabelo.

Quando acabou de me tornar apresentável para as câmaras, parei em frente do meu espelho de corpo inteiro, e não consegui deixar de me olhar. Estavam todos preocupados comigo depois do que acontecera na loja do James. Pensaram que eu ia voltar a cair no meu medo, que ia regressar ao meu silêncio — o que era um pouco verdade. Não falei muito desde que o James foi preso. Não disse uma palavra acerca daquilo que testemunhara naqueles bosques, apesar de saber que fora horrível ver uma mulher morrer e acreditar que seria a próxima.

Quando fui chamada para testemunhar contra o James, concordei de imediato. Eu sabia o quão importante era o meu lado da história. Eu sabia como era importante finalmente falar — não só por mim mas também pela Julia. Pelo Michael.

Eu estava pronta. Estava pronta para ir a tribunal. Havia apenas um pequeno problema: os meus pés não se mexiam.

O Brooks apareceu e ficou parado junto da porta. Tinha vestido um fato azul-marinho, com uma gravata com quadrados azul-claros.

O seu pequeno sorriso também me fez sorrir. Não disse nada, mas eu sabia o que ele estava a pensar.

— Eu estou bem — sussurrei, voltando a alisar o vestido.

— Mentirosa — disse ele, aproximando-se de mim.



Parou atrás de mim e envolveu-me nos braços. Olhámo-nos no espelho.

O Brooks pousou o queixo no meu ombro.

— Diz-me o que se passa. O que é que se passa dentro da tua cabeça?

— É só que... hoje vou ter de me sentar à sua frente. Tenho de ficar ali sentada, sabendo o que aquele homem fez, e esforçar-me para não reagir. Quando o vi antes, aconteceu tudo muito depressa.

Foi tudo um *flash*, mas agora vou ter mesmo de o encarar. Foi ele que alterou a minha vida; foi ele que me roubou a voz. Como é que vou lidar com isso? Como é que vou aparecer perante o homem que me roubou a voz há tantos anos, e como é que vou pedir-lhe para ele ma devolver?

— Tu não vais pedir — disse o Brooks. — Vais recuperá-la. Vais recuperar aquilo que ele te roubou sem a tua autorização. Sem sentir culpa. É tua. A única maneira de a recuperares é contares a tua história. Tu tens uma voz, Maggie May. Sempre a tiveste. Agora chegou o momento de todos a ouvirem.

— Talvez possamos ouvir uma música? — perguntei, ainda nervosa.

— Sempre. — Ele pegou no telemóvel e num par de auscultadores,

entregando-me um dos lados. — O que é que queres ouvir?

— Põe qualquer coisa que me afogue — sussurrei.

E ele pôs a nossa música.

Contei a minha história. Cada bocado, cada pedaço, cada cicatriz. A minha família sentou-se no tribunal, a ouvir. A minha mãe chorou, e o meu pai enxugou-lhe as lágrimas. A Cheryl e o Calvin não desviaram os olhos de mim, nem durante um segundo. Não tinha a certeza se teria sido capaz de falar tão alto sem o apoio silencioso deles.



Quando terminei, encontrei-me com a minha família no corredor, e eles disseram-me o quão forte eu fora, passando por tudo aquilo pelo qual passara. Minutos depois, as portas da sala do tribunal abriram-se, e o Michael saiu. Os seus olhos estavam pesados, e vi que carregava o mundo nos ombros. Ele dirigiu-se a mim e lançou-me um sorriso que, em segundos, se transformou num esgar. Tinha as mãos enfiadas nos bolsos das calças.

— Olá, desculpe. Sei que provavelmente não devia falar consigo, mas só queria dizer-lhe que aquilo que fez foi muito corajoso. Nem sequer posso imaginar aquilo por que passou ao longo da sua vida.

Lamento imenso o que lhe aconteceu.

— Não tem motivo para se desculpar. Não tem culpa dos erros do seu pai — respondi-lhe.

Ele assentiu, compreendendo.

— Eu sei, eu sei. Mas mesmo assim. A sua vida foi-lhe roubada.

E a minha mãe... — Ele riu-se, nervoso. — Pensei que ela nos tinha abandonado. Passei toda a minha vida confuso, e a odiá-la, porque todas as recordações que tinha dela estavam cheias de amor. Não conseguia compreender porque é que ela se fora embora.

— Se ela pudesse ter escolhido, nunca teria saído do seu lado — interveio a mãe. — Acredite em mim, eu sei.

O Michael agradeceu à minha mãe, e começou a afastar-se, até eu o chamar.

— Ela não sofreu — menti. — Foi rápido, indolor. Acabou em segundos. A sua mãe não sofreu.

Os seus ombros pareceram tornar-se menos pesados depois de eu ter falado com ele.

— Obrigado, Maggie. Obrigado por isso.

Depois de anos sem falar, eu compreendia a importância das palavras. Como tinham o poder de ferir as pessoas, mas também de as curar, se corretamente usadas. Durante o resto da minha vida iria esforçar-me para usar as minhas palavras com cuidado.

Elas tinham o poder de mudar vidas.

No dia seguinte, fui até à casa da Sr.^a Boone, com chá e sanduíches de peru. Ela revirou os olhos quando chegou à porta, e depois convidou-me a entrar para comermos.

— Vi-te ontem no noticiário — disse a Sr.^a Boone. — Podias ter usado um pouco mais de maquilhagem. Estavas na televisão, não numa festa de pijama, Maggie.

Sorri.

— Da próxima vez.

— Da próxima vez... — resmungou a Sr.^a Boone, abanando a cabeça. — Poderia pensar que estavas a brincar, mas tu e o teu namorado devem ser as pessoas mais dramáticas que já conheci, por isso é bem possível que haja uma próxima vez — disse ela, bebendo o seu chá. — E não sabes mesmo escolher chá. Isto é nojento.

Ri-me.

— Agora já sabe como me senti durante todos estes anos.

Ela ergueu os olhos da chávena, e as suas mãos começaram a tremer.

— A tua voz não é tão feia como achei que seria. — Ela sorriu e acenou com a cabeça, satisfeita. Um semielógio da minha aminimiga favorita era bom. Ela pegou na sua sanduíche e deu-lhe uma dentada. — Eu sabia que, um dia, voltarias a falar. Sabia que serias capaz de o fazer.

Conversámos as duas durante horas, acerca de tudo e qualquer coisa que nos passasse pela cabeça. Rimo-nos juntas, o que era a melhor das

sensações. Quando começou a fazer-se tarde, a Sr.^a

Boone usou a sua canadiana para ir até ao vestíbulo. Sempre que a sua enfermeira tentava ajudá-la, ela mandava-a embora. O que no mundo da Sr.^a Boone significava «Obrigada».

— Bem, trata de ti, Maggie May, e tira uma folga da tragédia, está bem? Chegou o momento de viveres a vida que mereces, com aquele rapaz que te olha de olhos arregalados. Mas não tenhas medo de parares a qualquer momento, sempre que precisares de uma pausa nas tuas aventuras, e passa por cá para tomares um

chá. — Os seus olhos encontraram os meus, e ela lançou-me o sorriso mais doce que eu já lhe vira. — Ou, tu sabes, só para falar com uma velha amiga.

— Vou fazer isso. — Sorri. — Adoro-a, senhora Boone.

Ela revirou os olhos, enxugou uma lágrima que lhe caía pela face, e respondeu:

— Sim. Tanto me faz.

O que, no mundo da Sr.^a Boone, significava «Também te adoro».

Ao atravessar a rua, reparei que todos os membros da minha família estavam sentados no relvado da frente, a olhar para a casa.

— O que é que se passa? — perguntei, aproximando-me deles.

A Cheryl tinha a cabeça pousada no ombro do Calvin, e os braços do meu pai envolviam a minha mãe. Sentei-me ao lado dos meus irmãos e olhei para cima.

— Estamos a despedir-nos — disse o meu pai.

— O quê? — Abanei a cabeça. — Vão vender a casa?

Ele assentiu.

— Achamos que chegou o momento. Esta casa foi um lugar de novos começos para nós, de riso, de amor.

— Mas também de muita dor — disse a minha mãe, lançando-me um pequeno sorriso. — Achamos que chegou a altura de recomeçar. Para encontrar novos lugares, novas coisas para ver.

Chegou o momento de deixarmos todos o passado, e encontrarmos o nosso futuro.

Não discuti com eles, porque me parecia que aquilo já devia ter acontecido há muito tempo, mas apesar de tudo ainda me sentia triste com a ideia de deixar a casa que me salvara de mim mesma.

A casa foi vendida cinquenta e cinco dias depois de ter sido posta no mercado. O Brooks e a sua banda foram para Los Angeles, para começarem a reconstruir a sua carreira, e eu prometi-lhe que iria ter com ele assim que estivesse tudo resolvido em casa.

No último dia da mudança, o céu estava escuro e a chuva caía no condado de Harper. Dois camiões de mudanças estavam parados junto da nossa garagem, e há horas que estávamos a carregá-los.

Quando a última caixa estava pronta, pedi alguns minutos aos meus pais para me despedir.

O meu quarto, antes cheio, fora esvaziado de toda a sua história.

A minha mão caiu sobre o meu coração, enquanto ouvia as gotas de chuva a bater no peitoril da janela. Eu não sabia como começar a despedir-me. A dor no meu peito recordava-me todos os momentos que aquelas paredes me tinham trazido. Foi o primeiro lugar em que aprendi o que significava a família; foi o primeiro lugar pelo qual me apaixonei e, independentemente de onde a vida me levasse, aquela casa de tijolo amarelo seria sempre a minha casa.

Eu estava à beira das lágrimas quando ouvi as minhas cinco palavras favoritas.

— Hoje estás bem, Maggie May?

— Devias estar em Los Angeles — respondi, sorrindo quando me virei para ver o Brooks ali parado, com as mãos atrás das costas.

Tinha o cabelo e a roupa encharcados da chuva, e o maior dos sorrisos nos lábios. — O que estás aqui a fazer?

— Bem, achas mesmo que não ia despedir-me da casa que me deu a tua pessoa? Além disso — ele entrou no quarto, pôs as mãos à sua frente e levantou o quadro, com as palavras escritas em marcador permanente —, há alguns anos, fiz uma promessa a uma rapariga, e acho que chegou o momento de começar a concretizá-la. Quero mostrar-te o mundo, Maggie May. Quero levar-te na maior aventura

da tua vida.

Sorri, e aproximei-me dele. O que o Brooks não sabia era que ele era a maior aventura da minha vida. Era a minha viagem favorita, a minha âncora que sempre me conduzira a casa. Ele pousou o quadro no chão e pegou-me nas mãos.

— Estou pronta para isto. Estou pronta para passarmos as nossas vidas juntos, Brooks. Quero-te a ti e só a ti, durante o resto da minha vida. Agora, estou pronta para deixar este lugar.

Ele sorriu.

— Tens a certeza? — Ele olhou em volta do espaço vazio.

Curvei-me para o seu corpo, enquanto ele me abraçava.

Mordi o lábio inferior.

— Talvez mais cinco minutos — sussurrei.

Ele beijou-me a testa e disse suavemente:

— Talvez uns dez.

Quando chegou a hora de partirmos, o Brooks pegou no quadro e deu-me a mão, enquanto saíamos de casa. A chuva ainda caía pesadamente, e comecei a correr em direção ao carro, mas o Brooks fez-me parar.

— Maggie, espera! Esqueci-me de te dizer qual é o único requisito para a minha promessa de te ajudar a completares a tua lista de coisas a fazer.

— E qual é?

Ele virou o quadro, e li as palavras.

Casa-te comigo.

— O quê? — Ri-me, nervosa.

— Casa-te comigo — repetiu ele.

Cristais de água escorreram-lhe pelo nariz, e escorregaram para o chão.

— Quando? — perguntei.

— Amanhã — respondeu ele.

— Brooks. — Ri-me, apertando as suas mãos entre as minhas.

— E no dia seguinte. E no dia a seguir a esse, e também no outro a seguir. Todos os dias, Maggie May. Quero que te cases comigo todos os dias, durante o resto das nossas vidas.

Ele puxou-me para mais perto e, naquele momento, a chuva gelada pareceu um pouco mais quente. Naquele momento, tornámo-nos uma unidade na chuva. A sua pele na minha pele, o seu coração batendo com o meu, as nossas almas unidas daquele dia em diante. Ele roçou os lábios nos meus, e disse em voz baixa:

— Dizes que sim?

Apertei-lhe as mãos duas vezes.

E beijámo-nos à chuva.

Apenas isso.

Aquele foi o grande momento. Foi o momento que o meu pai sempre me disse que, um dia, aconteceria. O Brooks era o momento pelo qual eu esperara toda a minha vida.

Desta vez é para sempre.

EPÍLOGO

MAGGIE

Dez anos depois

— Está demasiado alto — gritou a Haley, da primeira fila da arena.

Ela fizera seis anos há duas semanas, e era a primeira vez que via os The Crooks ao vivo, num concerto. O Brooks e os rapazes iam comemorar o seu vigésimo aniversário na arena, situada a quinze minutos da nossa casa, e a Haley perguntou se aquele podia ser o seu presente de aniversário.

— Não está nada demasiado alto, tu é que não passas de um bebé — disse o Noah, troçando da irmã mais nova.

— Não, está um pouco alto — respondi. Enfie a mão na mala, tirei um par de auscultadores cor-de-rosa com isolamento acústico e coloquei-os nos ouvidos da minha filha. — Melhor? — perguntei.

Ela esboçou um sorriso aberto, e assentiu.

— Melhor.

Quando as luzes começaram a desaparecer, a Haley e o Noah começaram a saltar para cima e para baixo. Quando a banda entrou no palco, os miúdos pareciam estar a segundos de perder a cabeça.

Tinham os olhos arregalados de admiração, enquanto olhavam para o pai.

O seu herói. O meu amor.

— Olá, Wisconsin — disse o Brooks, envolvendo o microfone com a mão direita. — Se já assistiram a um dos concertos dos The Crooks, sabem que nunca abrimos com um discurso, mas hoje é um pouco diferente. Esta noite marca o vigésimo aniversário da banda, e esta noite estamos de regresso ao nosso estado natal para celebrar. Portanto, os rapazes e eu achámos que seria melhor dedicar este concerto à pessoa que tornou o nosso sonho realidade



há tantos anos. Era uma vez uma miúda que fez o *upload* de alguns vídeos *online*, e foi por causa dela que os The Crooks foram descobertos. Raios, até foi ela que deu o nome à banda.

— Nós adoramos-te, Maggie! — gritaram os gémeos, em uníssono.

— Adoro-te, mana — disse o Calvin, sorrindo-me.

— Eles estão a falar contigo, mãe! — disse a Haley, espantada.

Beijei-a na testa.

— Eu sei, bebé. Eles são incríveis, não são?

Ela suspirou, os seus olhos brilhantes como estrelas.

— Sim, mãe. O meu pai é incrível.

— Então, a primeira música desta noite não é uma música dos The

Crooks, mas parece apropriado tocar este sucesso numa noite dedicada ao meu coração, à minha alma e à minha melhor amiga —

explicou o Brooks. — É uma música velhota, mas é um presente, e peço a todos que a cantem. Esta é «Maggie May», do incrível Rod Stewart.

O Calvin começou a tocar a introdução na guitarra e, passados segundos, o Brooks envolveu o microfone com as mãos e começou a cantar, olhando diretamente para mim. As crianças continuavam a saltar, gritando o seu nome várias vezes.

— Eu vou ser uma estrela *rock* como o pai — gritou o Noah, saltando para cima e para baixo.

O concerto foi incrível, como sempre. Após a última música, o Brooks disse:

— Obrigado a todos por terem vindo. Nós somos os The Crooks e, esta noite, estamos felizes por nos terem permitido roubar os vossos corações.

Brooks

— Pai, achei que esta noite estiveste mesmo bem! — disse a Haley, bocejando.

Tinha os mesmos olhos azuis da mãe, o mesmo sorriso bonito, que conseguia que eu fizesse tudo o que ela queria. Os seus braços rodeavam-me o pescoço, enquanto eu a levava para o quarto.

Apesar de ter viajado pelo mundo inteiro e ter visto muita coisa, não havia nada melhor do que estar em casa com os meus amores.

— Sim? Achas?

Ela assentiu.

— Sim. Acho que a mãe canta melhor do que tu, mas mesmo assim também foste bom.

Ergui uma sobrancelha.

— Oh, a sério? Achas que a mãe canta melhor? — Deitei-a na sua cama e comecei a fazer-lhe cócegas. — Diz quem é que canta melhor! Diz!

— O meu pai! — Ela riu-se. — Está bem, está bem. Tu cantas melhor!
Tu cantas melhor!

Ri-me e beijei-a na testa.

— Foi o que pensei.

— Pai? — disse a Haley.

— Sim?

— Hora dos segredos?

Assenti.

— Hora dos segredos.

Ela aproximou-se, puxando-me para um segredo, e sussurrou:

— Menti quando disse que cantavas melhor.

A guerra de cócegas recomeçou, e continuou até ficarmos ambos sem fôlego. Peguei no gato, que andava pelo quarto, e pu-lo na borda da cama da Haley, onde ele dormia todas as noites.

— OK, são horas de descansares um pouco. — Beijei-lhe o nariz.

— E Haley?

— Sim, pai?

— O mundo continua a girar porque o teu coração continua a bater.

Saí do seu quarto depois de acender a luz noturna, e quando cheguei ao corredor vi a Maggie a sair do quarto do Noah. Sorrimos

um ao outro, e descemos juntos.

— O *Skippy* está lá com ele? — perguntei.

Ela assentiu.

— E o *Jam* está com a Haley?

— Sim.

Quando a Maggie entrou na sala de estar, dirigi-me ao interruptor e diminuí as luzes. Ela sorriu-me, mordeu o lábio inferior e foi até à

jukebox, que a Sr.^a Boone nos dera anos antes como presente de casamento. Ela escolheu a sua faixa favorita — a nossa música.

Quando a música começou a tocar, peguei-lhe nas mãos e puxei-a para mais perto de mim. Os nossos lábios roçaram um no outro, e beijei-a ao de leve antes de sussurrar:

— Danças comigo?

Ela dizia sempre que sim.

Momentos.

Os seres humanos lembram-se sempre dos momentos.

Lembramo-nos dos passos que nos conduziram até onde devíamos estar. Das palavras que nos inspiraram, ou nos esmagaram. Dos incidentes que nos marcaram, e nos devoraram.

Tive muitos momentos na minha vida, momentos que me alteraram, que me desafiaram, momentos que me assustaram e subjugaram.

No entanto, os mais importantes — os mais comoventes e arrebatadores — incluíram-na sempre a ela.

Tudo acabou com dois filhos, um cão chamado *Skippy*, um gato chamado *Jam* e uma mulher que sempre me amou.

NOTA DA AUTORA

OK, OK, sei que acabei de contar uma história, mas agora gostaria de contar outra. Não se preocupem, é mais curta. Não tem nem perto de oitenta mil palavras. Esta é um pouco mais real e um pouco mais pessoal, mas aqui vai. Este que agora leram é um livro que me foi difícil escrever. Ao contrário da Maggie May, eu não era muda em criança, mas falava pouco. Na escola primária, falava muito. No terceiro ano era extrovertida e selvagem. Adorava pessoas, e elas também pareciam gostar de mim. Excetuando uma miúda a quem vamos chamar Kelly. A Kelly e eu íamos juntas no autocarro da escola e, uma vez, a Kelly disse-me que um dia ela iria ter dois metros e meio de altura!

Dois metros e meio de altura! Conseguem imaginar?

— Isso é demasiado alto — respondi. — Serias mais alta do que todas as pessoas! — exclamei.

Os olhos da Kelly semicerraram-se.

— O que é que acabaste de dizer?

— Disse que ias ser mais alta do que todas as pessoas.

— Tu chamaste-me um nome? — retorquiu ela, irritada.

A sua fúria apanhou-me desprevenida — o que dissera eu? O

que tinha eu feito de errado?

É que, sabem, eu tinha um problema de fala. Havia certas letras que não conseguia pronunciar, e certas palavras ao saírem-me da boca não soavam iguais às palavras que eu tinha na cabeça. Ainda hoje há coisas que não consigo pronunciar corretamente quando fico nervosa. É muito embaraçoso o quão depressa esta mulher de vinte e nove anos consegue voltar a sentir-se como aquela aluna do terceiro ano.

Eu dissera uma coisa, e ela percebera outra. E nunca deixou que eu o esquecesse.

A Kelly nunca se esqueceu. Tornou a minha vida um inferno, falando acima de mim, intimidando-me no autocarro da escola, e

beliscando-me as orelhas dizendo, «Quero ver como as orelhas da Cherry conseguem ficar vermelhas!». Foi uma loucura a rapidez com que as outras crianças se juntaram, troçando das minhas palavras. Foi terrível. Eu ia para casa a chorar, e a minha mãe não sabia como lidar com aquilo, além de marchar até à escola e exigir que as coisas mudassem. *P.S.* Funcionou. (Obrigada, mãe!) Porém, por essa altura, eu já tinha mudado. Perdera a minha voz.

Tornei-me superautoconsciente das palavras que usava, por isso quase não usava nenhuma. Eu era uma aberração, uma pessoa estranha que não conseguia falar corretamente. A minha voz não merecia ser ouvida.

No secundário, fui eleita a rapariga mais calada. Quando tínhamos de ler em voz alta na sala de aula, lembro-me de ter ataques de pânico e tremores. Quando sabia que íamos ler em voz alta, ficava em casa doente. Se não podia ficar em casa, ia ao posto médico da escola, depois de espalhar água quente pela testa para fingir que tinha febre. Se tivesse de ler em voz alta, eu pensava nisso durante dias e semanas após o ter feito, imaginando as palavras que pronunciara erradamente, e os colegas que provavelmente se tinham rido de mim.

Eu era tão tímida que os professores se perguntavam se eu teria um distúrbio de aprendizagem. A minha mãe foi informada de que eu nunca seria capaz de comunicar de uma maneira normal devido à minha timidez e ao meu discurso, mas ela disse que não podia dar-se ao luxo de acreditar nisso. É que eu era muito faladora em casa. A minha casa era o meu porto seguro. Aquelas paredes eram onde a minha voz era ouvida. Era o único lugar onde eu podia ser eu mesma, depois de passar oito horas numa escola tentando ao máximo não ser eu.

A Tiffani, a minha irmã mais velha, não sabe disto, mas foi ela quem me ajudou a encontrar a minha voz. Ela era uma *cheerleader* incrível, muito popular e divertida, e eu admirava-a por isso. Um dia, ela disse-me que eu devia tentar ser *cheerleader* da equipa de *wrestling* — sim, isso existe.

Tentei e entrei para o grupo de *cheerleaders*.

Conseguia ficar no meio de multidões e, embora estivesse aterrorizada com o que as pessoas pensavam de mim, ainda me esforçava ao máximo. Comecei a falar mais na escola. Também comecei a rir-me mais. Expor-me foi a melhor coisa que fiz. Um dia, durante o meu último ano do secundário, um rapaz virou-se no seu lugar e disse-me:

— Gostava mais de ti quando não falavas.

Durante uma fração de segundo, quis regressar à minha caverna silenciosa, mas em vez disso pensei, *Sê forte como a Tiffani*.

Por isso, respondi:

— Engraçado, porque eu nunca gostei de ti.

Sarcasmo. Eu descobri o sarcasmo.

Às vezes, a minha voz soava sarcástica! O que, mais tarde na vida, provavelmente me colocaria em sarilhos, mas isso é outra história.

É por isso que este livro está tão perto do meu coração.

Eu fui a Maggie May, e ela, de certo modo, era e ainda é eu própria. Às vezes ainda tenho ataques de pânico, sobretudo antes de publicar um romance, ou antes de me apaixonar, ou antes de tomar uma grande decisão na vida, porque na minha cabeça ainda sou aquela aluna do terceiro ano que se sente a ser julgada. E se eu der cabo de tudo? E se não for digna de ser amada, de ter sucesso, ou de viver os

meus sonhos?

Mas depois respiro fundo, e lembro-me de que não faz mal ser eu própria. Que não faz mal ter medo nuns dias, e não ter medo noutros. Não há problema algum ter medo de ter uma voz, e continuar a usá-la todos os dias. Não faz mal se estivermos um pouco quebrados e, mesmo assim, inteiros.

Portanto, este livro foi escrito para mim, mas não só. Foi também escrito para todas as Maggie May do mundo que, às vezes, se sentem tão perdidas e sozinhas. Foi escrito para aqueles que se sentem invisíveis. Para aqueles que têm ataques de pânico nos seus quartos à noite. É para aqueles que choram até dormir, e

acordam na manhã seguinte com manchas de lágrimas nas almofadadas. Este livro é vosso. Este livro é a vossa âncora. Este livro é a prova de que também vocês encontrarão a vossa voz.

Vocês são dignos de amor e sucesso, e que os vossos sonhos se tornem realidade. Nunca deixem de falar, mesmo quando a vossa voz começar a tremer, OK? Jamais desistam de vós mesmos. Vocês são importantes, são amados e as vossas belas vozes são importantes.

AGRADECIMENTOS

Escrever um livro é muito difícil, mas escrever os agradecimentos ainda é mais difícil. Sinto sempre que vou esquecer alguém, e então o livro será impresso e saber-se-á que esqueci essa pessoa — o que é aterrorizador.

Mas pronto, aqui vai. Primeiro, quero agradecer à Danielle Allen — a minha alma gémea. Obrigada por estares sempre aí para mim.

Trouxeste-me aos olhos mais lágrimas de riso e apreço do que qualquer outra pessoa. Obrigada por seres uma amiga verdadeira.

Para a minha tribo. Cada um de vós sabe quem é, e sou uma mulher mais forte por ter cruzado o meu caminho com todos vós.

Para a Allison, a Alison, a Christy, a Tammy e a Beverly — as melhores betas do mundo. Este foi DURO. Obrigada pela honestidade e pelo apoio, por me ajudarem a transformar esta história naquilo que é hoje.

Obrigada às minhas editoras Caitlin, da Editing by C. Marie, e Ellie, da

Love N Books, e à Kiezha, por se terem esmerado tanto com este livro. Vocês fizeram-me ser melhor do que realmente sou, e devo-vos o mundo!

Para as minhas revisoras de texto, Virginia e Emily — não há palavras para descrever o vosso talento e os vossos olhos para os pormenores. Obrigada por apanharem esses erros de última hora.

Um agradecimento enorme à Indie Solutions by Murphy Rae pela paginação do livro, à Staci Brillhart pelo incrível *design* da capa, e ao Luka Ditella por ser um excelente modelo para a mesma.

Aos leitores, bloguistas, família e amigos, que além de apoiarem a minha escrita, falam acerca disso com outros sem timidez nem constrangimento — obrigada. Obrigada por me permitirem viver este sonho doido, e me darem razões para sorrir todos os dias. Obrigada por me ouvirem, mesmo quando a minha voz treme. Obrigada por acreditarem em mim, mesmo quando apenas quero esconder-me.

Sinto-me grata pelo vosso amor. Obrigada pela vossa energia.

Obrigada por serem vocês mesmos. O mundo continua a girar porque os vossos corações continuam a bater.

Document Outline

- FICHA TÉCNICA
- Dedicatória
- PRÓLOGO
- PARTE UM
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- PARTE DOIS
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- PARTE TRÊS
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29
- 30
- 31
- 32
- 33
- 34

- 35
- 36
- 37
- 38
- 39
- 40
- 41
- EPÍLOGO
- NOTA DA AUTORA
- AGRADECIMENTOS